



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

MILENA FARIAS DE SOUSA

MULHERES LENDO MULHERES:
construção e contestação de identidades de gênero no contexto do clube de leitura
Leia Mulheres – Salvador

SALVADOR
2022

MILENA FARIAS DE SOUSA

MULHERES LENDO MULHERES:
construção e contestação de identidades de gênero no contexto do clube de leitura
Leia Mulheres – Salvador

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Doutora.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Denise Maria Oliveira Zoghbi

SALVADOR
2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FARIAS DE SOUSA, MILENA

MULHERES LENDO MULHERES: construção e contestação de identidades de gênero no contexto do clube de leitura Leia Mulheres-Salvador / MILENA FARIAS DE SOUSA. -- Salvador, 2022.

311 f.

Orientadora: Denise Maria Oliveira Zoghbi.
Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2022.

1. Linguística Aplicada. 2. Análise de Discurso Crítica. 3. Clube de Leitura. 4. Identidades . 5. Feminismos. I. Oliveira Zoghbi, Denise Maria. II. Título.

MILENA FARIAS DE SOUSA

MULHERES LENDO MULHERES:

construção e contestação de identidades de gênero no contexto do clube de leitura
Leia Mulheres – Salvador

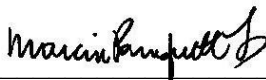
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Doutora.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Denise Maria Oliveira Zoghbi

Aprovada em 12 de dezembro de 2022.



Prof.^a Dr.^a Denise Maria Oliveira Zoghbi (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura
Universidade Federal da Bahia



Prof.^a Dr.^a Márcia Paraquett Fernandes
Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura
Universidade Federal da Bahia



Prof.^a Dr.^a Nancy Rita Ferreira Vieira
Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura
Universidade Federal da Bahia



Prof.^a Dr.^a Naylane Araújo Matos
Departamento de Línguas Estrangeiras
Universidade Federal de Rondônia



Prof.^a Dr.^a Viviane Cristina Vieira
Instituto de Letras
Universidade de Brasília

SALVADOR
2022

Para Flora e Bela
para que saibam
que seu lugar será
onde quiserem estar.

AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa se finda e se faz necessário agradecer ao universo pela oportunidade de viver essa experiência, pela força e pela coragem para chegar até aqui. Sou imensamente grata por quem esteve ao meu lado e se fez presença indispensável ao longo desse caminho.

Ao PPGLinC, por me abrigar ao longo desses quatro últimos anos e me ensinar tanto.

À professora Denise Zoghbi, que acompanha meu percurso desde cedo, por toda a confiança serena, humana e acolhedora que dedicou a mim e a este trabalho.

Às mulheres incríveis que compõem a banca. É um privilégio poder contar com o olhar atento de vocês e com suas valiosas contribuições.

À Turma *Vozes do Sul* por ser o apoio, o abraço e a palavra amiga que precisei em tantos momentos.

Ao *Leia Mulheres-Salvador* por abrir as portas para mim e por transformar a minha relação com a leitura.

A cada uma das moderadoras que, gentilmente, dedicou seu tempo para viabilizar a concretização dessa pesquisa.

Às autoras mulheres cuja leitura me fortaleceu e me fez prosseguir acreditando que era possível.

À minha família por todo incentivo e por suportar as minhas ausências. Em especial à minha mãe (em memória) que me ensinou a amar o conhecimento.

Às minhas amigas, irmãs que pude escolher. Dai, Gabi, Lia e Lúh, vocês são referência para mim. A vida é muito mais divertida com vocês ao meu lado.

A Richard, pela companhia durante as leituras. Sentirei saudades, gatão.

A Leo, meu colo, meu abrigo, meu amor e meu amigo. Nossa parceria é crucial na minha caminhada. Esse trabalho não seria possível se não tivesse você ao meu lado.

A Flora por ser inspiração para mim com sua coragem e autenticidade. Por me incentivar diariamente e por celebrar junto comigo cada pequena conquista.

A Bela, por chegar no meio desse processo trazendo leveza, sorrisos e abraços, me lembrando que a vida acontece agora e não espera.

Flora, Bela e Leo, é por vocês, amores!

E que venham os próximos desafios!

“Nossa primeira tarefa, ao que parece, é desassociar completamente ‘mulheres’ (a classe dentro da qual lutamos) de ‘mulher, o mito. Pois ‘mulher’ não existe para nós, é apenas uma formação imaginária, enquanto ‘mulheres’ são o produto de uma relação social.”

Monique Wittig

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada resulta das experiências vividas por mim e por outras mulheres no contexto do clube leitura *Leia Mulheres-Salvador*, cujo propósito consiste na leitura e no debate de obras escritas por mulheres, no intervalo temporal compreendido entre abril de 2017 e setembro de 2022. Ao longo desse período, como integrante e pesquisadora, busquei investigar como as moderadoras do grupo avaliam as repercussões das leituras, reflexões e debates nos seus processos de representação e identificação. Para tanto, inicialmente, contextualizo o surgimento do *Leia Mulheres* no Brasil e discorro acerca das minhas motivações pessoais e sociais para a escolha do grupo em Salvador como contexto de pesquisa, partindo de reflexões sobre minha própria trajetória e de momentos impactantes vividos durante os debates. Em seguida, me proponho a discutir e desenhar a metodologia da pesquisa, apresentando os procedimentos metodológicos empregados, com o respaldo da Antropologia a partir do conceito de *observação participante*, tal como proposto por Ingold (2015; 2019), defendendo uma postura participativa e abertamente interpretativa-crítica na realização da pesquisa. Os conceitos de *discurso*, *mudança social* e *prática discursiva*, articulados pela Análise de Discurso Crítica empreendida por Fairclough (2016), se revelaram um consistente ponto de partida teórico. A partir dele, tecemos diálogos com a Linguística Aplicada Crítica (KLEIMAN, 2013) e destacamos a relevância do grupo ao suscitar problematizações em torno da produção, distribuição e consumo da literatura escrita por mulheres no Brasil, considerando o olhar de Dalcastagnè (2012) sobre esses aspectos, bem como os conceitos de *lugar de fala* e *representação* (RIBEIRO, 2017). As moderadoras, escolhidas como sujeitas dessa pesquisa, são apresentadas em forma de crônicas elaboradas a partir das respostas dadas aos questionários, entrelaçadas a reflexões sobre *identidade*, *identificação* e *performances de gênero*, com destaque para as ideias de Hall (2014), Butler (2003, 2019). Os relatos fornecidos pelas moderadoras foram organizados e agrupados no texto a partir da percepção e sistematização de temas comuns e recorrentes, perpassando suas experiências pessoais junto ao grupo e suas impressões com relação a obras, autoras, personagens, bem como sobre o propósito e o caráter assumido pelo grupo em Salvador. Foram, então, articulados com reflexões teóricas pertinentes para a análise dos eventos discursivos em questão, com ênfase no diálogo com diversas

autoras que pensam as questões identificadas a partir de perspectivas feministas. Por fim, recupero as proposições centrais desenvolvidas ao longo da tese, projetando alternativas possíveis no que se refere à produção, distribuição e consumo de obras escritas por mulheres, avaliando os possíveis impactos sociais da leitura dessas obras e discutindo as contribuições sociais da pesquisa realizada. Entre os resultados, destacam-se: a relevância do grupo na relação de cada moderadora com a leitura, que passa a assumir um caráter coletivo e crítico, bem como as impressões distintas entre as moderadoras acerca do propósito do grupo, apesar da sua aparente homogeneidade. A escrita desta tese contribui, assim, para esboçar um perfil do *Leia Mulheres-Salvador* em sua identidade, diversidade, divergências e contradições.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Aplicada; Análise de Discurso Crítica; Clube de Leitura; Identidades; Representação; Gênero; Feminismos.

ABSTRACT

The research presented here results from the experiences lived by myself and by other women in the context of the *Leia Mulheres-Salvador* reading club, whose purpose is to read and debate works written by women, in the time interval between April 2017 and September 2022. Throughout this period, as a member and researcher, I sought to investigate how the moderators of the group assess the repercussions of readings, reflections and debates on their processes of representation and identification. To do so, initially, I contextualize the emergence of *Leia Mulheres* in Brazil and discuss my personal and social motivations for choosing the group in Salvador as a research context, starting from reflections on my own trajectory and cathartic moments experienced during the debates. Then, I propose to discuss and design the research methodology, presenting the methodological procedures used, with the support of Anthropology from the concept of *participant observation*, as proposed by Ingold (2015; 2019), advocating a participatory and openly interpretive- critical posture in carrying out the research. The concepts of *discourse*, *social change* and *discursive practice*, articulated by the Critical Discourse Analysis undertaken by Fairclough (2016), proved to be a consistent theoretical starting point. From it, we weave dialogues with Critical Applied Linguistics (KLEIMAN, 2013) and we highlight the relevance of the group in raising questions about the production, distribution and consumption of literature written by women in Brazil, considering Dalcastagnè's (2012) look at these aspects, as well as the concepts of *place of speech* and *representation* (RIBEIRO, 2017). The moderators, chosen as subjects of this research, are presented in the form of chronicles elaborated from the answers given to the questionnaires, intertwined with reflections on identity, identification and gender performances, with emphasis on the ideas of Hall (2014), Butler (2003, 2019). The reports provided by the moderators were organized and grouped in the text based on the perception and systematization of common and recurring themes, passing through their personal experiences with the group and their impressions in relation to works, authors, characters, as well as the purpose and character assumed by the group in Salvador. They were then articulated with relevant theoretical reflections for the analysis of the discursive practices in question, with emphasis on dialogue with several authors who think about the identified issues from feminist perspectives. Finally, I recover

the central propositions developed throughout the thesis, projecting possible alternatives regarding the production, distribution and consumption of works written by women, evaluating the possible social impacts of reading these works and discussing the social contributions of the research carried out. Among the results, the following stand out: the relevance of the group in the relationship of each moderator with reading, which starts to assume a collective and critical character, as well as the different impressions among the moderators about the purpose of the group, despite its apparent homogeneity. The writing of this thesis thus contributes to outline a profile of Leia Mulheres-Salvador in its identity, diversity, divergences and contradictions.

KEY-WORDS: Applied Linguistics; Critical Discourse Analysis; Reading Club; Identities; Representation; Genre; Feminisms.

RESUMEN

La investigación aquí presentada resulta de las experiencias vividas por mí y por otras mujeres en el contexto del club de lectura *Leia Mulheres-Salvador*, cuyo propósito es leer y debatir obras escritas por mujeres, en el intervalo de tiempo comprendido entre abril de 2017 y septiembre de 2022. A lo largo de este período, como miembro e investigadora, busqué investigar cómo las moderadoras del grupo evalúan las repercusiones de las lecturas, reflexiones y debates en sus procesos de representación e identificación. Para ello, contextualizo, inicialmente, el surgimiento del *Leia Mulheres* en Brasil y discuto mis motivaciones personales y sociales para la elección del grupo en Salvador como contexto de investigación, a partir de reflexiones sobre mi propia trayectoria y momentos impactantes vividos durante los debates. Enseguida, me propongo a discutir y a diseñar la metodología de investigación, presentando los procedimientos metodológicos empleados, con el apoyo de la Antropología, desde el concepto de *observación participante*, tal como lo propone Ingold (2015; 2019), defendiendo una postura participativa y abiertamente interpretativa-crítica en la realización de la investigación. Los conceptos de *discurso*, *cambio social* y *práctica discursiva*, articulados por el Análisis Crítico del Discurso realizado por Fairclough (2016), demostraron ser un punto de partida teórico consistente. A partir de él, tejemos diálogos con la Lingüística Crítica Aplicada (KLEIMAN, 2013) y destacamos la relevancia del grupo en plantear cuestiones alrededor de la producción, distribución y consumo de literatura escrita por mujeres en Brasil, considerando la mirada de Dalcastagnè (2012) sobre estos aspectos, así como los conceptos de *lugar de expresión* y *representación* (RIBEIRO, 2017). Las moderadoras, elegidas como sujetas de esta investigación, se presentan en forma de crónicas elaboradas a partir de las respuestas dadas a los cuestionarios, entrelazadas con reflexiones sobre *identidad*, *identificación* y *performances de género*, con énfasis en las ideas de Hall (2014), Butler (2003, 2019). Los relatos proveídos por las moderadoras fueron organizados y agrupados en el texto a partir de la percepción y sistematización de temas comunes y recurrentes, permeando sus experiencias personales con el grupo y sus impresiones respecto a obras, autores, personajes, así como el propósito y carácter asumido por el grupo en Salvador. Luego se articularon con reflexiones teóricas relevantes para el análisis de los hechos discursivos en cuestión, con énfasis en el

diálogo con varias autoras que piensan los temas identificados desde perspectivas feministas. Finalmente, recupero las proposiciones centrales desarrolladas a lo largo de la tesis, proyectando posibles alternativas respecto a la producción, distribución y consumo de obras escritas por mujeres, evaluando los posibles impactos sociales de la lectura de estas obras y discutiendo las contribuciones sociales de la investigación realizada. Entre los resultados se destacan: la relevancia del grupo en la relación de cada moderadora con la lectura, que pasa a asumir un carácter colectivo y crítico, así como las diferentes impresiones entre las moderadoras sobre el propósito del grupo, a pesar de su aparente homogeneidad. La redacción de esta tesis contribuye así a delinear un perfil de *Leia Mulheres-Salvador* en su identidad, diversidad, divergencias y contradicciones.

PALABRAS CLAVE: Lingüística Aplicada; Análisis Crítico del Discurso; Club de Lectura; Identidades; Representación; Género; Feminismos.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL – Academia Brasileira de Letras

ADC – Análise de Discurso Crítica

CEAO – Centro de Estudos Afro-Orientais

LAC – Linguística Aplicada Crítica

MAB – Museu de Arte da Bahia

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PNLD – Programa Nacional do Livro e do Material Didático

Pos. – Posição

UFBA – Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	DESENHANDO UM FAZER	26
2.1	Observação Participante	31
2.2	Pressupostos Ingoldianos para a realização de uma pesquisa	36
2.3	<i>Leia Mulheres-Salvador: o contexto da pesquisa</i>	39
2.3.1	<i>Leia Mulheres-Salvador: caracterização inicial</i>	40
2.3.2	<i>A pesquisa em um cenário pandêmico</i>	42
2.4	Procedimentos metodológicos complementares e critérios de seleção das sujeitas da pesquisa	46
3	PRÁTICA DISCURSIVA, PRÁTICA SOCIAL E MUDANÇA SOCIAL NO CONTEXTO DO <i>LEIA MULHERES-SALVADOR</i>	51
3.1	Discurso e Mudança Social: a perspectiva da Análise de Discurso Crítica	52
3.2	Prática discursiva como ação política e ideológica – diálogos com a Linguística Aplicada Crítica	55
3.3	Literatura, ideologia e luta contra-hegemônica	61
3.4	Literatura produzida por mulheres: conflitos, impasses e o caso Sylvia Plath	69
3.5	Lugar de fala e representação na distribuição e no consumo literário	76
3.6	Invisibilidade das mulheres: reflexões sobre <i>A vida invisível de Eurídice Gusmão</i> de Martha Batalha	88
4	SUJEITAS COM “A”	102
4.1	Identidades, identificações e performances de gênero	102
4.1.1	<i>A perspectiva dos Estudos Culturais: identidades e identificações por Hall</i>	102
4.1.2	<i>Pensadoras feministas: identidades e performances de gênero no diálogo entre Butler, Leite, Haraway e Scott</i>	107
4.1.3	<i>Identidade e diferença: Cuche, Woodward e Silva</i>	115
4.2	A escolha da crônica como gênero	122
4.3	Nomeando as protagonistas	125
4.4	Enfim, as crônicas	128
4.4.1	<i>Sophie</i>	129
4.4.2	<i>Lizzie</i>	132
4.4.3	<i>June</i>	136
4.4.4	<i>Sethe</i>	139
4.4.5	<i>Elena</i>	143
5	RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA: O <i>LEIA MULHERES-SALVADOR</i> NA VISÃO DE SUAS MODERADORAS	146
5.1	Primeiro contato com o <i>Leia!</i> primeiras impressões	150
5.2	Necessidade de se compartilhar o que se lê / Sobre a experiência de leitura compartilhada	159
5.3	Impactos na relação pessoal com a leitura e com a escrita	165
5.4	Indo além da zona de conforto: o desafio para a leitura de novas	

autoras, obras, temas e gêneros	172
5.5 Propósito do clube de leitura e da literatura - reverberações sociais	189
5.6 Feminismo e suas nuances de gênero, raça e classe	199
5.7 Maternidade	209
5.8 A mediação do grupo e os desafios de uma curadoria diversa das obras	217
5.9 “Formato <i>Leia Mulheres</i> ”: o controle do discurso durante os debates e a questão do mercado editorial	224
5.10 Arrematando a análise	236
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	239
REFERÊNCIAS.....	247
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO – PERFIL DAS SUJEITAS.....	257
APÊNDICE B – SUGESTÕES DE TÓPICOS PARA ELABORAÇÃO DE RELATO	260
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	262
APÊNDICE D – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	267
ANEXO A – QUESTIONÁRIO SOPHIE	273
ANEXO B - QUESTIONÁRIO LIZZIE	276
ANEXO C – QUESTIONÁRIO JUNE	279
ANEXO D – QUESTIONÁRIO SETHE	284
ANEXO E – QUESTIONÁRIO ELENA	288
ANEXO F – RELATO SOPHIE	291
ANEXO G – RELATO LIZZIE	297
ANEXO H – RELATO JUNE	300
ANEXO I – RELATO SETHE	305
ANEXO J – RELATO ELENA	309

1. INTRODUÇÃO

Vivemos um momento histórico profundamente marcado pelo grande alcance das redes sociais virtuais, promovendo uma maior visibilidade e audibilidade a diferentes fontes de informação. Em consequência disso, assuntos que em outras épocas eram discutidos por uma parcela pequena da população, passaram a ter um alcance e, sobretudo, uma visibilidade muito maior. Sendo assim, feita, é claro, a ressalva da desigualdade de acesso, basta estar na rede para poder, embora nem todas as pessoas o façam, ler a respeito dos temas vigentes no momento atual e expressar o seu ponto de vista. Surge, desse modo, um *ciberativismo*, que nos aproxima, ao menos virtualmente, da militância política, na qual se inserem, entre inúmeras outras, as discussões sobre gênero e Feminismo.

Esse contexto favorece, portanto, uma tomada de consciência em relação às demandas atuais dos movimentos sociais. No caso, particularmente, do movimento feminista, vêm à tona temáticas referentes à naturalização de práticas machistas cotidianas, às demandas específicas da mulher negra, às desigualdades ainda sofridas no mercado de trabalho, à jornada dupla, tripla desempenhada pelas mulheres ao conciliar vida profissional, cuidados com a casa, maternidade, à luta pela humanização do parto, ao direito ao próprio corpo, à legalização do aborto, ao assédio, ao abuso e ao estupro, e à necessidade de que a nossa voz, que há tanto tempo ecoa, seja enfim escutada e alcance um espaço de legitimidade. Esse contexto não apenas justifica, mas também impulsiona a organização de clubes de leitura com o objetivo central de combater a invisibilidade das obras escritas por mulheres. Mas, afinal, em que consistem esses clubes?

Trata-se de grupos de incentivo à leitura que se organizam virtualmente e marcam encontros presenciais de forma sistemática para a divulgação de livros ficcionais e não ficcionais escritos por mulheres, contemporâneas ou não. No Brasil, o mais conhecido grupo dessa natureza recebe o nome de *Leia Mulheres*.

Criado em 2014, na cidade de São Paulo, o clube foi inspirado em uma campanha proposta pela autora e ilustradora inglesa Joanna Walsh, que lançou a *hashtag* #readwomen2014 (#leiamulheres2014), provocando seus seguidores a ampliarem, em seu repertório pessoal de leitura, o número de livros escritos por mulheres. Com o passar do tempo, e o auxílio das redes sociais, a iniciativa foi adotada por outras capitais e, hoje, ocorre em municípios espalhados pelos vinte e sete estados brasileiros, além de contar com sedes na cidade do Porto, em Portugal, em Zurique, na Suíça e em Berlim, na Alemanha. Somente na Bahia, o *Leia Mulheres* está presente em: Feira de Santana, Ilhéus, Irecê, Itamaraju, Juazeiro,

Lauro de Freitas, Salvador, Valença e Vitória da Conquista. A lista completa com os clubes espalhados pelo Brasil e suas respectivas moderadoras consta no *site* do *Leia Mulheres*, acessível por meio do endereço: <https://leiamulheres.com.br/>. Nesse mesmo *site*, são publicadas resenhas da autoria de algumas moderadoras, de livros que leram e recomendam.

O propósito do grupo consiste em dar visibilidade a livros escritos por mulheres, não por desejar uma supremacia nossa na literatura, mas para escancarar o fato de que, ainda hoje, no Brasil e no mundo, se leem mais homens. Isso ocorre não porque escrevam mais ou com maior qualidade, mas porque ainda há, no mercado editorial, uma visibilidade muito maior para a escrita deles, e é necessário ter essa informação em mente quando decidimos comprar e ler um livro, caso contrário, terminamos por ler somente mais do mesmo.

Integro o *Leia Mulheres-Salvador* desde abril de 2017 e, nesse percurso de leitura e debate de obras escritas por mulheres, tenho tido a oportunidade de perceber e vivenciar o quanto essa experiência tem se configurado como um espaço profícuo para questionar as representações do ser mulher nas obras escritas por homens, bem como para conhecer uma diversidade de representações outras, a partir do ponto de vista das escritoras lidas. Esse movimento impacta na maneira como nós, leitoras, nos enxergamos dentro das obras e na identificação que temos ou não com determinadas personagens. Nesse contexto, as obras lidas exercem um duplo papel: por um lado, elas refletem a sociedade atual, com seus conflitos e contradições, por outro, apontam para futuros possíveis.

No livro *Círculos de Leitura e Letramento Literário*, Cosson (2018) argumenta que, entre as múltiplas definições e conceitos de leitura, uma que se destaca é a da leitura como diálogo. Esse diálogo se processaria em três instâncias: a) um diálogo entre quem lê e o texto/obra; 2. um diálogo com o passado, com a experiência dos outros, buscando paradoxalmente eliminar esse passado e torná-lo presente; 3. um diálogo com outros leitores com os quais acabamos por estabelecer vínculos. Segundo o autor:

[...] ler é um diálogo com o passado que cria vínculos, estabelece laços entre leitor e o mundo e os outros leitores. Por meio da leitura, tenho acesso e passo a fazer parte de uma comunidade, ou melhor, das várias comunidades de leitores, porque na leitura nunca estou sozinho, antes acompanhado de outros tantos leitores que junto comigo determinam o que vale a pena ser lido, como deve ser lido e, no seu limite, em que consiste o próprio ato de ler. A leitura é, assim, um processo de compartilhamento, uma competência social. (COSSON, 2018, p.36)

Essa última instância, da leitura ser algo compartilhado, uma vez que nos insere em um universo comum às pessoas que leram aquela mesma obra, é vivida com ainda mais

intensidade em um contexto de clube de leitura, uma vez que quem participa se propõe e dispõe a ler e discutir as mesmas obras.

Ainda nessa perspectiva do diálogo, eu acrescentaria que a leitura¹ é, também, um diálogo interno que travamos conosco. Ao ler, nos confrontamos com nossos medos, nossas expectativas, nossa luz e nossa sombra, exorcizamos nossos demônios e nos transformamos a cada nova obra lida. Desse modo, apesar de esse ser um trabalho sobre a experiência de leitura no clube *Leia Mulheres-Salvador*, julgo que, tão importante quanto dizer como surgiu a iniciativa em nível nacional, o que a motivou e como chegou a Salvador, tão importante quanto discorrer sobre como a pesquisa foi realizada e com que áreas do conhecimento dialoga, é apresentar as minhas motivações, de caráter pessoal e social, para ter escolhido o *Leia* (como carinhosamente o chamo) como contexto de pesquisa. Pretendo fazê-lo compartilhando nessa introdução um pouco da minha trajetória e de momentos impactantes vividos por mim junto ao grupo.

Gosto sempre de dizer que o *Leia* foi a primeira atividade de lazer exclusivamente minha após o nascimento da minha primogênita, Flora. Quando comecei a frequentar os encontros, em abril de 2017, ela estava com dois anos e meio. Não que eu não tivesse ido a uma sessão de cinema ou outra, sozinha, ou com amigas, ou ao salão de beleza, ou uma livraria vez ou outra. Mas eram eventos muito pontuais, nada que ocorresse de forma recorrente. Todo o restante, fazíamos eu, meu esposo e ela, ou, eventualmente, apenas um dos dois com ela. Na época, o interesse pelo grupo surgiu por acaso. Ao acessar o *Facebook*, vi que uma amiga próxima havia comparecido a um encontro para discutir a obra *Olhos D'Água* de Conceição Evaristo. Como sempre acontece, ao final do encontro, foi tirada uma foto para registro da ocasião que, em seguida, foi postada na página do grupo no *Facebook*. Minha amiga havia compartilhado o *post*.

Peço licença para abrir, aqui, um parêntese. Amo literatura desde muito pequena, quando fui apresentada a esse universo por meio dos livros paradidáticos indicados pela escolinha do bairro onde estudava: *Tungo-Tungo*, da Regina Vater, que, como eu, queria engolir o mundo; *O trenzinho azul*, de Mabel Velloso, que, como eu, amou o mar antes mesmo de conhecê-lo; *Hermengarda perdeu a espingarda*, de Sonia Junqueira, com a qual eu não me identificava tanto, mas me divertia conseguindo pronunciar seu nome diferente (tanto que lembro até hoje). A esses se somariam mais tarde, tantos outros: *O fantástico mistério de*

¹ Além da percepção de Cosson (2018) da leitura como diálogo, considero importante ressaltar que ao me referir à leitura ao longo do texto, parto da concepção de leitura por fruição, em oposição à leitura como prática compulsória. O faço por acreditar ser essa a concepção que melhor se adequa à proposta do clube de leitura *Leia Mulheres-Salvador*.

Feiurinha de Pedro Bandeira; *A droga do amor* e *A droga da obediência*, do mesmo autor; A série *Para gostar de ler*, que me apresentou ao mundo dos contos e das crônicas; *A Turma dos Tigres*, que me mostrou que literatura também pode ser mistério; tantas outras descobertas nas estantes da biblioteca do colégio em que cursei o Fundamental II e o Ensino Médio e da Biblioteca Monteiro Lobato, ambas localizadas no bairro de Nazaré. No último ano da Educação Básica, emergiu a necessidade de ler as obras que seriam cobradas no vestibular; o que para muitos era um terrível fardo, para mim, se tornou um prazeroso desafio. E assim, tive a honra de conhecer João Ubaldo Ribeiro, Miguel de Sousa Tavares, Graciliano Ramos, Joaquim Manoel de Macedo, Lygia Fagundes Telles. Uma vez cursando Letras na Graduação, conheci tantos outros: Jorge Amado, José Saramago, Rubem Alves, Rubem Braga, Clarice Lispector, Aleilton Fonseca, Myriam Fraga, Carlos Ribeiro, Fernando Sabino, Mia Couto. Nunca, porém, ao longo da minha trajetória como leitora, havia parado para me questionar acerca do gênero de quem escrevia as obras que me estavam sendo apresentadas e que passaram a compor meu repertório pessoal de leitura. Nunca havia constatado que fui induzida, sem perceber, a uma transição: dos livros infantis, escritos em sua maioria por mulheres, para os livros considerados canônicos, majoritariamente escritos por homens, o que nos leva ao ponto antes desse breve fluxo de memória.

Ao ver a foto no *Facebook* da minha amiga, curiosa que sou, perguntei a ela do que se tratava. Foi então, que ela me apresentou ao *Leia Mulheres*, me explicou a proposta e como funcionavam os encontros. No mês seguinte, abril de 2017, lá estava eu no Museu de Arte da Bahia (MAB) para debater com outras mulheres o livro *O país das Mulheres*, da nicaraguense Gioconda Belli. Flora havia ficado com o pai e ambos aproveitaram para passear pelos museus do entorno, ali mesmo no Corredor da Vitória, o que acabou por se tornar uma prática recorrente dos dois nas mensais tardes de sábado em que eu comparecia aos debates.

A partir de então, todo último sábado de cada mês, às 14h:30, eu tinha um encontro marcado para discutir obras de autoras mulheres, muitas das quais eu nunca havia ouvido falar antes. Foi assim que conheci Adriana Lisboa, Chimamanda Ngozi Adichie, Margaret Atwood, Alice Munro, Octavia Butler, Rupi Kaur, Natália Borges Polesso, Hilda Hilst. A identificação com muitas das personagens, e com muitos dos temas abordados foi imediata. Os livros, que fui adquirindo mensalmente, passaram a ter trechos destacados, rabiscados, copiados. Ao ler Gioconda Belli, por exemplo, percebi: a importância de ter outras mulheres como referência; como é grande a quantidade de cobranças que podem recair sobre uma mulher quando ela se propõe a fazer algo notável; e como esse julgamento é desigual entre mulheres e homens:

As mulheres não tinham Virgínia Woolf como referência (era louca, suicidou-se) nem Jane Fonda, Berthe Morisot, Flora Tristán, Emma Goldman, Gloria Steinem, Susan Sontag, Rosario Castellanos, Sórora Juana... Em primeiro lugar, porque não as conheciam e, em segundo, porque, se as conheciam, eram, como se dizia popularmente, criadoras de *caso*. Podiam ser brilhantes, mas eram assim por não se adaptarem, porque algo não ia bem em sua vida; no melhor dos casos, faziam o que queriam, mas tinham um triste fim (acabou com a cabeça metida no forno, virou puta, era feia como o diabo, lésbica [...], nunca se casou, morreu solitária, pobre freira). Ninguém desqualificava Van Gogh por ter cortado uma orelha nem Hemingway por ter enchido a cabeça de tiros. Os defeitos dos homens não os faziam descer do pedestal; os das mulheres faziam-nas rolar até o porão. Por isso, ela apostou, em sua presidência, no gosto, na liberdade, no ar, no oxigênio, em ver as mulheres se entregarem ao trabalho e dar o melhor de si sem se preocupar com o que pensavam ou deixavam de pensar seus superiores ou intermediários ou colegas. [...] Viviana estava convencida de que a mudança com a qual sonhava precisava de um espaço em que elas existissem para si e por si mesmas, num estado das coisas que, por mais artificial que fosse e pelo pouco tempo que durasse, lhes permitiria se descobrir para que, idealmente, jamais voltassem a aceitar ser menos do que podiam ser. (BELLI, 2011, p.156, 157. Grifos da autora. Tradução Ana Resende)

As leituras que fazia, os debates de que participava ressoavam em mim, minavam minhas certezas, escancaravam minhas inseguranças, me levavam a revisitar o passado e confrontar memórias, que, como diria a cantora baiana Pitty, não eram só memórias, mas “fantasmas que me sopram aos ouvidos coisas que eu nem quero saber.” (LEONE, 2005). Quantas camadas da nossa história, da nossa memória, da nossa experiência, conseguimos acessar quando abrimos uma obra literária e com ela nos identificamos? Acessei uma dessas camadas ao me deparar, durante a leitura do livro *Azul Corvo* de Adriana Lisboa, com o trecho em que a protagonista, Vanja, descreve o seu sentimento após a morte da mãe quando tinha doze anos (não, isso não é um *spoiler*):

Foi num mês de julho. E se o ano seguinte ficou desabrigado, não devia haver nada de estranho nisso. Existia uma luta ali, uma guerrilha interna: não ter pena de mim mesma, apesar de todos os diminutivos que ouvia, ao meu redor, vindos de bocas levianas – coitadinha, pobrezinha e afins.

Eu não me sentia nem coitadinha nem pobrezinha. Uma coisa havia acontecido, e essa coisa tinha dois aspectos distintos dependendo da forma como se olhasse para ela. Minha mãe também havia me explicado tudo isso.

Podia ser um monstro antediluviano de tristeza, algo maciço e insuportavelmente pesado, patas de chumbo, bafo de enxofre e cerveja, algo que me agarrasse e amordaçasse, que me reduzisse a um coração batendo por falta de alternativa. Eu ia arrastar por aí um par de pés burocratas e um par de olhos burocratas, fitando lugar nenhum, com as roupas meio tortas sobre o corpo e o cabelo melado sobre a testa.

Ou podia ser um acontecimento entre os inúmeros acontecimentos que pipocam no mundo a todo instante, e ao mesmo tempo há um resto de neve entre cactos numa montanha no Novo México, e uma criança em Japuir deixa cair um prato no chão e o prato se quebra, e um gato espirra em Amsterdã e uma formiga se desequilibra sob uma folha no *outback* australiano e garotos picham um muro no Rio ou em Nova York ou em Bogotá. E minha vida ia seguir em frente, porque eu mandava nela, e não ela em mim.

Ou podia não ser nada disso e eu só precisava de um nicho de quietude, de não acontecimentos, um momento duradouro, comprido, um momento que tivesse o

tamanho de muitos momentos, tantos quanto fossem necessários, que me deixasse quieta, sem ter que dar nomes às coisas a que eu não queria dar nomes.

Ficar ali. Parada. Como se eu tivesse me transformado num vaso com flores de plástico em cima da estante. daquelas que não requerem cuidado algum. daquelas que não têm beleza, qualidade, singularidade, cheiro, nada. Algo que pode existir no mundo com a cortesia da indiferença recíproca. Assim: eu não te encho o saco, você não me enche o saco.

E na escola as pessoas eram gentis e solícitas e me olhavam com olhos de chá de caridade. E eu passava por elas e elas talvez se perguntassem o que eu estava pensando, sem condições de imaginar que eu não estava pensando nada. Que eu não queria pensar nada. Que eu não queria seus cartões nem flores, nem que me dispensassem das provas, que eu só queria que fingissem que eu era transparente, e se possível que passassem através de mim sem se dar conta. (LISBOA, 2014, p. 74 a 76)

Quando li esse mesmo trecho no encontro de maio de 2017, mês também conhecido como “mês das mães”, minha voz embargou, e o olho ainda mareja ao transcrevê-lo agora. Em maio daquele ano, completava catorze anos que minha mãe havia falecido. Eu já contabilizava mais anos da minha vida sem ela, do que com ela, tendo em vista que ela morreu vítima de um atropelamento quando eu tinha doze anos, a mesma idade de Vanja. Acontece que eu nunca, antes daquela leitura, havia conseguido traduzir em palavras o meu sentimento na época e o incômodo que sentia ao perceber que as pessoas esperavam de mim determinadas reações, quando o meu estado era de um choque tão profundo que tudo o que desejava era sumir e não ter que pensar em nada, nem reagir a nada. Naquele momento, ficou claro para mim o poder da literatura em dizer o que se cala.

Outra obra bem marcante foi *O conto da aia* de Margaret Atwood. Com June, que durante boa parte da história é chamada de Offred, aprendi a importância de permanecer atenta e forte, pois aquilo que conhecemos como realidade pode mudar a qualquer momento, sem que tenhamos nos dado conta. A leitura, feita em 2017, me soou como alerta: a sociedade distópica na qual a história se passa me parecia bastante plausível em um futuro próximo. Relendo os destaques feitos então, percebo o quanto a reflexão proposta permanece atual, o que é bastante assustador, considerando que a primeira edição do livro foi publicada em 1985:

Nada muda instantaneamente: numa banheira que se aquece gradualmente você seria fervida até a morte antes de se dar conta. Havia matérias nos jornais, é claro. Corpos encontrados em valas ou na floresta, mortos a pauladas ou mutilados, que haviam sido submetidos a degradações, como costumavam dizer, mas essas matérias eram a respeito de outras mulheres, e os homens que faziam aquele tipo de coisa eram outros homens. Nenhum deles eram os homens que conhecíamos. As matérias de jornais eram como sonhos para nós, sonhos ruins sonhados por outros. Que horror, dizíamos, e eram, mas eram horrores sem ser críveis. Eram demasiado melodramáticas, tinham uma dimensão que não era a dimensão de nossas vidas.

Éramos pessoas que não estavam nos jornais. Vivíamos nos espaços brancos não preenchidos nas margens da matéria impressa. Isso nos dava mais liberdade.

Vivíamos nas lacunas entre as matérias. (ATWOOD, 2017, p.71. Tradução Ana Deiró)

Com Rebecca Solnit, em *Os homens explicam tudo pra mim*, compreendi que as matérias jornalísticas a que se refere Atwood são mais comuns do que imaginamos, e os casos de violência contra a mulher tão recorrentes, que poderiam ser categorizados como pandemia (com o perdão do uso dessa expressão no contexto atual), visto a conexão que há entre eles, apesar de muitos jornais insistirem em tratar como casos isolados, como motivações variadas:

Se quisermos falar sobre crimes como esses e por que eles são tão comuns, teríamos que mencionar as mudanças profundas que são tão necessárias para essa sociedade, ou para os Estados Unidos, ou para quase todos os países. Se falássemos sobre isso, falaríamos sobre masculinidade, ou os papéis masculinos, ou talvez sobre o patriarcado, e não costumamos conversar muito sobre nada disso.

Em vez disso, o que nos dizem é que os homens norte-americanos cometem assassinatos-suicídios – à razão de doze por semana – porque a economia está ruim, embora também o façam quando a economia está boa; ou que aqueles homens na Índia assassinaram a passageira do ônibus porque os pobres têm ressentimento contra os ricos, enquanto outros estupros na Índia são explicados pelo fato de que os ricos exploram os pobres; e há ainda as outras explicações sempre populares: problemas mentais, drogas – e para os atletas estudantis, lesões na cabeça. A versão mais recente é que a exposição ao chumbo foi responsável por grande parte da nossa violência – só que ambos os sexos estão expostos a chumbo e apenas um deles comete a maior parte das violências. A pandemia da violência sempre é explicada por qualquer motivo, menos o gênero do agressor – a explicação mais ampla de todas. (SOLNIT, 2017a, p.36, 37. Tradução Isa Mara Lando)

É muito interessante retomar Solnit (2017a) no momento atual e perceber o emprego do termo *pandemia* para designar o caráter generalizado e global da violência contra a mulher. Ainda mais irônico é perceber que, durante a pandemia do Covid-19, devido ao isolamento social proposto como medida preventiva para o contágio, os números de denúncias de casos de violência dessa natureza aumentaram.²

A essa altura, já deve estar claro o que desejo salientar: a cada leitura que realizava, surgiam novos aprendizados sobre mim mesma, sobre pessoas diferentes de mim, sobre a sociedade, sobre conceitos e ideias cuja existência eu nem sequer reconhecia. Os encontros presenciais aprofundavam cada uma dessas reflexões, muitas vezes, apresentando contrapontos, ou aspectos para os quais eu não havia atentado. Além de experiências que corroboravam ou refutavam o que havia sido apresentado nos livros. Tantas vezes, me deparei com minha própria ignorância com relação a determinados temas, tantas outras as lágrimas transbordaram dos olhos. Ao longo de todo esse processo, presenciei mudanças de ponto de

² Informação disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/com-a-palavra/violencia-contra-a-mulher-a-pandemia-que-nao-cessa/>. Acesso em: 16 de outubro de 2020.

vista, e nele também, fui percebendo mudanças em mim. A Milena do primeiro encontro, certamente não é aquela que sou ao escrever essas palavras.

Em entrevista ao fascículo *Muito* do Jornal *A Tarde*, publicado em 10 de setembro de 2017, em matéria intitulada *Letras Feministas*, duas moderadoras do grupo³, que se constituem sujeitas desta pesquisa, falam sobre a importância dos debates e sobre o poder de mudança da literatura. Uma delas afirma que:

A literatura tem uma grande força de mudança, não só individual. Pessoas já chegaram e contaram experiências e narraram histórias compartilhadas por muitas de nós. Já aconteceram vários momentos catárticos. Além disso, em relação à obra, na hora, é como se estivéssemos relendo o livro. Nesse momento, você às vezes é tocado por questões que não chegaram inicialmente. É como se o livro se expandisse, tornando-se maior do que era antes. (OLIVEIRA, 2017, p.18)

Outra acrescenta:

Com as visões das outras pessoas, ganhamos novos horizontes. Saímos com um grau de discussão e aprofundamento muito maior. É uma experiência especial para leitores, que, normalmente, são pessoas solitárias que encontram amigos nos livros. E no *Leia* as pessoas têm a liberdade de dizer o que realmente acharam, se amaram ou odiaram o livro. A única exigência é respeito. Estamos lá como um espaço de resistência. (OLIVEIRA, 2017, p.18,19)

Diante das situações e reflexões acima apresentadas, fui me inquietando, como mulher, como pesquisadora e como participante do grupo com a seguinte questão: Como as moderadoras⁴ do *Leia Mulheres-Salvador* avaliam os impactos da sua experiência de leitura junto ao grupo nos seus processos de representação e identificação? Questiono, ainda: de que modo as representações do ser mulher apresentadas nas obras escolhidas são corroboradas e contestadas nos debates do grupo? De que maneira as identidades sociais das moderadoras se refletem em seus posicionamentos nos debates? Qual o impacto dos debates realizados na compreensão do lugar da mulher na sociedade contemporânea?

A fim de responder aos questionamentos propostos, delineei para esta pesquisa, o seguinte objetivo: Investigar as repercussões das leituras, reflexões e debates do clube de leitura *Leia Mulheres –Salvador* nos processos de representação e identificação por parte de suas moderadoras. Pretendo ainda: identificar as representações do ser mulher apresentadas

³ As sujeitas da pesquisa optaram por não serem identificadas nominalmente, de modo que foram empregados pseudônimos para nomeá-las, que serão explicados somente no Capítulo 4, intitulado *Sujeitas com “A”*. Desse modo, optei por suprimir seus nomes nas citações feitas aqui, a fim de respeitar sua solicitação e não gerar um incômodo para quem lê, empregando pseudônimos que só serão explicados posteriormente.

⁴ A decisão pela escolha exclusivamente das moderadoras como sujeitas da pesquisa é explicada detalhadamente no capítulo 2.

nas obras escolhidas; problematizar a retomada, contestação e/ou omissão dessas representações nos discursos proferidos nos debates presenciais; investigar a maneira como as moderadoras caracterizam e concebem suas próprias identidades sociais; avaliar possíveis influências das identidades sociais das moderadoras nos posicionamentos que assumem no debate; discutir os impactos dos debates realizados na compreensão do lugar da mulher na sociedade contemporânea.

Esta tese é construída por seis capítulos, sendo esta introdução o primeiro deles.

No **segundo capítulo**, intitulado *Desenhando um fazer*, discuto e esboço a metodologia da pesquisa com o respaldo da Antropologia a partir do conceito de *observação participante*, tal como proposto por Ingold (2015, 2019). Para tanto, problematizo, a concepção de metodologia como algo rígido que antecede a realização da pesquisa e que almeja um controle de quem pesquisa sobre os dados, de modo a alcançar uma objetividade e neutralidade, e defendo uma postura participativa, híbrida, abertamente interpretativa-crítica em campo. Também apresento, de maneira mais detalhada, o contexto da pesquisa, o grupo *Leia Mulheres-Salvador*, destacando as diferenças na sua dinâmica antes e durante a pandemia da Covid-19. Por fim, defendo o caráter híbrido desta pesquisa e apresento alguns procedimentos metodológicos complementares a serem adotados a fim de alcançar os objetivos propostos e exponho os critérios adotados para a escolha das sujeitas da pesquisa.

No **terceiro capítulo**, *Prática discursiva, prática social e mudança social no contexto do Leia Mulheres-Salvador*, articulo algumas observações dos encontros do grupo, bem como algumas leituras propostas pelo mesmo, com reflexões teóricas que se mostraram pertinentes para a compreensão dessas interações discursivas. A fim de respaldar essas reflexões, situo a visão da *Análise de Discurso Crítica* acerca do discurso como uma prática social com potencial para empreender mudanças na sociedade, estabelecendo uma interface com os estudos da *Linguística Aplicada Crítica* a partir da visão da prática discursiva como ação política e ideológica. Me proponho, também, a: a) resgatar o propósito do grupo ao se apresentar com ideais feministas, articulando esse debate com o conceito de ideologia, exemplificado com um evento discursivo ocorrido em um dos debates presenciais do grupo; b) salientar a relevância do *Leia Mulheres* ao problematizar a cadeia de produção, distribuição e consumo da literatura escrita por mulheres no Brasil, partindo de alguns exemplos sobre como a invisibilidade de autoras mulheres perpassa diferentes épocas, indo de Sylvia Plath aos dias atuais; c) problematizar essa mesma cadeia, incorporando os conceitos de *lugar de fala* e *representação* a partir do ponto de vista do Feminismo Negro; d) aprofundar a

discussão sobre a invisibilidade das mulheres a partir da obra literária *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, livro discutido no grupo em janeiro de 2020, da autoria de Martha Batalha.

O **quarto capítulo**, *Sujeitas com “A”*, foi reservado para apresentar as cinco moderadoras sujeitas desta pesquisa. Ele se inicia com reflexões em torno dos conceitos de *identidades, identificações e performances de gênero*, pautadas a partir das perspectivas dos *Estudos Culturais* e dos *Feminismos*. Para a apresentação das sujeitas, escolhemos o formato de *crônicas* elaboradas por mim a partir das respostas dadas pelas moderadoras ao questionário de perfil. A escolha da crônica como gênero discursivo se deu em razão da sua abertura e fluidez, de modo que foram elaborados cinco textos, um para cada moderadora.

O **quinto capítulo**, *Relatos de uma experiência compartilhada: o Leia Mulheres-Salvador na visão de suas moderadoras*, foi elaborado a partir da leitura, exposição e análise dos relatos elaborados pelas moderadoras, a partir dos quais foram identificados temas recorrentes que deram origem a nove categorias de análise, organizadas nos seguintes subtópicos: 1. Primeiro contato com o *Leia*/ primeiras impressões; 2. Necessidade de se compartilhar o que se lê / Sobre a experiência de leitura compartilhada; 3. Impactos na relação pessoal com a leitura e com a escrita; 4. Indo além da zona de conforto: o desafio para a leitura de novas autoras, obras, temas e gêneros; 5. Propósito do clube de leitura e da literatura - reverberações sociais; 6. Feminismo e suas nuances de gênero, raça e classe; 7. Maternidade; 8. A mediação do grupo e os desafios de uma curadoria diversa das obras; 9. “Formato *Leia Mulheres*”: o controle do discurso durante os debates e a questão do mercado editorial. A análise foi feita a partir da concepção tridimensional do discurso, simultaneamente como texto, como prática discursiva e como prática social, tendo sido dada ênfase aos dois últimos aspectos, considerando o caráter interdisciplinar e crítico dessa pesquisa.

No **sexto capítulo**, são apresentadas as considerações finais, nas quais, inicialmente, reflito sobre o percurso de elaboração de uma tese, bem como sobre os desafios que enfrentei durante o processo de escrita e a dificuldade em encerrar essa etapa. Em seguida, recupero as questões de pesquisa, a fim de avaliar a maneira como foram desenvolvidas ao longo da tese. Aponto, também, as contribuições desse trabalho para o tema em questão e para as áreas de pesquisa que o constituem, reconhecendo, porém, o caráter aberto e incompleto da pesquisa, que possibilita vislumbrar possibilidades futuras de estudo para mim mesma e para demais pesquisadoras e pesquisadores da área.

Por fim, após o sexto capítulo, são organizados, na sequência: as referências, com as obras consultadas e citadas direta ou indiretamente no corpo do trabalho; os apêndices contendo o modelo de questionário aplicado às sujeitas da pesquisa (apêndice A), sugestões

de tópicos para a elaboração dos relatos (apêndice B), o modelo do termo de consentimento livre e esclarecido que foi assinado pelas sujeitas (apêndice C), o parecer consubstanciado do comitê de ética em pesquisa (apêndice D); bem como os anexos de A a E, com as respostas fornecidas por cada uma das cinco sujeitas da pesquisa aos questionários aplicados, e os Anexos de F a J com os relatos escritos por cada uma delas.

Meu desejo, ao apresentar essa tese é que ela contribua para fomentar reflexões significativas em sua vida do mesmo modo que contribuiu na minha. Que seja uma leitura leve e potente, como foi o processo de escrita que a originou. E que seja um lembrete de que somos muitas, somos diversas e estamos juntas na luta por um mundo mais justo.

2. DESENHANDO UM FAZER

Após as leituras que fiz de Tim Ingold (2015⁵; 2019⁶), inicio esse capítulo metodológico muito mais preparada para não escrevê-lo, do que para fazê-lo. Explico. É comum, na escrita de trabalhos acadêmicos resultantes da realização de uma pesquisa, tomarmos a metodologia e o método como aspectos engessados da nossa prática. Aspectos esses, muitas vezes definidos antes mesmo da nossa entrada naquilo que chamamos de campo. Eu mesma já compreendi a metodologia dessa maneira.

Nessa perspectiva metodológica, faz-se necessário controlar os dados obtidos, assegurar a sua veracidade, por meio da junção de diversos procedimentos, também conhecida como triangulação dos dados. Quem participa da pesquisa, desse modo, ficaria sob suspeita, pois poderia vir a falsificar os dados, ao mentir, omitir, disfarçar determinadas condutas na frente de quem a realiza. Seria preciso, portanto, ao conduzir a pesquisa, assumir uma inquietante postura de distanciamento, ao observar, entrevistar, gravar, transcrever, almejando uma pretensa objetividade científica que evita, ou até mesmo condena, o envolvimento com o contexto da pesquisa e com quem a integra.

Mesmo em investigações propostas na grande área denominada Ciências Humanas, em trabalhos que se autodenominam qualitativos, os objetivos subjacentes, muitas vezes, permanecem os mesmos: ter o controle sobre os dados, enquadrar, classificar, rotular. Do auge do nosso egocentrismo, nos sentimos, ainda, no direito de avaliar, analisar e julgar por meio de nossas lentes teóricas que só nos permitem enxergar aquilo mesmo que desejamos ver, sem nos darmos conta do tamanho equívoco que estamos cometendo ao agir dessa maneira. Além disso, nos empenhamos em provar que os eventos descritos, de fato, ocorreram da maneira como estão sendo relatados, de modo que nos dedicamos à tarefa árdua de registrar absolutamente tudo, de transcrever cada linha de longuíssimas entrevistas, de chegar ao contexto da pesquisa de surpresa, a fim de assegurar dados reais, como se tal tarefa fosse exequível. Para além de não acreditar que tal tarefa seja possível, me questiono se seria até mesmo desejável quando o nosso fazer se debruça sobre seres humanos e suas práticas. Essa descrição empírica, ainda preconizada, não deixa de ser uma subserviência ao objeto, nos colocando em um estado de passividade ao empreender a pesquisa.

Desde o esboço do meu projeto de pesquisa, tenho tentado me afastar desse papel passivo, e venho buscando subsídios teóricos e metodológicos no sentido de assumir uma

⁵ Tradução Fábio Creder.

⁶ Tradução Beatriz Silveira.

postura ativa e participava na pesquisa, reconhecendo que há, na maneira como apresento os dados que presencio, intencionalidade, uma vez que “Qualquer ato de descrição implica um movimento de interpretação” (INGOLD, 2015, p.338). Compreendo, hoje, que a neutralidade científica, a imparcialidade e o controle absoluto sobre os dados são falácias que precisam ser desmistificadas, sobretudo quando temos por objeto de pesquisa, seres humanos, suas práticas, seus discursos. Nesse sentido, é possível e desejável que se estabeleça entre quem conduz a pesquisa e quem a integra uma relação pautada no diálogo, uma vez que, ao longo do processo de pesquisa, se instaura uma parceria em que as trocas e influências mútuas ocorrem desde o momento em que o tema a ser pesquisado é escolhido, de modo que:

[...] o objecto é a continuação do sujeito por outros meios. Por isso, todo conhecimento científico é autoconhecimento. A ciência não descobre, cria, e o acto criativo protagonizado por cada cientista e pela comunidade científica no seu conjunto tem de se conhecer intimamente antes que conheça o que com ele se conhece do real. (SANTOS, 2009, p.83)

Minha suposta e pretensa neutralidade enquanto pesquisadora cai completamente por terra se considerarmos que integro o grupo que me proponho a pesquisar e participo religiosamente dos debates há mais de cinco anos. Ou seja, ao analisar o percurso do grupo, analiso também o meu percurso. Ao identificar as representações do ser mulher apresentadas nas obras, confronto a mim mesma com essas representações. Ao observar os impactos dessas representações na identidade de outras mulheres, observo, também, a minha identidade em processo. Ao buscar compreender as lógicas sociais subjacentes às identificações dessas mulheres, compreendo um pouco mais sobre o que sou, e o que posso vir a ser.

Um dos reflexos imediatos dessa constatação se deu no uso da linguagem. Não faria sentido forjar um afastamento que nem sequer acredito que exista, empregando na escrita do texto a terceira pessoa, como preconiza uma longa tradição acadêmica. Se, ao falar sobre o *Leia Mulheres-Salvador*, falo também sobre mim, e se as considerações aqui registradas não deixam de ser o meu olhar, as minhas impressões sobre o contexto pesquisado, tomei a decisão política de recusar a impessoalidade e empregar a primeira pessoa na escrita deste trabalho, uma vez que:

[...] a forma de utilização da linguagem é um ato político. A tradicional impessoalidade da escrita acadêmica implica a ideia de alguém que tem o poder de ‘falar a partir de lugar nenhum’, criando a falsa ideia da neutralidade da constituição de seu saber. A adoção de uma escrita científica marcada pela pessoalidade é o reconhecimento de que autores são simplesmente cientistas que ocupam lugares geopolíticos na construção do saber e são epistemologicamente situados. (SILVA, 2016, p.507)

Podemos dizer, portanto, que todo conhecimento é, de algum modo, narrativo. Sendo assim, reconheço que, ao pesquisar, bem como ao compor uma tese, o faço a partir de um lugar, sem a pretensão de neutralidade, compreendendo que estou epistemologicamente situada. Epistemologias essas que escancaro, também, na minha escrita.

Em minhas buscas por uma metodologia mais coerente com o trabalho a que me propus, deparei-me com Tim Ingold, o autor a que me refiro no início deste capítulo, e seus livros *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição* (2015) e o recente *Antropologia: pra que serve?* (2019). O encontro com Ingold foi daqueles momentos epifânicos em que tudo parece fazer sentido. Foi, ao mesmo tempo, um alento e uma fagulha para diversos questionamentos. Antes de discutir suas ideias e as implicações que elas têm na minha pesquisa, gostaria de apresentar brevemente este autor que, para muitos, pode ser um completo desconhecido. Tim Ingold é professor de Antropologia Social na Universidade de Aberdeen, membro da Academia Britânica e da Sociedade Real de Edimburgo. Seus trabalhos se destacam por não se aterem exclusivamente às preocupações usuais da Antropologia, mas as extrapolarem ao dialogar com a Arquitetura e a Arte, guinada pautada na convicção de que não é suficiente apenas observar e descrever a vida, tal como a encontramos, sem empreender nenhum tipo de mudança. Com a Arquitetura e com a Arte, ele encontrou a liberdade de propor formas novas, sem necessariamente observar e descrever o que já estava posto, mas fundamentando-se em uma profunda compreensão do mundo vivido. Sua escrita é profundamente marcada por um caráter poético e filosófico que torna conceitos bastante complexos completamente acessíveis e que, em vez de apresentar respostas prontas, desestabiliza nossas certezas e nos leva a refletir e questionar a epistemologia do nosso fazer científico. Ele afirma:

A vida é uma questão de decidir como viver e envolve, a todo momento, a possibilidade de ramificar-se em diferentes direções, nenhuma das quais é mais normal ou natural do que qualquer outra. Como os caminhos se fazem ao andar, devemos continuamente improvisar modos de vida conforme avançamos, abrindo novas trilhas, mesmo quando seguimos os rastros de nossos predecessores. Contudo, nós não o fazemos sozinhos, mas na companhia de outros. Como os fios de uma corda, vidas se entrelaçam e se sobrepõem. Elas seguem juntas e reagem mutuamente, umas às outras, em ciclos alternados de tensão e resolução. Nenhum fio segue para sempre; assim como uns se vão, outros se unem. É por isso que a vida humana é social: é o processo contínuo e coletivo de descobrir como viver. Todo modo de vida, portanto, representa uma experiência comunitária acerca de como viver. Ele é uma resposta ao problema da vida da mesma forma em que o caminho é uma solução para o problema de como chegar a um destino ainda desconhecido. (INGOLD, 2019, p.7)

O mesmo que é dito sobre a vida nessa passagem, acredito poder ser aplicado, também, ao nosso percurso ao empreender uma pesquisa. Precisamos decidir, a todo momento, o tipo de pesquisa que desejamos realizar, as pesquisadoras e pesquisadores que desejamos ser. Mas é preciso estar ciente de que o nosso percurso é feito ao andar e que, portanto, precisamos nos abrir ao imprevisto, à descoberta de novas trilhas, sendo uma tarefa absolutamente inócua predefinir a rota antecipadamente. Nossa tarefa consiste em encontrar o nosso próprio caminho em meio às ruínas daquilo que tínhamos como verdade estabelecida, mas que, em determinado ponto do trajeto, se revelou impróprio para o propósito que almejávamos.

Frequento o *Leia Mulheres-Salvador* desde 2017, de modo que, quando ingressei no doutorado, em 2018, tendo o grupo como contexto de pesquisa, já me sentia totalmente integrada. O *Leia Mulheres*, para mim, não era um cenário desconhecido, muito pelo contrário, era um grupo com o qual eu me sentia bastante familiarizada. A partir do momento, porém, em que assumi o lugar de pesquisadora, apresentando formalmente às mediadoras a minha intenção de realizar esta pesquisa, começou a surgir em mim um incômodo sobre como me inserir nesse novo papel em um contexto no qual eu já era parte integrante. Como, subitamente, passar a portar gravadores, câmeras, documentos de autorização, bloco de notas e canetas? Como manter minha participação ativa nos debates e simultaneamente observar e registrar detalhadamente tudo o que ocorria nos encontros? A meu ver, sempre pareceu um paradoxo, pois, ao me portar desse modo, sem dúvidas, provocaria um incômodo não apenas em mim, mas nas demais participantes presentes. Deveria eu, então, agir de modo secreto, como uma espiã, a fim de que não houvesse constrangimento entre as demais integrantes?

Esse desconforto começou a ser atenuado quando, aos poucos, fui percebendo, que aquilo que eu já vinha fazendo (o estudo das obras, a participação nos encontros, os debates, a escuta atenta, as notas que sempre registrei, as marcações nos livros) já possuía um caráter de investigação, um olhar de curiosidade, uma atitude pesquisadora. Era a minha concepção de pesquisa, aquilo que eu compreendia por metodologia, que precisava ser revisitado e sofrer ajustes.

Encontrar Ingold foi perceber que tenho respaldo, no referencial de metodologia científica para as Ciências Sociais e Humanas e, mais especificamente, na Antropologia, para fazer o que já vinha fazendo, com a convicção de que estou realizando uma pesquisa. Pesquisa essa com um caráter muito mais antropológico do que eu jamais havia imaginado ou considerado realizar. Segundo ele:

Não se trata de interpretar ou explicar o comportamento dos outros; não se trata de colocá-los em seu lugar ou consigná-los à categoria dos 'já conhecidos'. Ao contrário, trata-se de compartilhar da sua presença, de aprender com suas experiências de vida e de aplicar esse conhecimento às nossas próprias concepções de como a vida humana poderia ser, das suas condições e possibilidades futuras. A antropologia, em minha opinião, prospera nesse engajamento da imaginação e da experiência. (INGOLD, 2019, p.10, 11)

Compartilhar da presença, aprender com as experiências de leitura e de vida socializadas pelas demais participantes do grupo, aplicar esse conhecimento às minhas próprias concepções de como a vida humana é, e de como ela poderia vir a ser, é um exercício que faço desde que integro o *Leia*. A diferença seria apenas que, a partir da minha entrada como pesquisadora, essa experiência seria registrada por escrito a fim de que possa ser compartilhada com outras pessoas. O exercício de imaginar condições de possibilidades futuras a partir das experiências de leitura passaria, também, a ser compartilhado com um número ainda maior de pessoas.

Algumas pessoas podem argumentar que, em se tratando de um trabalho que fomenta a leitura de obras escritas por mulheres, é uma contradição recorrer majoritariamente a um homem para desenhar a metodologia. Ao longo do processo, porém, fui atentando para o fato de que sou eu a principal responsável pela metodologia que construo. Ou seja, em alguma medida, sou minha própria metodóloga. De inspiração Ingoldiana, sem dúvida. Porém, muitas das decisões sobre como fazer tiveram que ser tomadas durante a realização da pesquisa, considerando sempre os cenários que se apresentavam e se alteravam sem que eu tivesse controle algum sobre isso. Citando Mills, Ingold (2015) argumenta: “Que cada homem seja seu próprio metodólogo, que cada homem seja seu próprio teorista, que teoria e método novamente se tornem parte da prática do ofício.” (INGOLD, 2015, p.343)

Para Ingold (2019), nas pesquisas em Antropologia (mas podemos ampliar essa concepção para pesquisas com caráter antropológico de um modo geral) é necessário haver uma imersão nos processos e relações referentes aos povos entre os quais se trabalha. Embora isso possa ser compreendido como uma fraqueza, uma vulnerabilidade que revela uma falta de objetividade, podemos realizar uma interpretação diametralmente oposta, como sendo essa a própria fonte da qual a nossa pesquisa retira sua força, afinal, não se trata apenas de adquirir um conhecimento objetivo, mas de obter sabedoria, o que não é tarefa simples. Parafraseando o autor, eu diria que, no meu caso, em particular, de nada adiantaria estar amparada em um vasto conhecimento teórico prévio, se não estivesse atenta ao que acontece *in loco*, se não me aventurasse em cada encontro e assumisse o risco de me expor ao que ocorre lá, compartilhando da presença das outras pessoas, prestando atenção, me importando. O que almejo com a

realização deste trabalho não é o conhecimento que fixa e nos tranquiliza, mas a sabedoria que desestabiliza e perturba, sabedoria essa cujos caminhos não apontam para soluções, mas se abrem para um processo de transformação, um processo de vida.

Fato é que estou imersa nessa experiência há quase seis anos, lendo cada obra atentamente, buscando encontrar em cada uma delas um pouco do que fui, um pouco do que sou, um pouco do que gostaria de ser, e ainda, do que posso vir a me tornar. São quatro anos de encontros em que exercitei a minha escuta atenta, a minha alteridade. Quatro anos em que as minhas ignorâncias, os meus preconceitos, as minhas contradições foram expostos diante de mim a cada debate. Há, em todo esse processo, uma riqueza antropológica tamanha que não posso desconsiderar. Formei e transformei diversas opiniões próprias e alheias com base nessa experiência. Pensar o *Leia*, escrever sobre o *Leia*, é pensar sobre mim mesma, é escrever sobre o que tenho vivido. Talvez, em alguma medida, isso não seja suficiente para a ciência, mas é indispensável para mim nesse processo de autodescoberta como sujeita no mundo, como mulher no mundo, como pesquisadora no mundo.

Quanto ao método, Ingold (2019) sustenta que:

Os métodos são os guardiões da objetividade, acionados para garantir que os resultados da pesquisa não sejam contaminados por um envolvimento muito íntimo ou afetivo dos pesquisadores com os povos que eles estudam. Para a antropologia, contudo, esse envolvimento é essencial. Todo estudo demanda observação, mas, na antropologia, a observação se dá não pela objetificação dos outros, mas prestando atenção a eles, vendo o que fazem e escutando o que dizem. Estudamos *com* as pessoas, ao invés de fazer estudos *sobre* elas. Chamamos esse modo de trabalho de ‘observação participante’. Ele é um dos fundamentos da disciplina. (INGOLD, 2019, p.12. Grifos do autor)

Com base nessa visão, obtive a clareza de que não tenho a pretensão de pesquisar *sobre* o *Leia Mulheres-Salvador*, mas de pesquisar *com* o *Leia Mulheres-Salvador*. E é sobre essa observação participante à qual o autor se refere que pretendo me debruçar a partir de agora.

2.1 Observação Participante

A concepção de observação participante que adoto na realização deste trabalho é fundamentada na visão apresentada por Ingold (2019). É com base nessa leitura que destaco, a seguir, as suas principais características. Antes, porém, gostaria de salientar que não sou a primeira, muito menos a única, pesquisadora em Análise de Discurso Crítica que adota essa

abordagem. Vieira e Resende (2016) apresentam uma descrição detalhada sobre como realizar pesquisas na área, destacando a relevância da observação participante ao afirmarem que:

A observação participante origina-se, como boa parte dos métodos etnográficos, da antropologia social e cultural. Opõe-se à observação (pretensamente) objetiva, em que o contexto social pesquisado é abordado ‘de fora para dentro’. A observação participante, ao contrário, define-se pela perspectiva interna, situada na ação cotidiana, em que o/a pesquisador/a envolve-se diretamente nas atividades dos/as participantes da pesquisa (Bogdewic, 1992). [...] consiste não apenas em estar presente no contexto a ser pesquisado, mas em participar das atividades observadas, tornar-se um ‘membro do grupo’. (VIEIRA; RESENDE, 2016, p.85)

No caso desta pesquisa, em particular, não foi necessário me tornar membro do grupo, tendo em vista que, como mencionei anteriormente, eu já exercia esse papel e foi justamente a participação no *Leia Mulheres* que me motivou a pesquisá-lo. Como pesquisadora, apenas mantenho essa perspectiva interna que as autoras defendem, permanecendo envolvida com as ações cotidianas do grupo e sustentando o meu já existente envolvimento com as atividades das participantes da pesquisa.

Podemos afirmar, portanto, que a concepção de observação participante se contrapõe a um paradigma positivista de ciência. Vamos, então, detalhar um pouco mais as suas características.

O primeiro aspecto referente à observação participante que precisamos salientar é que ela demanda tempo. É preciso, portanto, ter disposição e disponibilidade. Além disso, é preciso, na prática, se abrir para um exercício de generosidade, no sentido de que se faz necessário receber aquilo que está sendo oferecido, em vez de buscar obter, através de subterfúgios e mentiras, aquilo que não está. A entrada em campo requer uma boa dose de paciência, visto que é preciso aguardar para que as coisas aconteçam e ter abertura para aceitar o que lhe é oferecido, quando lhe for oferecido.

Tal estratégia se afasta daquilo que geralmente denominamos geração de dados qualitativos por algumas razões, dentre as quais destacamos o fato de que “A qualidade de um fenômeno só pode estar na sua *presença*.” (INGOLD, 2019, p.13), ou seja, na maneira como ele se abre e se relaciona com o seu entorno, inclusive com as pessoas que o observam, no momento mesmo em que ocorre. Quando, por razões metodológicas, enxergamos determinado fenômeno como um dado, ainda que caracterizado como qualitativo, o estamos isolando, separando-o da própria matriz que o constitui. Ao gerar dados qualitativos, estamos nos abrindo para outrem somente para, em seguida, virar-lhes as costas, uma vez que atentamos para o que está sendo dito pelas demais pessoas apenas visando a compreender o

que isso revela a seu respeito. Toda a generosidade envolvida nesse processo se torna, assim, uma fachada para a produção de dados a serem expropriados.

Quando afirmamos que a observação participante é uma maneira de estudar *com* as pessoas e não *sobre* elas, estamos defendendo que é um procedimento que vai além da descrição de outras vidas, e consiste na união a essas outras vidas na tarefa comum de encontrar formas de viver:

Por observação não me refiro a contemplação distanciada e desinteressada de um mundo de objetos, nem à tradução de objetos em imagens ou representações mentais. Refiro-me antes ao acoplamento íntimo do movimento da atenção do observador com correntes de atividades do ambiente (INGOLD, 2015, p.319).

Pode soar até utópico, mas o que estamos discutindo aqui extrapola um método para a geração de dados, se configurando um compromisso, como aprendizes, de aprender junto, de aprender fazendo, de não apenas imergir na pesquisa, mas de se constituir na própria pesquisa. No meu caso, posso afirmar, que é um olhar *de dentro para dentro*. Nesse aspecto, podemos afirmar, ainda, que a observação participante está alinhada com a visão de Lopes (2006) quando propõe uma explosão dos limites entre teoria e prática ao denunciar o quão inadequado é tentar formular um conhecimento científico que seja responsivo à vida social sem ouvir as vozes de quem a vive. O autor se opõe à crença, até pouco tempo muito comum, na separação entre o/a pesquisador/a e o objeto estudado, um conhecimento, pretensamente apolítico e não ideológico típico do positivismo.

Do compromisso em aprender junto, emana um segundo aspecto fundamental à operacionalização da observação participante: é preciso levar a sério quem integra a pesquisa. Levar a sério vai além de atentar para o que fazem e dizem, é preciso encarar os desafios postos às nossas próprias concepções sobre como as coisas são, sobre o tipo de mundo em que vivemos e à maneira como nos relacionamos com ele. Desse modo, não há necessidade de termos a última palavra, afinal assumimos uma postura aberta para enriquecer a imaginação com as experiências. Ingold (2019) nos convoca a fazer esse exercício de imaginação quando afirma:

Para aqueles de nós criados em sociedades nas quais a autoridade científica é suprema, o caminho para a verdade reside em separar o fato da fantasia. Mas não poderia ser de outra forma? E se a verdade residir na comunhão entre a experiência e a imaginação, em um mundo para o qual estamos vivos e que está vivo para nós? (INGOLD, 2019, p.17)

Perceber esse mundo externo, o que inclui as pessoas, como algo tão vivo quanto nós mesmos passa pela percepção de que a estrutura e a composição desse mundo nunca estão acabadas, muito pelo contrário, ele vai se constituindo continuamente, do mesmo modo que nós, sendo parte dele, também o fazemos. Essa constante formação no mundo e em nós é fonte, também contínua, de fascinação e assombro e, ao mesmo tempo em que nos instiga, nos assusta, pois seria muito mais cômoda a solidez e fixidez de certezas absolutas, mas essas, sim, não passam de autoilusão. Desse modo, realizar uma observação participante é, em certa medida:

Prestar atenção às coisas – observar seus movimentos e escutar seus sons – é flagrar o mundo em ação, como surfar a crista de uma onda sempre a ponto de quebrar. Longe de chegar atrasado a um mundo onde os dados já foram lançados, é estar lá, presente e alerta, no momento mesmo em que ele toma forma. Nesse momento, a experiência e a imaginação se fundem e o mundo ganha vida. (INGOLD, 2019, p.18)

A vida é concebida, assim, como essa potência em que os fluxos e energias atravessam o mundo, mantendo-o em movimento.

Ingold (2019) salienta, também, no capítulo intitulado *Antropologia para o futuro*, a diferença entre o que ele denomina observação participante e aquilo que é amplamente reconhecido nas ciências sociais como etnografia. O autor destaca que, em um passado não muito distante da antropologia social, ambos os termos já foram empregados como sinônimos, contudo, a partir de determinado momento, o termo *etnografia* foi ampliado pelos cientistas sociais para designar quase todas as técnicas de investigação e entrevista capazes de fornecer dados qualitativos para análise, ainda que não houvesse nenhuma participação prolongada ou engajamento observacional. Nesse sentido mais amplo, ela difere e muito da observação participante, uma vez que esta requer uma imersão profunda e de longo prazo no contexto pesquisado.

Além disso, ainda que feita de modo mais aprofundado e cuidadoso, a etnografia geralmente direciona a observação para uma finalidade própria que consiste em condensar a vida das outras pessoas em um relato (escrita, filme, gráficos) da nossa autoria. Embora possa haver nesse procedimento uma sensibilidade com relação ao contexto, o que permite enxergar diversas nuances e descrever detalhadamente aquilo que está sendo retratado, para chegar a esse fim, a presença e a voz de quem realiza a pesquisa acabam permanecendo ocultas para que as pessoas pesquisadas e suas vozes assumam o protagonismo, como se pesquisadoras e pesquisadores nada tivessem a dizer por si, e como se o seu papel fosse somente fornecer

dados sobre outrem. Entretanto, seria esse mesmo nosso propósito? No que diz respeito à Antropologia, Ingold (2019) argumenta:

[...] o objetivo da antropologia, a meu ver, é totalmente diferente. É valer-se do que aprendemos de nossa experiência com outros povos e especular sobre quais poderiam ser as condições e as possibilidades da vida. Como antropólogos, creio eu, deveríamos estimar esta liberdade de especular, de dizer o que *nós* pensamos, sem fingir que as nossas palavras são, na verdade, destilações das opiniões das pessoas entre as quais estudamos. [...] Falamos com os *noossos* corações e mentes, não com os deles, e é seguramente desonesto fingir o contrário. (INGOLD, 2019, p.63. Grifos do autor)

Muito embora o autor se refira à Antropologia, suas reflexões podem ser estendidas para outras áreas cujo objetivo seja também conhecer melhor um grupo de pessoas, suas práticas, suas crenças. A observação participante não é sobre se colocar com imparcialidade, mas sobre assumir seus pontos de vista com responsabilidade e com respeito. Mas seria equivocado dizer que em nossas pesquisas falamos por outras pessoas. O autor sugere que quem deseja realizar uma pesquisa dessa natureza deve imergir no processo de vida que deseja conhecer e acompanhá-lo. Ele propõe, ainda, uma convergência contemporânea entre a ciência e a arte, uma vez que nos caberia, ao conduzir uma pesquisa, aprender com a observação, entrar na pele das coisas e conhecê-las por dentro, o que coincide com o papel da arte que tem por propósito aguçar os nossos sentidos, permitindo-nos conhecer intimamente algo. Dessa aproximação, deriva que, assim como a arte, a ciência não precisa se comprometer somente com a descrição das coisas tais como são, mas pode, e deve estar aberta à especulação. Nós, que realizamos pesquisas nas áreas ditas humanas, não trabalhamos em laboratórios, nem com experimentos controlados para testar hipóteses preconcebidas. Lidamos com outros seres humanos e nossas ações e intervenções geram desdobramentos, como em qualquer outro diálogo cotidiano. Sendo a pesquisa esse diálogo, ela transforma a vida de quem nela se envolve, a começar por nós.

Essa proposta, concebida como uma espécie de arte da investigação, não precisa ser compreendida como algo oposto à ciência. Muito pelo contrário, se trata de um modo diferente de fazer ciência, com uma perspectiva mais modesta, mais humanamente sensível e mais sustentável, uma vez que se integra ao mundo, em vez de acreditar possuir poderes superiores que podem explicá-lo. Tal integração resulta do abandono da ambição de reduzir todas as coisas a dados, que em seguida serão convertidos em produtos, ou resultados. Isso não quer dizer que não possamos publicar livros, artigos, teses, mas é sobre ter em vista que a prioridade não é essa. Nossa verdadeira contribuição não está na literatura científica que

produzimos, mas na capacidade que a pesquisa que empreendemos tem de transformar vidas, inclusive a nossa, afinal, não há conhecimento que não derive do nosso engajamento prático com o nosso entorno e com as demais pessoas, ou seja, nossa natureza biossocial faz com que produzamos, a todo momento, a nós mesmos, e a quem está ao nosso redor, como seres vivos e humanos que somos. O que deve nos impulsionar, portanto, não é uma demanda pelo conhecimento, mas sim uma ética do cuidado. Nas palavras de Ingold (2019):

Não nos importamos com os outros, tratando-os como objetos de investigação, atribuindo-lhes categorias e contextos, ou explicando-os. Nós nos importamos ao torná-los presentes, para que eles possam dialogar conosco e nós possamos aprender com eles. Essa é a maneira de construir um mundo onde haja lugar para todos. Nós só podemos construí-lo juntos. (INGOLD, 2019, p.72)

A visão metodológica apresentada em Ingold (2019) está ancorada na visão de mundo que o autor possui e se fundamenta em alguns outros conceitos e fundamentos teóricos, filosóficos e sociológicos apresentados ao longo do livro que não possuem caráter metodológico, no sentido estrito, mas que interferem na e influenciam a concepção de observação participante adotada nesta pesquisa. Além disso, tais conceitos dialogam facilmente com o nosso objeto de estudo, de modo que considere relevante discuti-los no tópico a seguir.

2.2 Pressupostos Ingoldianos para a realização de uma pesquisa

Os primeiros conceitos que gostaria de destacar são, na verdade, uma dicotomia: similaridade e diferença. Tais noções serão retomadas e aprofundadas no quarto capítulo desta tese, nos qual serão incorporadas as visões de Hall (2014), Silva (2012), Cuche (2002) e Woodward (2012). Por ora, me atarei à visão Ingoldiana sobre o assunto.

Ingold (2019) defende que, na constituição dos seres humanos, interagem causas endógenas e exógenas, ou seja, genes e ambiente, de modo que não somos produtos das circunstâncias, mas produzimos nossas próprias vidas, e dialogamos continuamente com as circunstâncias que encontramos, quer sejam aquelas moldadas pelas nossas próprias ações, quer resultem da ação de outras pessoas no passado. Uma vez que estamos no mundo, com suas mudanças constantes, só nos resta seguir adiante a partir do nosso próprio lugar, e nesse movimento, vamos sempre convergindo para ou divergindo dos modos de vida que nos cercam. É no processo de estarem juntas que as pessoas se identificam, mas também, se

diferenciam. Essas diferenças, por vezes nos distanciam, mas em inúmeras outras situações, também nos aproximam.

A partir dessas reflexões, o autor questiona a si mesmo e a nós se a identidade residiria naquilo que nos torna iguais ou semelhantes nos definindo como integrantes de um grupo exclusivo e, caso assim seja, se a diferença se encontraria nas margens exteriores da identidade ou em seu âmago. Creio que o intuito de Ingold (2019), ao nos lançar tais perguntas, é muito mais suscitar a reflexão do que propor respostas, até porque, como partes de uma dicotomia, similaridade e diferença são polos complementares e indissociáveis. Ainda assim, ele arremata suas reflexões com uma afirmação com a qual concordo e me identifico bastante:

Pergunte-me quem sou eu, e eu só consigo responder plenamente contando a minha história. Seria uma história sobre os relacionamentos que eu tive, no decorrer da minha vida até agora, com as pessoas a minha volta, os lugares onde habitei e as coisas que fiz e usei. É a eles que eu devo minha existência, e eles também, em alguma medida, devem sua existência a mim. (INGOLD, 2019, p.30)

Sempre gostei de afirmar que sou, em cada momento da minha vida, as pessoas com quem me relaciono, os livros que leio, as músicas que ouço e os filmes e séries a que assisto. Hoje, sou um pouco Ferrante, um pouco Atwood, um pouco Chimamanda; um pouco Simone, um pouco Virgínia, um pouco Angela; sou também um pouco Flora, um pouco Bela, um pouco Tereza, muito José (a Maria, no caso, minha mãe); um pouco Moana, um pouco Mulan; um pouco Elza (a de Frozen grafada com *s* e a Soares), um pouco Elis, um pouco Gal, um pouco Bethânia, um pouco Iza. E a lista quase não teria fim. Minha identidade como mulher, atualmente, é permeada pela presença de diversas outras mulheres, ficcionais ou não, que tive a grata experiência de conhecer e com as quais convivo ao escolher ler mulheres, assistir mulheres e ouvir mulheres e, coincidentemente (ou não), gestar e parir duas meninas.

Em texto publicado no site geral do *Leia Mulheres*, uma das fundadoras do clube no Brasil, afirma: “Sempre falo que a melhor coisa que o Leia me trouxe foi a proximidade de mulheres incríveis, leitoras e escritoras [...]” (HENRIQUES, 2020).

Concordo com essa afirmação e, nesse sentido, complemento a fala de Ingold (2019) para acrescentar que sou, também, o clube de leitura de que participo e, conseqüentemente, as relações que construí nesse contexto, do tanto que a mim foi doado, e do tanto que doe nas interações com o grupo:

De fato, o próprio termo ‘comunidade’, do latim *com* (‘junto’) mais *munus* (dádiva), significa não apenas viver juntos’, mas também, ‘doar juntos’. Pertencemos a comunidades porque cada um de nós, sendo diferente, tem algo a oferecer. Assim, a identidade em comunidade é fundamentalmente *relacional*: quem somos é um índice de onde nos encontramos, em um dado momento, no toma lá dá cá da vida coletiva. (INGOLD, 2019, p.31. Grifos do autor)

Na minha trajetória junto ao *Leia Mulheres-Salvador*, fica clara para mim a relevância de cada participação, de cada contribuição, de cada fala tímida ou desinibida. É notório como cada uma, com suas particularidades, com suas peculiaridades, tem algo a oferecer.

Outro conceito apresentado por Ingold (2019) que considero relevante retomar aqui, e que corrobora aquilo que já estamos falando, é o de relação social. O interessante é que o autor começa esse debate parafraseando as supostas palavras do antigo filósofo grego Heráclito ao afirmar que “[...] não é possível entrar duas vezes no fluxo da vida social. Nada se repete. Sempre que você tenta definir a sociedade, a vida social escorre por entre os dedos.” (INGOLD, 2019, p.47). Embora a ideia de que os seres humanos se produzem mutuamente, nas tarefas práticas da vida social, seja óbvia atualmente, tal pensamento decorre de mudanças significativas na antropologia social nos últimos 30 anos, de um pensamento estruturalista a uma epistemologia que enfoca as relações, não como derivadas da sociedade, mas como algo que lhe é intrínseco e que, desse modo, constitui o tecido da vida social. Dessa maneira, compreende-se, hoje, que a realidade é integralmente relacional, e é por meio dessas relações que forjamos a nossa própria existência e a dos outros seres:

as relações são as formas que os seres vivos têm de conviver e – assim como o fazem – de forjar a existência uns dos outros. A chave, aqui, é a ideia de que, em seus desdobramentos, as relações continuamente *dão origem* aos seres humanos que elas unem. No jargão antropológico, os seres-em-relação ‘se constituem mutuamente’. Para colocá-lo de modo mais simples, as suas relações com os outros são internalizadas em você e te fazem ser o que você é. E elas são internalizadas nos outros também. Então, ao unir-se a esses outros e, ao mesmo tempo, diferenciar-se deles, essa união e diferenciação vêm *de dentro*. Os seres não tanto interagem, mas *intra-agem*; eles estão dentro da ação. (INGOLD, 2019, p.58. Grifos do autor)

Esse pensamento relacional apresenta implicações sobre o que significa ser uma pessoa ou exercer agência em questões sociais, aspectos esses que continuam no cerne dos debates atuais, em grande parte, em decorrência das contribuições do pensamento feminista que tem posto em xeque a polarização tradicional de gênero. Compreende-se, dessa maneira, que as pessoas são seres construídos fundamentalmente nas relações que estabelecem, relações que, por sua vez, não estão dadas de antemão, nem sequer por fatores genéticos, mas

que precisam ser encenadas todo o tempo. E é nessa geração contínua do ser em suas relações no mundo que se constituem a vida e a realidade, cujo caráter é, também, relacional.

Considerar que somos seres forjados nas relações que estabelecemos, ou seja, reconhecer esse caráter relacional da nossa constituição nos leva a desconstruir a ideia de identidade como características fixas que nos distinguem, e nos leva a considerar as contribuições das relações estáveis e/ou efêmeras que perpassam nossos caminhos ao longo da vida na produção de nossas próprias histórias.

Em um clube de leitura, estabelecemos essas relações a cada encontro, a cada debate sobre a obra lida. Nesses diálogos, deixamos um pouco de nós mesmas e levamos um pouco das demais, por meio das contribuições dadas, das reflexões provocadas. Não há como sairmos dessas trocas as mesmas. Mas, para compreendermos melhor de que modo esses encontros ocorrem, é preciso dedicar um espaço nesse capítulo metodológico para apresentar mais detalhadamente o contexto da pesquisa.

2.3 *Leia Mulheres-Salvador*: o contexto da pesquisa

Nesse momento de descrição do grupo *Leia Mulheres-Salvador*, gostaria de, primeiramente, salientar o caráter presencial que sempre o caracterizou. Embora, como já foi destacado, a iniciativa tenha surgido por meio das redes sociais e, apesar de contarmos com ferramentas virtuais (*Facebook, Instagram, WhatsApp*) para a seleção e divulgação dos livros que serão lidos, bem como da data em que os encontros acontecerão, e ainda, para a indicação e socialização de textos, filmes, séries, entrevistas, eventos e outros livros relacionados às obras lidas e às temáticas nelas abordadas, o propósito da existência do grupo sempre foi o de proporcionar momentos presenciais para o debate das obras. Devemos, portanto, considerar que a impossibilidade de realização de encontros presenciais de março de 2020 a fevereiro de 2022, teve um impacto inesperado na dinâmica do grupo, bem como na sequência da pesquisa, pois foi necessário um tempo até que as moderadoras pudessem decidir a respeito da continuidade ou não das atividades de maneira remota.

2.3.1 *Leia Mulheres-Salvador: caracterização inicial*

O *Leia Mulheres-Salvador* é uma iniciativa implementada a partir de janeiro de 2016⁷, que deriva do *Leia Mulheres-São Paulo* e, como tal, responde a esse comando central, no que se refere aos objetivos, visão e procedimentos. Trata-se, portanto, de uma marca ou selo, sem caráter comercial, de modo que não há qualquer fim lucrativo no trabalho realizado, bem como nenhum tipo de remuneração para as moderadoras, que desempenham um trabalho voluntário.

Em Salvador, a moderação já passou por formações diversas e atualmente já apresenta uma configuração diferente daquela que encontrei quando decidi iniciar a pesquisa. Entre as moderadoras que forneceram relatos para a realização deste trabalho, duas foram responsáveis pelo início das atividades em Salvador, elas serão denominadas, neste trabalho, pelo pseudônimo de Sophie e Sethe⁸. Quando os relatos foram fornecidos, a moderação ainda contava com o apoio de ambas, bem como de três outras integrantes, aqui denominadas Lizzie, June e Elena. Dessas cinco moderadoras, sujeitas dessa pesquisa, somente Lizzie e June permanecem exercendo a função.

Em um *post* fixo do grupo fechado *Leia Mulheres Salvador* no *Facebook*, constam alguns dos objetivos do grupo, bem como, algumas orientações em relação à seleção das obras. De acordo com esse *post*, o clube se propõe a: debater exclusivamente livros escritos por mulheres, cuja temática traga à tona discussões sobre o ser mulher e/ou questões que lhe tangenciam; conhecer e ler mais autoras mulheres, abrindo um espaço para o debate. E esclarece que: o grupo se constitui em um espaço aberto a diferentes opiniões, sendo permitida a participação de pessoas de diferentes gêneros (não se tratando, portanto, de um clube exclusivamente composto por mulheres, embora seja frequentado, em sua maioria, por mulheres), classes sociais, credos; as experiências pessoais são admitidas e bem-vindas desde que haja ligação entre elas e o conteúdo da obra, mas o foco é a obra e sua relação com a vida e a realidade circundante; os debates devem ser pautados no respeito, e serão rechaçadas quaisquer postagens ou opiniões pautadas em preconceitos ou discriminações de qualquer natureza. Para participar dos encontros, não é indispensável que a pessoa tenha lido a obra em debate, embora seja recomendável e desejável que o tenha feito. Além disso, não se faz necessário ter qualquer domínio teórico sobre o assunto em debate, ou sobre teorias da

⁷ A obra debatida nessa ocasião foi *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie.

⁸ As moderadoras solicitaram que seus nomes fossem ocultados, de modo que elas são identificadas ao longo da escrita por pseudônimos. Os critérios empregados na escolha desses pseudônimos são detalhados no capítulo 4.

literatura, pois o propósito não é realizar uma análise teórica, mas partilhar a experiência de leitura.

Entre os critérios para escolha do livro em Salvador, encontram-se: número médio de páginas, para que seja possível a realização a leitura no tempo disponível, de modo que são privilegiadas obras não tão longas; baixo custo e fácil acesso de compra, para que seja financeiramente acessível. Embora sejam levados em consideração, é importante salientar que esses critérios não são rígidos e estão passíveis de flexibilização diante de circunstâncias específicas. As moderadoras também sempre estão atentas para contemplar obras de diversos gêneros do discurso (contos, crônicas, poemas, romances, autobiografias...), bem como à escolha de um leque diversificado de autoras no que se refere à origem geográfica, racial, à orientação sexual, buscando, ainda, ampliar ao máximo a gama de temas possíveis a serem abordados nos debates.

O sistema de seleção dos livros a serem discutidos também já passou por diversos formatos ao longo do tempo. Houve um momento recente em que a escolha era feita com base em um tema ou categoria a ser trabalhado(a) no mês – realizada pelas moderadoras com base em sugestões dadas pelas integrantes do grupo (exemplos de temas ou categorias: escritoras baianas, escritoras negras, autobiografias, escritoras latino-americanas, livro de contos, livro de poemas); seguida da sugestão de três ou mais títulos que atendessem ao tema escolhido – também comandada pelas moderadoras a partir de sugestões; o que resultava na abertura de enquete, no grupo virtual fechado, para votação; divulgação do resultado com antecedência média de um mês; leitura individual da obra escolhida pelo grupo; encontro presencial para debate da obra em questão.

Esse modelo, no entanto, apresentou algumas falhas a longo prazo: muitas pessoas que participavam do grupo no *Facebook* e respondiam às enquetes não compareciam no dia do encontro presencial para debater o livro escolhido; o prazo de um mês de antecedência era, muitas vezes, insuficiente para a aquisição do livro e inviabilizava a leitura de obras mais extensas por falta de tempo. Desse modo, as moderadoras julgaram melhor alterar a sistemática de escolhas. Atualmente, são feitas consultas periódicas (geralmente no último encontro do ano, que ocorre em dezembro), nas quais as integrantes do grupo avaliam o ano corrente e recomendam obras que gostariam de ler no ano seguinte. Essas obras são submetidas a uma espécie de curadoria por parte das moderadoras, que as selecionam levando em consideração os critérios já mencionados anteriormente. Os livros escolhidos são distribuídos ao longo dos doze meses seguintes e o calendário é divulgado, ou de uma vez, logo no início do ano, ou em dois blocos por semestre. Dessa maneira, as participantes têm a

possibilidade de se organizar melhor para a aquisição ou empréstimo dos livros e de se planejar para a leitura daqueles de maior extensão. Esse formato também apresenta algumas dificuldades, uma vez que nem sempre é possível seguir o calendário predefinido à risca, devido a imprevistos de caráter externo que podem interferir na data marcada ou na frequência dos encontros, porém, mesmo havendo alterações e ajustes, busca-se uma fidelidade aos livros propostos, ainda que a ordem seja alterada, para não prejudicar quem já adquiriu as obras.

Quanto ao local, os encontros, inicialmente, chegaram a ocorrer em livrarias, mas devido ao ruído no ambiente em função da presença de clientes, ou ainda, à venda e consumo de lanches no café do local, buscou-se outro espaço. Firmou-se, então, no *Leia Mulheres* da capital baiana, uma parceria com o Museu de Arte da Bahia (MAB), localizado no Corredor da Vitória, de modo que os encontros presenciais passaram a ocorrer em sua maioria nesse local, geralmente no último sábado de cada mês, salvo raras ocasiões em que foram realizadas edições especiais no teatro Eva Hertz, na Livraria Cultura.

2.3.2 A pesquisa em um cenário pandêmico

Um exemplo claro de como a metodologia da nossa pesquisa precisa estar aberta e considerar a fluidez da vida, das pessoas e do mundo e não deve estar engessada em moldes preestabelecidos, está sendo a pandemia da Covid-19, que chegou ao Brasil em 2020, impactando diretamente nossos contextos de pesquisa, bem como as nossas vidas particulares. Trata-se de uma situação bastante peculiar e completamente imprevista, que inviabilizou, por exemplo, a realização de encontros presenciais do *Leia Mulheres-Salvador* durante quase dois anos.

No início de 2020, conforme critérios já explicitados no tópico anterior, foi feita uma curadoria por parte das moderadoras do grupo para selecionar aquelas obras que seriam lidas ao longo do ano, com base em sugestões dadas pelas demais integrantes do clube em enquete realizada no final de 2019. A lista pronta foi divulgada nas redes sociais e estava organizada da seguinte maneira:

1º Semestre

Janeiro – *A vida invisível de Eurídice Gusmão* – Martha Batalha

Fevereiro – *Meus desacontecimentos* – Eliane Brum

Março – *Mulheres, raça e classe* – Angela Davis

Abril – *Redemoinho em dia quente* – Jarrid Araes

Maió – *Sobre os ossos dos mortos* – Olga Tokarczuk

Junho – *A ridícula ideia de nunca mais te ver* – Rosa Montero

2º Semestre

Julho – *Frankstein* – Mary Shelley

Agosto – *O calibã e a bruxa* – Silvia Federici

Setembro – *Vasto mar de sargaços* – Jean Rhys

Outubro – *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola* – Maya Angelou

Novembro – *Querida Konbini* – Sayaka Murata

Dezembro – *Pessoas normais* – Sally Rooney

Os encontros de janeiro e fevereiro ocorreram, como de costume, no MAB, sem maiores intercorrências. O de janeiro, inclusive, bastante cheio, com muitas das pessoas presentes alegando que já seguiam o grupo nas redes sociais, mas nunca haviam ido a um encontro presencial, e que haviam planejado, como resolução de ano novo, ler mais em 2020, e decidiram passar a frequentar os debates com esse propósito.

Só que o que viveríamos em 2020, como humanidade, não podia ser previsto, muito menos planejado. Foi inesperada e negativamente surpreendente a dimensão que a pandemia do novo coronavírus tomou, inclusive aqui no Brasil, onde o número de mortes já ultrapassa os 686 mil⁹. 2020, o ano que, para muitas pessoas, tinha tudo para ser... (e essa frase poderia ser complementada com mil sonhos realizados, mil metas alcançadas, mil adjetivos incríveis), acabou sendo um ano de luto, um ano de luta. Parte da nossa população, sobretudo aquela financeiramente privilegiada¹⁰, foi lançada em um contexto de isolamento social para tentar evitar, aqui no país, o colapso do sistema de saúde, que não teria como atender e dar assistência a todas as pessoas infectadas, uma vez que a velocidade de contágio do vírus é extremamente alta. A classe média passou, em sua maioria, a trabalhar em *home-office*. Escolas, comércio, praias e restaurantes fechados. Na ausência das aulas presenciais, tivemos

⁹ Fonte: Consórcio de veículos de imprensa a partir de dados das secretarias estaduais de Saúde. Dado disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movei/> Acesso em: 08 de Outubro de 2022.

¹⁰ Françoise Vergès, em *Um feminismo decolonial* (2020), expõe como o isolamento social, durante a pandemia do Covid-19, foi uma política das classes socialmente e financeiramente privilegiadas, cuja vida cotidiana foi sustentada na base da exposição e, frequentemente, da exploração do trabalho daqueles grupos aos quais o confinamento não foi facultado.

que nos adaptar muito rapidamente a uma rotina de aulas virtuais para as crianças (aquelas cujas realidades escolares tiveram recursos para viabilizar esse acesso).

Diante desse cenário, o posicionamento do grupo *Leia Mulheres* ficou a cargo de cada cidade. Alguns clubes, imediatamente, se prontificaram a realizar os encontros *on-line*, outros optaram por aguardar e observar o desenrolar dos acontecimentos.

No caso do *Leia Mulheres-Salvador*, particularmente, foi tomada a seguinte providência: o encontro previsto para o mês de março, para a discussão da obra *Mulheres, raça e classe* de Angela Davis foi adiado por tempo indeterminado, por se acreditar, em um primeiro momento, que logo teríamos condições de retomar os encontros.

Uma vez que o isolamento foi se prolongando e, diante das cobranças de algumas integrantes por encontros *on-line*, uma das moderadoras postou um vídeo, com um parecer das moderadoras, argumentando que, por ser o *Leia-Mulheres* um grupo cujo caráter é essencialmente de natureza presencial, elas não viam sentido em adequar as reuniões para o formato virtual, de modo que as páginas no *Facebook* e *Instagram* seguiriam com sugestões de livros, filmes, séries e afins, mas não seriam marcados encontros síncronos para o debate das obras. Foi esclarecido, também, que o calendário previsto para 2020 não estava cancelado, mas sim, pausado, em suspenso.

O cenário da pandemia se estendeu por muito mais tempo do que imaginávamos, de modo que fomos sentindo a necessidade de tocar nossas vidas, mesmo em meio ao que vinha ocorrendo. Emergiu, aos poucos, a necessidade de se reinventar. Mais uma vez, uma das moderadoras veio a público, mas desta vez, para propor um calendário alternativo em caráter experimental e com outros moldes. Foi proposta a leitura conjunta, por capítulos, do livro *O mito da beleza* de Naomi Wolf. A cada mês, seriam discutidos dois capítulos, que deveriam ser lidos previamente. A fim de organizar antecipadamente os encontros, disponibilizar o *link* de acesso e socializar sugestões de leituras complementares dadas durante os debates, foi criado um grupo no *WhatsApp* em que somente as administradoras, que são as próprias moderadoras, poderiam enviar mensagens. Nas horas após os debates, porém, o grupo permaneceria aberto para o envio de sugestões relacionadas ao conteúdo dos capítulos lidos e debatidos. As reuniões ocorreriam pelo aplicativo *Google Meet* e o *link* seria disponibilizado no dia do encontro com 30 minutos de antecedência.

O primeiro encontro foi agendado para o dia 15 de agosto, às 15h, para o debate sobre os dois primeiros capítulos da obra: *O mito da Beleza* e *O trabalho*. O encontro teve duração, aproximadamente de duas horas e meia. Considerando que essa foi uma primeira experiência, e devido ao tempo que rapidamente se esvaiu, foi marcado um novo encontro extraordinário

no dia 29 de agosto, no mesmo horário, para concluir a discussão sobre o segundo capítulo. As moderadoras passaram a disponibilizar, com antecedência, alguns tópicos que poderiam auxiliar nas nossas reflexões sobre os temas abordados, de modo que os principais aspectos de cada capítulo fossem contemplados nas falas. Dia 19 de setembro foram debatidos os capítulos *A Cultura* e *A religião*. Os capítulos *O sexo* e *A fome* ficaram agendados para o dia 24 de outubro. E um último encontro ocorreu em 21 de novembro para a conclusão dos capítulos *A violência* e *Para além do mito da beleza*.

A experiência de debate virtual das obras foi bastante gratificante. Tanto que se estendeu ao debate de outras obras no período que se seguiu. Somente em fevereiro de 2022, com a diminuição significativa no número de casos de Covid o grupo se sentiu seguro para retornar aos encontros presenciais, recomendando o uso de máscara como protocolo de segurança. Obviamente, há algo no caráter presencial, do olho no olho dos encontros no museu, que inevitavelmente se perdeu durante o extenso período *on-line*. No entanto, há que se louvar a iniciativa e reconhecer seus méritos. Tivemos que migrar do espaço público de um museu (o MAB) para os espaços íntimos de nossas casas. De um formato presencial, para um formato virtual, ao qual precisamos nos adaptar com urgência. Mas é fantástico constatar a riqueza proveniente dessa experiência, de perceber, por exemplo, que, desse modo, tivemos a presença de pessoas de outras localidades, com seus olhares e contribuições, que no modo presencial, não ocorreriam.

No meu caso, em particular, os encontros virtuais me permitiram uma assiduidade e participação que seria muito comprometida caso os encontros fossem presenciais, tendo em vista o nascimento da minha filha caçula, Bela. Eu, dificilmente, iria com ela, à tira colo, com um, dois ou três meses para um espaço público, mesmo se não houvesse pandemia. Mas, a partir do momento em que os encontros passaram a ocorrer, figurativamente, no escritório do meu próprio apartamento, isso se tornou possível. Algumas outras integrantes destacaram, também, o quanto essa facilidade de participar dos debates sem sair de casa lhes serviu de motivação para estarem presentes nos encontros.

Diante desse novo cenário, a metodologia da pesquisa também precisou ser reinventada, se ajustando ao que estava posto, sendo moldada, em parte, pelas circunstâncias imediatas, afinal, a vida continuou e a pesquisa não podia parar.

2.4 Procedimentos metodológicos complementares e critérios de seleção das sujeitas da pesquisa

Penso que o delinear de uma metodologia de pesquisa possui um caráter fluido e, como já disse, devemos ter abertura para nos adequar às demandas que surgem no decorrer da pesquisa, em outras palavras, devemos estar sensíveis às necessidades que a própria pesquisa impõe. Sendo assim, a metodologia que intento desenhar tem, por natureza, um caráter híbrido, tendo em vista que, muito embora a observação participante seja o cerne do trabalho desenvolvido, acredito que alguns outros procedimentos metodológicos podem ser adotados a fim de ampliar e aprofundar o escopo deste trabalho. A opção pela adoção de procedimentos metodológicos diversos está alinhada ao caráter metodológico híbrido defendido pela Análise de Discurso Crítica. Na percepção de Vieira e Resende (2016):

O método múltiplo que caracteriza a etnografia reduz o risco de abordagem unilateral do tema. Taylor (1996) pontua que a etnografia caracteriza-se por geração e coleta de dados por meio de diferentes métodos (entrevistas, conversas, observação, documentos formais); uso de abordagem sem estruturação rígida prévia e compreensão a partir de análise em profundidade. As conclusões são mais acuradas se baseadas em diversas fontes de informação, de modo colaborativo: não se trata de justapor informações obtidas por diferentes métodos, trata-se, antes, de obter diversas dimensões do objeto da pesquisa; por isso esse trabalho tem sido chamado de “multidimensional”. (VIEIRA; RESENDE, 2016, p.83, 84)

Sendo assim, os procedimentos metodológicos envolvidos na realização desta pesquisa consistiram em:

- a) Uma prolongada e consistente participação nos encontros do clube de leitura *Leia Mulheres-Salvador*: a minha presença assídua nos encontros do grupo desde abril de 2017 me permitiu partilhar dessa experiência de forma bastante intensa, de modo a me integrar ao grupo a ponto de ter propriedade para falar a seu respeito. É importante ressaltar que não ingressei no grupo para a realização da pesquisa. Ingressei antes mesmo de ser aprovada na seleção do doutorado, inicialmente, unicamente por identificação, por afinidade, por prazer, por acreditar na proposta do clube e abraçar a causa. A intenção da pesquisa surgiu posteriormente.
- b) Leitura prévia e atenta das obras indicadas: essas leituras foram feitas por mim, desde o início da minha participação no grupo, com afinco. Sou o tipo de leitora que, mesmo quando lê por fruição, costuma dissecar o livro: destaco com lápis ou marca-texto as partes que mais me interessam na obra, faço anotações nas margens e nas primeiras

páginas, encho o livro com marcadores e *post-its*. Minha leitura é estudo, mesmo quando o propósito não é estudo. Uma vez assumido o compromisso da pesquisa, apenas acrescentei às minhas preocupações uma atenção mais cuidada à proposição de temáticas e aspectos relacionados às identidades e às representações do ser mulher apresentadas por meio das personagens das obras.

- c) Anotações durante os encontros: também se trata de uma prática que ocorre desde o início. Geralmente, vou aos debates presenciais com blocos de notas, caderninhos, ou, quando isso não ocorre, tomo nota no celular mesmo. Nessas anotações constam observações interessantes feitas pelas demais integrantes, sugestões de leituras complementares, possíveis *insights* e epifanias que ocorram durante o debate a respeito das obras, da vida, de mim.
- d) Questionário escrito: a fim de avaliar o perfil das moderadoras do grupo.
- e) Relato guiado por escrito: inicialmente, imaginei realizar entrevistas semiestruturadas oralmente, mas, ao longo do percurso, percebi que, sobretudo com as mediadoras, era possível propor um exercício de escrita com algumas perguntas norteadoras, dando-lhes alguma liberdade para estruturar uma espécie de relato de sua experiência no clube, mas à sua maneira. A escrita lhes daria um tempo maior para refletir a respeito das questões propostas, consultar suas lembranças e as memórias construídas sobre os encontros, e estruturar melhor suas respostas. Além disso, sobretudo em se tratando das mediadoras, a escrita é um exercício com o qual muitas já estão familiarizadas e se sentem à vontade. Isso só foi possível porque não estive em busca de nada oculto. Interessa-me, sim, aquilo que elas se sentem confortáveis em narrar sobre sua própria trajetória no grupo e sobre os impactos das leituras e dos debates em suas próprias vidas. Eu poderia ficar especulando a partir do que me fosse respondido, em uma entrevista, as razões de ser de uma resposta ou de outra, mas não penso ser o meu papel. Prefiro que cada sujeita envolvida nessa pesquisa tivesse o direito de expor as suas próprias razões e de justificá-las, caso julgasse necessário. Acredito ser essa uma postura de respeito, de escuta, muito mais horizontal do que uma entrevista formal a ser posteriormente transcrita. Isso é respeito. É pesquisar com. É dar espaço, no trabalho, para que cada sujeita fale de si e por si e acreditar que aquilo que foi calado teve sua razão de ser.
- f) Encontros informais para conversas sobre o clube: no período pré-pandemia, esses encontros ocorriam de modo espontâneo após as reuniões, geralmente em algum café nas imediações do Museu de Arte da Bahia. Com o advento dos encontros *on-line*, as

conversas com as moderadoras ocorreram também nesse formato, sendo complementadas, muitas vezes, em diálogos com cada uma, individualmente via *WhatsApp*.

Vieira e Resende (2016), no entanto, salientam a importância de, diante da multiplicidade de procedimentos, definir aquele que será o *corpus* principal. Nessa pesquisa, esse *corpus* será constituído pelos relatos das cinco moderadoras, apresentados e analisados no capítulo 5 e reproduzidos na íntegra nos anexos deste trabalho.

Penso, ainda, que os procedimentos propostos aqui se alinham à argumentação de Ingold (2015), quando defende que “Conhecer alguém ou alguma coisa é conhecer sua história e ser capaz de juntar essa história à sua.” (INGOLD, 2015, p.236), ou ainda, quando afirma que:

[...] qualquer coisa – capturada em lugar e momento determinados – envolve dentro de sua constituição a história das relações que a trouxeram até aí. Em um mundo assim, podemos compreender a natureza das coisas apenas assistindo suas relações, ou em outras palavras, contando suas histórias (INGOLD, 2015, p.236)

Desse modo, as coisas, no sentido que Ingold lhes atribui, são as suas relações. Por isso, ele afirma que as coisas acontecem nos seus caminhos de movimento, em suas peregrinações, portanto as coisas “[...] são suas histórias.”. (INGOLD, 2015, p.239)

Ainda no que se refere aos procedimentos metodológicos, cabe aqui apresentar os critérios empregados na seleção das obras lidas, dos debates abordados e das sujeitas selecionadas para constituir a pesquisa.

Como o *Leia Mulheres-Salvador* é um clube já existente e com formato próprio de funcionamento já bem estabelecido, acredito que propor às coordenadoras uma intervenção mais direta minha, como pesquisadora, na definição dos temas, livros e autoras a serem abordados, além de soar invasivo, privaria o grupo de seu caráter democrático e, certamente, o descaracterizaria. As sugestões de leitura que faço, o faço como qualquer outra participante do grupo, de forma anônima, durante as enquetes, ou ainda, durante os encontros presenciais, sobretudo de final de ano. Selecionei as obras que compõem a pesquisa com base em critérios bastante intuitivos. Explico. Não é que a escolha tenha sido feita de maneira aleatória. Mas algumas obras me tocaram de maneira mais contundente, ou ainda, renderam um debate extremamente profícuo no encontro presencial, ou desencadearam alguma polêmica ou questão que merece ser aprofundada com base em um aporte teórico mais consistente. Outras

apresentam temáticas por demais relevantes para serem deixadas de lado. E há também aquelas que à primeira vista pareciam irrelevantes, mas que, durante a própria escrita do trabalho, vieram à tona num fluxo de memória tão intenso que não poderiam ser desconsideradas. Além disso, receberam destaque, também, as obras mencionadas pelas moderadoras nos questionários e nos relatos, ainda que eu não tenha estado presente nos encontros em que foram debatidas.

Nesse aspecto, também, nunca tive a intenção de estabelecer previamente qual obra seria abordada, qual encontro entraria para a pesquisa. Encontros aparentemente promissores podem não render tanto quanto previa a minha vã expectativa. Encontros significativos podem surgir de obras das quais eu não esperava tanto. Ao perceber essas oscilações, fui compreendendo, aos poucos, que não valeria à pena me agarrar a números, ou a títulos. Era preciso estar presente nos encontros e atenta ao que ali viesse a ocorrer. Seria preciso, durante a escrita, estar aberta para incorporar os *insights* que porventura surgissem.

Por fim, gostaria de destacar os critérios estabelecidos para a seleção das sujeitas da pesquisa. Em determinado momento, cheguei à conclusão de que a quantidade de participantes da pesquisa não necessariamente se reflete em qualidade e consistência do trabalho realizado. O grupo que pesquiso não possui um número fixo de integrantes, não requer inscrição e não depende de um comprometimento permanente com relação à frequência. De modo que aquela pessoa que teve uma participação considerável em um debate pode nunca mais retornar para outro encontro. Por outro lado, outra que comparece a todos os encontros pode permanecer calada a maior parte do tempo, realizando apenas intervenções muito pontuais. Em alguma medida, todas as participações que presenciei podem vir a constar na escrita do trabalho, e a essas pessoas está assegurado o anonimato. Por outro lado, considerei complicado contemplar a totalidade de participantes que passaram pelos encontros no decorrer desses anos, ou ainda, selecionar, arbitrariamente, quem viria a constituir a pesquisa. Como seria feita essa seleção? Que critérios eu empregaria? Há integrantes antigas no grupo que são sazonais: desaparecem por longos tempos e depois reaparecem. Outras são recém-chegadas, mas desde que entraram, não faltam a um encontro sequer. Considerando todas essas nuances, parei para observar com calma a configuração da moderação do grupo, e ponderar a possibilidade de focar a pesquisa nos relatos das moderadoras. O formato *on-line* que se estendeu por quase dois anos também contribuiu para essa decisão, tendo em vista que seria mais viável e acessível o contato com as moderadoras, que eu já conhecia e com as quais já tinha estabelecido uma relação.

Como a composição da moderação do grupo também sofre alterações com frequência, as cinco moderadoras que se constituem em sujeitas dessa pesquisa e os relatos fornecidos por elas são, na verdade, o retrato de um intervalo de tempo bem específico do grupo em Salvador. A reunião em que expus o formato dos relatos para as moderadoras foi realizada em dezembro de 2020. Em seguida, encaminhei o questionário e os tópicos para elaboração dos relatos para cada uma por *e-mail*. Os relatos foram escritos por cada uma a seu tempo e entregues para mim, também por *e-mail*, até março de 2021. Ou seja, compõem o *corpus* desta pesquisa os relatos das moderadoras vigentes nesse intervalo. Três delas deixaram a moderação meses depois, permanecendo no grupo ocasionalmente como integrantes, e uma nova moderadora ingressou em 2022, mas não entra no escopo da pesquisa, tendo em vista que os dados já estavam em estado avançado de análise.

Observei, no referido período, que a moderação era composta por cinco mulheres. Duas dentre elas responsáveis pela fundação do grupo em Salvador. Duas outras participavam do grupo há bastante tempo (em torno de 3 anos) de forma assídua, mas só assumiram a moderação após a saída de duas das moderadoras da formação inicial. Somente uma ingressou no grupo posteriormente (cerca de 2 anos quando os relatos elaborados), tendo assumido a moderação em seguida. Todas assíduas e participativas, o que, além de facilitar o meu acesso a elas como pesquisadora (tendo a garantia, por exemplo, de que elas não irão desaparecer subitamente, e de que eu poderia entrar em contato sempre que necessário para desfazer qualquer dúvida), ampliaria o repertório de encontros de que participaram, assegurando experiências diversificadas e consistência para resgatar essas experiências em seus relatos. Sendo assim, decidi que os questionários, relatos e conversas planejadas (procedimentos descritos anteriormente) seriam realizados exclusivamente com essas cinco integrantes, tendo em vista que todas atendem aos únicos critérios que eu havia estabelecido no projeto: são mulheres e estão integradas ao *Leia Mulheres-Salvador*.

Tendo em vista que esta é uma pesquisa científica envolvendo seres humanos, vale ressaltar que foi submetida aos parâmetros estabelecidos pelo Comitê de Ética, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal da Bahia, conforme parecer de número 3.676.780, que consta no Apêndice D deste trabalho. As moderadoras, por sua vez, estiveram, desde o início da pesquisa, cientes das minhas intenções por meio de conversas e da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que apresenta os objetivos da pesquisa, cujo modelo também pode ser verificado no Apêndice C deste trabalho.

3 PRÁTICA DISCURSIVA, PRÁTICA SOCIAL E MUDANÇA SOCIAL NO CONTEXTO DO *LEIA MULHERES-SALVADOR*

A compreensão de que as práticas discursivas pertencem ao conjunto mais amplo das práticas sociais e estão estreitamente atreladas a estas, exercendo influências mútuas, nos permite ter a dimensão da sua relevância e contribuição para processos mais amplos de mudança social. Todo evento discursivo carrega em si inúmeras potencialidades de manutenção de um contexto social, ou de proposição de mudanças nesse contexto, sendo perpassado por diversas ideologias, e possuindo um caráter político. Desse modo, no presente capítulo, me proponho a articular as observações realizadas no meu contexto de pesquisa, o clube de leitura *Leia Mulheres-Salvador*, bem como algumas das leituras realizadas nesse contexto, com algumas reflexões teóricas que se mostraram pertinentes para a análise e compreensão desse evento discursivo, como sendo uma ocasião que se insere num contexto mais amplo de mudança social.

Para tanto, debato, inicialmente, os conceitos de *discurso* e *mudança social*, tomados da Análise de Discurso Crítica (ADC), com base em Fairclough (2016 [2001])¹¹, e Vieira e Resende (2016), avaliando suas implicações no cenário do referido clube de leitura. Em seguida, reflito acerca do conceito de prática discursiva sob uma perspectiva política e ideológica, propondo um diálogo com o campo de estudos da Linguística Aplicada Crítica (LAC), partindo, sobretudo da visão de Kleiman (2013). Para aprofundar o debate proposto, resgato o propósito do grupo em análise ao se identificar com ideais feministas e a sua relevância ao suscitar problematizações em torno da produção, distribuição e consumo da literatura escrita por mulheres no Brasil, problematizações essas que retomo e reitero aqui compactuando com o ponto de vista de Dalcastagnè (2012), e aprofundando os conceitos de *lugar de fala e representação*, pensados de um ponto de vista feminista, em diálogo com o recorte específico do Feminismo Negro, com autoras como Ribeiro (2017).

Busco estabelecer essas reflexões, entrelaçando-as com alguns dados observados a partir da avaliação de como obras escritas por mulheres vem sendo representadas em algumas mídias e encaradas pelo mercado editorial e por algumas instituições sociais, bem como da leitura de alguns livros propostos pelo grupo, e de opiniões expressas nos encontros presenciais para debatê-los. Julguei necessário estabelecer essas articulações com o caráter prático da pesquisa, tendo em vista a percepção de que as teorias aqui dispostas devem servir de suporte para uma reflexão sobre as práticas discursivas em análise, não fazendo sentido,

¹¹ Tradução André R.N. Martins et al.

portanto, deixá-las soltas como se a sua explanação tivesse um propósito imanente independente da pesquisa em si. Os dados e obras aqui selecionados estão longe de esgotar as possibilidades de análise do contexto em questão, mas julgo esse exercício de entrelaçar teoria e prática como um aspecto que deve ser prioritário, sobretudo, em pesquisas de caráter crítico.

3.1 Discurso e Mudança Social: a perspectiva da Análise de Discurso Crítica

Em seu livro “Discurso e Mudança Social” (2016 [2001]), Fairclough pontua que as mudanças nos usos linguísticos estão relacionadas a processos sociais e culturais mais amplos, ressaltando a relevância de se empregar a análise linguística como um método para compreender mudanças sociais. Seu objetivo na referida obra, é, portanto, o desenvolvimento de uma abordagem que investigue as mudanças linguísticas e que seja útil na compreensão de mudanças sociais e culturais. Para tanto, ressalta a necessidade de articulação entre métodos de análise da linguagem, oriundos da Linguística e dos Estudos da Linguagem, e teorias do pensamento social e político que sejam relevantes na análise do tema em questão, trabalho que poderia há muito ter sido realizado, não fosse a distância que isolava os estudos linguísticos de outras ciências sociais, em função do imperativo formalista e cognitivo que dominou os estudos da linguagem por tanto tempo.

Na abordagem que desenvolve, o autor critica a visão adotada por algumas teorias do discurso, nas quais os textos são tomados como produtos acabados e aponta para a necessidade de se atentar para os processos dinâmicos que compreendem a produção e a interpretação textual e as tensões neles implicadas.

Central no debate proposto é o conceito de *discurso*, considerado difícil por possuir várias acepções, por vezes conflitantes, provenientes de diversas perspectivas teóricas e disciplinares. Poderíamos, aqui, nos debruçar sobre cada uma dessas acepções, mas, para o propósito da pesquisa ora apresentada, é suficiente que definamos e nos aprofundemos na abordagem proposta por Fairclough (2016), tendo em vista, que será essa a visão adotada neste trabalho. Nesse sentido, compreende-se que:

Os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as ‘constituem’; diferentes discursos constituem entidades-chave [...] de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais [...] e são esses efeitos sociais do discurso que são focalizados na análise do discurso. (FAIRCLOUGH, 2016, p.22)

Nessa perspectiva, podemos observar que todo evento discursivo constitui uma prática social. Práticas sociais são formas recorrentes, situadas no tempo e no espaço, por meio das quais (inter)agimos no mundo. Por meio delas, a linguagem se apresenta como discurso, ou seja: “[...] uma parte irreduzível das maneiras como agimos e interagimos, representamos e identificamos a nós mesmos, aos outros e a aspectos do mundo por meio da linguagem” (VIEIRA; RESENDE, 2016, p.17).

Vale ressaltar que as mudanças sociais não se restringem exclusivamente às mudanças linguísticas, mas se faz necessário reconhecer a relevância das práticas de linguagem nesses processos. Um indício de como essas práticas são significativas consiste no fato de que diversas tentativas de direcionar mudanças sociais, muitas vezes são empreendidas tendo como gênese iniciativas direcionadas a mudar as práticas de linguagem, afinal:

As práticas discursivas em mudança contribuem para modificar o conhecimento (até mesmo as crenças e o senso comum), as relações sociais e as identidades sociais; e necessitamos de uma concepção de discurso e de um método de análise que contemplem a relação entre essas áreas. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 28)

Em seu livro de ensaios intitulado *Os homens explicam tudo para mim*, cuja primeira edição foi publicada no Brasil em 2017, a jornalista, historiadora, escritora e militante feminista Rebecca Solnit reserva algumas páginas para discutir a importância de denominar ou mesmo renomear determinados fenômenos sociais a fim de se alcançar uma melhor compreensão sobre os mesmos. A autora argumenta que a linguagem é poder, ilustrando essa assertiva com exemplos relacionados ao uso da violência. Segundo ela, o emprego de “interrogatório forçado”, em vez de “tortura”, ou de “danos colaterais” em vez de “crianças assassinadas”, quebra a potência que a linguagem teria na transmissão de sentidos, potência essa que nos permite enxergar a relevância de determinados fenômenos. Desse modo, o poder da linguagem pode funcionar como uma via de mão dupla, podendo ser empregado tanto no sentido de enterrar determinados significados, como com o propósito de desenterrá-los, de fazê-los vir à tona:

Se você não tem palavras para nomear um fenômeno, uma emoção, uma situação, não poderá falar a respeito, o que significa que não poderá se reunir com outras pessoas para tratar do problema, e muito menos mudar a situação. Expressões de uso comum nos Estados Unidos [...] nos ajudaram a descrever o nosso mundo e também a transformá-lo. Isso pode ser particularmente verdade acerca do feminismo, um movimento focado em dar voz a quem não tem voz e poder a quem não tem poder. (SOLNIT, 2017a, p.165, 166)

Não se trata, aqui, obviamente, de atribuir à linguagem um poder místico, como em textos religiosos, em que a simples verbalização de determinadas palavras traria à existência uma realidade outrora inexistente, como ocorre na narrativa bíblica sobre a criação do universo, em que Deus diz “Faça-se” e algo é criado. Trata-se, no entanto, de reconhecer o seu poder no contexto social quando, ao designar adequadamente determinados fenômenos, nos permite dar a eles a relevância que merecem em determinados contextos e debates.

Gnerre (2009), no livro *Linguagem, escrita e poder* apresenta uma argumentação semelhante em relação a esse mesmo tema, quando afirma que o poder que as palavras têm é enorme, sobretudo por carregarem em si conjuntos de crenças e valores, enfim, conteúdos ideológicos aceitos e codificados no interior de determinadas culturas. Tal fenômeno favorece a comunicação entre os grupos que se apropriam dos usos dessa linguagem e manipulam esses signos e, simultaneamente, impedem a comunicação de informações para grandes setores da população (GNERRE, 2009).

Com relação a isso, Vieira e Resende (2016) argumentam que:

Quando ouvimos uma pessoa se referindo a um evento como “ação policial” e uma outra pessoa se referindo ao mesmo evento como “crime” ou, ainda, uma se referindo a alguém como “jovem” e outra como “delinquente”, fica claro o que significa representar o mundo de maneiras particulares, que revelam modos também particulares de ver e entender o mundo, as pessoas, as relações sociais, as lutas de poder. (VIEIRA; RESENDE, 2016, p.19)

Em Fairclough (2016) encontramos essa discussão quando este afirma que um dos focos de análise da teoria que propõe recai sobre as lexicalizações alternativas e sua significância política e ideológica e sobre a “relexicalização” de domínios da experiência como um aspecto importante das lutas sociais e políticas. No interior de muitas lutas, inclusive, o que entra em disputa são os sentidos atribuídos às palavras. Essas estruturações particulares das relações entre as palavras e das relações entre os sentidos de uma palavra, o autor interpreta como manifestações de uma hegemonia, ou seja, como manifestações de poder.

Ampliando as reflexões sobre a linguagem (compreendida nessa perspectiva multifuncional), da esfera da palavra para a esfera do discurso, podemos concluir que os discursos que circulam numa dada sociedade são capazes de, simultaneamente, representar a realidade, ordenar as relações sociais e estabelecer identidades, de modo que ideologias e hegemonias são produzidas, reproduzidas e contestadas no discurso. Por exemplo, os textos que são selecionados em dadas instâncias discursivas e a maneira como se articulam

dependem de como aquele evento discursivo, em particular, está situado em relação às hegemonias, ou seja, se ele contesta as práticas e relações hegemônicas existentes ou se as toma como dadas.

Ao propor a elaboração de uma teoria social do discurso, Fairclough (2003) avança na proposta de condensar uma análise do discurso textualmente orientada e o pensamento político relevante para o discurso e a linguagem, a fim de constituir um quadro em que o discurso seja compreendido de maneira tridimensional, como texto, prática discursiva e prática social. Para tanto, delinea e aprofunda aquilo que compreende por *discurso*, salientando as deficiências de abordagens da análise do discurso orientadas linguisticamente no que se refere aos aspectos sociais, bem como a carência de uma análise linguística mais aprofundada na perspectiva social do discurso.

Há, pelo menos, duas implicações da adoção do conceito de discurso nessa perspectiva: primeiramente, se reconhece o discurso como um modo de agir sobre o mundo e sobre as outras pessoas, e como uma maneira de representá-lo; em segundo lugar, estabelece-se uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, de modo que ambos são, simultaneamente, condição e efeito um do outro, ou, nas palavras do autor, entende-se que:

[...] o discurso é socialmente constitutivo. [...] O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2016, p.95).

Em outras palavras, o discurso contribui: na constituição das identidades sociais, bem como na construção das relações sociais entre as pessoas, e ainda, na construção dos sistemas de conhecimento e de crença.

3.2 Prática discursiva como ação política e ideológica – diálogos com a Linguística Aplicada Crítica

Todavia, faz-se necessário enfatizar o aspecto dialético da relação entre discurso e estrutura social, a fim de evitar erros de ênfase exagerada em um desses aspectos, o que resultaria em equívocos, ambos perigosos, na compreensão deste fenômeno. Se, por um lado, o discurso não pode ser compreendido como mero reflexo do social, por outro, ele também não é origem absoluta do social. Os seus efeitos constitutivos atuam, sempre, aliados a outras práticas sociais. Não se trata, portanto, de uma sociedade que se constitui a partir de ideias

livremente formuladas na mente das pessoas, mas de práticas sociais que se enraízam em estruturas sociais mais profundas e concretas e que para elas se orientam. Não se deve, também, atribuir um peso desproporcional à determinação do discurso pelas estruturas, sejam elas discursivas ou não. A visão dialética reconhece haver entre a prática discursiva e o evento discursivo uma complexa e variável relação de luta e contradição, de modo que as estruturas que lhes subjazem não manifestam senão uma fixidez temporária.

A Fairclough (2016), e a esta pesquisa em particular, interessa, sobretudo a perspectiva de discurso como prática política e ideológica. Na primeira concepção, ele é capaz de estabelecer, manter e transformar as relações de poder e os próprios grupos que estabelecem essas relações. Como uma prática ideológica, por sua vez, pode vir a constituir, naturalizar, manter e transformar os significados do mundo. Uma vez que a ideologia pode ser compreendida como os próprios significados gerados nas relações de poder a partir do exercício e da luta pelo poder, as práticas política e ideológica estão intrínseca e irrevogavelmente conectadas.

É importante salientar que, ao adotarmos o discurso como objeto de estudo e de análise, ampliamos o campo de estudos da linguagem para outras esferas de circulação que estão muito além dos tradicionais estudos em contexto de sala de aula e/ou dos processos de ensino-aprendizagem de línguas. Obviamente, é possível se debruçar sobre os discursos que circulam no contexto de sala de aula em relação a temas variados, ou no que tange à interação docentes-estudantes por meio das interlocuções em classe, ou ainda, os discursos de docentes ou de estudantes no que se refere a determinados temas, em confronto com a sua prática. Mas a compreensão de discurso como uma prática social requer o reconhecimento de que eventos discursivos que ocorrem em contextos sociais diversos possuem relevância e podem ser tomados como objeto de pesquisa. Tal compreensão parte do pressuposto de que os discursos são justamente esse elemento constitutivo dos seres humanos e das suas relações sociais e que, qualquer que seja o contexto em que sejam produzidos, transformam-se simultaneamente, indivíduo e sociedade.

É nesse sentido e nessa perspectiva que defendo, neste trabalho, a relevância de investigar e compreender discursos que circulam em contextos sociais diversos. No caso da pesquisa aqui proposta, particularmente, serão considerados os discursos que circulam no contexto do clube de leitura *Leia Mulheres-Salvador*, evento de leitura e debate, espaço de expansão da experiência leitora das integrantes que o constituem, que ocorre de maneira não institucionalizada, muito além dos muros de escolas e universidades e sem nenhuma pretensão acadêmica. Em todos os encontros, as moderadoras esclarecem que o objetivo, ali, não é

esgotar a obra, ou estudá-la opor um viés teórico específico, e que, para participar, não se faz necessário ter nenhum tipo de conhecimento especializado relacionado à Teoria da Literatura, por exemplo, basta ter lido a obra e trazer contribuições pautadas na sua própria experiência leitora e social.

Feito esse parêntese, é preciso pontuar que:

[...] se a linguagem é uma prática social, ao estudarmos a linguagem estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva; [...] nossas práticas discursivas não são neutras, e envolvem escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder, que provocam diferentes efeitos no mundo social [...]. (FABRÍCIO, 2006, p.48)

É nessa interface entre o linguístico e o social que os diálogos e intercessões com a Linguística Aplicada Crítica (LAC) podem vir a ser bastante produtivos. Desde os trabalhos publicados a partir da década de 1980, é possível perceber a reivindicação, por parte dos estudiosos da Linguística Aplicada (LA), de uma emancipação em relação ao núcleo mais rígido e formalista da Linguística. Nessa época, já se defendia um compromisso social da LA na resolução de problemas em que a linguagem desempenhasse um papel central, aproximando-a dos Estudos Culturais, das Ciências Sociais e atribuindo-lhe um caráter transgressivo e crítico em consequência da necessidade social de se problematizar a área:

No Brasil, [...] desde a década de 1990, diálogos muito frutíferos vêm se desenvolvendo entre a Linguística Aplicada e outras ciências sociais e humanas – *i.e.*, com teorias críticas da Análise do Discurso, com a Crítica Literária, os Estudos Culturais, a Antropologia, a Sociologia – perseguindo respostas para as investigações que se ocupam de questões em que a linguagem tem um papel constitutivo nos saberes, nas configurações identitárias e nas relações – feministas, étnico-raciais, sociais – que formam, conformam, informam, transformam as realidades que construímos. (KLEIMAN, 2013, p.42, 43)

Pesquisas que assumem esse posicionamento tendem a resultar em construções sociais e epistêmicas que consideram e incorporam saberes, práticas e valores locais, posicionando-se criticamente em relação ao poder hegemônico no que se refere a aspectos culturais, epistêmicos, econômicos, raciais e de gênero. Nesse sentido, a LAC, em consequência do foco que atribui à produção de realidades sociais por meio das práticas discursivas, se encontra em uma posição que favorece a visibilidade e a compreensão das resistências de grupos que, a partir da periferia global, produzem novos saberes contra-hegemônicos, num processo de transformar o global a partir do local (KLEIMAN, 2013). De acordo com a autora, uma pesquisa acadêmica que entenda as histórias locais como estratégias de

(re)configuração de identidades e de sistemas de conhecimentos a partir daqueles grupos que se encontram nas periferias em relação aos centros de poder, se opõe a teorias que compreendem essas identidades como debilitadas, frágeis. É uma postura que fortalece essas pessoas, uma postura ética, portanto, mas que requer de quem pesquisa um posicionamento no sentido de definir o coro de vozes do qual quer fazer parte.

Desse modo, o que está sendo proposto por essa configuração transdisciplinar da LAC requer de nós, que empreendemos pesquisas, uma abertura para a possibilidade política de que esta contemple outras histórias sobre quem somos, para tanto, precisamos nos questionar em nome de quê, de que projeto de vida e social, de que alternativa de poder estamos falando, pesquisando e criando saberes, e ter a confiança para fazer a travessia, a mudança. Lopes (2006) defende que as pesquisadoras e pesquisadores que adotam essa perspectiva:

[...] entendem que suas atividades científicas têm uma dimensão política. Eles percebem que, ao proporem suas análises, estão tentando influenciar a forma como as coisas se apresentam, isto é, intervir na realidade que aí está. Nesse sentido, têm plena consciência de que são ativistas políticos. Não é de estranhar que venham sendo alvos de críticas mais ferrenhas por parte daqueles que ainda nutrem a ilusão da neutralidade científica. (LOPES, 2006, p.163)

Realizar essa mudança de paradigma, no entanto, envolve, também, a possibilidade de, no processo, alterarmos quem somos, como interagimos com o meio que nos circunda. Ela não é algo objetivo externo a nós, pronto para ser descoberto, pelo contrário, ela requer uma participação ativa nossa, da compreensão que temos a seu respeito. Resistir a esse processo, temê-lo, é natural, pois toda mudança acarreta incertezas, ansiedade e carrega consigo o receio do risco.

Logo, podemos perceber que as preocupações da LAC nessa perspectiva crítica recaem sobre a criação de uma série de novos e complexos questionamentos sobre ética, política e conhecimento, considerando questões de acesso, poder, diferença, desigualdade e resistência, atreladas às condições sócio-históricas de produção e reprodução das relações sociais. Assumir uma postura crítica adquire, nesse sentido, um caráter de busca por possíveis explicações para as situações que se apresentam. É incorporar, por consequência, um caráter ativista na luta por democracia social, uma vez que são denunciadas práticas de dominação e conflitos sociais que podem impedir a dinâmica democrática da sociedade, permitindo aumentar a consciência sobre como a linguagem pode contribuir para reforçar ou desconstruir a dominação de umas pessoas sobre as outras, passo fundamental nos processos de emancipação. Trata-se, portanto, de um projeto epistemológico com implicações na vida

social, com conhecimentos que reverberam em mudanças significativas na vida social contemporânea (LOPES, 2006).

Cresce, dessa maneira, nas pesquisas em LAC:

A visão do discurso como constitutivo da vida social e de um sujeito heterogêneo e contraditório [...] assim como teorizações que incorporam nossa existência corpórea e aspectos identitários, notadamente, aquelas que dizem respeito a identidades como performances. (LOPES, 2006, p.30. Grifos do autor)

Nesse contexto, são pertinentes as reflexões sobre como as pessoas constroem a realidade no seu entorno, seus sistemas de crença, como se identificam e como representam a si mesmas e às demais. Torna-se relevante, ainda, oferecer atenção aos processos de produção e interpretação social, caracterizados por tensões e embates que podem ser relacionados à dimensão das práticas sociais e da mudança social no discurso.

Desse modo, o diálogo com a Análise de Discurso Crítica revela-se latente. Fairclough (2016) defende que cabe a quem pesquisa o desafio de buscar compreender como integrantes de determinados grupos sociais se articulam a fim de produzir mundos ordenados e explicáveis. No entanto, são feitas três importantes ressalvas:

[...] argumentaria que, ao produzirem seu mundo, as práticas dos membros são moldadas, de forma inconsciente, por estruturas sociais, relações de poder e pela natureza da prática social em que estão envolvidos, cujos marcos delimitadores vão sempre além da produção de sentidos [...]. Argumentaria também que a prática dos membros tem resultados e efeitos sobre as estruturas sociais, as relações sociais e as lutas sociais, dos quais outra vez eles geralmente não têm consciência. E, finalmente, argumentaria que os próprios procedimentos que os membros usam são heterogêneos e contraditórios e contestados em lutas de natureza parcialmente discursiva. (FAIRCLOUGH, 2016, p.104, 105)

Em síntese: as práticas sociais de integrantes de uma comunidade sofrem influências das estruturas sociais que lhes são subjacentes, enquanto, por outro lado, simultaneamente, tais estruturas vão sendo modificadas por essas práticas, sendo ambos os processos, na maior parte das vezes, inconscientes para quem deles participa; por fim, as próprias estratégias empregadas no interior da comunidade não são uniformes e homogêneas, e sim, por vezes, antagônicas.

Se pensarmos as implicações desses argumentos no contexto do clube de leitura *Leia Mulheres*, podemos situá-lo da seguinte maneira: as reuniões do *Leia* são eventos discursivos moldados pela prática social denominada clube de leitura e, como tal, possuem, também, um caráter político e ideológico. Os discursos produzidos por cada integrante do grupo são

moldados, de forma inconsciente, por pelo menos três aspectos subjacentes: as estruturas sociais, as relações de poder e a própria natureza do clube de leitura. Quem ali chega advém de algum lugar social, ocupa diferentes espaços nas relações de poder e coloca o seu ponto de vista diante do grupo trazendo essa bagagem pessoal, mas também, levando em consideração as regras de funcionamento do grupo e a natureza horizontal, dialogada da interação que se estabelece naquele contexto em particular. Em contrapartida, as práticas discursivas que ocorrem nos encontros também têm interferência nas estruturas, relações e lutas sociais, uma vez que elas não ecoam no vazio. Há escuta, há reflexão e pode haver mudanças de práticas num contexto social mais amplo, resultantes dos debates ali realizados. Sem falar que a realização das reuniões por si já é uma ruptura, uma transgressão ao propor a leitura de obras que problematizam as questões de gênero, raça e classe num país em que tais categorias são responsáveis não somente por diferenças, mas por desigualdades. Por fim, é possível reconhecer que, justamente em razão das diversas origens sociais de cada participante do grupo, não são homogêneos os discursos que circulam nas reuniões e que, diversas vezes eles chegam a ser, até mesmo, contraditórios, sendo contestados por outras participantes, tendo em vista que um dos objetivos do grupo é justamente essa abertura para ouvir, concordar ou contestar as opiniões proferidas durante o encontro.

Outro aspecto referente ao contexto de um clube de leitura que merece ser salientado é que as práticas discursivas ali desenvolvidas não ocorrem de maneira totalmente espontânea, e, muito menos, aleatória, mas são práticas pautadas na leitura e interpretação de obras literárias. Nesse sentido, não podemos perder de vista que cada obra literária é um texto, escrito, que, embora seja passível de um significado potencial, possui uma heterogeneidade constituinte que lhe atribui um caráter aberto a múltiplas interpretações. Daí a natureza ambivalente e, por vezes, polêmica de alguns encontros, afinal não há a imposição de um sentido absoluto e correto ao texto lido, pelo contrário, cada integrante pode, a partir do seu repertório de leitura, da sua experiência vivida, e do seu lugar social, atribuir interpretações ao texto lido, dentro das possibilidades oferecidas pelo próprio texto.

Fairclough (2016) salienta que a prática discursiva envolve três processos distintos: a produção, a distribuição e o consumo textual, e a natureza desses processos varia conforme fatores sociais. Segundo ele, tanto a produção, como o consumo podem ser individuais ou coletivos, e é preciso atentar para o fato de que:

[...] os textos apresentam resultados variáveis de natureza extradiscursiva, como também discursiva. Alguns textos conduzem a guerras ou à destruição de armas nucleares; outros levam as pessoas a perder o emprego ou a obtê-lo; outros ainda

modificam as atitudes, as crenças ou as práticas das pessoas. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 112)

Suponho que o modo como um texto é consumido pode afetar o impacto dele sobre as pessoas. Uma leitura individual, silenciosa, que se encerra no silêncio de um quarto pode impactar o quem realiza a leitura de uma maneira completamente diferente daquela realizada coletivamente, na qual é possível trocar impressões a respeito do texto lido, compartilhar distintas interpretações e, ainda, debater a respeito dos pontos de discordância. O *Leia Mulheres* propõe às participantes a existência dos dois momentos: um momento individual de leitura realizado anteriormente ao encontro presencial, e outro coletivo para debater a obra. Logo, trata-se de uma experiência leitora, ou de um consumo de texto bastante proveitoso, tendo em vista que cada pessoa pode tirar suas próprias conclusões a respeito da obra lida, sem a interferência das interpretações realizadas por outras pessoas, e, posteriormente, socializar essas impressões, e ter a oportunidade de ser confrontados com pontos de vista diferentes sobre a mesma obra. É nesse sentido que argumento que os resultados individuais podem ser modificados nesse processo coletivo. Aspectos que passaram despercebidos na leitura individual podem passar a ser preponderantes a partir do momento em que se tem outro olhar sobre a mesma questão e, nesse processo, o potencial transformador da leitura adquire uma dimensão ainda mais potente, podendo vir a modificar as atitudes, as crenças ou as práticas dessas pessoas.

3.3 Literatura, ideologia e luta contra-hegemônica

O texto literário, em si, pode ser compreendido, simultaneamente, como forma de expressão, de representação, de identificação e de resistência. Enquanto algumas pessoas o consideram frívolo e acessório, tantas outras o compreendem como sendo o próprio espaço de germinação da esperança, de desabafo, ou de denúncia, se constituindo, dessa forma como essencial para a sua existência. Quando a existência não apresenta grandes desafios ou novidades, a literatura pode se desvelar como esse espaço do novo, do desconhecido, do inatingível, da aventura, do utópico. Desse modo, nos move. Quando a realidade se apresenta sombria, indigesta e desalentadora, ela nos aponta alternativas, nos põe alertas, nos enche de vigor e fôlego para seguir resistindo. E, mais uma vez, nos move. Engana-se quem acredita que o universo ficcional se encerra em si mesmo. Ele rasura, transgride, extrapola. Os contornos entre a ficção e a realidade, por vezes, se esmaecem, tornando-se difícil discernir os limites entre o real e o imaginado. Quando compartilhada, essa experiência pode vir a se

tornar ainda mais contundente. Não são raros os depoimentos de frequentadoras do grupo *Leia Mulheres-Salvador* no sentido de afirmar como suas impressões a respeito da obra foram modificadas a partir da escuta dos depoimentos de outras integrantes. Muitas também destacam como não haviam pensado a respeito de determinadas questões durante sua leitura individual, ou ainda, como sua visão e práticas a respeito de determinados temas foram modificadas a partir das reflexões tecidas durante os debates presenciais do grupo. Veremos essa percepção expressa de forma mais detalhada na visão das moderadoras no capítulo 5, em que são analisados os seus relatos.

Todavia, é preciso salientar que os processos de produção e interpretação possuem, pelo menos, dois tipos de restrição social: em primeiro lugar, há a restrição imposta pelos próprios recursos de que dispomos, resultantes de estruturas sociais interiorizadas, normas, convenções e ordens do discurso para a produção, distribuição e consumo dos textos, que foram constituídas por meio de práticas e lutas sociais passadas; segundo, pelas especificidades da prática social de que fazemos parte, a qual irá determinar os elementos a que cada indivíduo recorre.

Para a discussão do terceiro aspecto da sua teoria tridimensional do discurso, ou seja, a concepção de discurso como prática social, Fairclough (2016) recorre aos conceitos de *ideologia, hegemonia e mudança discursiva*.

A teoria sobre ideologia mais influente nos recentes debates acerca de discurso e ideologia é a perspectiva crítica apresentada por Thompson (2002), de acordo com a qual a ideologia será considerada “um conceito inerentemente negativo.” (VIEIRA; RESENDE, 2016, p.27). Nesse sentido, ela funciona como ferramenta nas lutas de poder, garantindo a hegemonia através da propagação de uma representação específica de mundo como única possível de ser legitimada. Os sentidos ideológicos, portanto, funcionariam em circunstâncias particulares necessariamente para instaurar e dar suporte às relações de dominação.

A ideologia, nessa perspectiva, seria ainda mais eficiente quando se naturaliza ao ponto de ser reproduzida como senso comum, o que lhe atribui um caráter estável e um *status* estabelecido. O primeiro passo para superar as relações assimétricas de poder seria, então, o desvelamento das ideologias:

Emancipado, no sentido que preconiza a ADC, segundo Fairclough (1989, p.1), “é o indivíduo que tem consciência das interligações entre discurso e estruturas sociais, bem como quanto à importância dos processos discursivos na produção, manutenção e mudança das relações de poder na vida social”. (OTTONI, 2014, p.64)

Em outras palavras, a ideologia será mais efetiva quanto mais imperceptível for a sua ação, ou seja, se alguém toma consciência de que determinado aspecto do senso comum está sustentando desigualdades de poder que lhe desfavorecem, essa percepção já é o primeiro movimento no sentido de desvelar, de desnaturalizar aquele aspecto e subtrair, ou até mesmo anular, o seu poder de sustentar as assimetrias de poder. Por outro lado, a reprodução acrítica do senso comum contribuiria na permanência das desigualdades (VIEIRA; RESENDE, 2016). Nesse sentido,

[...] na concepção crítica ideologia é, por natureza, hegemônica e, como tal, inerentemente negativa. Aqui, sentidos *ideológicos* servem necessariamente ao consenso, à universalização de interesses particulares projetados para estabelecer e sustentar relações de dominação. (THOMPSON, 2002 apud VIEIRA; RESENDE, 2016, p.28)

O fenômeno ideológico seria, então, necessariamente, negativo, ilusório, enganador, e as formas simbólicas teriam um papel crucial nesse processo, de modo que se debruçar sobre essas formas e desconstruí-las seria uma etapa fundamental para empreender mudanças sociais significativas, superando as relações de dominação.

Nos encontros do *Leia Mulheres*, é possível identificar de forma explícita algumas ideologias que perpassam os eventos e práticas discursivas que ali ocorrem. Embora o grupo tenha se configurado, ao longo dos anos, como um espaço declaradamente feminista, nada impede que outros discursos apareçam durante as reuniões, afinal, se trata de um coletivo aberto, realizado num espaço público. Todavia, geralmente, quando isso ocorre, esses discursos são massivamente contestados, rebatidos, pois há um propósito claro de questionamento e combate ao machismo como forma de dominação, ou seja, o grupo assume, majoritariamente, um caráter contra-hegemônico.

Um episódio que nos permite ilustrar tais embates ocorreu no encontro do dia 28 de abril de 2018, no qual foi discutida a obra *A guerra não tem rosto de mulher* (2016) da escritora bielorrussa Svetlana Alexievich¹². Não me atenho aqui a debater detalhes da obra, apesar da sua primorosa contribuição ao apresentar o contexto soviético da Segunda Guerra Mundial narrado da perspectiva das mulheres que lutaram no Exército Vermelho e cujas histórias sempre foram ocultadas na historiografia oficial. Interessa-me, particularmente, refletir a respeito de uma interação discursiva que houve durante o encontro presencial. Antes, porém, de trazer à tona as falas das participantes, faz-se necessária uma importante ressalva.

¹² Tradução Cecília Rosas.

Apesar de o *Leia Mulheres* ser um grupo aberto à presença masculina, em diversas situações foi possível perceber que a presença de um único homem no debate pode interferir no teor das interações que ali se processam, sobretudo quando se trata do companheiro, ou cônjuge de alguma das participantes do sexo feminino. Podemos levantar algumas hipóteses para justificar tal fenômeno, tais como: a dominação masculina que permeia a sociedade em geral, levando-nos a acreditar que, se há um homem presente, ele é a autoridade naquele espaço, independentemente, da quantidade de mulheres ali representadas; a inibição das mulheres em debater assuntos mais íntimos, considerados tabus, na presença de pessoas do sexo masculino; a inibição do próprio homem em se expor publicamente em uma roda majoritariamente composta por mulheres; a dificuldade da própria mulher que está acompanhada pelo parceiro em expor seus pontos de vista de maneira franca em relação a determinados temas, ou por receio de expor o casal publicamente, ou por estar apreensiva quanto à reação que o seu companheiro terá diante da sua opinião, e de possíveis conflitos posteriores em decorrência disso. Seja qual for o aspecto preponderante, é tácito entre o grupo que a presença de homens quase sempre interfere na sua dinâmica natural. Exceção a essa regra pode ser observada quando o(s) homem(s) presente(s) possui(em) um discurso mais alinhado à ideologia feminista.

Feita essa ressalva, vamos à situação. No referido encontro, esteve presente uma integrante que já participava dos encontros (aos quais, até então, comparecia sozinha) há algum tempo, de forma intermitente, e que se pronunciava regularmente diante dos temas com posicionamentos que, em geral, não destoavam muito dos demais. Eram posicionamentos de caráter feminista, que refletiam a importância da igualdade de gênero, dos direitos da mulher, enfim, posicionamentos alinhados às reivindicações feministas e que, como tal, encontravam eco e pouca resistência por parte do grupo. Ao encontro do dia 28 de abril de 2018, em particular, ela compareceu acompanhada do seu companheiro. Ao ouvir diversas opiniões das demais participantes quanto à relevância da obra de Svetlana ao dar audibilidade às vozes de mulheres silenciadas ao longo da história, essa integrante pediu a palavra e recorreu a um discurso em defesa dos homens, no sentido de que, não é porque uma obra seja contada do ponto de vista masculino que ela mereça ser desprezada, que não faria sentido ouvir somente o ponto de vista das mulheres, afinal, nas suas palavras “Devemos acolher os homens [...]”. Observe-se que não há nada intrínseco à opinião emitida por ela que seja incoerente com os ideais feministas, muito pelo contrário. O Feminismo não defende uma supremacia das mulheres sobre os homens, não é isso que está em pauta. A polêmica que se sucedeu foi decorrente da percepção das demais mulheres do grupo, entre elas uma das moderadoras, de

que tal opinião só foi expressa devido à presença, naquele contexto em particular, de um homem no espaço. Diante dessa constatação, a moderadora retrucou quase que de imediato: “[...] acolher os homens é o que sempre temos feito ao longo da história. Já passou da hora de darmos espaço a outras vozes.”. Antes do término do encontro, o referido casal se retirou sob a justificativa de que tinham um compromisso agendado. Pairou no ar certo constrangimento e a dúvida de se seria essa realmente a razão da sua saída.

Algumas considerações tecidas por Fairclough (2016) nos permitem compreender melhor a natureza do dilema que se sucedeu nesse encontro. Segundo o autor: “[...] a posição contraditória dos indivíduos nos eventos discursivos e os dilemas que disso resultam originam-se em contradições estruturais nas relações de gênero nas instituições e na sociedade como um todo.” (FAIRCHOUGH, 2016, p.133). A interação discursiva que reproduzi aqui, portanto, em que se manifestam posicionamentos contraditórios, nessa perspectiva, nada mais é do que uma materialização semiótica de contradições estruturais que permeiam a sociedade como um todo no que se refere ao debate sobre gênero. E ele acrescenta:

Para polarizar as possibilidades que são muito mais complexas, um evento discursivo pode ser uma contribuição para preservar e reproduzir as relações e as hegemonias tradicionais de gênero e pode, portanto, ligar-se a convenções problematizadas, ou pode ser uma contribuição para a transformação dessas relações mediante a luta hegemônica; dessa forma, tentando resolver os dilemas pela inovação. [...] Assim, [...] os processos sociocognitivos serão ou não inovadores e contribuirão ou não para a mudança discursiva, dependendo da natureza da prática social. (FAIRCLOUGH, 2016, p.133)

Nesse evento discursivo em particular, temos, desse modo, um posicionamento conservador que busca preservar e reproduzir as hegemonias tradicionais de gênero sendo contraposto a um pensamento inovador que contribui para a transformação dessas relações mediante a luta contra-hegemônica, e que, a longo prazo, pode vir a resultar naquilo que o autor denomina como mudança discursiva.

Outro fator a ser considerado, tendo em vista as reflexões feministas no contexto contemporâneo, é que a luta atual compreende que qualquer debate sobre gênero deve contemplar necessariamente as dimensões de raça e classe. Nesse sentido, é possível observar que muitas das obras selecionadas no *Leia Mulheres-Salvador* suscitam o debate sobre esses temas, instaurando um espaço de luta que visa à reestruturação das relações de dominação que, por diversas vezes, são reproduzidas de forma inconsciente, sem questionamento, inclusive por mulheres, como é possível verificar na referida ocasião.

Em um glossário, elaborado por Vieira e Resende (2016), ideologia é definida como o:

[...] aspecto discursivo de lutas hegemônicas; um dos modos pelos quais hegemônias são sustentadas; maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação: estabelecer querendo significar que o sentido pode criar ativamente e instituir relações de dominação; sustentar querendo significar que o sentido pode servir para manter e reproduzir relações de dominação através de um processo contínuo de produção e recepção de formas simbólicas [...]. (VIEIRA; RESENDE, 2016, p.171)

Relacionando essa definição à situação mencionada, podemos afirmar que a referida integrante, assume em seu discurso, um ponto de vista marcado ideologicamente por estar alinhado ao discurso patriarcal socialmente hegemônico. Seu discurso sustenta essa hegemonia ao reproduzi-la, ao não a questionar, ao naturalizá-la.

Nos encontros do *Leia Mulheres*, de um modo geral, é possível perceber uma inclinação a desnaturalizar certos discursos patriarcais, machistas, racistas, homofóbicos, misóginos e xenófobos. Há uma compreensão de que a natureza da opressão em diversos tipos de preconceito é muito similar e parte do pressuposto da superioridade de um grupo de pessoas sobre outros e da relação de exploração que se estabelece entre eles com base nesse pressuposto. Tais posicionamentos são constantemente questionados nos encontros e a literatura tem se mostrado um lugar profícuo para o exercício da empatia, uma vez que nos permite conhecer realidades que no nosso convívio social cotidiano, muitas vezes, estão naturalizadas a tal ponto que mal conseguimos enxergar. Ao conhecer as histórias diversas de personagens, ao adentrar a sua realidade social, ao conhecer suas vivências, somos incentivadas a reconhecer a humanidade que há nas outras pessoas, tantas vezes negada em nome de preconceitos injustificados. Percebemos que nossos anseios, nossos medos, nossas esperanças podem se assemelhar em muitos aspectos, o que nos leva a esse movimento de tentar enxergar a situação sob outro ponto de vista, promovendo o exercício da alteridade.

Fairclough (2016) também sugere que, embora tenhamos uma inclinação natural a acreditar que a ideologia se manifesta somente nos sentidos das palavras, é importante atentar para outras categorias semânticas, tais como a pressuposição, as metáforas e a coerência. Ele também nos alerta para o fato de que seria um equívoco estabelecer uma oposição rígida entre conteúdo, sentido e forma, afinal os sentidos do texto possuem estreita ligação com a sua forma e estilo, e os aspectos formais dos textos podem ser investidos ideologicamente. O próprio sistema de tomada de turno pode conter indícios de pressupostos ideológicos sobre as identidades sociais e as relações sociais de quem se envolve em determinado evento discursivo.

Outra ressalva feita é a de que não devemos pressupor que nós tenhamos consciência absoluta das dimensões ideológicas que perpassam nossas próprias práticas. Considerando que as ideologias são, em diversas circunstâncias, naturalizadas e automatizadas, é possível que as pessoas achem difícil compreender que suas práticas normais tenham investimentos ideológicos específicos. Mesmo que nossa prática seja interpretada como de resistência, não podemos afirmar que há plena consciência de todos os detalhes e implicações de sua significação ideológica, pois há, no processo de subjugação dos indivíduos pela ideologia, diferenças e contradições sobre as quais não temos controle absoluto. Por outro lado, o questionamento constante, e práticas que enfatizem a consciência crítica dos processos ideológicos no discurso contribuem de maneira significativa para que as pessoas se tornem mais conscientes de suas próprias práticas e tenham mais criticidade em relação aos discursos investidos ideologicamente aos quais são submetidas. Ao problematizar as convenções estamos caminhando no sentido do desenvolvimento de uma prática que podemos chamar de mais consciente e transformadora.

Na visão do autor, portanto, não há assujeitamento absoluto como sugere a teoria althusseriana, pois somos capazes de agir individual ou coletivamente, assumindo um compromisso com a crítica em oposição a determinadas práticas ideológicas. Trata-se de uma visão dialética segundo a qual: “[...] os sujeitos são posicionados ideologicamente, mas são também capazes de agir criativamente no sentido de realizar suas próprias conexões entre as diversas práticas e ideologias a que são expostos e de reestruturar as práticas e as estruturas posicionadoras.” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 126).

De acordo com essa visão mais dialética, embora todo discurso possa vir a ser investido ideologicamente em algum grau, nem todo discurso é irremediavelmente ideológico. Considerando-se que as ideologias emergem no contexto de sociedades caracterizadas por relações de dominação baseadas em classe, gênero, ou cultura, e que somos capazes de criativamente transpor tais sociedades, conclui-se que somos capazes de, também, em alguma medida, transpor as ideologias.

Além do conceito de ideologia, outro conceito central no debate tecido por Fairclough (2016) e na construção de sua teoria é o de hegemonia baseado nas formulações de Gramsci (1971). Já nos referimos a ele anteriormente, mas iremos nos deter nele mais detalhadamente. As formulações de Gramsci (1971) se alinham com a concepção de discurso que o autor apresenta e permitem, segundo ele, teorizar sobre a mudança com base na evolução das relações de poder, permitindo sua análise em relação a outros processos de mudança social. São destacadas pelo autor quatro nuances do conceito:

[1] Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e **ideológico** de uma sociedade.

[2] Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais, em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’.

[3] Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou **meios ideológicos** para ganhar seu consentimento.

[4] Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e **ideológicas**. (FAIRCLOUGH, 2016, p.127. Grifos nossos)

Interessante perceber que três dos quatro conceitos apresentados fazem referência aos aspectos ideológicos, embora não de maneira isolada, mas sempre aliados a outros domínios, tais como o econômico, o político e o cultural. Dessa constatação, podemos depreender que não há hegemonia possível, na visão de Gramsci, sem que se recorra à ideologia a fim de alcançar a dominação. A ideologia é vista, nesse sentido, como algo que se materializa de forma implícita e inconsciente nas práticas e que nos estrutura de forma múltipla e diversificada, como o aspecto discursivo das lutas hegemônicas.

O senso comum assume, nessa perspectiva, um papel de arena onde se concentram os efeitos de lutas ideológicas passadas, bem como, de alvo onde se reestruturam as lutas ideológicas atuais, pois é neste lugar em que as ideologias se naturalizam e automatizam, passando a ser reproduzidas sem nenhum tipo de reflexão, crítica ou questionamento. Um exemplo disso pode ser observado nas raízes de sustentação do patriarcado, ao naturalizar discursos patriarcais de tal modo que muitas mulheres os reproduzem como verdadeiros. A luta hegemônica é compreendida, dessa forma, como uma constante articulação, desarticulação e rearticulação de ordens discursivas. Nesse contexto:

a prática discursiva, a produção, a distribuição e o consumo (como também a interpretação) de textos são uma faceta da luta hegemônica que contribui em graus variados para a reprodução ou a transformação não apenas da ordem do discurso existente (por exemplo, mediante a maneira como os textos e as convenções prévias são articulados na produção textual), mas também das relações sociais e assimétricas. (FAIRCLOUGH, 2016, p.129)

O conceito de hegemonia, portanto, pode nos auxiliar ao fornecer uma referência para a análise da prática social à qual os discursos pertencem, em termos de relações de poder, ou seja, se essas relações estão reproduzindo, reestruturando ou desafiando as hegemônias existentes, funcionando, dessa maneira, como uma espécie de modelo que permite refletir

sobre a prática discursiva como uma forma de luta contra-hegemônica, responsável por reproduzir, reestruturar ou desafiar as ordens do discurso existentes, contribuindo, desse modo, para o estabelecimento de um foco sobre a mudança discursiva:

À medida que os produtores e os intérpretes combinam convenções discursivas, códigos e elementos de maneira nova em eventos discursivos inovadores estão, sem dúvida, produzindo cumulativamente mudanças estruturais nas ordens do discurso: estão desarticulando ordens de discurso existentes e rearticulando novas ordens do discurso, novas hegemonias discursivas. Tais mudanças estruturais podem afetar apenas a ordem do discurso 'local' de uma instituição, ou podem transcender as instituições e afetar a ordem do discurso societária. (FAIRCLOUGH, 2016, p.133)

Vejamos, então, as implicações dessa visão acerca das práticas discursivas, da produção, distribuição, consumo e interpretação de textos como facetas da luta contra-hegemônica na reprodução ou contestação do machismo na literatura.

3.4 Literatura produzida por mulheres: conflitos, impasses e o caso Sylvia Plath

Pensando nos aspectos relacionados à produção de ficção por mulheres, gostaria de tomar como pressuposto a tese defendida por Virgínia Woolf em seu ensaio intitulado *Um teto todo seu*, no qual a autora defende que: “[...] uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção.” (WOOLF, 2014, p.12. Tradução Bia Nunes de Sousa). Se pararmos para pensar na história da mulher em sociedades patriarcais, é muito recente que tais critérios sejam atendidos, afinal, a conquista da independência financeira pelas mulheres ocorre apenas com a sua entrada no mercado de trabalho. Ainda assim, a equação não fecha tão facilmente, considerando que, ao ingressar no mercado de trabalho, as mulheres continuam, na maior parte dos casos, acumulando as funções que lhes eram atribuídas anteriormente: o cuidado da casa, do marido e da prole. Quando Virgínia fala em “teto”, podemos compreendê-lo como uma metáfora para “espaço”, mas espaço, numa dimensão mais ampla, inclui o tempo. Por que afirmo isso? Porque de nada adianta ter sua própria renda e, até mesmo, um espaço físico adequado para a produção escrita, se não dispomos de espaço mental, de tempo disponível para nos dedicarmos a essa tarefa. O espaço propício inclui ausência de distrações, o que se torna praticamente impossível quando se toma, por exemplo, uma mulher casada, com filhos(as) e que trabalhe fora de casa. As tarefas domésticas, o cuidado com a educação das crianças, a atenção dedicada ao relacionamento conjugal, a energia dispensada na construção da própria carreira e a carga mental envolvida

no desenvolvimento dessas atividades, tiram o foco da dedicação que uma vida intelectual e a escrita literária ativa requer.

Em seu texto intitulado *Intelectuais negras*, bell hooks¹³ (1995) discute essas questões, ressaltando a dificuldade da escrita por parte das mulheres negras. Ela afirma que, mesmo que haja uma dimensão social e coletiva da intelectualidade e, mesmo que haja, no trabalho intelectual, um compromisso com a coletividade, a escrita em si é um trabalho muito solitário, pois geralmente, escrevemos passando muito tempo isoladas. Segundo a autora, as mulheres negras, que em sua socialização foram educadas para sentirem culpa pelo tempo passado longe da família e da comunidade, dificilmente conseguem reivindicar ou criar um espaço para a escrita solitária, situação que se agrava, especialmente, nos casos de mulheres negras que se tornam mães, sobretudo se forem mães solo. No entanto, não é somente em situações extremas de pressão material ou relacional que isso ocorre. Mesmo mulheres mais favorecidas financeiramente, enfrentam certa relutância para reivindicar o trabalho intelectual como sua vocação básica. Entre os fatores apontados para tal relutância se encontram: o medo do isolamento da comunidade e a sensação de que a vida não está sendo bem vivida se não for compartilhada com a comunidade. Muitas vezes, o tempo disponível para pensar só ocorre ao término dos afazeres domésticos, e acaba resultando numa decisão entre ter esse espaço para a escrita ou fruir dos prazeres relacionais de dispor esse tempo com as amigas e a família (HOOKS, 1995. Tradução Marcos Santarrita).

Dedicar-se ao trabalho intelectual e à prática da escrita, portanto, se constituem em grandes desafios para as mulheres, sobretudo devido à visão de que sua função natural, primordial seria casar-se, dar à luz e cuidar família. Esse modelo atende perfeitamente ao sistema patriarcal e à sociedade capitalista que, embora, por necessidade, tenha exposto as mulheres ao trabalho fora de casa, nos manteve responsáveis por todo o trabalho reprodutivo e pelo cuidado. É importante salientar, inclusive, que, as mulheres da classe trabalhadora, inicialmente, negras em sua quase totalidade, sempre estiveram expostas ao trabalho fora de casa, muito antes de ser essa uma pauta feminista, de modo que a própria perspectiva de luta pelo acesso ao mercado de trabalho consiste em um recorte de classe e de raça para o qual muitas feministas, como a própria bell hooks (1995) e Angela Davis (2016), têm nos alertado.

¹³ Gloria Jean Watkins é conhecida como bell hooks, pseudônimo inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. A escolha da letra minúscula foi feita pela própria autora com a justificativa de dar mais enfoque ao conteúdo desenvolvido em suas obras e menos a sua pessoa. Disponível em: <https://almapreta.com/editorias/realidade/editora-lanca-livro-de-bell-hooks-sobre-racismo-em-sao-paulo#:~:text=O%20nome%20%22bell%20hooks%22%20foi,e%20menos%20a%20sua%20pessoa>. Acesso em: 18 de outubro de 2020.

Uma das estratégias empregadas para a manutenção desse cenário que também afetou bastante a produção literária das mulheres foi o fato de o acesso à escolarização formal das mulheres ter sido negado durante muito tempo. Com isso, o conhecimento necessário à conquista da sua liberdade e emancipação também foi negado, bem como o foi a presença da escrita e da leitura.

Para além da produção de literatura escrita por mulheres, existe também um impasse em relação à distribuição e consumo das obras produzidas. A história ocidental moderna, tal como a conhecemos foi formulada do ponto de vista masculino, de modo que, nos relatos históricos, a ênfase é sempre dada aos grandes guerreiros, homens, e aos escritores brilhantes, também do sexo masculino. Embora essa seja somente uma perspectiva de narração dos fatos, regularmente, ela é naturalizada a ponto de ser compreendida, estudada e perpetuada como a História, com “H” maiúsculo, por ser considerada a única possível, a única verdadeira. No caso do Brasil, por exemplo, seria a narrativa contada do ponto de vista do colonizador, europeu, branco, homem, heterossexual, cristão, que omite, silencia e deturpa a perspectiva dos povos originários, das pessoas negras escravizadas, das mulheres, de homossexuais e de todos os grupos para os quais o cristianismo não era a base de fé.

Não argumento, aqui, que tal história não mereça crédito, que não seja válida, ou que deva ser apagada das nossas memórias. De alguma maneira, ela nos constituiu como povo. Mas existem diversas outras que precisam, também, ser escutadas, reconhecidas, validadas e valorizadas. Na nossa literatura, por exemplo, têm sido reconhecidos e valorizados ao longo dos tempos, autores homens, tais como, José de Alencar, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa. Suas contribuições e o valor das suas obras são inegáveis, mas, por vezes, esquecemos que muitos deles foram contemporâneos de mulheres cujas obras também são primorosas, mas que, por diversos fatores, foram esquecidas nas listas escolares e nos vestibulares, tais como: Julia Lopes de Almeida, Nísia Floresta, Barbara Heliadora, Carmem Dolores, Narcisa Amália, Adélia Fonseca, Anália Franco. E mesmo aquelas que, porventura, conseguiram transpor o véu da invisibilidade, não tiveram vida tão fácil no mercado editorial.

A primazia do masculino na literatura, como nas demais áreas, tende a desqualificar e anular quem não se enquadra no sistema patriarcal. No caso das mulheres, constituímos dessa forma, um grupo periférico em relação ao centro social. Na educação das mulheres, por muito tempo, incidiu a valorização de tarefas manuais, como costuras, bordados, culinária, ou relacionadas à arte, como a pintura, o aprendizado de um instrumento, e até mesmo, a leitura dos clássicos da literatura, etapas fundamentais à sua formação domiciliar e doméstica, para

que fossem consideradas prendadas e, portanto, aptas a casar. Schwarcz (2019) afirma que, no Brasil, a educação nunca foi um direito assegurado a toda a população, ressaltando a estrutura desigual de raça, classe e gênero. Segundo a autora, após as reformas de ensino ocorridas em meados do século XIX, as escolas foram ficando mais especializadas:

As primárias, por exemplo, dividiam as crianças por gênero – meninos e meninas estudavam em locais e casas separados. Para as garotas que freqüentavam o ensino primário, a doutrina cristã, a leitura, a escrita e o cálculo mais elementar pareciam suficientes, desde que acrescidos de aulas de bordado e costura. E o currículo reservado às moças apresentava restrições no ensino de álgebra, geometria, gramática, história e geografia pátrias. A formação das meninas visava à vida do lar, à domesticidade, sendo a esfera pública reservada aos homens. Por isso, a partir de 1870, as poucas alunas que alcançavam o secundário eram geralmente direcionadas para o magistério. De outra parte, as crianças pobres, negras, escravizadas ou libertas, eram encaminhadas diretamente para o trabalho. (SCHWARCZ, 2019, p.135, 136)

A representação das mulheres em obras escritas por autores homens tende a reproduzir esses estereótipos, servindo de sustentação para a cultura da época, refletindo e reforçando, simultaneamente, tais práticas. Apesar de a leitura estar presente, a escrita, todavia, lhes era negada. Na verdade, escrever até que era permitido, mas havia limites bem instituídos para as esferas de circulação dessa escrita. Caso a mulher viesse a aprender a escrever, ela podia exercitar sua escrita somente nos diários e nos livros de receita culinária, sendo que somente os livros de poemas e de ficção, sobretudo os romances, eram reconhecidos como a literatura canonizada.

Um exemplo interessante de como esses limites atuavam de forma contundente na vida das mulheres são a vida e a obra de Sylvia Plath. Tive a oportunidade de ler os seus diários e discuti-los no encontro do dia 17 de abril de 2019 do *Leia Mulheres-Salvador*. É impressionante perceber, na escrita da autora, o seu dilema em escrever algo que fosse literariamente relevante. Seu desejo e sua luta eram para escrever um romance, bem como poemas, que viessem a ser publicados. Seu esposo, Ted Hughes, não partilhava da mesma dificuldade, pois seus poemas eram facilmente aceitos para publicação nos jornais da época. Enquanto se debatia nesse dilema relacionado à sua escrita, Sylvia Plath desabafava, em seus diários, sobre esse e outros assuntos relacionados ao seu cotidiano como mulher, esposa, mãe, dona de casa e escritora. Nesse espaço, não havia censura. Ali, a aprovação alheia tornava-se desnecessária. Havia, nos diários, a liberdade para se expressar conforme a necessidade de cada momento, sem preocupação. O surpreendente é que os registros que surgem dessa escrita íntima, e que foram parcialmente publicados somente após a morte da autora, não foram reconhecidos por ela mesma como algo digno de publicação e de leitura. Apesar de ser uma

escrita muito contundente que, tantos anos depois, ainda dialoga com a realidade das mulheres, era compreendida por Plath como algo de menor valor, que lhe serviria apenas para dar vazão ao seu fluxo de consciência. Esse fosso entre o que ela considera uma escrita literária e a maneira como julga os seus diários pode ser percebido no seguinte trecho:

É impossível “capturar a vida” se a gente não mantém diários. Agora estou com raiva, pois me esqueço como foi a viagem para a França e para Munique, exceto pela neve. Continuo sendo sincera-confessional. Tudo na base do ‘ela sente’ íntimo e desconcertante, esquisito. Novamente, sinto o abismo entre meu desejo & ambição e minha capacidade pura e simples. Mas escreverei as 3 páginas por dia, custe o que custar, mesmo que meus supervisores me desprezem. Ajudaria muito a levantar meu moral se eu sentisse que era um bom romance. Mas por enquanto nem chega a ser um romance. Pura tagarelice, só isso. Mas a moça terá de enfrentar um ano de sua vida em três meses da minha. Então, dois meses do verão para reescrever, cuidadosamente, sabendo o que estou tentando fazer. Talvez eu também consiga gostar da trama. No fundo, não sei muita coisa, além disso. E uma boa trama para mim é difícil. Mas agora sinto, novamente, que nunca conseguirei escrever um bom conto ou poema. Muito menos ruins. Tudo parou. Os exames me oprimem. Estou num atoleiro, incapaz de tirar o carro da lama. Gosto tanto daqui. Como sair do impasse. (PLATH, 2017, p.316. Tradução Celso Nogueira)

Nessa passagem é possível visualizar a liberdade de que a escritora goza na escrita dos diários, sendo contraposta a uma autocrítica elevadíssima, segundo a qual, mesmo nos diários, seria necessário registrar conteúdos mais relevantes do que o tom confessional e sincero predominante, que Plath julga como “desconcertante” e “esquisito”. É possível, ainda, perceber uma cobrança excessiva da autora em relação à própria escrita, estabelecendo metas e prazos irrealistas para a escrita do seu romance: 3 páginas por dia; bem como uma preocupação com a opinião dos supervisores, disfarçada como desinteresse por sua opinião. Sua autocrítica segue ao julgar que o que tem escrito “nem chega a ser um romance”, consistindo apenas em “pura tagarelice”, na confissão de que não consegue gostar do que escreve e que não acredita ser capaz de escrever um bom conto ou poema e na compreensão de que se encontra atolada como um carro na lama.

Outro aspecto da vida de Sylvia Plath que merece destaque dentro desse debate são os seus conflitos pessoais, que refletem a época em que viveu e se alinham com as discussões tecidas aqui. Um desses dilemas diz respeito à dificuldade, como mulher solteira que era quando começou a escrever os diários, em conseguir imaginar como casamento e vida criativa poderiam coexistir. É preciso salientar que os diários originais foram escritos no intervalo entre os anos de 1950 e 1962. Tal preocupação, portanto, era completamente justificável e coerente com a época. Não deixa, contudo, de ser um debate atual, considerando-se que, ainda hoje, muitas são as mulheres que renunciam a suas ambições, a suas vidas profissionais e a

seus sonhos para se dedicar aos cuidados da casa, do marido e das crianças, e para dar suporte para a realização dos planos dessas pessoas, negligenciando a si mesmas, a sua subjetividade e individualidade. A autora se questiona:

o casamento poderia minar minha energia criativa e aniquilar meu desejo de expressão escrita e pictórica que aumenta com a profundidade dessa emoção insatisfeita... ou conquistaria a plena expressão na arte, bem como na criação dos filhos? Sou forte o bastante para fazer as duas coisas direito? Este é o xis do problema, e tento me fortalecer para o teste... por mais medrosa que seja. (PLATH, 2017, p.73)

Ao longo das páginas dos diários, é possível perceber que Plath não tinha muita convicção de que o casamento seria o melhor para sua vida, sobretudo pela preocupação acima exposta de que tal decisão poderia comprometer sua vida criativa, sua escrita. Mas, por sucumbir aos padrões sociais vigentes na época, ela foi sendo empurrada para o matrimônio por receio de ser socialmente marginalizada caso escolhesse seguir por outro caminho. Do ponto de vista moral segundo o qual foi educada, não haveria vida sexual possível e autorizada senão dentro do casamento. Desse modo, a escritora entra nesse conflito entre se submeter a um marido ou se privar completamente de sua vida sexual sob o risco de ser socialmente rotulada como promíscua:

Não me submeterei a um marido que comande minha vida, que me tranque no círculo maior de suas atividades, para me nutrir vicariamente dos relacionamentos de suas façanhas reais. Preciso ter um campo próprio e legítimo de atuação, separado do dele e que ele respeite. Portanto, tenho uma ou duas opções! Posso escrever? Conseguirei escrever se me dedicar o suficiente? Quanta coisa preciso sacrificar para poder escrever, de todo modo, até descobrir se sou mesmo boa? [...]

Olhando para mim, nos anos recentes, cheguei à conclusão de que preciso ter um relacionamento físico passionai com alguém – ou combater a ânsia por sexo que há em mim por meios drásticos. Escolho a primeira opção. Admito também que tenho obrigações com minha família e minha sociedade, até certo ponto (a sociedade que se dane, por outro lado) devo aceitar certos costumes absurdos e tradicionais – para minha própria segurança, dizem. Devo, portanto, restringir a maior parte de minha vida a um ser humano do sexo oposto... trata-se de uma necessidade, porque: 1. Escolho o relacionamento físico do intercurso sexual como animal e vivo parte da vida. 2. Não posso me satisfazer promiscuamente e obter o respeito e o apoio da sociedade (que é meu demônio favorito) – e porque sou mulher: logo: uma base para inveja da liberdade masculina. 3. Sendo mulher, devo ser esperta e obter o máximo de segurança antes dos anos vindouros, quando estarei velha e incapaz para a captura de um novo par – com quase toda certeza. Portanto, decido: devo me dedicar a arranjar um companheiro usando os meios costumeiros: a saber, casamento. (PLATH, 2017, p. 120, 121. Grifos da autora)

Não é necessário ler todos os diários para saber a decisão da autora, basta uma breve busca na Internet para descobrir que ela, de fato, optou pelo matrimônio e pela maternidade. Ao longo do tempo em que permaneceu casada com o também escritor Ted Hughes, Plath

teve uma filha e um filho e não abandonou a escrita. Seu fim, porém, foi bastante trágico. Ela tirou a própria vida aos 30 (trinta) anos de idade. Podemos especular as possíveis razões para que tenha tomado essa decisão, sendo as traições do ex-marido e o fim do casamento as mais prováveis. Não há provas que confirmem tais hipóteses, afinal os diários que escreveu durante seus três últimos anos de vida não estão mais acessíveis: um foi dado como desaparecido e o outro foi destruído pelo ex-marido, com o argumento de que era necessário preservar a família, principalmente os filhos da escritora, das informações ali contidas.

Gosto de imaginar que Sylvia Plath foi uma mulher nascida na época errada. Que muitos dos conflitos pessoais que enfrentou poderiam ter sido evitados, caso ela nascesse no século XXI, por exemplo. Obviamente, a equação não é tão simples, e muitos dos fantasmas que a atormentavam subsistem ainda hoje em forma de ideias, práticas e tabus conservadores cujo único objetivo é a manutenção do *status quo* masculino e o controle e a sujeição das mulheres. Mas digamos que ela poderia ao menos ter um pouco mais de liberdade para decidir permanecer solteira ou não, por exemplo, ser mãe ou não, trabalhar fora de casa ou não.

Entretanto, apesar de ter se rendido ao casamento, podemos interpretar a própria escrita empreendida por Plath como uma transgressão aos padrões culturais de sua época. Por meio da escrita de mulheres, sobretudo ficcional, tornou-se possível, em alguma medida, transcender o sexo, afinal a escrita sempre esteve ligada ao poder, inclusive ao poder de descrever papéis sociais vigentes numa determinada época, sentimentos e reações esperados em determinadas situações, enfim, o poder de problematizar o mundo ao redor (TELLES, 2001). À medida em que se apropria da escrita, a mulher deixa de ser identificada somente pelas atividades restritas à esfera doméstica, tais como se casar, parir e cuidar da prole. Isso, contudo, não quer dizer que, ao conciliar essas múltiplas realidades, elas não entrem em conflito. O cuidado da casa, do marido e das crianças permanecem ali, como atividades que precisam ser desempenhadas, e isso não somente no século XIX, mas ainda hoje.

Em artigo publicado em 2009, em uma revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste, Mirele Jacome e Cristian Pagoto problematizam a inserção das mulheres do século XIX no universo da escrita literária, afirmando que, mesmo aquelas mulheres que vieram a se tornar escritoras, vindo a fazer da escrita a sua profissão, esbarraram no fato de que a história da literatura era pouco afeita a mudanças, pois os textos refletiam uma cultura que subordinava e aprisionava as mulheres. A garantia do seu direito à escrita passava pela necessidade de fugir a um padrão estético masculino de literatura que relegava à escrita das mulheres um espaço menor, rotulando-a como frivolidade. Fez-se necessária, portanto, por parte dessas mulheres, a aquisição de uma autonomia que lhes permitisse propor alternativas a

essa autoridade patriarcal, tarefa bastante trabalhosa e desgastante, sobretudo para as brasileiras que, acrescentavam a essa luta o desgaste no embate com uma cultura eurocêntrica e cristã. Desse modo, afirmam:

[...] o exame de obras da literatura de autoria feminina permite que a crítica legitime a existência das mulheres escritoras como sujeitos históricos, isto é, reforçando sua identidade de cidadãs críticas, capazes de averiguar os problemas sociais e problematizá-los. Afinal, o trabalho da Crítica Feminista não só aponta a problemática da história da literatura, como a querela do conservadorismo sócio-histórico e das desigualdades de gênero. (JACOME, PAGOTO, 2009, p.12)

Essa desigualdade de gênero ainda persiste se analisarmos o mercado editorial brasileiro atualmente, não porque poucas mulheres escrevam, afinal a luta feminista que nos precede, permitiu a muitas de nós acessar a educação formal, o universo acadêmico, o mercado de trabalho. Ainda assim, permanece uma grande dificuldade na publicação de obras escritas por mulheres. O mercado editorial permanece muito centrado, ainda, na figura do homem, branco, heterossexual. Mesmo quando a publicação é alcançada, a divulgação, o reconhecimento e a leitura nem sempre são feitos com equidade. É preciso ressaltar, no entanto, os avanços que temos alcançado graças aos esforços empreendidos na criação de diversas editoras independentes organizadas por mulheres atualmente, que têm articulado suas formas de resistência, bem como ao engajamento de pesquisadoras feministas na recuperação de obras escritas por mulheres. O próprio *Leia Mulheres* tem alavancado algumas mudanças nesse aspecto. São sopros de esperança que têm alcançado resultados significativos na luta contra o cenário apresentado no tópico a seguir.

3.5 Lugar de fala e representação na distribuição e no consumo literário

Em seu livro intitulado *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, publicado em 2012, Regina Dalcastagnè estabelece um profícuo debate sobre as assimetrias que acometem a distribuição e o consumo de obras literárias. É sobre as reflexões tecidas pela autora na referida obra que me debruçarei agora, considerando as suas contribuições para a compreensão da necessidade e relevância da existência de coletivos voltados exclusivamente à leitura de autoras mulheres.

No primeiro capítulo, cujo título é *Pluralidade e escrita*, Dalcastagnè justifica o nome do livro ao argumentar que, desde os tempos mais remotos, em que a literatura era utilizada como instrumento de afirmação da identidade nacional, até o momento atual, no qual diversos grupos sociais disputam espaço em seu interior, a literatura brasileira pode ser compreendida

como um território contestado, pois o que se coloca em jogo é a “possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele.” (DALCASTAGNÈ, 2012, p.5). Ou seja, historicamente, a cena literária é marcada por disputas pelo poder: o poder de decidir quem poderá ocupar ou não determinados espaços, quem poderá ou não escrever literatura, quem tem ou não legitimidade no que fala, e quem pode ou não legitimar aquele que fala. No caso específico do *Leia Mulheres*, podemos pensar a respeito da visibilidade ou invisibilidade das obras escritas por mulheres.

Segundo a autora, o cenário literário brasileiro ainda é fortemente marcado por uma grande homogeneidade, e ela ressalta que, para ser considerado(a) um(a) escritor(a), a publicação de um livro não é suficiente. É preciso estar nas livrarias, ter espaço nas resenhas de jornais e revistas, receber prêmios em concursos literários, constar nos programas das disciplinas e se fazer presente nas prateleiras das bibliotecas. Nesses contextos, os nomes contemplados são muito parecidos entre si no que se refere à classe social, profissão, origem geográfica, etnia e sexo.

Os dados apresentados para confirmar tal homogeneidade são alarmantes:

[...] em todos os principais prêmios literários brasileiros (Portugal Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon), entre os anos de 2006 e 2011, foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher (na categoria estreante, do Prêmio São Paulo de Literatura). Outra pesquisa, mais extensa [...] mostra que de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico. (DALCASTAGNÈ, 2012, p.7)

Em consequência dessa homogeneidade, a entrada de autoras e autores que destoam desse perfil, tende a gerar um desconforto e reações quase imediatas, com a justificativa de que, se fogem a esse padrão, não têm educação formal suficiente, não dominam a língua portuguesa o suficiente, possuem pouca experiência de leitura e pouco tempo para se dedicar à escrita e, portanto, fogem ao perfil adequado para um(a) escritor(a).

Cabe-nos, portanto, ao nos debruçarmos sobre o tema, questionar a definição dominante de literatura, bem como os parâmetros de julgamento estético das obras, afinal, essa definição privilegia os modos de expressão de determinados grupos valorizados em detrimento de outros, excluindo e marginalizando algumas produções de antemão. É preciso questionar os critérios de valoração, buscando compreender a sua origem, o que os sustenta e a quem servem.

Ainda pensando a respeito dos aspectos que envolvem a produção, distribuição e consumo das obras literárias, Dalcastagnè (2012) se dedica, ao longo do segundo capítulo, a problematizar o lugar de fala de quem escreve. Suas reflexões se iniciam com uma referência a Barthes (1999 [1966]) quando este defende que o ofício de escrever consiste em falar no lugar de alguém, afirmação que pode ser bastante problematizada se tomarmos o conceito de *lugar de fala* tal como vem sendo compreendido em pesquisas mais recentes sobre o tema. Nesse sentido, a autora argumenta que:

Quando entendemos a literatura como uma forma de representação, espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se chocam, não podemos deixar de indagar quem é, afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que seu silêncio esconde. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 21)

Em seu livro *Feminismo em Comum* (2018), a filósofa brasileira Márcia Tiburi ressalta a importância da fala (entendida num sentido mais amplo como qualquer manifestação verbal oral ou escrita) como expressão e autoexpressão em contextos de poder, salientando que o patriarcado sempre privou as pessoas da sua capacidade e possibilidade de expressão própria. Embora tenhamos a impressão de que em um contexto democrático todo mundo pode falar, na prática, verificamos que:

[...] os caminhos da fala, bem como os da produção de discursos e os meios de comunicação, pertencem às elites econômicas, que vivem no contexto dos privilégios de raça, gênero, sexualidade, plasticidade, idade e classe social. Fora do sistema de privilégios a expressão é contida, digamos que ela é econômica e politicamente administrada. (TIBURI, 2018, p.57)

Esse sistema de privilégios a que a autora se refere, ou seja, o espaço legitimado à voz, até o presente momento, ainda é dominado pelo homem branco, que representa simultaneamente os capitais sexual (da heterossexualidade), financeiro, social, intelectual e comunicacional. Esse homem branco está historicamente autorizado a falar sobre todos os assuntos, como uma espécie de sujeito ou narrador neutro (que obviamente não é). Embora possua marcações de gênero, raça, sexualidade e origem social, muitas vezes, ele é compreendido como um sujeito universal, imparcial, ou seja, seu lugar de fala não é avaliado, de modo que ele tem liberdade para produzir e reproduzir uma visão de mundo que lhe favorece. Nesse contexto, a insurgência do conceito de lugar de fala busca problematizar e desestruturar justamente esse *status quo* estabelecido, em que a fala tem sido autorizada pelo “falo” de homens brancos que sempre dominaram os discursos e a produção da verdade (TIBURI, 2018).

Em seu texto intitulado *Mulheres em movimento*, Carneiro (2003) nos alerta para os perigos da violência simbólica por meio da representação de mulheres negras nos meios de comunicação, mas suas reflexões podem ser estendidas facilmente para a representação de mulheres (negras ou não) no contexto literário. Nesse exercício, podemos perceber que a maneira como o racismo e o sexismo são naturalizados nas obras literárias, muitas vezes, reproduz e cristaliza determinados estereótipos e estigmas que afetam negativamente e em larga escala, não apenas a identidade racial e de gênero, mas o valor social desses grupos, bem como as imagens e sentidos construídos sobre eles. Desse modo, a Literatura não somente reproduz representações já sedimentadas no imaginário social, mas se institui como espaço que colabora na construção e reconstrução dos sistemas de representação.

Isso ocorre, em grande medida, devido à dificuldade da autodefinição por parte desses grupos, não porque não escrevam, mas devido à resistência do mercado editorial e da imprensa em distribuir e visibilizar essa escrita. Sem esse espaço, a representação da mulher nas obras, passará sempre pelo olhar masculino, branco e heterossexual a que nos referimos há pouco. Daí a importância da autodefinição e autoavaliação no enfrentamento às imagens já sedimentadas sob a perspectiva alheia, e como estratégia de resistência à desumanização e objetificação proveniente da proliferação dessas imagens.

O conceito de lugar de fala contribui com esse debate em alguns aspectos que gostaria de pontuar, desmistificando, de forma breve, alguns equívocos que circundam o tema. Embora se trate de um conceito antigo, seu ressurgimento recente no Brasil se deu em decorrência das reflexões encabeçadas pelo Feminismo Negro, tendo sido amplamente difundido pela filósofa Djamila Ribeiro a partir da sua ativa participação em debates acadêmicos, em redes sociais e por meio da publicação do livro *O que é lugar de fala?* (2017) na coleção *Feminismos Plurais*.

Primeiramente, é preciso compreender que esse conceito se refere a experiências historicamente compartilhadas, ou seja, ele enfatiza menos as experiências individuais dentro de grupos socialmente construídos e mais as condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania. Trata-se, portanto, do reconhecimento do caráter coletivo que rege as oportunidades e constrangimentos que atravessam os indivíduos pertencentes a determinado grupo social e que sobrepõe o aspecto individualizado das experiências. Nas palavras da autora, “[...] seria, principalmente, um debate estrutural. Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades.” (RIBEIRO, 2017, p.61). E ela exemplifica afirmando que uma mulher negra terá experiências diferentes de uma mulher branca por conta

de sua localização social, e que, conseqüentemente, vai experienciar gênero de outro lugar, de outra forma. Raça, gênero, classe e sexualidade devem ser compreendidas, assim, como categorias que compõem, a estrutura social e funcionam como dispositivos fundamentais que favorecem as desigualdades, entre elas a desigualdade de visibilidade no universo literário.

Uma visão distorcida acerca do lugar de fala seria a visão essencialista de que, de agora em diante, somente mulheres poderiam debater gênero, somente negros poderiam discutir racismo. A esse equívoco, ela responde afirmando que

[...] todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados. (RIBEIRO, 2017, p.86).

Em outras palavras, não há nada que impeça as pessoas de falarem a respeito dos diversos temas que lhes interessam, mas é preciso estar ciente de estar falando *sobre* algo ou alguém, e não ter a pretensão de falar *por*, ou seja, de *representar* um grupo ao qual não se pertence como veio acontecendo ao longo da história. É importante reconhecer, também, que são perspectivas completamente diferentes: falar *sobre* não é falar *por si*. E isso tem implicações diretas não apenas na forma como se fala, mas, sobretudo, na perspectiva e no teor do que é dito. Para tal impasse, Dalcastagnè (2012) aponta uma saída alternativa que passa, digamos, pelo caminho do meio, ao afirmar que:

Esse autor, que expõe sua própria inaptidão, precisa ser legitimado como alguém que pode falar em nome de outro, nem que para isso tenha de mostrar a impossibilidade de qualquer representação literária. Ou seja, uma vez que, em última instância, um homem não poderia falar em nome de uma mulher, um intelectual em nome de um operário, uma branca em nome de uma negra, e assim por diante, só restaria ao escritor se calar. Ou ser honesto quanto às suas limitações. E é essa a atitude que passa a ser a esperada pelo leitor contemporâneo – que procura nas narrativas a multiplicidade dos pontos de vista ou, ao menos, o reconhecimento da existência do problema da representação. (DALCASTAGNÈ, 2012, p.149)

Para reconhecer esses limites, no entanto, faz-se necessário, romper com a lógica de que o lugar de fala só é uma questão para os grupos historicamente subalternizados. Os grupos inseridos na norma hegemônica (como o padrão do homem branco, *cis*, hetero, rico) precisam compreender que também falam de um lugar socialmente marcado e reconhecer as conseqüências, os privilégios e as opressões oriundas desse lugar. Precisam, sobretudo,

questionar esse lugar e estudar para compreender melhor a sua branquitude, *cis*generidade, a masculinidade e o lugar que ocupam numa matriz de opressão.

Na interface entre o debate sobre o lugar de fala e a literatura, recupero aqui duas provações propostas por Ribeiro (2017) para reflexão: 1. considerando a supremacia branca e patriarcal que permeia a nossa sociedade, será que mulheres brancas, mulheres negras, homens negros, pessoas transexuais, lésbicas, gays podem falar com a mesma legitimidade que homens brancos, *cis*, heterossexuais? 2. o que acontece quando esses grupos falam? Retomaremos essas questões mais adiante, ainda nesse mesmo tópico, a partir de alguns exemplos.

Um último aspecto que precisa ser pontuado é a necessidade de escuta por parte de quem sempre esteve autorizada para falar. A autora salienta a dificuldade das pessoas brancas em ouvir por medo do incômodo que as vozes historicamente silenciadas podem trazer, e do confronto que é gerado quando se rompe com uma voz única com pretensões a universal. O não ouvir reflete uma tendência a permanecer no lugar cômodo e confortável de quem acredita ter poder para falar sobre outros grupos, enquanto esses grupos permanecem silenciados. Mas não há o que temer, afinal os conflitos provenientes dessas narrativas são indispensáveis para a mudança que almejamos.

Os estudos literários, dessa maneira, têm se ocupado com problemas relacionados ao direito que determinados grupos sociais têm à voz e à representação, ou seja, tem havido uma crescente preocupação em se questionar quem fala e em nome de quem se fala, bem como em se discutir a legitimidade e a autoridade na representação literária. Tais preocupações se refletem no crescente debate a respeito do espaço que tem sido atribuído na literatura para os grupos marginalizados, compreendendo-se como marginalizados todos aqueles grupos que partilham um senso de identidade coletiva e que são valorados negativamente diante da cultura dominante (definidos, seja por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição social...). O silêncio reservado a esses grupos, regularmente sobreposto pelas vozes que buscam falar *em nome* deles, outra vez, é quebrado pelas pessoas que o integram. Nesse último caso, porém, isso não ocorre sem tensões, pois, a autenticidade e legitimidade da produção como obra literária são, muitas vezes, postas em questão, escancarando o elitismo do campo literário e a urgência de um processo de democratização da arte.

Segundo Dalcastagnè (2012), nesse debate, um conceito central e com diversas ressonâncias políticas e sociais é o de representação. O que está posto não é somente o papel da literatura em representar diferentes realidades, mas a constatação de que essas representações não são mais representativas do conjunto das perspectivas sociais, em outras

palavras: o monopólio dos lugares de fala que persiste no campo literário não supre a diversidade de percepções de mundo, as quais dependeriam de um direito à voz e à escuta, que é constantemente negado a determinados grupos. Desse modo:

é concebível que homens possam substituir mulheres quando o que está em questão é a representação de políticas, programas ou ideais com os quais concordam. Mas como um homem pode substituir, legitimamente, uma mulher, quando está em questão a representação das mulheres *per se*? É concebível que pessoas brancas substituam outras, de origem asiática ou africana, quando está em questão representar determinados programas em prol da desigualdade racial. Mas uma assembleia formada só por brancos pode, realmente, dizer-se representativa, quando aqueles que ela representa possuem uma diversidade étnica muito maior? (PHILLIPS, 1995, p.6, apud DALCASTAGNÈ, 2012, p. 22).

Dalcastagnè (2012) estende essa reflexão ao contexto da representação literária, afirmando que, tanto no que se refere a quem produz, como em relação às personagens, é possível perceber na literatura brasileira a quase completa ausência de representantes das classes populares, chegando à conclusão de que, na nossa literatura, predomina a classe média olhando para a própria classe média, o que não reduz o seu valor como obra de arte, no entanto, limita a sua perspectiva. Tal característica não é exclusiva do campo literário, afinal, a possibilidade de acesso das classes populares é negada em todas as esferas de produção discursiva, como um indício poderoso da posição subalterna que ocupam na sociedade. A imposição de um discurso, comumente, é justificada com o argumento de que quem está autorizado a falar o faz em razão de um maior esclarecimento, de uma maior competência, ou de uma maior eficiência social. Em contrapartida, ao restante, só é permitido calar, uma vez que seu modo de dizer não é suficiente e, tampouco, sua experiência tem algum valor. Para se ter o controle do discurso, ou seja, para se falar com autoridade e obter escuta, faz-se necessário preencher alguns pré-requisitos sociais, caso contrário, esse poder lhe é negado. Essa censura alcança seu grau máximo quando chega a um nível de invisibilidade em que chegamos a acreditar que só somos capazes de dizer aquilo que temos autorização para dizer, acatando a posição de impotência em que nos lançaram:

Aqueles que estão objetivamente excluídos do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. No entanto, eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque não a produzem: isto é, porque a definição de literatura exclui suas formas de expressão. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 25)

Nesse cenário, a maior perda que se tem é a perda da diversidade, afinal, as diferentes posições que cada indivíduo ocupa socialmente lhe conferem experiências, histórias e

conhecimentos sociais únicos derivados dessa posição, o que lhe permite ver e expressar o mundo de uma perspectiva social única. Mesmo sendo sensíveis e solidários a suas questões, outros indivíduos jamais viverão a mesma experiência de vida, sua perspectiva de mundo, portanto, será fatalmente diferente.

A quase completa ausência de representantes das classes populares na literatura brasileira é reflexo de mecanismos de controle do discurso, no sentido de que é negado o direito de fala e escuta a quem que não atende a determinados requisitos sociais. Isso não quer dizer que esses grupos não falem, mas que existe uma censura social velada que os silencia, que não lhes fornece escuta. Nesse sentido, não se trata apenas de produzir literatura, mas também de não ter a sua escrita reconhecida socialmente, de não ter valorização como autoridade na área, passando a ocupar um lugar subalternizado numa estrutura de dominação, de modo que sua fala ou escrita não mereçam escuta ou recepção, pois, como afirma Tiburi (2018), o lugar de fala precisa ser também um lugar de escuta.

É em consequência da percepção dessa realidade que a autora sugere o questionamento da autoridade de quem escreve com a pretensão de falar por outras pessoas, no lugar delas, tanto em termos literários, quanto sociais, visando assegurar aos grupos historicamente marginalizados dentro da sociedade e, conseqüentemente, dentro da literatura, acesso integral e idêntico às oportunidades de publicação. Fazendo referência a Fraser (1997), ela afirma que:

a injustiça social possui duas facetas (ainda que estreitamente ligadas), uma econômica e outra cultural. Isso significa que a luta contra a injustiça inclui tanto a reivindicação pela redistribuição da riqueza como pelo reconhecimento das múltiplas expressões culturais dos grupos subalternos [...]: o reconhecimento do valor da experiência e da manifestação dessa experiência por trabalhadores, mulheres, negros, índios, gays, deficientes. A literatura é um espaço privilegiado para tal manifestação, pela legitimidade social que ela ainda retém. Daí a necessidade de democratizar o fazer literário – o que, no caso brasileiro, inclui a universalização do acesso às ferramentas do ofício, isto é, o saber ler e escrever. (DALCASTAGNÈ, 2012, p.66)

Faz-se necessário questionar, portanto, a maneira como, na literatura (assim como em outras representações de nossa realidade, tais como as telenovelas, a publicidade, o jornalismo...), a divisão de classes, de raças e de gênero é muito bem marcada: enquanto pessoas pobres e negras ocupam os espaços periféricos, nas favelas e nos presídios, homens brancos de classe média e intelectuais permeiam os espaços públicos, as mulheres permanecem restritas ao espaço doméstico, e as mulheres negras à cozinha. Se considerarmos, portanto, que toda arte tem um caráter de representação e que, como tal, não pode prescindir

de um ponto de vista (que engloba preconceitos, valores, ideologias), e que o discurso literário é, também, uma forma de exercício de poder, urge a necessidade de identificar quem está falando dentro da obra, avaliar o prestígio que possui e, em consequência, reconhecer a existência de uma crise de representação literária. Desse modo, em toda narrativa, o que está em jogo, em disputa, é o direito de contar a própria história e a possibilidade de reinterpretar o mundo à sua maneira, com todas as implicações dessas ações, inclusive no que se refere à configuração de identidades.

Não podemos, entretanto, ser pessimistas a ponto de deixar de reconhecer e sinalizar as mudanças que essa realidade vem sofrendo de forma gradativa devido aos esforços de diversos grupos que têm se organizado no sentido de pressionar as editoras, de divulgar as obras escritas por mulheres, pessoas negras e homossexuais, bem como de articular a leitura dessas obras. Pode parecer um trabalho lento, mas os impactos já podem ser notados nas vitrines de algumas livrarias. Gostaria, porém de pontuar três exemplos de como essa desigualdade ainda persiste, mesmo que de forma menos explícita, ou seja, mais velada, no cenário brasileiro e internacional.

O primeiro desses exemplos diz respeito à escritora, brasileira, lésbica, Natália Borges Polessa, vencedora do Prêmio Jabuti 2016 na categoria *contos* com seu livro *Amora* (Obra discutida no *Leia Mulheres-Salvador* no encontro de 27 de outubro de 2018). Em entrevista¹⁴ concedida ao *Bondelê*, canal com sugestões de livros e entrevistas inéditas com escritoras brasileiras contemporâneas, publicada em 04 de agosto de 2017, na plataforma *YouTube*, a autora foi confrontada pela entrevistadora com a seguinte pergunta: “Como foi a recepção do Prêmio Jabuti para o *Amora*?”. Transcrevo a seguir, em parte, a resposta dada por Natália:

Foi... estranho assim, porque antes do prêmio eu tinha tido algumas resenhas em pequenos sites, sites de resistência, digamos assim, aí saíram os finalistas do prêmio, e tal, teve uma repercussão mais local, mas quando saiu o prêmio, eu fiquei um pouco... eu fiquei um pouco sem saber o que pensar... É... Primeiro eu achei que eu tivesse numa *egotrip*, e aí... porque as manchetes eram as seguintes... no Jabuti tem três categorias de ficção que são: contos, poesia e romance; e saiu a manchete, que eu não me lembro o nome do jornal, mas um desses jornais grandes do eixo Rio-São Paulo, que era “Julián Fuks e Arnaldo Antunes ganham o prêmio Jabuti de literatura”. Aí eu: “bom, né... talvez o meu nome seja realmente o nome de uma pessoa que não circula”... Não estava na matéria... Estava na lista lá, né... Aí eu: “não... tô viajando, tô numa *egotrip*, tô querendo aqui aparecer”... Aí o jornal do Rio Grande do Sul publica: “Fernando Veríssimo não ganha o Jabuti de literatura”. Aí eu pensei que tinha alguma coisa muito errada. Aí saiu depois, num outro jornal grande: “A desconhecida que superou o Veríssimo e Fonseca...”, de novo com os nomes dos caras e o meu não... Aí eu pensei... daí, cara, eu sou a desconhecida, eu sou a não listada, eu sou a que não aparece. Isso tá muito errado, isso não pode tá certo, porque isso demonstra uma certa estrutura que a gente tem, e é por isso que as

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZOOSo1MCRXA&t=603s>

coisas não andam, assim, é por isso que você continua com aqueles números horríveis da pesquisa da Regina Dalcastagne falando que a literatura é completamente masculina, branca e elitizada, né?... É... então assim... E aí eu acho que o trabalho dela é bem importante porque ela começa, ela pesquisa essas pessoas e ela coordena grupos de pesquisa e promove essas discussões pra tirar essas pessoas do anonimato, da margem, fazer essas pessoas circularem na academia, em blogs, e isso é ótimo! (BONDELÊ, 2017. Transcrição nossa)

Considero relevante e válida a reflexão de Natália, pois ela remete a um nível mais velado de violência: a violência pelo silenciamento, pela omissão.

Esse silenciamento, essa omissão, são parte de um processo mais vasto denominado por Bourdieu (2019)¹⁵ como “violência simbólica”. Enquadram-se nessa definição situações em que, embora não haja uma violência física, ou verbal explícita, há ações, escolhas, omissões e submissões feitas de maneira tácita, velada, que refletem e reforçam uma estrutura de dominação masculina, de submissão das mulheres, que se manifesta de maneira mais sorrateira, de modo que não consegue, muitas vezes, ser identificada pelas próprias vítimas. É uma violência que se manifesta no território, também simbólico, da comunicação, do (des)conhecimento e das emoções.

A primeira manchete à qual a autora se refere é da edição de 11 de novembro de 2016 do Jornal *Folha de São Paulo*¹⁶. Embora o nome da autora conste na matéria como ganhadora do prêmio na categoria *Contos e Crônicas*, a ênfase, na manchete, é dada a dois autores homens: o paulistano Julián Fuks, na categoria *Romance*, e o já consagrado Arnaldo Antunes, com a categoria *Poesia*, sendo a foto que ilustra a matéria é dedicada ao primeiro. Em nenhum momento é feita nenhuma crítica ao livro *Amora*, ou questionado o talento da autora, mas o recorte feito na manchete, ao excluir seu nome, atribui maior notoriedade aos autores homens, talvez de modo intencional, mas muito provavelmente, apenas reproduzindo a lógica já cristalizada no mercado editorial de privilegiar autores homens.

A segunda manchete a que a escritora se refere, embora não a tenhamos encontrado disponível *on-line*, reflete um apego a um nome ao qual, tradicionalmente, tem sido atribuído o primeiro lugar na categoria *Contos e Crônicas*: Luís Fernando Veríssimo. Vejamos que, nesse caso, a categoria em pauta é justamente aquela em que Natália foi premiada, mas em vez de se fazer menção ao seu nome, optou-se, mais uma vez, pelo escritor homem já bastante reconhecido e valorizado por seu trabalho. Mais uma chance perdida de dar visibilidade a quem está chegando e que foge ao perfil patriarcal historicamente consolidado. Um leitor

¹⁵ Tradução Maria Helena Kühner

¹⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/11/1831705-julian-fuks-e-arnaldo-antunes-vencem-o-premio-jabuti-2016.shtml>

incrédulo a esse raciocínio poderia argumentar que seria natural um jornal do Rio Grande do Sul noticiar a não premiação de um já aclamado gaúcho. Acontece, porém, que a própria Natália Borges é, também gaúcha.

Por fim, a manchete que a denomina “a desconhecida” é da autoria do Jornal *O Globo*. Na matéria intitulada *A desconhecida que superou Veríssimo e Ruben Fonseca*¹⁷, opta-se por omitir o nome da autora que só pode ser considerada desconhecida por alguns, tendo em vista que já tinha outras obras publicadas, e que tem atuação bastante ativa nas redes sociais, já possuindo um público que identificava e reconhecia seu nome desde a época. Por outro lado, o veículo de informação, de grande circulação, se isenta da responsabilidade de divulgar seu nome, preferindo dar destaque aos dois autores, mais uma vez, homens, brancos, heterossexuais, cujos nomes já são amplamente divulgados há bastante tempo.

A segunda situação que gostaria de destacar aqui diz respeito à escritora, também brasileira, negra, por muito tempo negligenciada pela academia e pelo público leitor brasileiro, Conceição Evaristo. Recentemente, com as conquistas alcançadas pelo Feminismo Negro, a autora tem ganhado grande notoriedade em espaços voltados para a leitura, a reflexão e o debate sobre literatura. O próprio *Leia Mulheres-Salvador* já a contemplou na leitura de *Olhos d'Água*, em março de 2017, encontro que contou com a participação do grupo *Lendo Mulheres Negras*, coletivo que, como o próprio nome já diz, se debruça especificamente sobre a leitura de obras escritas por mulheres negras.

Devido a essa notoriedade, bem como à relevância de sua obra, Conceição Evaristo foi indicada para assumir a cadeira de número 7 (sete) da Academia Brasileira de Letras (ABL) em meados de 2018, cujo patrono é o poeta baiano Castro Alves. A disposição em se candidatar à vaga deixada pelo cineasta Nelson Pereira dos Santos, falecido em abril de 2018, foi impulsionada por duas petições *on-line*, feitas por fãs da sua obra, que chegaram a ultrapassar 40 mil assinaturas. A expectativa em torno da sua escolha para assumir o referido posto era grande, tendo em vista que seria uma clara oportunidade de a Academia fazer história ao eleger para uma das mais tradicionais entidades da literatura brasileira uma escritora mulher e negra. Seria um marco na história da ABL, tendo em vista que, ao longo de seus mais de 120 (cento e vinte) anos de existência, somente 8 (oito) mulheres, todas brancas, ocuparam suas cadeiras, a saber: Rachel de Queiroz, Diná Silveira de Queirós, Ana Maria Machado, Cleonice Berardinelli, Rosiska Darcy de Oliveira, Lygia Fagundes Telles, Zélia

¹⁷ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/a-desconhecida-que-superou-verissimo-ruben-fonseca-20492493>

Gattai, Nélida Piñon. Caso houvesse sido admitida, Conceição Evaristo teria sido a nona mulher, e a primeira mulher negra a integrar um posto na Academia.

Tais expectativas, no entanto, foram frustradas quando, no dia 30 de agosto de 2018, foi anunciada a eleição do, também cineasta, Cacá Diegues para a cadeira de número 7 (sete). Conceição Evaristo foi contemplada com apenas 1 (um) voto, contra os 22 (vinte e dois) de Cacá. A eleição refletiu e manteve o perfil da instituição que, atualmente, conta com somente 5 (cinco) mulheres e 1 (um) homem negro entre os 39 acadêmicos. A representatividade permanece sendo um sonho distante para esse espaço.

O último dos exemplos que apresento aqui (embora pudéssemos elencar diversos outros de natureza muito similar) é o da escritora J.K.Rowling. Hoje, mundialmente conhecida pelos livros da série *Harry Potter*, a autora, até hoje identificada apenas pelas suas iniciais e pelo seu sobrenome, não teve um início de carreira fácil. Joanne¹⁸ teve seus manuscritos recusados diversas vezes, até que, finalmente, uma editora aceitou publicar uma remessa de mil cópias, mas sob uma condição: a de que ela mudasse a sua assinatura e passasse a assinar somente com as iniciais do seu nome. Tal ressalva foi feita pela editora devido ao receio de que meninos não desejassem ler um livro escrito por uma mulher. Como sabemos, a escritora aceitou o acordo, e seus livros se tornaram um dos maiores fenômenos da história editorial. Nunca saberemos qual teria sido o curso dos acontecimentos, caso o seu nome estivesse completamente explícito na capa.

Retomo, aqui, as questões propostas por Ribeiro (2017): 1. considerando a supremacia branca e patriarcal que permeia a nossa sociedade, será que mulheres brancas, mulheres negras, homens negros, pessoas transexuais, lésbicas, gays podem falar com a mesma legitimidade que homens brancos, *cis*, heterossexuais? 2. o que acontece quando esses grupos falam?

Embora cada um dos exemplos propostos aqui tenha as suas peculiaridades e falem acerca de mulheres completamente distintas entre si, eles possuem um elo comum que diz respeito à dificuldade que as escritoras do sexo feminino, sejam brancas, negras, homossexuais, encontram, ainda hoje, em ter suas obras publicadas, lidas e seu trabalho como escritoras visibilizado, reconhecido, legitimado. No entanto, ao contrário do que se possa concluir precocemente, a mídia brasileira, a Academia Brasileira de Letras e o mercado editorial não são os únicos redutos em que essa estrutura de dominação e essa violência simbólica de gênero se manifestam. Esses espaços apenas reverberam algo que permanece

¹⁸ O nome verdadeiro da autora é Joanne Rowling, mas ela adotou o “K” em homenagem à avó, Kathleen.

incrustado em nossa estrutura social e pode ser visualizado em diversos outros contextos, tais como: a distribuição do trabalho, a intimidade das relações matrimoniais e a distribuição dos afazeres domésticos. No âmbito conjugal, essas forças se revelam de maneira muito contundente na maneira como as mulheres permanecem sendo alienadas de seus desejos pessoais, e cerceadas na expressão de suas necessidades e de sua liberdade.

Seria paradoxal ingressar nessa discussão, sem inserir no debate uma personagem que, a meu ver, nos convida a pensar de forma bastante sensível e, ao mesmo tempo, contundente, acerca da invisibilidade das mulheres no contexto doméstico e social. Refiro-me a Eurídice Gusmão.

3.6 Invisibilidade das mulheres: reflexões sobre *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha

Eurídice é a protagonista do livro intitulado *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, obra de estreia de Martha Batalha, publicada em 2016 pela editora Companhia das Letras, que inspirou o filme *A vida Invisível*, com direção de Karim Aïnouz. A história se passa no Rio de Janeiro dos anos 1940, contudo, na mesma medida em que nos remete àquele contexto histórico específico e, conseqüentemente, nos leva a pensar a vida de mulheres de nossa família e do nosso convívio que viveram naquela época, o enredo extrapola tempo e espaço a ponto de suscitar reflexões sobre diversos temas que permanecem sendo questões na contemporaneidade. A referida obra foi escolhida como primeiro livro para leitura e debate no *Leia Mulheres-Salvador* em 2020, tendo sido debatida no encontro do dia 25 de janeiro do referido ano.

De um modo amplo, podemos dizer que o livro é sobre a invisibilidade das mulheres. Invisibilidade no sentido de não termos nossa voz escutada, de não termos nossas vontades respeitadas e consideradas. Mas essa invisibilidade tem diversas nuances ao longo do enredo. A história começa com a lua de mel de Eurídice, ocasião na qual há um desentendimento entre o casal, pois, diferentemente daquilo que Antenor, seu esposo, havia ouvido e esperava, não houve sangramento que comprovasse a perda da virgindade da esposa, o que o levou à conclusão equivocada, de que ela já havia perdido a virgindade antes da noite de núpcias. Segue o trecho da discussão entre os dois após o ocorrido:

Foi uma cerimônia simples, seguida por uma festa simples, e por uma lua de mel complicada. O lençol não ficou sujo, e Antenor se indignou.
 “Por onde raios você andou?”
 “Eu não andei por canto algum”

“Ah, andou, mulher.”

“Não, não andei.”

“Não me venha com desculpas, você sabe muito bem o que deveríamos ter visto aqui.”

“Sim, eu sei, minha irmã me explicou.”

“Vagabunda. Eu me casei com uma vagabunda.”

“Não fale assim, Antenor.”

“Pois falo e repito. Vagabunda, vagabunda, vagabunda.”

Sozinha na cama, corpo escondido sob o cobertor, Eurídice chorava baixinho pelos *vagabunda* que ouviu, pelos *vagabunda* que a rua inteira ouviu. E porque tinha doído, primeiro entre as pernas e depois no coração. (BATALHA, 2016, p.10)

Esse seria um tema recorrente nos conflitos entre Antenor e Eurídice, sobretudo nas noites em que ele, tomado pelo uísque, procurava confusão com a esposa. Ela se calou diante disso. Sabia que o marido não acreditaria em sua palavra, por mais que ela insistisse, e se resignou a ouvir o lamento dele sempre que bebia. Fato é que o tom do casamento entre os dois foi desenhado naquela primeira noite juntos. Quando Antenor decide permanecer com Eurídice, apesar de não acreditar que ela fosse virgem ao se casar com ele, delineia-se uma hierarquia no relacionamento, na qual, ele estava acima dela, e a ela caberia apenas o papel submisso de acatar as suas decisões e os seus despautérios. Mas essa condição só foi aceita por ele, em função de três características de Eurídice: seu silêncio, sua beleza física e suas habilidades como dona de casa:

Nas semanas seguintes a coisa acalmou, e Antenor achou que não precisava devolver a mulher. Ela sabia desaparecer com os pedaços de cebola, lavava e passava muito bem, falava pouco e tinha um traseiro bonito. Além do mais, o incidente da noite de núpcias serviu para deixá-lo mais alto, fazendo com que precisasse baixar a cabeça ao se dirigir à esposa. Lá de baixo Eurídice aceitava. Ela sempre achou que não valia muito. Ninguém vale muito quando diz ao moço do censo que no campo profissão ele deve escrever as palavras “Do lar”. (BATALHA, 2016, p.10)

Já no fim da história é que ficamos sabendo que o não sangrar ao perder a virgindade é algo comum às mulheres da família de Eurídice. O mesmo ocorreu com sua irmã, Guida, e sua mãe, Ana. O livro retrata, desse modo, um contexto histórico bastante específico em que a ruptura do hímen funcionava como forma de controle da virgindade das mulheres, e no qual se acreditava que, para ser digna de um casamento, a mulher deveria apresentar-se virgem ao marido, assegurando-o de que não havia sido tocada por outro homem antes e que uma gravidez resultante da lua de mel, por exemplo, traria ao mundo uma descendência legítima, assinalando a posse do corpo desta mulher por este homem, como uma espécie de bem material.

Embora vivamos em outro contexto histórico atualmente, é impressionante como a ruptura do hímen e a virgindade pré-nupcial permanecem sendo tabus, sobretudo em contextos de supremacia religiosa. Há dois grandes mitos referentes a essa misteriosa membrana, a saber: que ele necessariamente se rompe e sangra na primeira relação sexual com penetração; e que, uma vez, rompido, ele desaparece completamente ou é radicalmente alterado, de modo que pode funcionar como garantia de que aquela mulher não é mais virgem. Embora sejam afirmações desmitificadas pela comunidade científica há mais de um século, elas se perpetuam no imaginário coletivo como uma espécie de tabu por uma razão muito clara: ambos os mitos são usados como ferramenta poderosa de controle da sexualidade das mulheres em diversas culturas, religiões e períodos históricos. Em um TEDx sobre o tema, realizado em Oslo em 2017 e intitulado *A fraude da virgindade*¹⁹, Nina DølvikBrochmann e Ellen Støkken Dahl afirmam que, ainda hoje, muitas mulheres são incompreendidas, envergonhadas, prejudicadas e, em muitas culturas, julgadas à pena de morte, se não sangrarem na noite de núpcias. Tantas outras são forçadas a degradantes testes de virgindade para conseguirem um emprego, salvarem sua reputação ou conseguirem se casar. Ou seja, a história de Eurídice não é somente dela. É a de muitas mulheres que foram consideradas mentirosas por não ostentarem sangue nos lençóis em seu primeiro coito. Ou a de muitas outras que, por não possuírem mais o hímen como selo, foram recusadas como esposas e tiveram sua reputação completamente destruída, tendo permanecido solteiras ao longo de toda a sua vida por não serem consideradas aptas para o casamento. É, ainda, a história de tantas de nós, que ainda hoje, se preocupam com a integridade dessa membrana com o único objetivo de ostentá-la diante de um futuro marido, numa possível noite de núpcias.

A versão de Eurídice a respeito da sua própria virgindade foi completamente silenciada pelo marido. A primeira opressão, das muitas, que viveria ao lado de Antenor, tendo em vista que o silenciamento e o apagamento da esposa seguiram ocorrendo em atos do cotidiano, contemplando diversos outros aspectos da sua existência e personalidade.

É interessante ressaltar que, muito embora o tema da virgindade de Eurídice seja central na obra, sendo o primeiro tema apresentado no livro, e um dos fios que perpassam toda a trama, no encontro presencial do *Leia Mulheres-Salvador*, tal tema não foi sequer mencionado. Talvez por ser esse assunto ainda considerado tabu, talvez porque muitas das participantes desse encontro estavam ali pela primeira vez, talvez pela diversidade etária que

¹⁹ Disponível

em: https://www.ted.com/talks/nina_dolvik_brochmann_and_ellen_stokken_dahl_the_virginity_fraud?language=pt-br#t-62740. Acesso em :11 de fevereiro de 2020. Tradução Rowena Esteves.

caracterizou esse momento, ou ainda, pela presença de dois homens na roda. Em último caso, por esquecimento mesmo das participantes. Não temos como chegar a uma conclusão categórica em relação às razões que levaram ao total silenciamento das pessoas presentes em relação ao assunto. Podemos, no entanto, tecer uma reflexão no sentido de que é bastante sintomático que, justamente esse aspecto, tenha sido esquecido ou ocultado durante as falas. Não estamos mais na década de 1940, mas, ao que tudo indica, ainda permanecemos em silêncio quando se trata de falar acerca da nossa sexualidade, seja por constrangimentos externos, seja por aqueles que já internalizamos a tal ponto que se tornam difíceis de transpor.

A invisibilidade da protagonista não se restringe, contudo, à sua vida sexual. Ela se estende a outras dimensões do seu cotidiano. A caracterização da personagem, na obra, sugere que se tratava de uma pessoa brilhante que, pouco a pouco, vai sendo tomada exclusivamente pelas demandas domésticas a ponto de acreditar que era desnecessário pensar:

Porque Eurídice, vejam vocês, era uma mulher brilhante. Se lhe dessem cálculos elaborados ela projetaria pontes. Se lhe dessem um laboratório ela inventaria vacinas. Se lhe dessem páginas brancas ela escreveria clássicos. Mas o que lhe deram foram cuecas sujas, que Eurídice lavou muito rápido e muito bem, sentando-se em seguida no sofá, olhando as unhas e pensando no que deveria pensar. E foi assim que concluiu que não deveria pensar. (BATALHA, 2016, p.12)

A fim de não pensar, ela passa a se envolver em diversas atividades, que podemos interpretar como estratégias pessoais de insurreição contra a sua invisibilidade diante do marido, dos filhos e da sociedade como um todo.

A primeira delas surgiu com o objetivo de manter os pensamentos distantes, justamente por ser infinita em suas demandas diárias: a culinária. Começou seguindo um livro de receitas, buscando aquelas mais elaboradas e que mais lhe ocupariam o tempo. Em seguida, começou a testar seus próprios pratos. E, por fim, foi à papelaria mais próxima, escolheu um caderninho do seu agrado e começou a registrar todas as receitas de sua autoria. O caderninho passou a funcionar como um diário para ela, ou, nas palavras que constam no próprio livro, “O relato do que fez para suportar os anos de exílio doméstico, para tornar menos opressoras as paredes daquela casa.” (BATALHA, 2016, p.30).

Veio então à Eurídice, a ideia de publicar suas receitas. Em um jantar especial preparado por ela mesma, compartilhou-a com o marido, Antenor. Sua reação foi de escárnio. Ele rotulou como besteira os meses de trabalho da esposa, alegando que ninguém compraria um livro feito por uma dona de casa. A gargalhada que emitiu nessa ocasião ecoaria por

bastante tempo na memória de Eurídice, que termina por abandonar seu projeto e suas ideias, acatando e internalizando o ponto de vista do marido:

E Eurídice, que nunca tinha visto a vida além daquela casa e daquele bairro, ou da casa e do bairro dos pais, achou que o marido tinha razão. Antenor sabia das coisas. Ele estudou contabilidade, era funcionário do Banco do Brasil e discutia política com outros homens. **Enquanto trabalhava nas receitas ela tinha certeza de que estava fazendo algo de valor, mas na frente do marido tudo perdia o sentido. Publicar um livro, falar na rádio, ensinar culinária foram devaneios que teve. Visão quem tinha era Antenor** - uma visão definida por tudo aquilo que ele via pelo bonde no trajeto até o trabalho. Mas mesmo essa visão de Antenor era maior do que qualquer outra que pudesse vir de Eurídice, que só via as paredes da casa, as barracas da feira, os grãos do armazém e o imenso vazio que a incomodava. (BATALHA, 2016, p.32. Grifos nossos)

Apesar da atitude negativa de Antenor em relação aos projetos da esposa, Eurídice continuava a julgá-lo como um bom marido, afinal, ele não era boêmio, não a agredia fisicamente, tinha um bom salário, não reclamava muito e conversava com as crianças.

Passado algum tempo da decepção com o livro de culinária, nossa protagonista achou por bem empreender outro projeto para preencher o seu tempo ocioso e afastar uma angústia que beirava à loucura. Ao ler uma revista enquanto arrumava os cabelos em um salão da Tijuca, se deparou demoradamente com uma seção de corte e costura e, nesta, com o passo a passo para a confecção de um vestido que demandaria nove moldes e vinte e três etapas para ficar pronto. Justamente por ser tão detalhado e minucioso, Eurídice achou por bem levá-lo a cabo, pois assim teria como manter suas mãos e sua mente ocupadas. Adquiriu, então, uma máquina de costura. Começou costurando para a própria família, até que sentiu a necessidade de ampliar seu negócio e passou a costurar para as mulheres da vizinhança. As medidas eram tiradas na própria sala da sua casa durante a tarde, sem o conhecimento ou consentimento do marido, pois Eurídice sabia que jamais poderia contar com o seu apoio:

Durante os meses em que Eurídice atuou como A Costureira mais Capaz e Barateira da Tijuca [...] Antenor permaneceu alheio às ambições produtivas da mulher. Dessa vez Eurídice tinha usado outra técnica de guerrilha feminina: o combate por omissão (aquele que impede os homens de dizerem não). Ela sabia que em alguma hora teria que informar o marido sobre seus planos, mas a reprovação seria certa. Achou então que poderia postergar a conversa até, quem sabe, para sempre. (BATALHA, 2016, p.32)

O curso desse exitoso projeto foi radicalmente alterado quando Antenor pegou um resfriado que o deixou acamado em casa por alguns dias. Mesmo do quarto, ele percebeu a movimentação atípica na sala que, geralmente, se dava durante os seus períodos de ausência para o trabalho. Sua reação foi justamente aquela que a esposa previa: ele rejeitou, também,

esse projeto, pois era contrário à transformação da sala de sua casa em ateliê e àquele fluxo de entrada e saída de mulheres do recinto. Sua maior preocupação, inclusive, era que as pessoas pensassem que ele não estava arcando com suas responsabilidades financeiras e da casa como homem e que, em função disso, a esposa estaria precisando se sacrificar trabalhando daquela forma. Durante a discussão que se seguiu, ele esbravejou:

Então eu me mato de trabalhar naquele banco pra você ter do bom e do melhor e descubro essa feira livre aqui em casa? [...] O seu trabalho é cuidar da casa e das crianças. [...] por que você nunca mais me fez os medalhões de peru? Aqueles com a coisa marrom por cima. [...] Eu preciso de uma mulher dedicada ao lar. É sua responsabilidade me dar paz de espírito pra eu sair e trazer o salário pra casa. Você tem ideia de como é complicado trabalhar na área de financiamentos? [...] Uma boa esposa não arranja projetos paralelos. Uma boa esposa só tem olhos para o marido e os filhos. Eu tenho que ter tranquilidade pra trabalhar, você tem que cuidar das crianças. (BATALHA, 2016, p.53)

Nesse trecho, percebe-se, claramente, a representação da mulher e, sobretudo, da esposa, carregada por Antenor. Trata-se de uma visão condizente com o imaginário da época que associa a mulher exclusivamente com os afazeres domésticos e o cuidado com as crianças. Em outros trechos, é possível perceber a sua completa alienação em relação à dinâmica de funcionamento da casa, que ele julgava como domínio e atribuição da esposa (mas não exclusivo dela, como veremos mais adiante). Nessa perspectiva, não há espaço para o desenvolvimento de atividades lucrativas por parte de Eurídice, ainda que elas fossem desenvolvidas no próprio âmbito da sua residência e que em nada comprometessem as demais tarefas que eram atribuições suas. A visão e divisão sexista entre trabalho remunerado e trabalho doméstico podem ser apreendidas em seu discurso, pautado na defesa de que todo trabalho remunerado deve ser realizado pelos homens e que todo trabalho doméstico deve ser atribuição das mulheres, não existindo a possibilidade de que tais limites sejam rompidos, transpassados, invertidos ou compartilhados.

Eurídice acatava as resoluções do marido, em parte, porque julgava que ele tinha razão e, por outro lado, por ter desenvolvido, ao longo da sua vida, uma espécie de autossabotagem, em que, gradativamente, internalizava discursos e experiências negativas a seu respeito que terminava incorporando como verdades. No livro, esse seu outro lado é denominado *A Parte de Eurídice Que Não Queria Que Eurídice Fosse Eurídice*. A esse fator interno e imponderável é atribuído o fato de a protagonista não conseguir tocar seus projetos, de não conseguir enfrentar o próprio marido, de não reagir diante dos seus desmandos, de não levantar a voz para ele e reivindicar o direito a empregar seu corpo e suas forças naquilo que bem entendesse, e o fato de se submeter e acatar cada vez mais o silenciamento a ela imposto.

Após a recusa do marido diante do projeto de costura, a protagonista entra numa espécie de depressão, passando os seus dias sentada inerte diante da estante de livros que possuía na sala de estar, a olhar para o nada. E assim seguiu, “[...] meio songa, meio monga, meio morta [...]” (BATALHA, 2016, p.53), até o dia em que despertou para o seu último projeto descrito no livro: a escrita. O momento em que o *insight* para esse último projeto aparece na obra é descrito quase como uma epifania:

Talvez tenha sido a constância. Anos e anos sentando-se no mesmo lugar, encarando o vazio na forma de estante. Ou talvez tenha sido porque tinha que ser. O fato é que nessa nova temporada de olhares perdidos Eurídice começou a se sentir diferente. Era uma sensação bastante leve no começo, quase como uma cosquinha. Percebeu que a sensação só aparecia quando ela estava sentada no mesmo lugar, olhando para o mesmo ponto.

Eurídice passou a sentar-se em seu posto menos para olhar o nada e mais para esperar a sensação chegar. A sensação chegava, e encontrava no silêncio o espaço para crescer. E foi assim que a sensação aumentou até ser vista por Eurídice, e Eurídice viu que a sensação era isso. A sensação era o dom de ver.

Eurídice viu a estante de livros na estante de livros.

Ela viu a estante de livros. (BATALHA, 2016, p.162)

Nos livros que sempre estiveram à sua frente, mas que nunca haviam sido notados, Eurídice encontrou Dostoiévski, Flaubert, Virginia Woolf, Simone de Beauvoir, Jane Austen, entre outros. Decidiu ler primeiro um, depois o outro. Até que começou a perceber relações que uniam aquelas obras e sentiu crescer dentro dela a vontade de escrever sobre as impressões que tinha. Comprou, dessa vez, uma máquina de escrever, reservou um espaço na mesa do escritório, outrora território de Antenor, e começou seu mais novo empreendimento.

Dessa vez, tratava-se de uma empreitada individual, solitária, que, por não afetar a vida do restante da família e por devolver a Eurídice um brilho no olhar, foi autorizada pelo marido, e ninguém foi capaz de lhe tomar. Na escrita, ela se reencontra, passa a não se importar com o que os outros pensariam a seu respeito, muda seu olhar e sua postura diante da vida:

O que incomodava nessa nova fase de Eurídice era o olhar: ele agora parecia entrar por dentro das pessoas, como se fosse roubar seus segredos. Mas desde que a rotina da casa fosse mantida, desde que Alfonso tivesse os cabelos cortados e o uniforme limpo, desde que Cecília mantivesse a saia na altura correta e não risse alto por aí, desde que os chinelos de Antenor e as almofadas do sofá estivessem no lugar correto, Eurídice poderia ter o olhar que bem entendesse. (BATALHA, 2016, p.162)

A onomatopeia referente ao barulho produzido pelo atrito dos dedos de Eurídice com as teclas da máquina, *tec, tec, tec*, ecoa nas páginas do livro, e ressoa nos nossos ouvidos. Ali, ela revela posteriormente, estaria escrevendo a “história da invisibilidade”, sua e de tantas

outras mulheres. A leitura e a escrita funcionam, nesse contexto, como uma espécie de catarse, em que ela é capaz de reinventar a própria história e de extrapolar as paredes da sua própria casa ao deixar de cumprir e de ser identificada exclusivamente com as funções primordiais que se esperavam dela: casar-se, dar à luz, cuidar do marido, das crianças e da casa. Ela passa a ser capaz de escrever sua própria história e, por consequência, nos inspira, também, a escrever a nossa.

Mas dentro da história da invisibilidade que estamos discutindo aqui, ainda é possível identificar uma camada mais profunda: a invisibilidade das personagens negras. Tal destaque foi dado no encontro presencial do *Leia Mulheres-Salvador* para a discussão da obra por uma das moderadoras (a única que se autodeclara negra, é bom destacar), que ressaltou o incômodo que sentiu ao se deparar com a maneira como essas personagens foram apresentadas e descritas no livro, dando ênfase à situação de Maria das Dores, a empregada doméstica de Eurídice. A moderadora salientou que se foi possível para a protagonista usufruir de um tempo ocioso, que lhe permitiu pensar formas de reinventar e ressignificar a sua rotina, isso ocorre, sobretudo, devido à entrada de Das Dores (como é chamada na obra) em cena, personagem para a qual não haveria ocasião alguma para a fruição do ócio, tendo em vista que estava sempre ocupada com as tarefas domésticas da casa dos Gusmão Campelo.

A chegada de Das Dores é anunciada na obra da seguinte maneira:

A vida inclusive ficou ainda mais tranquila depois que os Gusmão Campelo adquiriram uma das maravilhas daquela e de tantas outras épocas: uma empregada doméstica. Maria das Dores chegava a tempo de servir o café dos patrões e ia embora depois do último prato do jantar lavado, deixando um rastro de camas feitas, pisos encerados e banheiros limpos. (BATALHA, 2016, p.162)

A personagem é apresentada como se fosse um bem material, um objeto que, a partir de então, se tornaria parte das posses da família. Há sempre bastante ironia, até mesmo sarcasmo, nas referências feitas a Das Dores no livro, de modo tal que levanta uma desconfiança sobre, até que ponto essas opiniões contribuem de fato para problematizar um lugar ocupado historicamente pela mulher negra dentro de uma sociedade racista e até que ponto essas alfinetadas não seriam apenas mais um reflexo da naturalização desse lugar e corroborariam para a perpetuação desse tipo de pensamento.

Com a chegada de Das Dores, Eurídice passa a despejar nela as suas frustrações, exigindo que as tarefas domésticas fossem realizadas de modo impecável. Destaca-se, então, que Das Dores, nome, por si só bastante emblemático, “ganhou ainda mais dores” (BATALHA, 2016, p.37). Segundo consta na obra, no entanto, todas essas exigências

desmedidas que lhe eram feitas, não a incomodavam, e ela não se importava de trabalhar das sete da manhã até depois das oito da noite, e de realizar minuciosamente os trabalhos que lhe eram atribuídos, desde que todos os dias pudesse chegar em casa ao final do dia e encontrar seus três filhos:

Maria das Dores era mãe de três filhos que se criavam sozinhos, que se alimentavam dos pratos que ela guardava no forno e se vestiam das roupas que ela deixava na cômoda, e que agora já tinham idade para andar soltos na casa, não sendo mais necessário acorrentá-los no quarto para se manterem longe das facas e fogos da cozinha. (BATALHA, 2016, p.38)

Fica claro, então, que há, na história, quem seja mais invisível que Eurídice. Uma personagem que, para dar conta do sustento da própria família, precisou se submeter aos desmandos de Eurídice. Ou seja, para além da violência de gênero discutida na obra, há outras tantas: a de raça e a de classe, que não podem ser desconsideradas.

A fala mais contundente e polêmica da obra em relação ao assunto, que gerou um forte debate no *Leia Mulheres-Salvador*, é apresentada logo em seguida, assim que se discute a situação de precariedade a que os filhos de Das Dores estão expostos. Nesse momento, quem narra a história afirma: “Mas esta não é a história de Maria das Dores. Maria das Dores inclusive só aparece por aqui de vez em quando, na hora de lavar uma louça ou fazer uma cama. Esta é a história de Eurídice Gusmão, a mulher que poderia ter sido.” (BATALHA, 2016, p.38).

Além das cobranças desmedidas de Eurídice, que considera que Das Dores faz tudo errado, é burra e não cuida bem dos afazeres que deveria, há, ainda, no enredo, a exploração sexual da personagem por parte de Afonso, o filho de Antenor e Eurídice, durante a adolescência:

Depois de Cecília, foi a vez de Afonso e Chico descobrirem seus hormônios e, no caso deles, aquela coisa por vezes dolorosa que lhes crescia entre as pernas. O inchaço inoportuno precisava de alívios imediatos, que Chico aprendeu a fazer no banheiro, e Afonso aprendeu a fazer em Das Dores. (BATALHA, 2016, p.133, 134)

Nesse contexto, embora fosse a adulta, Das Dores estava numa situação bastante vulnerável, tendo em vista que era chantageada pelo menino. Caso contasse à patroa ou patrão o que estava ocorrendo, eles se encarregariam de demiti-la imediatamente, afinal, estava claro que ela não era insubstituível. Por outro lado, caso se recusasse a manter relações sexuais com o menino, ele mesmo trataria de denunciá-la como se o tivesse feito. Seria a palavra dele contra a dela. Obviamente, a mãe e o pai escutariam o menino. E assim, a situação de

exploração sexual seguia, pois a empregada não podia se dar ao luxo de pôr o seu emprego em risco, afinal, tinha três bocas para sustentar, e já não era a primeira vez em que era exposta a uma violência desse tipo. Desse modo, diante das chantagens de Afonso:

Das Dores ouvia, e **Das Dores se calava**. Pois seus três meninos ainda precisavam dela, e parece que um deles não ia ser malandro que nem o pai, porque gostava dessas coisas de estudar. E se apenas um filho lhe sáísse bem ela já podia morrer em paz, o que era agora uma das únicas coisas que queria. Ela inclusive já tinha visto o preço do caixão; tinha escolhido um de madeira clara com alças douradas. Já estava pagando as prestações do cemitério do Caju, que em cova rasa não ia ficar. **A vida não tinha lhe sorrido, mas ela faria a morte lhe tratar melhor. Para Das Dores uma saia levantada a mais ou a menos não fazia muita diferença**. Que mal havia em aliviar as angústias do menino? Ruim foi sua primeira vez, porque **aos treze anos não sabia de muito e tentou resistir**, voltando para casa com manchas de sangue que não eram apenas pelo fim da virgindade. (BATALHA, 2016, p.133, 134. Grifos nossos)

Alguns aspectos chamam a atenção nesse trecho da história. O primeiro é o silêncio de Das Dores. No contexto subalterno e vulnerável em que ela se encontrava, não adiantaria gritar, falar, comunicar, reivindicar. Ela opta pelo silêncio, pois sabia que não seria ouvida de qualquer maneira. Na sua primeira experiência sexual, que foi também sua primeira experiência de violência sexual, ao tentar resistir, ela havia sido ainda mais agredida, o que a levou a crer que, nesse tipo de situação, resistir só traria danos a ela mesma. Das Dores segue, então, sem perspectiva de vida, assumindo uma postura de resignação diante da violência que lhe é imposta, com o propósito de continuar sustentando os três filhos que mantém sozinha, restando-lhe, apenas, planejar a própria morte.

Acredito ser importante salientar que, embora o recorte do grupo *Leia Mulheres-Salvador* seja, inicialmente, um recorte de gênero, há uma constante preocupação em contemplar obras que problematizem, também, questões raciais e de classe, em consequência da percepção de que tais temáticas não podem ser trabalhadas de maneira isolada, considerando que há entre elas uma inquestionável interseção, afinal, na concepção interseccional do Feminismo, compreende-se que as lutas sociais estão (ou deveriam estar) conectadas de alguma maneira, de modo que:

[...] lutar pelos direitos das mulheres é lutar pelos direitos dos negros; lutar pelos direitos dos negros é lutar pelos direitos das mulheres e dos índios, das pessoas trans e dos trabalhadores; lutar pelos direitos dos trabalhadores é lutar pelos direitos das mulheres que são trabalhadoras. Quando lutamos por um lugar de fala lutamos pelo lugar de todos. (TIBURI, 2018, p.55)

Nesse sentido, há uma decisão consciente de escolher obras escritas por autoras negras para serem lidas e debatidas. Entre as autoras negras já lidas estão: Carolina Maria de Jesus, com *Quarto de Despejo*; Chimamanda Adichie, com *Americanah* e *Hibisco Roxo*; Conceição Evaristo, com *Olhos D'Água*; Octavia Butler, com *Kindred*; Ryane Leão com *Tudo nela Brilha e Queima*; Roxane Gay, com *Fome*; Toni Morrison com *Amada*, Angela Davis com *Mulheres, Raça e Classe*; Jarrid Arraes com *Redemoinho em dia quente*; Maya Angelou com *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, entre outras²⁰.

Ao definir o meu contexto de pesquisa e iniciar as leituras sobre Feminismo, duas questões ficaram latentes para mim: primeiramente, gênero, classe e raça são aspectos indissociáveis, não há estudo ou reflexão possível em que esses aspectos estejam fragmentados; conseqüentemente, não há estudo possível sobre o Feminismo atualmente sem que a pauta do Feminismo Negro esteja no centro do debate, afinal, ela é o cerne da questão. Carneiro (2003), nos alerta para o fato de que:

em conformidade com outros movimentos sociais progressistas da sociedade brasileira, o feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade. (CANEIRO, 2003, p.118)

Nesse mesmo texto, intitulado *Mulheres em Movimento*, publicado em 2003, Sueli Carneiro propõe uma importante reflexão acerca dos avanços e das demandas dos Movimentos Feministas no Brasil. Ela inicia seu texto destacando a identificação do Feminismo brasileiro, desde a sua gênese, com as lutas populares e com as lutas pela democratização do país. Os discursos e práticas dentro do movimento, porém vêm sendo reformulados a partir da percepção da existência de um silêncio em torno de outras formas de opressão além do sexismo, para a qual o movimento emergente de mulheres negras e suas reflexões acerca do ideário e da prática feminista no Brasil têm sido determinantes.

A autora designa essa trajetória por meio da expressão “enegrecendo o feminismo” (CARNEIRO, 2003, p.118). Com ela, simultaneamente, assinala o caráter branco e ocidental da formulação feminista clássica e revela a insuficiência teórica para lidar com as diversas expressões do ser mulher em sociedades multirraciais como a brasileira. Tais iniciativas permitiram o estabelecimento de uma agenda de combate às desigualdades de gênero

²⁰ A lista completa das obras lidas no Leia Mulheres-Salvador pode ser consultada na página do grupo no Instagram @leiamulheres_ssa.

intragênero e a afirmação e visibilização de uma perspectiva feminista negra. Em suas próprias palavras:

A ação política das mulheres negras vem promovendo: o reconhecimento da falácia da visão universalizante de mulher; o reconhecimento das diferenças intragênero; o reconhecimento do racismo e da discriminação racial como fatores de produção e reprodução das desigualdades sociais experimentadas pelas mulheres no Brasil; o reconhecimento dos privilégios que essa ideologia produz para as mulheres do grupo racial hegemônico; o reconhecimento da necessidade de políticas específicas para as mulheres negras para a equalização das oportunidades sociais; o reconhecimento da dimensão racial que a pobreza tem no Brasil e, conseqüentemente, a necessidade do corte racial na problemática da feminização da pobreza; o reconhecimento da violência simbólica e a opressão que a branquidade, como padrão estético privilegiado e hegemônico, exerce sobre as mulheres não-brancas. (CARNEIRO, 2003, p.129, 130)

Nesse sentido, mesmo o *Leia Mulheres-Salvador* não sendo um espaço reservado exclusivamente para a leitura de obras escritas por autoras negras²¹, levando em conta o caráter feminista do grupo, há uma preocupação em contemplar, nas leituras e debates, autoras negras, pois se entende que o debate sobre raça e racismo é crucial e urgente.

Um questionamento bastante relevante para esta reflexão que proponho é lançado por Bairros (1995): “Numa sociedade racista, sexista, marcada por profundas desigualdades sociais, o que poderia existir de comum entre mulheres de diferentes grupos raciais e classes sociais?” (BAIRROS, 1995, p.458). Reconhecer essas possíveis semelhanças, problematizar as diferenças, tentar compreender melhor essas pessoas a quem (parafrazeando o escritor moçambicano Mia Couto)²², nos acostumamos chamar de outras, são caminhos viáveis para que possamos encontrar um elo que respeite as especificidades de cada grupo.

Um último aspecto que vale à pena mencionar a respeito de Das Dores é que, da mesma forma súbita e objetificada com que a personagem entra no enredo, ela desaparece no final do livro, sendo sua saída comentada da seguinte maneira:

Quando a família se mudou para Ipanema, Das Dores continuou na casa, mas teve que deixar o trabalho depois do segundo ano. Eram as pernas que lhe doíam, ela disse. Por intermédio de uns conhecidos Eurídice lhe arranhou uma consulta no Hospital do Fundão, sem que tivesse que amargar os sete meses na fila de espera. Parece que Das Dores teria que operar, e mais não se soube. Antenor e Eurídice não podiam ter em casa uma empregada que não conseguisse limpar em cima da geladeira. Pagaram-lhe os benefícios, deram por fora uns tantos cruzeiros e Das

²¹ Como já foi dito, existe um grupo em Salvador com esse propósito: o *Lendo Mulheres Negras*. Os encontros ocorrem mensalmente no CEAO (UFBA) e as obras são divulgadas com antecedência na página do grupo no *Facebook* com mesmo nome.

²² COUTO, Mia. **Murar o medo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jACccaTogxE>. Acesso em 14 fev. 2019.

Dores sumiu no mundo, tão quietinha como sempre viveu na casa de seus patrões.
(BATALHA, 2016, p.184, 185)

A trajetória de Das Dores na obra, bem como o final que lhe coube é um exemplo da representação subalternizada da mulher negra nas obras literárias à qual Dalcastagnè (2012) se refere no trecho a seguir:

Da escrava que atendia aos caprichos da sinhazinha à criada que dedica sua vida aos cuidados dos patrões, percorreu-se um longo caminho, que parece ter fechado um círculo – dentro dele ficou encarcerada a garota que é arrancada de seu lar miserável para trabalhar como serviçal em uma “casa de família”; ficou presa a mulher que mal sai à rua porque não tem folgas, e, por isso, não possui amigas, nem amantes, e jamais terá uma família; ficou esquecida a velha que, quando já não tem forças para o serviço, é abandonada num asilo, sem filhos, sem netos, sem sequer um passado, uma história sua. São corpos negados, primeiro pelos patrões, depois por si mesmas (DALCASTAGNÈ, 2012. p.182)

A experiência leitora é feita de encontros. Encontros consigo, com outras pessoas, com a diferença. Essa experiência possui uma capacidade avassaladora de ir do particular em direção ao universal. A força da experiência leitora é encontrar, no drama humano, narrativas específicas portadoras de sentidos universais para temas e significações particulares. Em outras palavras: é ampliar a dimensão identitária. Todavia, da mesma maneira que é feita de encontros, a experiência leitora pode ser lar de desencontros, ou encontros com quem jamais serei, ou, ao menos, não pretendo ser, histórias que nunca vivi e talvez não viverei. Com sonhos, desejos, pecados e infortúnios que sequer imaginamos ou tenhamos alguma noção de sua existência. Essa é uma de suas ressonâncias em nós que lemos: ampliar o espaço da alteridade.

A experiência leitora, independentemente do gênero, é um território que potencializa essa dialética identidade-alteridade. A pluralidade do sistema de representações inerente à literatura perpassa e afeta as múltiplas identidades de quem lê com diferentes cores, classes sociais, idades, gênero e perspectivas, mas engloba, também, personagens, narrador(a) e autor(a).

Na obra de Batalha, vemos um empenho grande da autora na discussão de gênero, mas a dúvida que paira em torno da intencionalidade ou não de determinadas abordagens, sobretudo em relação a Das Dores, deixa no ar uma aflição e uma dúvida sobre a visão da autora em relação à questão racial. Como foi debatido no encontro presencial do *Leia Mulheres*, não temos como afirmar com convicção se o seu objetivo foi problematizar o tema ou se, no enredo, tal como foi construído, há apenas uma naturalização da mulher negra na condição de empregada doméstica, subalternizada, objetificada e descartável. A autora está,

até certo ponto, blindada pela figura fictícia de quem narra a história. Ou seja, para todos os efeitos, são os preconceitos dessa figura onisciente que são destilados na narrativa. Mas podemos nos questionar: até que ponto, esses preconceitos refletem preconceitos da própria autora? Em que medida, ao ler a obra, compactuamos com esses valores e os reproduzimos em nossas vidas? Outra moderadora do grupo fez uma importante ressalva: ainda que a intenção da autora tenha sido de problematizar o assunto, pessoas com pouca reflexão sobre o tema, ao ter acesso à obra, podem não identificar as ironias, as sutilezas, podem interpretar o texto ao pé da letra e considerar que as coisas são assim mesmo. É um risco que se corre. Não teria sido mais prudente que a autora fosse mais explícita nas críticas que aparentemente propõe? Ou será que ela não quis se comprometer aprofundando o debate, considerando, principalmente, sua identidade de mulher branca de classe média? Não pretendo, aqui, dar uma resposta absoluta a tais questões que permearam o debate presencial da obra, mas apenas levantá-las como provocações. Embora haja quem defenda a “morte do autor”, alegando que a obra é um produto aberto e que cabe a nós que lemos preencher suas lacunas sem nos questionarmos acerca das intenções de quem escreve, é pertinente, considerando todo o sistema de representações que discutimos aqui, nos inquietarmos com problemáticas como essa, para as quais, possivelmente, só obteremos respostas após termos contato com outras produções da mesma autora.

Identificar-se com uma representação literária, se reconhecer ou reconhecer a diferença dentro de uma obra corrobora com um processo de legitimação de identidades. Devemos nos manter alertas, portanto, quanto ao desaparecimento, ofuscamento, ou à naturalização de determinados grupos e lugares sociais dentro da literatura, expressão artística que se fundamenta justamente (ou, ao menos, deveria) na pluralidade de perspectivas.

4. SUJEITAS COM “A”

Este é, para mim, um capítulo bastante caro. Arrisco dizer isso, dessa forma seca e logo de início porque sei que ousei colocar nele muito de mim, não no conteúdo em si, em que apresento a descrição das sujeitas desta pesquisa, mas na forma: ousei apresentá-las como protagonistas de crônicas que eu escrevi a respeito de cada uma.

Antes, porém, de apresentar as crônicas sobre cada moderadora, julgo relevante resgatar e problematizar, ainda neste capítulo, a concepção de identidade, ou melhor, de identidades, assim, plurais. Não quero, adotar um conceito único, rígido, sobretudo porque gostaria de pensar identidade de maneira fluida. Existem pessoas diversas discutindo o tema atualmente, muitas delas, mulheres e gostaria de trazê-las aqui para conversar comigo e formular um conceito que atenda ao desafio que me propus ao escrever esta tese. Optei por realizá-lo neste momento porque ao caracterizar as sujeitas da pesquisa, o modo como se identificam torna-se o foco da escrita.

4.1 Identidades, identificações e performances de gênero

Esse diálogo foi pensado a partir da interlocução entre os pontos de vista de algumas teóricas feministas com a perspectiva dos Estudos Culturais. Embora pretenda privilegiar as autoras mulheres nesse debate, o primeiro nome que me vem à mente (e não somente à minha, tenho certeza) quando o assunto é identidade é Stuart Hall, com seu clássico livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2014)²³. Não poderia deixá-lo de lado nessa discussão, mas irei me ater somente ao que considero indispensável para esta pesquisa.

4.1.1 *A perspectiva dos Estudos Culturais: identidades e identificações por Hall*

Logo no início do livro, Hall (2014) sugere, com base nas suas leituras do crítico cultural Kobena Mercer que a identidade só é uma questão quando está em crise, ou seja, quando o que se supunha estável, coerente e fixo é perpassado pela dúvida, pela incerteza, o que, segundo o autor, estaria ocorrendo no contexto em que vivemos, no qual, as antigas identidades que por tanto tempo estabilizaram a sociedade estão entrando em declínio, abrindo espaço para o surgimento de novas identidade e para a fragmentação do indivíduo,

²³ Tradução Tomz Tadeu da Silva.

outrora visto como unificado. Sabemos que a estabilidade das antigas identidades a que Hall (2014) se refere resulta de um processo de subalternização articulado pelo sistema capitalista colonial e patriarcal fundado, também, em hierarquias de valor de gênero. A fragmentação que ele discute, portanto, resulta do questionamento desse processo e afeta tanto as paisagens culturais, como nossas identidades pessoais, de modo que elementos como nacionalidade, etnia, gênero, raça, classe e sexualidade, que anteriormente se constituíam bases aparentemente sólidas para a localização social dos indivíduos, já não funcionam da mesma maneira. A ideia que tínhamos de um eu absolutamente integrado também foi afetada por esse processo. Por consequência, os sentidos que atribuímos a nós também já não são tão estáveis. Esse duplo deslocamento - a que Hall (2014) chama de “descentração” – do lugar social e de si acaba configurando a tal crise a que ele se refere.

Sujeitos e sujeitas a quem anteriormente se atribuía uma identidade única, inabalável, ao viverem esse momento de fragmentação, passam a ser compreendidos(as) como sendo compostos(as) não mais de uma, mas de diversas identidades, muitas vezes contraditórias entre si, ou não muito bem resolvidas. Com o colapso das identidades que constituíam a paisagem sociocultural, o próprio processo de identificação vai se tornando mais provisório, mais variável e mais problemático porque embora essa aparente unidade fosse uma ilusão, era uma ilusão cômoda, relativamente confortável e possivelmente mais fácil de gerenciar. Com a quebra dessa ilusão, não se pode mais falar em identidade fixa, essencial e permanente. Pode-se dizer, nessa perspectiva, que o momento está mais para “[...] Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo[...]”²⁴ do que para “[...] Eu nasci assim, eu cresci assim e sou mesmo assim, vou ser sempre assim, Gabriela”²⁵.

O interessante é que o autor pontua essa questão sem lançar sobre ela um tom nostálgico. Nesse aspecto, diverge de Bauman (2005)²⁶, que discute o tema, a meu ver, com uma certa descrença diante da realidade atual e de nostalgia por outros momentos em que a configuração era diferente. Hall (2014), descreve a identidade nos tempos atuais como “celebração móvel” que é “[...] “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2014, p.11,12). Ele defende, também, que identidades se definem historicamente e não biologicamente, afirmação que nos remete à clássica afirmação de Beauvoir (2016

²⁴ Referência à música *Metamorfose Ambulante*, da autoria de Raul Seixas.

²⁵ Referência à música *Modinha para Gabriela*, composição de Dorival Caymmi.

²⁶ Tradução Carlos Alberto Medeiros.

[1980])²⁷ de que não se nasce... torna-se... A tese da autora, extremamente revolucionária para a época, se refere especificamente à identidade de gênero, mas podemos ampliá-la para pensar identidades em geral, compreendendo que identidades não possuem determinação biológica fixa, mas se constituem de maneira fluida, em movimento, conforme a história de cada pessoa.

Um ponto de vista semelhante sobre o tema pode ser encontrado em Butler (2019)²⁸, quando esta, ao discutir as ideias apresentadas por Merleau-Ponty (1962), afirma que o corpo é histórico e não natural e que, conseqüentemente, o gênero é uma situação histórica, e não algo dado biologicamente, o que corrobora, também, a célebre afirmação de Beauvoir. Essa concepção permeia todo o seu trabalho desde a publicação de seu livro *Problemas de gênero*, no qual ela já defendia que:

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero. (BUTLER, 2003, p.200. Grifos da autora. Tradução Renato Aguiar)

Pautada na Fenomenologia, a autora sustenta que os corpos vivenciam continuamente processos ativos e complexos de incorporação de possibilidades culturais e históricas, ou seja, o corpo vai sendo constituído de sentido na medida da sua experiência no mundo, experiência essa mediada por uma certa concretude e historicidade.

Sendo assim, a concepção de uma identidade única, completa, firme, coerente, convenhamos, é uma fantasia. Abraçaremos, aqui, uma perspectiva não-essencialista, uma visão contingente do tema, afinal, assumimos diferentes identidades em diferentes momentos e contextos, e não há uma essência em torno da qual elas gravitam. O que temos, de fato, dentro de nós, são identidades contraditórias que nos empurram em direções diferentes e, por vezes, divergentes, de modo que nossas identificações se deslocam continuamente, portanto “[...] se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do ‘eu’.’” (HALL, 2014, p.12). Acontece que como Hall afirma, essa narrativa que construímos sobre nós é mesmo muito confortadora e, frequentemente, nos apegamos a ela de

²⁷ Tradução Sérgio Milliet.

²⁸ Tradução Pê Moreira.

maneira tão ferrenha que não conseguimos nos enxergar de outra maneira, muito menos questionar a sua veracidade. Ouvimos desde sempre que somos de um determinado modo, acreditamos nisso por toda a vida. Por que deveríamos questionar? O questionamento nos desestabiliza, nos coloca diante do incerto, do caos. Às vezes, é mais cômodo seguir acreditando nas nossas próprias ficções que, na maior parte das vezes, nem são tão nossas quanto imaginamos.

É nesse lugar que entra o poder da reflexão crítica sobre a vida, sobre o entorno, sobre si. E essa reflexão não precisa ocorrer de forma individual e isolada em consultórios com pessoas pagas para nos ouvir. Embora a autoanálise seja fundamental para nos entendermos, boa parte dos nossos processos de autodescoberta ocorre em relação, no mundo, com outras pessoas, diante do mundo, e não distante dele, porque é na relação que reside a diferença e essa diferença é crucial para entendermos os nossos próprios processos.

Hall (2014) pontua, de forma bastante didática, a importância desse encontro com o social, com o coletivo na constituição de cada indivíduo, e se posiciona de maneira bastante otimista diante do cenário contemporâneo. Ele argumenta que a multiplicação dos sistemas de significação e representação cultural nos confronta com uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais podemos nos identificar, ainda que temporariamente, o que nos leva a uma forma altamente reflexiva de vida, de modo que examinamos continuamente as nossas práticas sociais com base nas informações que recebemos e essa reflexão contínua termina por modificar o próprio caráter dessas práticas.

Nesse sentido, tendo a concordar com o autor quando este defende que esse deslocamento contínuo tem características positivas, uma vez que, ao desarticular as identidades estáveis do passado, nos abrimos à possibilidade de novas articulações, criando novas identidades. Destaco desse ponto de vista, o verbo *criar*, por acreditar que ele se alinha à ideia de *performance* desenvolvida por Butler (2003), sobre a qual pretendo me debruçar logo adiante, mas desde já, destaco uma sutil diferença: enquanto Butler (2003) nos alerta para o caráter intencional, premeditado, quase teatral dessas ações, Hall (2014) defende que os processos de identificação ocorrem, quase sempre, de maneira inconsciente. Ele afirma que:

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’[...]. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não

tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma *falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a ‘identidade’ e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos ‘eus’ divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude. (HALL, 2014, p.24)

Butler (2019), por sua vez, defende que:

Os gêneros não são passivamente inscritos nos corpos e nem são determinados pela natureza, pela língua, pelo simbólico ou pela esmagadora história do patriarcado. Gênero é aquilo que colocamos, invariavelmente, sob controle, diária e incessantemente, com ansiedade e prazer. (BUTLER, 2019, p.229)

Essa divergência tem uma razão epistemológica: enquanto Hall (2014) se alinha com a visão da *Psicanálise freudiana e lacaniana*, do inconsciente, Butler (2003, 2019) se fundamenta na *Fenomenologia de Merleau Ponty*, que recusa a concepção de inconsciente ao adotar o postulado da experiência vivida como base, rejeitando a ideia de um subsolo do consciente em oposição a uma consciência transparente. O pressuposto fenomenológico básico que fundamenta o trabalho da autora é: toda consciência é consciência de algo. Desse modo, a consciência é intencional, pois ela sempre está em direção a algo, a um objeto. O modo de conhecer fenomenológico entende que a consciência é um movimento, é ato, não uma coisa, um repositório.

Isso não nos dá controle irrestrito, mas nos permite buscar as explicações, não no oculto, mas no vivido. São visões bem distintas mesmo. No entanto, me arrisco a dizer que uma afirmação não anula a outra, elas são, a meu ver, complementares. Digo isso porque a intencionalidade defendida pela Fenomenologia é a abertura para o mundo e não uma estrutura psíquica, é a própria consciência em direção a algo, mas essa direção pode sim vir a ser, por vezes, bastante nebulosa. De todo modo, há nos processos vividos por nós ao longo da vida, um caráter bastante artesanal de desconstruir, de refazer. Se Butler remete aos conceitos do Teatro para tanto, gosto de pensar que temos nisso algum protagonismo, ainda que o roteiro não tenha sido totalmente escrito por nós. Desse modo, me inclino a concordar com o posicionamento da Análise de Discurso Crítica, tal como formulado por Vieira; Resende (2016) ao defenderem que:

a ação individual e a estrutura social constituem-se reciprocamente. Atores sociais, nesse sentido, não são completamente livres nem completamente constringidos pela estrutura social. As pessoas não são apenas pré-posicionadas no modo como participam em eventos sociais e textos, mas também são atores sociais que *atuam* no mundo. (VIEIRA; RESENDE, 2016, p.70. Grifos das autoras.)

Na perspectiva das referidas autoras, na nossa experiência com o mundo, vamos internalizando discursos que se constituem em suportes para a construção de nossas identidades e, por meio desse processo, vamos nos munindo de ferramentas para agir de forma transformadora.

Outro aspecto relevante salientado por Hall (2014), consiste no legado do Feminismo nesse processo de descentramento conceitual. As principais contribuições do movimento para esse debate foram: o questionamento da tradicional distinção entre o público e o privado com o seu *slogan* de que o pessoal também é político; a abertura para debate e reflexão política de outras áreas da vida social, como família, sexualidade, divisão doméstica do trabalho e cuidado com as crianças; a ênfase dada a nossa constituição generificada, politizando a subjetividade, a identidade e os processos de identificação; a decisão de pautar a questão da diferença sexual, questionando a noção de que homens e mulheres eram parte de uma mesma identidade – a humana.

Os movimentos feministas têm, portanto, um papel central e crucial nas problematizações em torno de identidades. Não é aleatório que o tema seja constantemente retomado nos artigos, ensaios e livros de autoras feministas. De modo que, tendo cumprido o meu dever de casa de trazer Hall (2014) para o debate, peço licença, para ampliá-lo trazendo para conversar comigo autoras que romperam e rasuraram a visão tradicional sobre identidade, nos apresentando um paradigma conceitual bastante diverso.

4.1.2 Pensadoras feministas: identidades e performances de gênero no diálogo entre Butler, Dias, Haraway e Scott

Nessa minha busca por autoras que debatessem o tema identidade, preciso destacar a relevância de ter me deparado com as coletâneas organizadas por *Heloísa Buarque de Hollanda*, intituladas *Pensamento Feminista*. São quatro os livros que compõem a série até o momento, mas gostaria de destacar três: *Pensamento feminista: conceitos fundamentais* (2019), *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto* (2019) e *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais* (2020). Por meio dessas coletâneas tive um primeiro contato com artigos e ensaios de algumas das autoras que serão mencionadas aqui.

No primeiro desses livros, há um artigo da autoria de Judith Butler, cujo título é: *Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista*,

escrito, conforme afirma a própria autora, com base em teorias teatrais, antropológicas e filosóficas, mas dialogando principalmente com a Fenomenologia.

Nesse artigo, a autora retoma a ideia, já mencionada neste capítulo, de gênero e identidade como performance. Sua visão sobre o tema coloca a questão de gênero na centralidade do debate sobre identidades, afinal, seu objetivo é discutir identidades de gênero, ou melhor, performances de gênero a fim de compreender de que maneiras os gêneros são formados a partir de atos corporais específicos, e quais são as possibilidades existentes para uma transformação cultural dos gêneros por meio deles. Sua tese é que o gênero não se constitui uma identidade estável por meio da qual diferentes ações ocorrem, mas sim uma identidade que vai sendo tenuamente constituída ao longo do tempo através da repetição de determinados atos. Ele vai se instituindo, de maneira contínua, por meio da estilização dos corpos, de modo que “[...] gestos corporais, movimentos e ações de vários tipos formam a ilusão de um Eu atribuído de gênero [...]” (BUTLER, 2019, p.214). Essa concepção, portanto, descarta a noção de que o gênero se produz a partir de um modelo essencial de identidade, e enfatiza a temporalidade social desse processo e, com isso, aponta para a possibilidade de quebra no padrão de repetição dessas performances. Se o gênero não é algo inato, mas sim algo construído e performado por meio de atos que são marcados temporalmente, historicamente, sempre existe a possibilidade de subversão, como a própria autora afirma no seguinte trecho:

Se os gêneros são instituídos por atos descontínuos, essa *ilusão de essência* não é nada mais além de uma ilusão, uma identidade construída, uma performance em que as pessoas comuns, incluindo os próprios atores sociais que as executam, passam a acreditar e performar um modelo de crenças. Se a base da identidade de gênero é a contínua repetição estilizada de certos atos, e não uma identidade aparentemente harmoniosa, as possibilidades de transformação dos gêneros estão na relação arbitrária desses atos, na possibilidade de um padrão diferente de repetição, na quebra ou subversão da repetição do estilo mobilizado. (BUTLER, 2019, p.214. Grifos da autora.)

Nessa perspectiva de identidade como uma ilusão convincente, um objeto de crença, mesmo as ideias de gênero que são continuamente reificadas e naturalizadas podem ser reinterpretadas como construções e, portanto, podem ser construídas de outras formas. Segundo a autora, para que se possa descrever a inscrição dos gêneros nos corpos, faz-se necessário expandir a nossa visão para compreender que todo ato simultaneamente performa significados e os produz, numa dinâmica que se assemelha ao universo teatral.

Ao realizar uma leitura das ideias de Butler, Silva (2012) reconhece que o conceito de performatividade defendido pela autora desloca o foco na identidade como descrição, como

algo que é, para a ideia de identidade como movimento, como transformação, como tornar-se. Segundo o autor, isso ocorre justamente porque a performatividade consiste em proposições que não apenas descrevem o estado das coisas, mas as fazem acontecer ao serem pronunciadas, sendo que sua eficácia depende de sua incessante repetição. Essa repetição, porém, é importante ressaltar, pode ser interrompida, questionada e contestada.

Alguns desses atos performativos aos quais a autora se refere, que constituem os nossos corpos e os investem de gênero, são, portanto, atos discursivos. Somos, em parte, aquilo que dizemos ser, ou ainda, aquilo que convencemos as demais pessoas, por meio da linguagem, de que somos. Parte de nós é, desse modo, aquilo que acreditamos ser, aquilo que dizemos que somos, aquilo que outras pessoas acreditam que sejamos, o que nos leva à constatação de que somos, em parte, aquilo que inventamos a nosso respeito, num trabalho criativo de composição da nossa própria história, da nossa narrativa, e, se o somos agora, não necessariamente o seremos depois, pois esse é um processo fluido que ocorre de forma contínua. Isso ocorre, do ponto de vista discursivo, porque a linguagem, além de ser um modo de representar o mundo e interagir nele, é, também, uma maneira de identificarmos a nós e a outrem, contribuindo, assim, para a constituição de modos de ser, de identidades sociais e pessoais. Em outras palavras, o modo como um grupo de pessoas emprega a linguagem expressa, também, a maneira como essas pessoas se identificam e como identificam outrem (VIEIRA; RESENDE, 2016).

Esse aspecto discursivo e inventivo das performances que nos constituem também é salientado por Rosa Montero, em um trecho de seu livro *A louca da casa* (2003)²⁹, no qual ela afirma que:

[...] nós inventamos nossas lembranças, o que é o mesmo de dizer que inventamos a nós mesmos, porque nossa identidade reside na memória, no relato da nossa biografia. Portanto, poderíamos deduzir que os seres humanos são, acima de tudo, romancistas, autores de um romance único cuja escrita dura toda a existência e no qual assumimos o papel de protagonistas. É uma escrita, naturalmente, sem texto físico, mas qualquer narrador profissional sabe que se escreve, sobretudo, na cabeça. É um runrum criativo que nos acompanha enquanto estamos dirigindo, ou levando o cachorro pra passear, ou na cama tentando dormir. A gente escreve o tempo todo. (MONTERO, 2003, p. 12, 13. Tradução Paulina Wacht e Ari Roitman)

Se é real esse processo contínuo de compor a si, podemos dizer que essa escrita não ocorre senão em forma de rascunho. Não há um manuscrito final, encerrado e pronto para ser entregue, ao menos não enquanto estivermos com vida. E rascunhos podem ser rasurados todo

²⁹ Livro lido no *Leia Mulheres-Salvador* de 18 de fevereiro de 2017.

o tempo, aliás, essa é a sua razão de ser. O rascunho pressupõe a rasura e nos convida a trabalhar com as possibilidades inexploradas, com o que pode, ainda, vir a ser naquele texto e, metaforicamente, em nós. Nesse sentido, o corpo é continuamente escrito, refeito, cultivado e identificado pelos instrumentos de uma simbólica social (CERTEAU, 2013)³⁰, ele se constitui nesse conjunto de possibilidades, tendo em vista que o modo como existimos no mundo e nos deixamos perceber pelas demais pessoas não é determinado por uma essência interior, ou mesmo anterior a nós, mas é expresso continuamente, de maneira ativa, a partir de um conjunto de possibilidades históricas.

Quando Butler (2019) enfatiza o aspecto dramático desse processo, o faz para salientar que o corpo não é somente matéria, ou somente uma materialidade fatídica, mas sim uma materialização contínua de possibilidades: “As pessoas não são seus corpos, mas fazem seus corpos – essa diferença de ser e fazer é fundamental. As pessoas, inclusive, fazem seus corpos de maneiras diferentes de outras pessoas que lhe são contemporâneas, das que as precederam e das que as sucederão.” (BUTLER, 2019, p.216).

Ao falar sobre esse processo de incorporação de possibilidades, Butler se alinha e atualiza, mais uma vez, às ideias de Beauvoir, reafirmando o corpo como situação histórica, mas também como feitura, como dramatização. O processo de incorporação mobiliza um conjunto de estratégias e nunca é totalmente individual ou, como a autora diz, autoestilizado, mas está inserido num momento histórico que limita e condiciona suas possibilidades. Em outras palavras, na mesma medida em que as identidades de gênero são performadas como um estilo corporal, como um ato intencional e dramático, a decisão, em última instância, não é estritamente individual, pois trabalharemos a partir do leque de possibilidades que nos é apresentado historicamente, socialmente.

Nesse sentido, o que é ser mulher, hoje, no século XXI? A autora responde a essa indagação da seguinte maneira:

Ser mulher é ter se tornado mulher, ter feito seu corpo se encaixar em uma ideia histórica do que é uma ‘mulher’, ter induzido o corpo a se tornar um signo cultural, é ter se colocado em obediência a uma possibilidade historicamente delimitada; e fazer isso como um projeto corporal repetitivo que precisa ser ininterruptamente sustentado. (BUTLER, 2019, p. 217)

Cada pessoa vivenciará o processo que a autora descreve à sua maneira. Embora sejamos induzidas a acreditar em um padrão de feminilidade, em modelos de como devemos ser e nos comportar, esses modelos não passam de construções sociais, muito bem

³⁰ Tradução Ephraim Ferreira Alves.

arquitetadas para nos aprisionar nas expectativas alheias, para nos definir a partir do olhar externo, em geral, do olhar masculino, e nos fabricar conforme as demandas de cada época. No entanto, não há uma essência que o gênero expresse, nem uma meta a ser alcançada, porque o gênero não é um fato, e, sem as diversas formas de atuação que o criam e performam, a própria ideia de gênero não existiria, mas é interessante notar o quanto a gênese dessa ficção da identidade única e estável de gênero acaba sendo mascarada por meio de um acordo social coletivo bastante violento, que se vale de ações coercitivas e punições. A incorporação dessa ficção não ocorre sem dor, sem o apagamento das diferenças e idiossincrasias, sem o desrespeito à diversidade. É por isso que se faz urgente problematizar essa lógica e desnudar essas estratégias, a fim de que alcancemos a tão aclamada liberdade que almejamos de transitar pelo mundo com nossos corpos, tais quais foram concebidos por nós mesmas, carregando nossos desejos, nossas aspirações e nossas histórias, com um roteiro já não mais predefinido, mas singularmente e continuamente elaborado por nós, como um eterno rascunho:

O gênero é uma construção que regularmente esconde sua gênese. O acordo tácito coletivo de performar, produzir e sustentar gêneros discretos e polares como ficções culturais é disfarçado pela credibilidade da própria produção. Os autores dos gêneros entram em um transe de suas próprias ficções, e por meio dele os processos de construção impulsionam a crença de sua necessidade e natureza. As possibilidades históricas materializadas por diferentes estilos corporais são nada mais que ficções culturais, reguladas por punições, alternadamente incorporadas e disfarçadas por coerção. (BUTLER, 2019, p.217)

Butler (2019) reafirma, então, que se os atributos e atos de gênero, ou seja, as diversas formas que um corpo pode apresentar e através das quais produz significados culturais, não passam de performances, não podemos afirmar que haja uma identidade preexistente que sirva de referência para medir esses atos e atributos; não há, portanto, verdadeiro ou falso, atos reais ou distorcidos, de modo que essas postulações não passam de ficção regulatória, de uma interioridade ou essência fabricada e publicamente regulada e sancionada. A autora reflete, ainda, no referido artigo, sobre a importância do Feminismo nesse processo, afirmando que, à primeira vista, Fenomenologia e Feminismo compartilham o compromisso de conectar a teoria à experiência vivida, revelando o modo como o mundo é produzido a partir de atos formadores de experiências intersubjetivas.

Outra autora que também se debruça sobre as contribuições do Feminismo para a construção de novas subjetividades ao documentar a experiência vivida é Maria Odila Dias, em seu artigo *Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças* (2019). Ela pontua o quanto tem sido urgente essa necessidade de documentar a

experiência vivida como meio para a abertura de novos caminhos e defende que somente teremos contato e poderemos interpretar a diversidade de identidades que podem ser incorporadas por nós, mulheres, quando essas experiências do passado forem gradativamente documentadas, nos permitindo conhecer não somente a história da dominação masculina, mas também a resistência, os improvisos, os papéis informais das mulheres ao longo da história.

Dias (2019) faz jus ao seu papel como historiadora, ao propor um resgate dessas experiências passadas, mas acredito que podemos acrescentar à sua proposta, também, a necessidade de documentar as experiências vividas no momento histórico presente, afinal, um recorte síncrono focado no agora é, também, um registro dessa história em curso, uma vez que as improvisações e resistências empreendidas por nós, mulheres, não cessaram, mas seguem acontecendo no presente. Sua proposta nos recomenda um olhar cuidadoso e atento para o cotidiano, para a experiência vivida, em vez de reflexões teóricas desconectadas da realidade prática, pois dessa maneira:

Abre-se a trilha promissora dos pequenos detalhes. O vislumbrar dialético de pormenores significativos e, a partir deles, a sua articulação, a fim de apreender improvisações de atitudes e papéis informais que desafiam o prescrito. Único caminho seguro para desconstruir preconceitos e estereótipos normalizados. O vir a ser de mulheres como sujeito histórico não obedece a leis universais, pois depende de experiências tão dispersas e múltiplas quanto existem diferentes culturas, diferentes etnias, diferentes faixas etárias, diferentes modos de sobreviver, de modo que se traduzem em processos de improvisação, de múltiplas formas de existir e sobretudo de inventar sociabilidades familiares e de vizinhança que são sempre efêmeras, pois duram segundo a pluralidade imprevisível das conjunturas de tempo histórico (DIAS, 2019, p. 361, 362).

Ao ler o trecho acima reproduzido me ponho a pensar o quanto a proposta desta pesquisa atende ao chamado da autora, antes mesmo de tê-lo lido. Talvez isso ocorra porque buscar compreender a experiência do ser mulher no mundo não é um interesse individual apenas. É provável que seja essa uma questão filosófica do nosso tempo. Se sendo mulher no mundo, não sou o que as gerações anteriores esperavam que eu fosse, se não sou o que, no mundo atual, esperam que eu seja, se não sou definida pelo sexo masculino, nem pela minha relação com a minha casa, com minha parceria amorosa, ou com minha descendência, se não sou definida pela minha sexualidade e pela minha aparência, então o que sou? Talvez seja esse espaço de liberdade que abre as possibilidades para a emergência da multiplicidade, das singularidades, das experiências diversas e divergentes. Precisamos nos debruçar sobre elas para compreender o quanto o ser mulher abarca, hoje, uma vasta gama de atitudes, de papeis, de performances, de identidades e de identificações.

Pesquisar o *Leia Mulheres-Salvador* é me deter, ao menos por um instante, na investigação de experiências de vida, é observar práticas cotidianas que escapam:

[...] ao normativo, ao institucional, ao dado e ao prescrito, apontando para o vir a ser, para papéis informais, para o provisório e o improvisado – em geral para o vivido, o concreto, o imponderável e o não dito, sobretudo quando confrontado com regras, valores herdados e papéis prescritos. (DIAS, 2019, p. 362)

Digo isso porque, com a corrosão dos modelos fixos do que deveríamos ser, na ausência de definições rígidas a nosso respeito, encontramos o espaço da nossa liberdade para nos criar no mundo a nosso modo. Se a banda *Francisco el Hombre* tem razão na música *Triste, louca ou má*, ao afirmar que: “[...] um homem não me define \ Minha casa não me define \ Minha carne não me define \ Eu sou meu próprio lar.” (STRASSACAPA, 2016), então, na ausência de todas essas definições, temos, em nossas mãos, o poder de nos autodefinir e de, como propõe Gay (2021) em *Má Feminista*³¹, nos transformar nas feministas que gostaríamos de ver pelo mundo afora. Para tanto, será necessário, ainda, como sugere a referida música: “[...] queimar o mapa \ Traçar de novo a estrada \ Ver cores nas cinzas \ E a vida reinventar.” (STRASSACAPA, 2016). É o que temos feito, cada uma à sua maneira, e não sem dores.

Antes de ler os relatos e questionários das sujeitas dessa pesquisa, imaginei que poderia estar lidando com mulheres muito semelhantes entre si, até por considerar o perfil aparentemente homogêneo do grupo no que se refere à tríade gênero, raça e classe. Qual não foi a minha surpresa quando me deparei com experiências bastante singulares, com lugares de fala bastante distintos e com visões de mundo e posicionamentos ideológicos até mesmo divergentes. Pude, então, dirigir o meu olhar como pesquisadora para apreender, para além daquilo que nos une, as nossas diferenças e fiz o exercício de documentá-las aqui, neste capítulo e, também, no próximo, a fim de exercitar a atenção para as especificidades dos múltiplos papéis femininos desempenhados por cada uma, ou, como diz Dias (2019), para os pormenores significativos. Esse escrutínio crítico, nos permite “[...] desvendar, no cotidiano das sociedades contemporâneas, as possibilidades de áreas de resistência, de improvisação, de papéis sociais alternativos e complementares, fugindo da representação estereotipada das relações de gênero.” (DIAS, 2019, p.364).

Esse movimento de atentar para as singularidades e especificidades de cada experiência nos impulsiona a desmistificar o pressuposto, historicamente construído por

³¹ Tradução Raquel de Souza.

algumas vertentes do Feminismo, da categoria mulher como uma suposta experiência cultural universal, o que, segundo Butler (2019), nos levaria a uma falsa promessa ontológica de solidariedade política. Haraway (2019) radicaliza ao falar sobre a construção dessa ilusão de categoria universal, ao afirmar que:

Não existe nada no fato de ser “mulher” que naturalmente una as mulheres. Não existe nem mesmo uma tal situação – “ser” mulher. Trata-se, ela própria, de uma categoria altamente complexa, construída por meio de discursos científicos sexuais e de outras práticas sociais questionáveis. A consciência de classe, de raça ou de gênero é uma conquista que nos foi imposta pela terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado. (HARAWAY, 2019, p.165. Tradução Tomaz Tadeu)

A historiadora e feminista Joan Scott (2019)³², com relação ao tema, defende que não devemos buscar uma causalidade geral e universal, mas sim explicações significativas, argumentando que o lugar das mulheres atualmente na vida social humana não está necessariamente relacionado ao que fazemos, mas aos sentidos que nossas atividades adquirem por meio da interação social concreta. Para fazer emergir os sentidos aos quais a autora se refere, precisamos atentar, simultaneamente, para o individual e para a organização social, articulando a natureza das suas interrelações, uma vez que ambos são cruciais para a compreensão de como funciona o gênero e como ocorre a mudança. Ela defende, ainda, que inscrever as mulheres na história passa pelo alargamento das noções tradicionais daquilo que é historicamente importante, a fim de incluir experiências pessoais e subjetivas, bem como atividades públicas e políticas, reescrevendo, desse modo, não somente a história das mulheres, mas a própria história.

Nesse ponto, retornamos, então à noção de identidades como performances, uma vez que, no cerne desses processos e estruturas, Scott (2019) acredita haver espaço para uma concepção de realização humana como o esforço parcialmente racional de construção de uma identidade, de uma vida, de um conjunto de relações que ao mesmo tempo em que põe limites, abarca as possibilidades de negação, resistência e reinterpretação através do jogo da invenção metafórica e da imaginação. O termo *reinterpretação*, empregado pela autora é, também, utilizado por Butler (2019):

De que maneira, então, gêneros são atos? Como sugerido pelo antropólogo Victor Turner, em seus estudos sobre rituais sociais dramáticos: ações sociais demandam uma performance *repetitiva*. Essa repetição é uma **reinterpretação** e uma **reexperimentação** de um conjunto de significados já socialmente estabelecidos; a

³² Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila.

forma ordinária e ritualizada da sua legitimação. (BUTLER, 2019, p.223. Grifos nossos.)

Muito embora Butler (2019) dê ênfase ao aspecto voluntário e, digamos assim, intencional, das performances de gênero, como já salientamos anteriormente neste capítulo, ela faz questão de pontuar que os atos aos quais se refere não são puramente individuais, pois esse fazer obedece a certas sanções e prescrições socialmente constituídas. Os atos que performamos nos precedem. Nesse sentido, o gênero, como ato, tem sido ensaiado como roteiro apesar de quem o interpreta, mas depende dessas pessoas para se atualizar e reproduzir como realidade. No entanto, destaca e reitera seu ponto de vista de que os corpos não são marcados pelos códigos culturais de maneira passiva, como se fôssemos recipientes sem vida de relações culturais sagradas concebidas antes de nós, do mesmo modo que o eu, atribuído de corpo, também não preexiste às relações que lhe atribuem sentido. Nós, atores e atrizes que somos, estamos sempre no palco, inseridos(as) e implicados(as) nas demarcações da performance, de modo que cada qual pode construir o seu papel à sua maneira, dentro do espaço corporal cultural que nos está posto, e performar as nossas interpretações de modo singular, porém atendendo às diretrizes que nos estão socialmente e culturalmente postas, o que nos leva a pensar nos aspectos socioculturais embricados nesse processo.

4.1.3 *Identidade e diferença: Cuche, Woodward e Silva*

O aspecto social das identidades é discutido com bastante propriedade pelos autores e autoras que pensam identidade através da sua relação com a diferença, dentre os(as) quais gostaria de destacar três nomes: Denys Cuche, com seu livro *A noção de cultura nas ciências sociais* (2002)³³, mais especificamente, o capítulo intitulado *Cultura e Identidade*; Kathryn Woodward, com seu ensaio *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*³⁴ e Tomaz Tadeu da Silva, no ensaio *A produção social da identidade e da diferença*, sendo esses dois últimos bastante difundidos no Brasil por meio do livro *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais* (2012), organizado por este último autor.

As referidas obras destacam o caráter social das identidades e sinalizam a importância de compreendê-las não somente a partir da perspectiva das características que levam um grupo de pessoas a se identificarem umas com as outras, mas também levando em consideração as características que diferenciam esse grupo dos demais.

³³ Tradução Viviane Ribeiro.

³⁴ Tradução Tomaz Tadeu da Silva.

Cuche (2002) afirma que a identidade social dos indivíduos é caracterizada por suas vinculações dentro de um determinado sistema social, tais como: classe social, idade, classe sexual e nacionalidade. É ela que permite a sua localização dentro da sociedade. Nesse sentido, é ressaltado o caráter coletivo dos processos de identificação. Nos definimos, também, e sobretudo, em relação às demais pessoas. Nesse cenário, desponta, ainda, a diferença, pois os grupos não se definem apenas pelo que são, mas também pelo que não são. Nas palavras do autor:

A identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob um certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista). Nesta perspectiva, a identidade cultural aparece como uma modalidade de categorização da distinção nós/eles, baseada na diferença cultural. (CUCHE, 2002, p.177)

Não se trata, aqui, de celebrar identidade e diferença, mas de problematizá-las. Silva (2012) afirma que identidade e diferença se constituem a partir de uma relação de dependência, mas a maneira afirmativa como expressamos nossas identidades tende a esconder essa relação. Se fizermos o exercício de imaginar um mundo homogêneo, no qual as pessoas partilhassem uma identidade única, perceberemos que, nesse mundo, se tornaria desnecessário afirmar as nossas identidades, pois essas afirmações só ocorrem quando inseridas numa cadeia de negações, em consequência das diferenças existentes. Identidade e diferença são inseparáveis.

Embora o autor discorde da posição adotada por Butler em seus trabalhos, uma vez que não compactua com a ideia de que a identidade seja uma ilusão, seu ponto de vista pode agregar algumas contribuições ao debate. Sua recusa em compactuar com a concepção de identidade como ilusão ocorre, conforme ele mesmo argumenta, por acreditar que a construção das identidades se dá no interior de contextos sociais reais que vão determinar a posição dos indivíduos e orientar suas representações e escolhas, possuindo, desse modo, uma eficácia social que produz efeitos sociais concretos.

O autor acrescenta que identidade é uma construção elaborada em relação e que opõe um grupo aos demais. Segundo ele, não há identidade em si, ou mesmo para si. As identidades existem sempre em relação a outras. Em outras palavras, identidade e alteridade constituem uma dicotomia indissociável, pois uma depende da outra para ser definida e compreendida. Identidade e a diferença caminham juntas, numa relação dialética. Destaca-se, porém, o fato de que o que separa os grupos não são as diferenças em si, pois, a priori, as

diferenças podem coexistir dentro de um mesmo grupo. O que os separa, na verdade, é a vontade de se diferenciar. Essa concepção é compartilhada, também por Woodward (2012) quando afirma que:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de *exclusão social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de *sistemas classificatórios*. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos- nós/eles [...]; eu/outro. (WOODWARD, 2012, p.40. Grifos da autora)

Cuche (2002) defende, também, o uso do termo identificação, em detrimento de identidade, justamente por acreditar que se esse processo ocorre no interior de situações relacionais, e que essas situações não são fixas, mas relativas e cambiáveis, da mesma maneira como são fluidos os processos que levam os indivíduos a se identificarem ou se diferenciarem uns dos outros.

Ao pensar especificamente a situação dos grupos socialmente minoritarizados, ele afirma que todo o esforço desses grupos, atualmente, consiste na tentativa de se reapropriar dos meios para definir suas identidades a partir de critérios próprios, em vez de se apropriar de uma identidade imposta pelos grupos dominantes. No entanto, polemiza a situação ao alertar para o risco de, nessa tentativa, esses grupos forjarem uma identidade hiperinvestida que minimizaria, ou mesmo, negaria o caráter individual, pessoal, subjetivo da identidade, funcionando como uma espécie de camisa de força ao coagir os indivíduos que constituem o grupo a incorporar os ideais daquele grupo de maneira integral, não deixando espaço para as suas demais identidades sociais, ou mesmo para as singularidades. Se aplicamos essa reflexão do autor ao contexto das lutas feministas, é possível perceber uma coerência em suas afirmações, pois é comum que, sem perceber, comecemos a formular ideais de como uma feminista contemporânea deve ser, do que ela deve gostar, de como ela deve se comportar, e consideremos qualquer traço que não se enquadre nesses moldes que estabelecemos, como divergente, como dissonante, o que acaba impondo a cada mulher a necessidade de se moldar ao que está (im)posto, privando-a, em último caso, de sua liberdade individual. Nesse sentido, considero bastante pertinente a ousadia de Roxane Gay (2021), quando decide, mesmo abraçando a denominação de feminista, ser ela mesma e adota o rótulo de má feminista que dá título ao livro:

Aceito o rótulo de má feminista porque sou humana. Sou confusa. Não estou tentando ser exemplo. Não estou tentando ser perfeita. Nem alegar que tenho todas as respostas. Não almejo dizer que estou certa. Apenas tento... Tento sustentar as questões nas quais eu acredito, visando a fazer alguma coisa boa neste mundo. Tento fazer algum barulho com minha escrita e simultaneamente, ser eu mesma: uma mulher que ama cor-de-rosa, gosta de ficar louca e, às vezes, de sacudir a bunda dançando à exaustão ao som de uma música que ela sabe – *ela sabe* – que descreve as mulheres de uma maneira terrível. (GAY, 2021, p.9)

Obviamente há, na escolha do termo que intitula o livro, certa ironia, uma alfinetada para quem a julga por suas atitudes e preferências. Roxane não precisaria se adjetivar de má para ser considerada feminista. Ela é feminista e ponto. Mas o termo, por vezes, acaba passando por esse processo que Cuche (2002) descreve e sendo hiperinvestido com as nossas expectativas e a nossa ansiedade em forjar modelos. Mesmo em um espaço de aparente liberdade, se você diverge, será qualificada de triste, louca ou má. Diante disso, a autora escolhe não se encaixar, abraça a contradição, aceita o rótulo e o utiliza a seu favor, quando, na verdade, se ela, mesmo militante, defensora de ideais feministas, não se enquadra no termo, a nossa concepção de Feminismo é que deveria ser repensada para abarcar a diferença. Cuche (2002) argumenta:

Na medida em que a identidade resulta de uma construção social, ela faz parte da complexidade do social. Querer reduzir cada identidade cultural a uma definição simples, “pura”, seria não levar em conta a heterogeneidade de todo grupo social. Nenhum grupo, nenhum indivíduo está fechado, *a priori* em uma identidade unidimensional. O caráter flutuante que se presta a diversas interpretações ou manipulações é característico da identidade. É isto que dificulta a definição desta identidade. (CUCHE, 2002, p.192)

Sua reflexão segue pontuando que a tentativa vã de considerar a identidade como monolítica dificulta a compreensão dos fenômenos de identidade mista frequentes na sociedade. Ao ser perpassada por culturas diversas, cada pessoa fabrica sua identidade elaborando uma síntese original composta por esses diferentes materiais, o que resultaria numa identidade sincrética e não dupla. Daí a dificuldade em se delimitar e definir determinada identidade, dado o seu caráter multidimensional e dinâmico, o que torna o tema, ao mesmo tempo, bastante complexo e flexível, pois a identidade varia e se reformula constantemente de acordo com manobras conduzidas pelo próprio indivíduo, com mudanças na situação social e com as manobras conduzidas por outrem: “A identidade se constrói, se desconstrói e se reconstrói segundo as situações. Ela está sem cessar em movimento; cada mudança social leva-a a se reformular de modo diferente.” (CUCHE, 2002, p.198).

Gostaria, aqui, de retomar um aspecto importante destacado por Woodward (2012) com relação às identidades: o caráter discursivo do processo que as constitui, que está estreitamente vinculado aos sistemas simbólicos de representação. Segundo a autora, as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas, logo, são constituídas na linguagem e por meio dos sistemas simbólicos de representação, visão que dialoga com a discussão feita no primeiro capítulo sobre a importância de repensar esses sistemas. Essa ênfase na representação resulta do fato de que esta atua, de maneira simbólica, na classificação do mundo e das relações em seu interior. Desse modo, ela parte do pressuposto de que a construção de identidades é simultaneamente simbólica e social, apresentando causas e consequências materiais:

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção de identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são ‘vivas’ nas relações sociais. (WOODWARD, 2012, p.14)

Silva (2012) compactua dessa mesma visão quando defende que:

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: **elas são o resultado de atos de criação lingüística**. Dizer que são o resultado de atos de *criação* significa dizer que não são ‘elementos’ da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser **ativamente produzidas**. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. **Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais**. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2012, p. 76. Grifos nossos.)

Essa afirmação de Silva (2012) destaca o aspecto ativo da produção das identidades, muito embora não o relacione apenas às ações dos indivíduos, mas destaque que esse processo ocorre no contexto das relações culturais e sociais. Pensando que essas relações culturais e sociais são bastante diversificadas, cabe-nos resgatar, aqui, alguns dos questionamentos que Woodward (2012) levanta sobre como os processos de identificação acontecem: “Por que as pessoas investem em posições de identidade? Como se pode explicar esse investimento?” (WOODWARD, 2012, p. 12), e ainda, “[...] por que as pessoas *assumem* suas posições de identidade e *se identificam com elas*. Por que as pessoas investem nas posições que os discursos da identidade lhes oferecem?” (WOODWARD, 2012, p. 15).

A autora salienta, ainda, a existência de duas perspectivas sobre o tema: a definição essencialista, que acredita haver um conjunto cristalino, autêntico de características partilhadas inalteráveis ao longo do tempo; e a definição não essencialista, ou contingente, que focaliza as diferenças, assim como as características comuns ou partilhadas, tanto dentro do grupo, como entre grupos, compreendendo a identidade “[...] como produto de uma intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares.” (WOODWARD, 2012, p.38). Deixa, então, evidente o seu posicionamento conforme a segunda perspectiva, reiterando aquilo que Butler (2003) defende: que o corpo é crucial no processo de estabelecimento das fronteiras que definem quem somos e acaba servindo de fundamento para a identidade, sobretudo para a identidade sexual.

No que se refere à representação, Woodward (2012) ressalta que ela inclui as práticas de significação e sistemas simbólicos por meio dos quais produzimos significado, nos posicionando. É por meio desses significados que damos sentido à nossa experiência, ao que somos, tornando possível aquilo que somos e que podemos nos tornar. Os discursos e sistemas de representação tornam possível que os indivíduos se posicionem e asseguram um lugar a partir do qual podem falar. Se a compreendemos como um processo cultural, podemos afirmar que a representação estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais se baseia fornecem respostas para as seguintes questões: Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Isso ocorre porque, por meio da representação, temos os nossos desejos ativados, de modo que nos identificamos com pessoas e imagens, fazendo o exercício de nos enxergarmos no lugar da personagem apresentada na tela ou nas páginas de um livro. Sendo assim, nossa identidade vai sendo moldada pela cultura quando esta atribui sentido à experiência e torna possível optar pelas diversas identidades disponíveis ou por um modo específico de subjetividade.

Desse modo, identidade e diferença dependem sobremaneira da representação, afinal é por meio dela que ambas são definidas, adquirem sentidos e passam a existir. É, também por meio dela que se conectam aos sistemas de poder, pois quem tem o poder de representar, tem, por consequência, o poder de determinar as identidades possíveis. Em função disso, questionar a identidade e a diferença corresponde, em última instância, em questionar, também, os sistemas de representação que lhes dão suporte e sustentação. (SILVA, 2012). Daí a relevância do *Leia Mulheres* nos processos de identificação. O que está no cerne da proposta é justamente questionar a lógica já consolidada da primazia masculina na representação literária, assunto que já discutimos mais detalhadamente no capítulo 3 desta tese.

É importante ressaltar, ainda, entre as ideias de Woodward (2012), o caráter variável das identidades de uma mesma pessoa em diferentes contextos de interação social:

Embora possamos nos ver, seguindo o senso comum, como sendo ‘a mesma pessoa’ em todos os nossos diferentes encontros e interações, não é difícil perceber que somos diferentemente posicionados, em diferentes momentos e em diferentes lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo [...]. Diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais (WOODWARD, 2012, p.31).

Diferentes ocasiões acionam em nós diferentes identidades e, embora nos sintamos como sendo a mesma pessoa em diferentes situações, nos posicionamos de maneiras distintas conforme as diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada tipo de situação, representando-nos, diante das demais pessoas, de formas diversas. Isso ocorre porque cada contexto ou campo cultural tem suas expectativas e ferramentas de controle, bem como suas promessas de realização e prazer. Em consequência disso, podemos afirmar que as identidades possuem um caráter diverso e cambiante, tanto nesses contextos sociais, como nos sistemas simbólicos que lhes atribuem sentido.

Outro debate relevante que Woodward (2012) acrescenta ao tema são as políticas de identidade que, segundo ela, consistem na tentativa de afirmação da identidade cultural de pessoas pertencentes a grupos sociais historicamente oprimidos ou marginalizados, o que leva essas identidades a se constituírem em importantes fatores de mobilização política, ao celebrar a singularidade cultural desses grupos e, simultaneamente, realizar uma análise das opressões sofridas por ele.

Esses movimentos sociais, entre eles os feminismos, têm, ainda conforme a autora, adotado uma postura não essencialista com relação ao tema identidade, enfatizando a sua fluidez e a ausência de essências fixas, reivindicando o direito a construir e assumir a responsabilidade sobre as próprias identidades diante da constatação de que não estamos presos a diferenças permanentes válidas para todas as épocas. Ao questionar o essencialismo da identidade, esses movimentos têm encontrado o grande desafio de questionar a construção da identidade como algo natural, ou seja, como uma característica biológica. A política da identidade não pode ser compreendida como uma luta entre sujeitos(as) naturais, mas sim “[...] uma luta em favor da própria expressão da identidade, na qual permanecem abertas as possibilidades para valores políticos que podem validar tanto a diversidade quanto a solidariedade.” (WOODWARD, 2012, p.38). Essa subversão da estabilidade das categorias biológicas e das oposições binárias tem sido uma das principais contribuições das políticas

identitárias, uma vez que o que está sendo proposto é a construção de uma política da diferença que historicize a experiência, enfatizado as diferenças, como contraponto à universalidade da opressão.

Nesse contexto, as identidades vão sendo forjadas, também, por meio da luta e da contestação política, tendo a diferença como aspecto crucial. Esse ponto de vista é reiterado por Silva (2012) em seu ensaio publicado na mesma obra, quando, ao refletir sobre Butler (1999) afirma que:

a mesma repetibilidade que garante a eficácia dos atos performativos que reforçam as identidades existentes pode significar também a possibilidade da interrupção das identidades hegemônicas. A repetição pode ser **interrompida**. A repetição pode ser **questionada** e **contestada**. É nessa interrupção que residem as possibilidades de instauração de identidades que não representem simplesmente a reprodução das relações de poder existentes. É dessa possibilidade de interromper o processo de ‘recorte e colagem’, de efetuar uma parada no processo de ‘citationalidade’ que caracteriza os atos performativos e reforçam as diferenças instauradas, que torna possível pensar na produção de novas e renovadas identidades. (SILVA, 2012, p.95)

É nesse espaço de ruptura que o projeto *Leia Mulheres* se insere. Na tentativa de reinventar as identidades das mulheres a partir do acesso a diferentes representações nas obras lidas, bem como, pela escuta das experiências vividas por mulheres diversas, desestabilizando e subvertendo, dessa forma, um modelo essencial de identidade de gênero pautado no aspecto biológico. Escolhi descrever e narrar essa diversidade, neste capítulo, a partir da escrita de crônicas e gostaria de, no próximo subtópico expor algumas razões que me levaram a tomar essa decisão.

4.2 A escolha da crônica como gênero

A opção pela escrita da crônica se deu por algumas razões. A primeira delas é por acreditar que, por mais cartesiana que fosse a apresentação das sujeitas da pesquisa nesse texto, a forma como eu escolheria fazê-lo seria sempre o meu olhar, o meu recorte, o meu ponto de vista sobre aquilo que elas disseram a respeito de si, de modo que decidi radicalizar: que seja, então, um olhar mais poético, menos exato, um olhar aberto às rasuras, aos borrões, e que deixe aberto um espaço para a imaginação. A crônica, como gênero textual, me permitiu esse espaço.

Certa vez, no início da minha carreira como docente do Ensino Fundamental, ao preparar uma aula sobre o gênero textual *crônica*, em busca de uma definição para apresentar

aos meus alunos, me deparei com as bem-humoradas palavras de Fernando Sabino³⁵, parafraseando Mário de Andrade: “crônica é tudo que o autor chama de crônica”. Guardo comigo, com bastante carinho, essa (in)definição e creio que ela vem a calhar neste capítulo. Poderia passar parágrafos tentando definir o gênero, aludindo ao seu caráter híbrido entre o real e o imaginado, entre os fatos e a ficção, poderia defender a sua linguagem simples cotidiana, a atenção que lança aos detalhes quase imperceptíveis, defendendo o seu posicionamento limítrofe entre o jornalismo e a literatura. Não passaria de uma tentativa vã de engessar um gênero textual de alma livre e leve. Segundo Candido (1992), é justamente nessa leveza, nesse ar de descompromisso e nessa despreensão que reside toda a beleza e força da crônica, é isso que a aproxima de nós e do cotidiano:

Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar a outra mão de uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (CANDIDO, 1992, p.13-14)

Chamo os meus registros neste capítulo de crônicas porque os dados fornecidos pelas sujeitas são reais e podem ser observados com precisão nos apêndices deste trabalho, nas respostas dadas por elas aos questionários por mim elaborados e nos relatos escritos por elas diante da minha solicitação. Mas o alinhar dessas informações, o arremate, o acabamento para apresentação a possíveis leitoras e leitores foram feitos por mim de forma bastante artesanal, preenchendo algumas lacunas com informações que acessei por meio das falas de cada uma delas em debates variados do *Leia Mulheres*, bem como por meio de conversas informais presenciais ou via redes sociais, e ainda, acessando conteúdos disponíveis em plataformas como o *Youtube* e o *Spotify* no caso daquelas que mantêm uma vida pública por meio de canais nessas plataformas. Os fatos em si são importantes, mas as reflexões, as indagações e as inquietações que podemos suscitar a partir deles é que constituem o elemento principal. Candido (1992) afirma que é justamente por meio dessa composição aparentemente solta, desse ar de coisa sem necessidade que a crônica costuma assumir, que ela se ajusta à sensibilidade cotidiana. Foi essa sensibilidade que coloquei por meta na escrita dos textos que se seguem.

Outro fator que levei em consideração é que o objeto de estudo desta pesquisa tangencia a literatura. Muitas das obras lidas, debatidas e mencionadas pelas sujeitas são obras literárias. Considerei que um gênero que flerta com o literário viria a calhar por aqui. Além do

³⁵ SABINO, Fernando. O estranho ofício de escrever. In: SABINO, Fernando. A falta que ela me faz. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 20-22.

mais, aprecio muito trabalhos acadêmicos que ousam, ainda que minimamente, rasurar as fronteiras entre o científico e o poético, entre a sisudez da escrita acadêmica e uma linguagem mais acessível, mais afetuosa, mais acolhedora e mais expansiva, que me permitem estabelecer uma relação mais orgânica e visceral com a experiência imediata que está posta diante de mim.

Contudo, curiosamente, uma das grandes inspirações que tive para empreender tal intento não veio das Letras, mas da Fenomenologia. Ser esposa de um geógrafo tem dessas coisas, trocamos figurinhas o tempo todo, de modo que Judith Butler foi citada na tese dele e Eduardo Marandola Jr. na minha. Em seu livro intitulado *Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano*, Marandola Jr. (2021) opta por refletir sobre os desafios e debates contemporâneos em torno das mudanças ambientais, dos desafios sociais e dos impactos existenciais utilizando a crônica como gênero textual. A opção pelo gênero ocorre porque o autor acredita que, por meio da crônica, é possível tomar o ordinário e o factual em uma abertura sensível para o mundo, com muita sensibilidade e pequenas doses de poética, reflexão, humor, crítica e encantamento, adotando uma postura intuitiva na proximidade com os eventos, atentando para o tempo presentificado na experiência. Compactuo com a argumentação que ele apresenta para justificar a sua decisão, ao afirmar que:

A crônica continua a estar ligada a fatos, ao próximo e ao imediato, mas a teia que ela tece não é a da objetividade, pois é sobretudo criação literária – potente como abertura para o desvelamento dos fenômenos. Assim, a crônica permite operar o poético e criar a abertura como acontecimento na proximidade ‘ao rés do chão’ (Candido, 1992), dando força ao *instante* e ao *inacabamento*: essências de nossa experiência contemporânea, que reverberam diretamente nosso esforço epistemológico e existencial. (MARANDOLA JR., 2021, p. 62. Grifos do autor).

É esse inacabamento, esse sentido de incompletude que funciona como um convite para que quem lê o texto trace, também, um caminho próprio de compreensão, participando de forma ativa na construção de sentidos, ao se voltar para essa escrita que permite o desvelar e não se constitui uma escrita fechada.

Por fim, quando digo que com a escolha da crônica como gênero me exponho um tanto, é porque nessa decisão reside o meu anseio (talvez um tanto juvenil, reconheço) de escrever ficção. Na adolescência, nutri durante um tempo, um *blog* (já extinto) denominado *Mil e uma crônica(s)*. Ele não sobreviveu à minha entrada na fase adulta. A autocrítica venceu. Infelizmente. Ao falar sobre isso, me recordo das palavras de Plath em seus diários quando afirma que:

[...] a sensibilidade infantil para as novas experiências e sensações parece diminuir na proporção inversa do aumento da habilidade técnica. Conforme adquirimos nosso verniz, também nos tornamos duros e culpados por aceitar comer, dormir e ver, e ouvimos com excessiva facilidade e indolência, sem questionar. Tornamo-nos embotados, empedernidos e cordialmente passivos, conforme cada dia acrescenta mais uma gota ao poço estagnado dos nossos anos. (PLATH, 2017, p.76)

Talvez Plath tenha razão e os anos e o aprendizado formal da técnica tenham surtido em mim esse efeito de inibição. De modo que, aqui, faço um exercício de me despir dessa autocensura, dos meus medos e das minhas vergonhas, e apresento um material que pode e certamente será questionado em sua qualidade, mas que me proporcionou momentos de intenso prazer durante a sua escrita.

4.3 Nomeando as protagonistas

Antes de partirmos para a leitura das crônicas, pontuo, ainda, algumas outras escolhas. Primeiramente, a decisão de chamar cada participante da pesquisa de sujeitoA, no feminino. Parece algo óbvio, uma vez que esta pesquisa sobre mulheres que leem obras escritas por mulheres, é escrita por uma mulher e será lida e avaliada por uma banca composta por mulheres. Mas essa decisão só me veio após uma sugestão dada pela professora Márcia Paraquett, ao estar presente na qualificação. É uma decisão linguística e política, uma vez que não havendo nem sequer um homem na moderação do clube de leitura, não faria sentido chamá-las sujeitOs de pesquisa.

Como as participantes optaram por não se identificar nominalmente na pesquisa, escolhi para cada uma um pseudônimo com base nas personagens e obras com as quais elas disseram se identificar. A primeira delas, *Sophie*, é uma referência à protagonista do livro *O Castelo Animado* da autoria de *Diana Wynne Jones*, personagem apontada por esta moderadora diante da pergunta: “Se você fosse um personagem de uma obra literária, a vida de quem você escolheria viver?” E a justificativa dada para a escolha foi a de que ela “adoraria viver em um mundo encantado à la Mizayaki, mas sem ameaças tão sinistras quanto as de *Harry Potter* ou *O Senhor dos Anéis*.” (QUESTIONÁRIO SOPHIE, ANEXO A, p.275).

Essa mesma pergunta foi feita às demais moderadoras. A moderadora denominada como Lizzie, a respondeu da seguinte maneira:

É difícil eu me identificar com alguma personagem. Acho que talvez a Lizzie Bennet de *Orgulho e Preconceito*. Acho que é fácil para mulheres da nossa época pensarem que seriam tão atrevidas como a Lizzie se vivessem no final do século XVIII, início do XIX. (RELATO LIZZIE, ANEXO G, p.298).

E ela argumenta:

Acho que eu leio muitas histórias sofridas, difíceis, vidas que eu não queria viver. Elizabeth Bennet de *Orgulho e Preconceito* me parece uma personagem interessante e que vai levar uma vida mais alegre e tranquila. (QUESTIONÁRIO LIZZIE, ANEXO B, p.278).

Uma terceira moderadora, respondeu o seguinte:

é uma pergunta difícil porque a gente vai se identificando com um ponto aqui de uma personagem, outro acolá de outra. Mas das leituras dos últimos anos, que li no *Leia* inclusive, uma personagem que me conquistou e me inspirou muito foi a Offred, do livro *O conto da aia*, de Margareth Atwood, que inclusive gerou uma discussão riquíssima no encontro do *Leia*, em que houve também paralelo com a realidade atual brasileira. (QUESTIONÁRIO JUNE, ANEXO C, p.282)

Para a sua escolha, ela apresenta uma justificativa que diz respeito muito mais aos atributos e características que a personagem apresenta ou desenvolve ao longo da trama do que à vida que ela leva propriamente:

Embora ela (sobre)viva em uma situação de dominação e privação de liberdade, ela se mostra muito forte e corajosa, ora entrando no jogo para sobreviver, ora tentando transgredir para se salvar e também salvar outras. Acho que é uma mensagem inspiradora para resistir e superar tempos difíceis, em que as mulheres ainda sofrem situações de opressão e violência. (QUESTIONÁRIO JUNE, ANEXO C, p.282)

Considerando o contexto da obra em questão, Offred foi uma nomenclatura instituída dentro de Gilead com o objetivo de apagar a vida pregressa das mulheres e instaurar a ideia de posse. Ao pé da letra, quer dizer “Of Fred”, ou seja, “de Fred”, porque Fred é o comandante ao qual a protagonista serve naquele momento. Mudando-se o comandante, muda-se o nome, sendo assim, ela não tem, ali naquela realidade, um nome que possa chamar de próprio, seu nome será definido sempre em relação a quem ela serve. Refletindo sobre o assunto, ela afirma:

Meu nome não é Offred, tenho outro nome que ninguém usa porque é proibido. Digo a mim mesma que isso não tem importância, seu nome é como o número de seu telefone, útil apenas para os outros; mas o que digo a mim mesma está errado, tem importância sim. Mantenho o conhecimento desse nome como algo escondido, algum tesouro que voltarei para escavar e buscar, algum dia. Penso nesse nome como enterrado. Esse nome tem uma aura ao seu redor, como um amuleto, um encantamento qualquer que sobreviveu de um passado inimaginavelmente distante. Deito-me em minha cama de solteiro, de noite, com os olhos fechados e o nome flutua ali, por trás de meus olhos, não totalmente ao alcance, resplandecendo na escuridão. (ATWOOD, 2017, p.103)

O nome ao qual a protagonista se refere é June. Nome que utilizava antes de a sociedade em que vivia ser radicalmente anulada por uma revolução teocrática. De modo que optei por utilizar June para denominar a nossa terceira moderadora, e não Offred.

A nossa quarta moderadora, diante da mesma pergunta, não soube o que responder, e argumentou:

As mulheres que admiro e que tenho como figuras adoradas tiveram vidas difíceis. Virginia se matou e sofria de doença mental e Frida teve dores insuportáveis por doenças e acidentes...Gostaria de ser uma delas, mas ter a vida que tiveram, já são outros quinhentos... (QUESTIONÁRIO SETHE, ANEXO D, p.286)

Achei curiosíssima a saída que ela encontrou diante da questão, pois não havia pensado nessas nuances quando a elaborei. Como dizem os memes atuais, “errada, não tá”. Muitas vezes admiramos a força e a coragem de alguém real ou fictício, mas não necessariamente gostaríamos de viver a sua vida ou enfrentar os mesmos desafios. Estou com ela no time das admiradoras de Virgínia Woolf e de Frida Kahlo, mas não invejo em nada a vida que levaram. Pensei em lhe chamar Virgínia ou Frida, contudo, no seu relato, outras personagens foram apontadas:

Os personagens sempre ficam grudados em nós ou pela semelhança ou pela notada diferença. Duas personagens me marcaram demais e foram elas: Carolina Maria de Jesus, de *Quarto de Despejo* e Sethe, de *Amada* de Toni Morrison. Ambas existiram e se tornaram personagens a partir do momento em que as suas vidas foram transformadas em Literatura. Uma, porque queria mudar a sua vida através da narrativa de sua vida e a outra, pela brutalidade com que a sua coragem se transformou em ação como símbolo de liberdade. (RELATO SETHE, ANEXO I, p.307)

Não era a primeira vez em que via essa moderadora fazer referência à *Amada*, de Toni Morrison, livro que inseri na minha lista de leitura por sugestão sua em debates presenciais, inclusive. No questionário, ela apresenta algumas das razões para a sua identificação com a obra:

Primeiro, pelas temáticas abordadas pelo livro, como a escravidão, a maternidade, a liberdade. Pela escrita poética de Toni Morrison, pela forma como ela usa a linguagem para nos levar a um lugar abstrato e como invade nossas emoções e pensamentos. É um livro que nos atravessa e nos coloca em uma posição de reflexão sobre a vida, a liberdade e a maternidade. (QUESTIONÁRIO SETHE, ANEXO D, p.282)

Por ter sido atravessada tão intensamente por *Amada* e por sempre fazer referência à obra quando tem oportunidade, optei por lhe denominar, por aqui, de Sethe.

Nossa quinta moderadora, por sua vez, também me respondeu que não viveria a vida de nenhuma personagem, porque gosta da sua vida. Justo. Sendo assim, mais uma vez, fui em busca de pistas em seu relato, de como poderia chamá-la:

Ferrante acabou se tornando uma das minhas escritoras favoritas dos últimos tempos. Depois de tomar conhecimento dessa obra, fui buscar outros livros da autora, inclusive passando pela famosa “febre Ferrante” com a tetralogia de *A amiga genial*. O estilo de Ferrante me encantou [...] (RELATO ELENA, ANEXO J, p.309)

Diante disso, decidi nomeá-la de *Elena*, primeiro nome de Ferrante. O irônico é que, segundo dizem, Elena Ferrante é um pseudônimo para uma autora (alguns suspeitam até de que seja autor, o que eu, particularmente, duvido bastante) que escolheu não divulgar sua identidade por conta da obsessão das mídias sobre a vida de quem escreve em detrimento da obra:

Será que existe um modo de proteger o direito de um autor de optar por estabelecer de uma vez por todas, apenas através da própria escrita, o que merece se tornar público a respeito de si mesmo? O mercado editorial se preocupa antes de mais nada em saber se o autor pode ser usado para se tornar um personagem cativante e, assim, ajudar a viagem mercantil da sua obra. Cedendo, aceitamos, pelo menos em teoria, que a pessoa por inteiro, com todas as suas experiências e seus afetos, seja posta à venda junto com o livro. Mas os os nervos da pessoa privada são reativos demais. Se expostos, só podem criar um espetáculo de dor, alegria, malevolência ou rancor (às vezes, até mesmo de generosidade, mas, querendo ou não, exibida); certamente não podem acrescentar mais do que isso à obra.

Encerro este tema dizendo que escrever sabendo que não devo aparecer gera um espaço de absoluta liberdade criativa. É um pequeno espaço todo meu que pretendo defender, agora que o conquistei. Se dele me privassem, eu me sentiria empobrecida de repente. (FERRANTE, 2017, p. 61. Tradução Maurício Santana Dias)

Assim sendo, utilizo um pseudônimo, o da autora, para criar um pseudônimo para a sujeita desta pesquisa. Uma metalinguagem, no mínimo, engraçada. E ficou sendo Elena.

4.4 Enfim, as crônicas

Depois de tanto falar, não me resta mais nada a dizer. Apresento-lhes, então, finalmente, a menina dos meus olhos: as descrições, as quais chamei de crônicas. Com vocês: Sophie, Lizzie, June, Sethe e Elena.

4.4.1 Sophie

Por mais que queiramos atribuir às nossas experiências de vida uma linearidade, um formato compacto, ausente de arestas, essa não é a realidade que insiste em nos rodear. Somos seres complexos, compostos por diversas camadas que se sobrepõem, que tensionam e que nos tornam o que somos: seres repletos de vida e repletos de questões e contradições.

Do auge dos seus 33 anos, Sophie já tinha caminhado o suficiente para reconhecer em si mesma alguns desses tensionamentos. Nascida em Itaberaba, cidade das pedras brilhantes, portal para a Chapada Diamantina, interior da Bahia. De família bastante tradicional, foi educada para acreditar que o propósito da vida deve ser estudar, encontrar o melhor trabalho possível (que não necessariamente precisaria ser agradável), casar, ser mãe e acumular riquezas e propriedades. Os conselhos familiares lhe conduziram, gradativamente, a uma exitosa carreira profissional na área jurídica, proporcionando-lhe certa estabilidade na vida. Qualquer pessoa, que não estivesse em sua própria pele, poderia julgar que ela não possuía motivos para reclamar.

Mas a carreira de sucesso não lhe impediu de questionar os demais impositivos familiares, aos quase 34, sem dinheiro suficiente para congelar óvulos, não consegue decidir se quer ou não ser mãe, mas se vê forçada a decidir sobre isso. Se encontra justamente no loco dessa decisão, (in)decisão. Ver a experiência de outras mulheres ao seu redor, que não seguiram esse *script*, mas são, a seu ver, perfeitamente felizes e saudáveis lhe faz questionar constantemente se ele é realmente necessário. No clube de leitura que frequenta, na cidade onde reside atualmente, Salvador, já viu de tudo um pouco: mulheres casadas que nunca engravidaram, mães solteiras, mães que perderam sua prole, donas de casa, artistas, lésbicas, pobres, ricas, idosas, jovens... Reconhecer essa diversidade lhe deu a serenidade para trilhar seus próprios caminhos, estabelecer seus próprios termos, o que quer que isso viesse a significar. Queria apenas a liberdade de vivenciar seus próprios erros, acertos e arrependimentos, sem ter que responsabilizar ninguém por isso. É Feminismo que chama? Mas enquadrar sua vida em rótulos e prescrições não era uma possibilidade. Tinha pavor desses rótulos, inclusive, mesmo que eles, por vezes, lhe servissem como uma luva.

Em meio a esse turbilhão, decidiu morar com seu parceiro amoroso, sem precisar passar pelo aval do cartório antes. Burocracia demais somente para dar satisfação à sociedade. Não precisava dessa aprovação. Morava, portanto, com seu cônjuge, e assim o chamaria, por que não? Mas ao preencher formulários, marcava “Estado civil” (x) solteira. Porque oficialmente, a sociedade assim a chamaria. E isso lhe provocava um certo incômodo.

Sociedade mais conservadora essa. Quem ainda questiona estado civil com resposta de múltipla escolha? Coisa mais *démodé*. Era uma *xovem millennial*, afinal, para a sua geração casamento e maternidade já não são mais compulsórios.

Quando sua mente não conseguia aquietar diante dessas questões, Sophie recorria à literatura. Lia por prazer. Lia cotidianamente. Aonde quer que fosse, estava sempre com um livro em mãos, até mesmo nos intervalos do trabalho, ou no trânsito, quando recorria aos *audiobooks*. Lia de tudo um pouco, de notícias à ficção, de textões de redes sociais à autoajuda. Corria para os livros sempre que precisava se sentir acolhida, e em casa. Mergulhava em contos, biografias e romances como se sua vida dependesse disso, talvez dependesse mesmo. Seu livro favorito? *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen. Essa obra era para si um verdadeiro deleite. Adorava se debruçar pelas inúmeras camadas que o livro perpassa, e que vão desde o romance com final feliz, até uma crítica social bastante sagaz. Gostava dele justamente porque era o oposto daqueles romances água com açúcar, em que a paixão (frequentemente à primeira vista) guiava as personagens. Ali elas são guiadas por seu próprio desejo de se tornarem pessoas melhores, mais dignas. As personagens crescem durante a trama, de um modo que a faz acreditar no seu amor, que é, a seu ver, o oposto do amor romântico tão problemático que se vê por aí.

A vida profissional atarefada nunca foi desculpa para abandonar a sua paixão pela leitura. Lia o que queria, quando queria ler. Mas, aos poucos, sem que percebesse tão claramente, a paixão foi se transformando em *job*. Seu fascínio pela leitura a motivou a, junto com outras mulheres, fundar e moderar a filial de um clube leitura em sua cidade. A ideia lhe pareceu uma excelente oportunidade para compartilhar suas experiências de leitura e ter um espaço de socialização e debate em torno das obras que lia. Frequentemente, na vida, somos movidos por nossos impulsos do momento, impulsos que nos colocam em movimento, que nos levam a sair da nossa zona de conforto e expandir os nossos espaços de circulação e de atuação. As ações necessárias para tirar aquela proposta da cabeça e colocá-la em prática foram empreendidas assim. Sophie foi movida por uma chama interna que ela própria parecia desconhecer, mas que, pensando bem, reconhecia. Era a mesma chama que fumegava em seu olhar ao se deparar, durante suas leituras, com cenários, personagens e histórias que preenchiavam o seu coração com um quentinho. O clube de leitura seria uma oportunidade incrível de compartilhar aquela chama interna com outras pessoas. Seria incrível, não seria?... Acontece que, em nossas ações, mesmo as mais genuínas, residem implicações que raramente conseguimos enxergar de imediato e que só se revelam com o tempo, esse compositor de

destinos, como diria Caetano. As consequências dessa sua decisão aparentemente inofensiva, ela não conseguiria enxergar, prever e nem sequer intuir de imediato.

A leitura, sua paixão, foi, pouco a pouco, se configurando, também, como obrigação. Moderar o clube significava ter de ler os livros indicados mensalmente para poder debater com o grupo. Só que os livros selecionados para leitura eram decididos de maneira coletiva, o que significava que algumas vezes suas sugestões seriam acatadas e outras tantas não. Nem sempre os livros escolhidos eram do seu agrado, os que gostaria de ler ou escolheria por conta própria. Isso, por um lado era bom, porque a motivava a enveredar por livros que de outro modo ela não leria, mas por outro, depois de um tempo, acabou gerando um certo desconforto e cansaço, principalmente em momentos mais difíceis na vida. Por vezes, os livros que agora tinha que ler, traziam temas pesados, difíceis de digerir, desafiadores demais: estupro, transtorno alimentar, regimes teocráticos distópicos. Algumas leituras chegavam mesmo a ser tediosas para Sophie por conta de sua abordagem seca e fria.

Não é que Sophie não gostasse de desafios. Ela gostava. O que foi começando a incomodá-la é que, ingressar no grupo, ainda mais na posição de moderadora, foi lhe tirando a autonomia das suas decisões sobre o que ler e quando. Já não lia mais somente porque queria, mas porque precisava. O peso da responsabilidade acabou se tornando inevitável e, com ele, alguns questionamentos, para variar. O incômodo em torno do tema era recorrente e o pensamento que, agora, pairava em sua cabeça era o seguinte: nem sempre queremos ser desafiadas... às vezes queremos ser acolhidas e confortadas por nossas leituras. Como alguém conseguia gostar de um livro como *O conto da aia*, por exemplo, gente? Sophie não havia conseguido se identificar com uma personagem sequer, nem tampouco se envolver emocionalmente com a trama. Mas aquele foi um dos encontros mais cheios que tiveram. Como isso era possível? Talvez, e só agora ela começava a se dar conta disso, sua experiência pessoal de leitura fosse irrelevante perto da mobilização que determinadas obras promoviam.

Sophie não entendia por qual motivo esses questionamentos lhe surgiam justamente agora que estava à frente de um projeto tão lindo. Mas não conseguia evitar. Reflexões, quando precisam acontecer, não avaliam o momento, nem a circunstância. São como batidas internas em nosso peito que não silenciam simplesmente por força da nossa vontade. É um pulsar que demanda a nossa atenção e não nos abandona enquanto não lhe damos a atenção devida. Fato é que as mudanças que percebia acontecerem na sua relação com a leitura por conta da participação no clube a levaram a questionar seu próprio percurso, sua relação com os livros. Para alguém que ao longo da vida sempre viu na leitura um conforto, um aconchego, abrir mão desse lugar significaria abdicar uma parte preciosa de si. Uma parte da

qual Sophie se recusava a abrir mão. Precisaria encarar suas emoções de frente e recuperar o brilho fumegante em seu olhar e em sua alma ao abrir um livro. Para tanto, precisava, mais uma vez, tomar decisões que somente o tempo seria capaz de ponderar.

4.4.2 Lizzie

“Se a gente não precisa comer, por que é que a gente come?”. Essa frase, aparentemente simples, ouvida por acaso de um documentário, mudaria para sempre a relação de Lizzie com o consumo de carne. Foi um daqueles momentos epifânicos, que não podem ser previstos ou planejados e para os quais nunca estamos completamente preparados. Ainda assim, ansiamos para que aconteçam ao menos alguma vez em nossa vida, desvelando diante de nós segredos óbvios que não conseguíamos enxergar e nos fazendo compreender, ao menos em parte, os motivos que nos trouxeram até aqui, ou os que nos levarão adiante nesse fluxo insano a que denominamos vida.

Lizzie tinha 27 anos na ocasião. Estava em Natal, capital do Rio Grande do Norte. Viajara sozinha a trabalho, como acontecia frequentemente em sua profissão de engenheira de telecomunicações. No hotel, enquanto se arrumava para mais uma reunião, ligou aleatoriamente a pequena televisão preta de 14 polegadas. No Canal Senado, estava sendo transmitido o documentário *A carne é fraca*, do Instituto Nina Rosa. Os dados apresentados não eram exatamente novidade para ela, como pessoa bem-informada que sempre foi, tinha dimensão do sofrimento animal, mas essa questão era ofuscada por uma nuvem que a lógica de mercado interpõe entre a nossa visão e os processos sanguíneos que estão por trás da produção do alimento que chega à nossa mesa, das roupas que vestimos, dos cosméticos que usamos, dos eletrônicos que manuseamos. Mas, naquele momento, ela não apenas ouviu, ela escutou, conferiu atenção ao que estava sendo dito, e cinco minutos foram suficientes para que aquele questionamento ecoasse em sua mente o restante do dia: “Se a gente não precisa comer, por que é que a gente come?”. Na praia de Pipa, no horário do almoço e durante todo o restante da viagem decidiu realizar refeições vegetarianas, não queria ter em suas mãos aquele sangue que havia visto na tela da TV.

Naquele sábado de outono, sentada em sua cadeira Acapulco, na varanda de seu apartamento, cercada por seus 7 gatos, tomando uma xícara de chá, e concluindo a leitura de *Sobre os ossos dos mortos*, da ativista polonesa Olga Tokarczuk, fora transportada para aquele episódio e as palavras do documentário voltavam a ecoar em sua mente. Agora, aos 43, muita coisa havia mudado em sua vida. Mas aquele sentimento a acompanhou desde então. Quando

olha retrospectivamente sua história, Lizzie se orgulha do que viveu. Todo o conhecimento que adquiriu acerca da causa nos últimos 16 anos, por meio dos livros que leu, dos documentários que assistiu e dos fóruns e grupos *on-line* sobre o tema, só a fizeram mais convicta dos seus valores, a ponto de há quase quatro anos, ter optado por se tornar vegana.

Uma vez iniciada essa viagem no tempo, acabou se deixando embarcar no leve fluxo de consciência e nas divagações somente possíveis em momentos de ócio como o que se encontrava. Esses momentos, aliás, estavam se tornando cada vez mais frequentes desde o isolamento social decorrente da pandemia provocada pelo Sars-CoV-2. No início, sentiu bastante o tédio, com o passar do tempo, passou a apreciá-lo e a aproveitar as divagações que dele advinham. Naquela tarde, lembrava episódios diversos que a trouxeram até ali: emprego, paixões, escolhas, coincidências...

Relembrou sua infância e adolescência. A criação que recebera de sua mãe, feminista, que sempre problematizara as questões de gênero em sua casa, mas nunca questionara o consumo de carne: tem que comer porque tem nutrientes importantes para a saúde; essa era a norma da casa, que ela seguiu sem grandes resistências, embora não fosse lá muito fã do sabor, nem da textura. Mas se sua mãe estava dizendo, devia haver um fundo de verdade... Engraçado que a hierarquia dicotômica entre humanos e não humanos obedece à mesma lógica da que se estabelece entre homens e mulheres, a tal da política sexual da carne. Por que quando nos damos conta de um sistema de opressão, não nos damos conta de todos de uma vez? Mas não é assim que acontece. Vamos tirando uma trava de cada vez.

Fato é que a farta herança feminista deixada por sua mãe sempre lhe foi muito útil. Nunca duvidou do seu valor. Sua postura ativa e despreocupada revelava isso. Esse legado a ajudou a lidar com um contexto de trabalho majoritariamente masculino, sem se sentir oprimida ou intimidada, muito embora, tivesse que conviver com piadinhas e comentários que preferia não ouvir. Nas conversas que tinha sobre o tema com as colegas mulheres também não era muito diferente, raramente podia abordar o tema de forma totalmente aberta e sincera. A sensação que tinha era de que se o fizesse de forma direta, iria assustá-las, ou então, assumiria um tom professoral, o que nunca foi o seu perfil. Acabava sempre indo pelas beiradas, o que sempre resultava num misto de preguiça e frustração. Por falar das colegas de trabalho, que saudade sentia de encontrá-las presencialmente. Aquelas infinitas reuniões via *Zoom* lhe sugavam as energias, sem a contrapartida do cafezinho e do bate-papo sobre temas aleatórios.

Mas sentia, agora, que não tinha muito do que reclamar. Estava numa situação privilegiada por poder executar seu emprego de casa. Sabia que *home office*, numa realidade

social tão distópica era para poucos. Mais um dos benefícios que observava na profissão que escolhera para si. Sua carreira no ramo da engenharia de telecomunicações, de que sempre gostou muito, a colocava constantemente em movimento. Volta e meia, apareciam novos ramos de interesse e estudo, o que a levava a realizar cursos, aprender coisas novas e aplicar no trabalho. Estava sempre lendo, sempre estudando. Essa necessidade constante de se atualizar e reinventar era simultaneamente causa e consequência, e ela sabia. Precisava disso para se manter informada e atendida na profissão que escolheu para si, e por isso o fazia; ao mesmo tempo em que gostava mesmo de novidades, o que acabou levando-a a escolher esse caminho.

A sede por novidades, porém, não se restringia ao trabalho. Lizzie alimentava regularmente uma vasta lista de *hobbies*: cerâmica, costura, dança do ventre, papietagem. Atividades que, em outros tempos, passavam muito tempo inativas por conta da correria cotidiana, passaram a lhe ocupar novamente o tempo agora. Sua casa vivia entulhada com as coisas que precisava em cada um desses *hobbies*, motivo pelo qual, muitas vezes era julgada. Para quê tanta coisa? Não se importava. Dane-se o minimalismo e esse papinho de desapego. Se amava cada novo interesse seu, se volta e meia retomava um deles, se vira e mexe acrescentava outro, e se essas experiências lhe davam um novo frio na barriga, um ar de novidade, seguiria acumulando seus papéis, e tecidos, e vasos, e livros, e o que mais viesse a lhe interessar.

Por falar em livros, sua relação com eles estava cada vez mais regular, sobretudo desde que ingressara em um clube de leitura para ler obras escritas por mulheres. Soube do grupo por intermédio de uma amiga que tinha um canal literário nas redes e, logo se animou com a possibilidade. Ler sempre foi um prazer, mas a sobrecarga do trabalho às vezes a deixava cansada demais para, ao final do dia, ainda ler livros, sobretudo os de não-ficção. E sua assiduidade desde o início a levou de integrante a moderadora em algum tempo, o que lhe acarretava uma responsabilidade maior. Mas, nessa trajetória, teve algumas gratas surpresas. *Amada*, de Toni Morrison, foi uma delas: um livro tão bem escrito, e com uma história tão forte! *A Louca da Casa* foi outra surpresa: um livro leve e que fala sobre a importância da ficção de um jeito que ela nunca tinha pensado antes e ao mesmo tempo tão verdadeiro. Seria, porém, incapaz de eleger um único livro favorito da vida, mas gostava bastante de: *Dentes Brancos*, de Zadie Smith, *O Deus das Pequenas Coisas*, de Arundhati Roy, e o clássico *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen. Incrível pensar como o seu repertório de leitura havia se ampliado por conta dessa sua nova empreitada.

O barulho da chave na porta de entrada do apartamento, a fez retornar ao próprio corpo. Seu esposo havia chegado do supermercado onde fora buscar o suprimento das próximas semanas. Um rápido aceno e correu direto para o banho, nesse novo normal em que viviam agora. Estavam juntos havia 12 anos. Mas o ar de novidade permanecia. Ainda bem! Algumas vezes haviam conversado acerca da possibilidade de terem um bebê, mas Lizzie sempre fora enfática nesse aspecto: não teria. As razões eram inúmeras, mas ela resumia a uma: o mundo está caótico demais, estamos vivendo uma crise climática que só tende a se agravar e gerar muitas crises políticas; não quero colocar ninguém nesse mundo. A pandemia só havia reforçado o seu argumento. Não é um mundo exatamente acolhedor e afável o que estamos vivenciando no momento. Tudo isso resultado de nossas escolhas como sociedade, escolhas coletivas. A questão do consumo de carne animal, inclusive, tinha plena relação com tudo o que estava acontecendo. E sabíamos disso. Mas nem todo mundo recebe essa informação com o mesmo impacto que ela recebeu. Por ser um problema coletivo, com impactos coletivos, deveria ser resolvido coletivamente, ela acreditava, por meio de políticas públicas, e não depender somente uma decisão individual. Muito embora, a seu ver, o sofrimento animal fosse suficiente para justificar uma escolha de absoluta recusa ao consumo de carne. A centralidade da sua decisão foi essa. O roçar de um dos gatos na sua perna a despertou mais uma vez, fazendo-a observar o livro que repousava em seu colo. O marca-texto em um tom pastel perfeito escolhido a dedo na papelaria, chamava a atenção para o seguinte trecho:

O ato de matar se tornou impune. E por ser impune, ninguém o percebe mais. E já que ninguém percebe, não existe. Quando passam pelas vitrines dos açougues onde grandes pedaços vermelhos de corpos esquartejados estão pendurados em exposição, acham que aquilo é o quê? Não refletem sobre isso, não é? Ou quando pedem um espetinho ou um bife, o que recebem, então? Nada disso assusta mais. O assassinato passou a ser considerado algo normal, virou uma atividade banal.

“Se a gente não precisa comer, por que é que a gente come?” ... Olhou, então, de relance para o relógio pendurado na parede da sala. Faltavam 10 minutos para o início do debate virtual daquela obra junto às demais integrantes do clube de leitura. Ansiou bastante por aquele momento nos últimos dias, pois seria a primeira vez em anos que a temática do vegetarianismo e do direito animal entraria em debate no grupo. Lizzie sabia que tinha importantes contribuições a dar. Pegou seu livro, seu caderninho, sua xícara e se dirigiu ao cômodo transformado em escritório. O chá que restou, agora frio, lhe pareceu indigesto.

4.4.3 June

Pausa para o café no meio do expediente da tarde. Estava exaurida naquele dia. Sufocada em meio a tantos relatórios, certidões, documentos e processos. Precisava tomar um ar, e um cafezinho era o único pretexto aceito para isso. Aproveitou a deixa e sacou da bolsa o seu Kindle. Seus olhos esbarraram naquelas palavras:

Sei onde estou, e quem sou e que dia é hoje. Esses são os testes e estou sã. A sanidade é um bem valioso; e eu a guardo escondida como as pessoas antigamente escondiam dinheiro. Economizo sanidade, de maneira a vir a ter o suficiente quando chegar a hora...

Mas... que dia era hoje mesmo? Os dias pareciam sempre iguais e as horas pareciam se arrastar naquele expediente que nunca chegava ao fim. O estresse de realizar dia após dia aquele trabalho repetitivo, a pressão dos prazos, o ambiente pesado da Vara Criminal, as diversas situações desconfortáveis com chefes e colegas ainda iriam deixá-la louca! Ainda bem que podia encontrar nos livros um refúgio, uma válvula de escape para aliviar a tensão cotidiana. Não costumava levar livros físicos para o ambiente de trabalho, porque os colegas olhavam torto, julgando-a arrogante, provavelmente, porque é assim que, em geral, são julgadas as pessoas que portam livros. O leitor digital, no entanto, não provocava esse tipo de reação, ela acabaria descobrindo. Passava despercebido: é só mais uma tela, afinal. E a uma hora dessas da tarde, quem, ali, já não estava com a cara enterrada em alguma tela, fugindo do tédio que insistia em se instalar no ambiente?

Ser técnica judiciária não era exatamente seu sonho de infância, convenhamos. Havia estudado Relações Públicas e Urbanismo, além de ser especialista em tecnologias da comunicação. Mas a vida havia aberto aquela porta. E ela não era de desperdiçar oportunidades assim. Não era muito de se aventurar, sempre foi da segurança. Seu sonho de infância? Ser mãe. Mas esse sonho teve que esperar justamente para que pudesse estudar e trabalhar o suficiente para conquistar a tão sonhada estabilidade. Mas, agora, que a havia conquistado (há exatos 12 anos para ser mais precisa), não tinha, no entanto, encontrado um parceiro adequado para levar a cabo esse projeto. Que bom poder viver num mundo em que os avanços da medicina a permitiam ter esperança de ainda vivenciar a maternidade, ainda que seus 42 já começassem a preocupá-la um pouco...

Mas quem se importa? Estava solteira, morava só, e conservava intacta a sua liberdade de ser e fazer o que quisesse quando bem entendesse. Crianças alterariam radicalmente essa

equação, e ela sabia disso. Encontrava o conforto de que precisava em sua espiritualidade. Já há alguns anos frequentava o Centro Espírita à noite, logo após o expediente, e ocupava parte do seu tempo livre com a leitura e o estudo das obras básicas que despertavam bastante o seu interesse.

Estava sozinha, mas de maneira alguma se sentia solitária. O trabalho lhe ocupava bastante o tempo e a mente. Seus fins de semana, também, eram sempre movimentados: fazia aula de dança de salão, se reunia com a família e as amigas e assistia Netflix; isso fora os passeios, as viagens e excursões. E, no tempo ocioso, os livros, volta e meia lhe faziam companhia. Sua relação com a literatura começou cedo, ainda na escola. De início, durante a adolescência, era uma relação pautada na leitura de quadrinhos. Mas se lembrava claramente do dia em que um professor de português, daqueles que não passam em nossas vidas sem deixar a sua marca, fez a leitura do conto *Venha ver o pôr-do-sol*, de uma coletânea de Lygia Fagundes Telles. Ali, seu interesse pela literatura foi despertado. Dali por diante, sua relação com a leitura continuaria se fortalecendo gradativamente, sendo pautada, sempre, pelo prazer que havia descoberto naquele primeiro momento.

Mal sabia o que o destino ainda reservaria para ela nesse aspecto... Certa manhã, tendo acordado de sonhos intranquilos, foi ler as notícias do dia, como sempre fazia, e se deparou com uma reportagem sobre um clube de leitura na página do *Catraca Livre*. Num desses repentes que todo mundo dá ao menos uma vez na vida, pensou: por que não? Afinal, sempre desejara participar de um clube de leitura, compartilhar sua experiência com outras pessoas. Esse clube, em especial, segundo a reportagem, era restrito à leitura de obras escritas por mulheres, o que lhe pareceu uma boa oportunidade de mudar o perfil de sua estante que, até então, ainda era bastante masculinizada. E, como, já disse, nossa querida June não era de desperdiçar oportunidades.

Os caminhos trilhados a partir dessa simples decisão de comparecer ao primeiro encontro foram surpreendentes, até para ela mesma. Os encontros mensais realizados ampliaram seu repertório de leitura e lhe fizeram ter contato com autoras e obras de perfis bastante variados. Carolina Maria de Jesus, por exemplo, é uma autora que dificilmente teria conhecido por conta própria. Não fosse a participação no clube, talvez ainda ignorasse a sua existência. E que experiência marcante havia sido ler e debater coletivamente *Quarto de Despejo!* Não apenas pelo conteúdo da obra em si, que é, sem dúvidas, incrível, mas por tudo que ela representa: a visão da mulher negra, da favela e sua realidade sendo descrita e detalhada por ela mesma; o silenciamento, evidenciado pelo fato de o livro e a autora terem ficado desconhecidos por tanto tempo no país, sendo divulgados antes no exterior.

Passou a apreciar, também, bastante, a leitura de biografias, de memórias e a se inspirar na vida de personagens, sobretudo aquelas que se mostravam fortes e corajosas, mesmo muitas vezes (sobre)vivendo em situações de dominação e privação de liberdade.

O jogo de cintura necessário para sobreviver, o impulso para transgredir e salvar a si lhe serviam como mensagens inspiradoras para continuar resistindo e superando os tempos sombrios pelos quais o seu país, e o mundo, agora fortemente inclinado para a direita, passavam.

As leituras com viés mais feminista a impulsionaram a desconstruir ideias e preconceitos antes naturalizados. Uma vez que o olhar é tocado por essa experiência, desvelado, não consegue mais “desver”. Essa transformação, gradual, gradativa, mas contínua a afetou em diversos níveis e se manifestou em diversas ocasiões. A primeira das mudanças foi que deixou de presentear sua mãe, nas datas comemorativas, apenas com presentes para a casa e passou a enxergar com mais afeto, cuidado e empatia a mulher que residia naquele corpo já um tanto cansado: seriam para ela os presentes agora. Alguns podem considerar uma alteração muito sutil de atitude, mas não passou despercebida aos olhos daquela que passou a receber os mimos. As reações no ambiente de trabalho também foram se alterando. Os comentários, por vezes grosseiros e machistas, dos colegas de trabalho sobre algumas mulheres que buscavam atendimento deixaram de ser recebidos com passividade e, agora, encontravam nela uma resistência firme, engajando outras colegas, inclusive. As intimidações frequentes de policiais em relação às mulheres, sobretudo as estagiárias, já encontravam olhares atentos e cientes das razões machistas subjacentes e a omissão por parte dos colegas homens nessas ocasiões já não era mais vista sem um sentimento de profunda decepção. Percebeu que reagir diante de situações assim era preciso, e assim passou a fazer. Inspiração nas protagonistas literárias que estava conhecendo não lhe faltaria.

Outra grata surpresa foi perceber que, na medida em que lia livros escritos por mulheres, percebeu emergir em si o desejo de também se expressar por meio da escrita. Se elas podiam, ela também podia. E assim, numa circunstância improvável, pós um procedimento cirúrgico para a retirada de um cisto no ovário, diante da necessidade forçada de repouso, assim como Frida, transformou sua dor em arte. E assim, deu à luz seu *blog*, a primeira cria de um desejo que permanece latente. E já se iam 3 anos desse espaço regado a muito café, é claro, onde compartilha suas impressões sobre filmes, livros e cultura em geral.

E por falar em café, a xícara vazia lhe lembrou de que era chegada a hora de retornar à sua mesa de trabalho. E já voltava mais disposta: café não costuma falhar...

4.4.4 Sethe

“A sensação de estranhamento diante da vida e de mim mesma sempre foi algo presente...”. Essa frase ecoava em sua mente insistentemente ao longo das últimas semanas. Mesmo que ela se esquivasse, fingisse não ouvir e tentasse, sem êxito, expurgá-la da mente. Sethe sabia do que se tratava, já havia vivido isso antes diversas vezes. Sua relação com a escrita não era de hoje, e ela sabia que não adiantaria fugir. Já havia feito isso em outras ocasiões, mas essas ideias, esses lampejos, essas vozes, esses fantasmas, ou iluminações, inspirações como preferem algumas pessoas, quando vêm, não nos abandonam até terem alcançado o seu objetivo de chegar à folha em branco, onde por sua vez, se derramam, numa espécie de catarse, de epifania, mas não sem algum sofrimento.

Sua relação com a leitura começara desde muito cedo: aos 4 anos aprendeu a ler e o mundo, de repente, se abriu para ela. A escrita, por sua vez, viria de forma sistemática, bem mais tarde, no Ensino Médio, com o incentivo de um coletivo de incentivo à escrita de poemas. Poemas esses que eram colados e declamados na Praça Vermelha próxima à Escola Técnica em que cursava Química Industrial. A biblioteca da escola a extasiava e lhe dava uma agradável vertigem por seu tamanho. Desde aquele tempo, já tinha a dimensão de que tudo o que existe, foi forjado, antes, como palavra, como ideia. Percebeu, também, que, ao tentar externar as suas emoções, e registrá-las em forma de poema, elaborava o seu sentir, as suas dores e agonias. Essas palavras e ideias, uma vez postas no papel, eram capazes de salvá-la do que quer que fosse, inclusive de si mesma. Transformar a dor em algo que ela própria podia admirar lhe rendia um efeito terapêutico.

Agora, por exemplo, sabia, que não teria sossego enquanto não se sentasse e desse vazão à ideia da vez. As outras situações similares já haviam rendido alguns poemas que colecionava a sete chaves em inúmeros caderninhos manuscritos espalhados por suas gavetas, em arquivos do seu *notebook* e na nuvem, por segurança. Por ser uma escrita tão intimista, após a experiência do colegial, raramente, conseguiu compartilhá-la com alguém, salvo umas duas coletâneas em que foi convidada a participar. De modo que, quando era surpreendida pensativa por amigas e familiares e respondia aos questionamentos sobre onde ela estava com a cabeça com um simples “Nas nuvens...”, não se tratava somente de uma metáfora, era lá que seus pensamentos mais íntimos e secretos faziam morada.

Nesse instante mesmo, estava assim, com a cabeça nas nuvens. Nem o seu momento de leitura com a pequenina sobrinha de 1 ano a bendita ideia respeitara. Mas seus pés seguiam no chão, disso nunca abriria mão. Como uma mulher, negra, bissexual, nascida e criada na

periferia, com pai e mãe com baixa escolaridade, em um país e uma cidade racistas, mantinha seus pés bem fincados na terra. O que, obviamente, não a impedia de sonhar.

A garotinha aguardava com olhar atento o desfecho da história e reclamava da demora da tia que havia se perdido em seus devaneios. Uma vez de volta à realidade, concluiu: “Menininha, você é uma gracinha! Nosso crespo é de rainha!”, ao que a menina serelepe sorriu e aplaudiu com empolgados gritinhos de satisfação. Era notória a sua alegria quando a tia lia sua história favorita enquanto, com mãos carinhosas, acariciava e penteava seus cabelos.

Ler bell hooks para a pequena não era uma escolha aleatória, já havia algum tempo que realizava essa análise crítica sobre o que lia, dando preferência a autoras negras, uma vez que ali se sentia mais contemplada e representada em sua realidade. Buscava ampliar essa reflexão, também, na seleção dos livros com que presenteava a sobrinha e, ainda, em sua prática profissional. Como pedagoga, atuando como professora da Educação Infantil, sabia que era referência na vida de muitas crianças, que a viam como modelo. Havia prometido para si que seria esse tipo de professora, do tipo que transforma a vida de estudantes, desde a época em que ajudava sua mãe nas aulas da banca. Tentou até escapar dessa sua vocação, cursando, além de Pedagogia, Farmácia e Bioquímica. Mas o tempo foi implacável e lhe escancarou a verdade: seu lance era mesmo educação. Como mediadora de leitura em sala, precisava ensinar aos pequenos e pequenas, procedimentos e hábitos relacionados à sua inserção no vasto mundo da leitura. E como ensinar aquilo que não se faz? Ciente disso, lia diariamente, por fazer parte da carreira que escolheu para si, por encontrar na leitura um modo de relaxar, um *hobby*, e por vontade mesmo. Lia de tudo um pouco: de notícias a textos de redes sociais, de ficção a textos acadêmicos e relacionados ao trabalho. Mas seu coração repousava mesmo nos poemas e nas Histórias em Quadrinho. Era ali que ele se deleitava, talvez, por perceber que nem tudo está no literal, ou no texto longo e prolixo, e que a delicadeza dos poemas e a linguagem não-verbal das HQ’s pode, muitas vezes, traduzir o indizível evitando, assim, que ela fosse devorada pelas palavras que o coração não ousou dizer.

Tinha consciência, ainda, do impacto que as escolhas das leituras que realizava poderia ter na vida de cada estudante de suas turmas. Buscava, portanto, realizar uma curadoria bastante criteriosa, refletida e pensada durante a seleção dos livros que adotava para as suas turmas com base no Programa Nacional do Livro e do Material Didático, não apenas com relação ao conteúdo das obras, mas também com relação a quem as havia produzido. Esse cuidado se refletia nos olhares que recebia dos pequenos e pequenas durante as aulas de leitura. Olhares que sorriam ao constatar: “Pixaim, sim! Gosto dele bem assim!”. Ser

atravessada por essas histórias, ainda em construção, que lhe chegavam diariamente, a fazia sentir orgulho da profissão, de modo que sempre se apresentava publicamente como pedagoga, como especialista em educação, como alguém da área de Letras, apaixonada pelos livros, pois sabia serem esses elementos importantes em sua subjetividade.

Um emaranhado nos cabelos da sobrinha a trouxe de volta à realidade... -Ai, titia!! ... mas não por muito tempo. Aqueles não eram os primeiros cabelos que penteava com tamanho cuidado e afeto. Que saudades sentia de quando sua filhota ainda era um bebezinho! Agora já era uma mulher feita. Difícil acreditar como o tempo passa rápido. Parece que foi outro dia que eram elas duas ali. Ela com seus pouco mais de 20 anos e sua unigênita com seu 1 ano de formosura. Agora, por consenso entre as pessoas envolvidas, ela morava com o pai, seu antigo companheiro e ainda grande amigo. Mas não foi sem julgamento alheio que tomaram e sustentaram essa decisão. Aliás, se tem algo que as pessoas gostam de fazer nessa vida é se meter na vida umas das outras para dar pitacos, apontar erros e ensinar como fazer. Afinal, nasce um bebê, nasce uma mãe, nasce junto uma legião de palpites sobre absolutamente cada aspecto e cada decisão que envolva a mãe e a criança, pessoas convictas de que dominam a cartilha do bom maternar: parto normal ou cesárea, amamentação ou mamadeira, chupeta ou livre demanda, alopatia ou homeopatia, babá ou creche, escola tradicional ou alternativa, autoritarismo ou diálogo... Por muito pouco ela não cedeu a tais maniqueísmos. Muitas inseguranças ainda a acompanham, porque com a nova mãe, também nasce a culpa, mas de tantas outras ela já consegue dar risada. Com o tempo, a experiência e algumas das leituras que vinha realizando, foi conseguindo, aos poucos, sempre em processo, desmistificar a imagem da mãe como um ser que precisa abdicar completamente de si, se doar completamente. Entendeu que para ser mãe, não precisaria deixar de ser ela mesma.

Quanto da nossa energia, do nosso tempo e da nossa autenticidade perdemos para atender às expectativas alheias em nosso maternar? Que mães excepcionalmente humanas nos tornaríamos se olhássemos para nós mesmas com mais humanidade. Acolher esse novo ser que chega ao mundo se tornaria tão menos complicado se conseguíssemos acolher também os nossos desejos e anseios. Ela garimpou esse caminho próprio e autoral em sua relação com a maternidade: ao silenciar as críticas que recebia para ouvir sua voz interna que lhe dizia o que parecia ser o melhor para ambas naquele momento.

Mas é impressionante como a questão da maternidade ainda é um tabu, uma espécie de campo intocável. A gente problematiza de tudo nessa vida, mas a maternidade parece ser uma área com ideias e ideais preconcebidos arraigados em nossa mente em um nível que não tem feminista que desgrude: a maneira como se deve maternar, a maneira como se educa, a

maneira como a gente vê filhos e filhas, a maneira como vemos nossas mães e nos enxergamos, também, como filhas. Muitas vezes internalizamos um modelo de mãe como fortaleza que precisa resistir a absolutamente tudo, incólume, inabalável, sobre-humana. Desnecessário dizer que é um padrão inatingível e extremamente frustrante. E não foi fácil para Sethe desconstruir esse padrão internalizado, muito menos bancar as consequências dessa decisão, mesmo com todas as leituras que tinha sobre maternidade, sobre feminismos. Mas foi necessário passar por ali. E foi inevitável escrever sobre isso:

*Mãe*³⁶

*Mamãe sempre foi
palavra volátil
um sopro, um átimo
palavra éter
que nunca conseguiu se fixar.
Mamãe sempre foi
fracasso e vontade
desde a mais tênue idade
breve promessa a se desenhar.
Mamãe sempre foi
a pipa perdida no ar
a ausência, o silêncio
o balão levado pelo vento
a lágrima, o desalento
o conflito, o tormento
o rosto colado no espelho
inútil dizê-lo.
Mamãe sempre foi
o nó apertado da falta
passado batendo insistente na porta
a criança perdida que volta
a pedir, a querer, a chorar.
Mamãe sempre será
de mim, eu mesma
filha, mãe, amiga e avó
reconstruindo entre cinzas e pó
o sonho, o ninho e o amor.*

Digamos que seguir padrões não era exatamente algo que ela gostasse de fazer. Os padrões sempre lhe pareceram engessados demais, limitantes demais e, vamos combinar, a grandiosidade da sua trajetória não caberia nas caixinhas que a sociedade insistia em lhe oferecer. Nos ambientes com maioria branca e de classe média alta que, porventura, frequentasse, se posicionava como mulher negra e sempre apresentava, às vezes de uma

³⁶ Poema da autoria da moderadora Sethe declamado durante uma *live* promovida por uma Escola Municipal de Salvador. A fonte precisou ser ocultada para evitar a identificação da moderadora.

maneira que ela própria julgava até bastante reativa, um contraponto de raça e classe nas conversas e debates. Mas como não ser reativa tendo o racismo como companheiro de caminhada? Nem uma vida inteira seria suficiente para aprender a lidar com esse tipo de situação, como já chegaram a lhe sugerir algumas pessoas próximas a ela.

Pouco a pouco, porém, Sethe foi traçando suas próprias estratégias e canalizando sua reatividade para seus projetos pessoais que eram definitivamente mais importantes. Seus escritos, seus poemas, passaram a ser uma forma de resistir, uma forma de reagir, uma forma de peitar um mundo deveras hostil e, assim, transmutar aquela sufocante sensação de estranhamento diante da vida e de si mesma que sempre a acompanhara em literatura. Ali, ela podia existir sem ressalvas, sem justificativas. Ali, era o espaço em que encontrava a liberdade para ser quem quisesse ser: uma mulher, uma mãe, uma professora, uma impertinente, um grande ponto de interrogação. Sujeita da própria história, na vida e no papel, Sethe seguiria escrevendo os versos que a levariam a encontrar a si mesma, ou a se perder, conforme o que coubesse na composição.

- Mais, titia! Mais!

- Claro, meu amor! Para que você nunca esqueça que seus cabelos são livres e que você também é... “Menininha do cabelo lindo e de cheiro doce!”.

4.4.5 Elena

Entre um processo e outro, encontrou um breve intervalo para ler as notícias do dia e algumas colunas de destaque em seu jornal favorito. Esperava encontrar, ali, um descanso para o trabalho, mas não esperava ser surpreendida com um soco no estômago. O artigo intitulava-se “Do *baby boom* ao *baby bye, bye*”, da autoria da psicanalista Vera Iaconelli. O título, de cara, lhe interessou, pois o tema lhe intrigava bastante e conversava diretamente com a sua realidade. Leu: “as mulheres, que nunca tiveram como conciliar bem carreira e maternidade, estão desistindo de tentar. [...] Para equalizarmos o tempo gasto com gestação, parto e amamentação, a sociedade teria que compensar fortemente as mulheres e, no entanto, as vem penalizando.”. Era precisamente essa a sua posição com relação ao tema. É como se ela fosse paciente da Vera e esta tivesse transformado a pauta da sua sessão de análise em coluna para o jornal. Pelo visto, ela não era a única mulher do Brasil ou do mundo que pensava dessa forma.

A verdade é que chegara aos 29 anos solteira, morando com os pais. O que alguns poderiam ver como um problema, ela enxergava como um privilégio e uma oportunidade para

se dedicar ao seu trabalho como advogada e aos seus estudos para concurso. Não pretendia ser mãe. Considerava-se absolutamente inapta para a maternidade e gelava só de pensar no compromisso a longo prazo que crianças representam e nas renúncias que as criar impõe. Seu trabalho e seus estudos já lhe ocupavam o suficiente. Resta-lhe pouco tempo até para a leitura por prazer, que tanto apreciava. A maior parte das leituras que realizava no momento estavam relacionadas com o seu trabalho, de modo que era com dificuldade que conseguia encaixar ficção (principalmente os romances de que gostava) em sua rotina, numa média de uma vez por semana. Imagina com um bebê à tira colo, ocupando todo o seu tempo e atenção.

Além do mais, ainda se considerava jovem. Olhando retrospectivamente, não fazia tanto tempo assim que ingressara no universo da leitura por prazer com a série *Harry Potter*. Lembra-se, nitidamente, de se deitar com a saga do bruxinho mais famoso do ocidente em mãos nos seus idos 9 anos de idade. Como o tempo passou rápido! Aquela foi a primeira vez que recorda ter sentido prazer em ler, apesar da dificuldade em compreender algumas coisas, devido à falta de experiência. Sua família não tinha o hábito da leitura e, a pensar bem na questão, na escola em que estudara também não havia encontrado muita companhia para isso. Mas havia uma amiga, uma grande amiga que, não apenas gostava de ler, mas trocava com ela algumas impressões de leitura. Dessas pessoas meio sem propósito que a vida, ou Deus como preferem os que acreditam em sua existência, coloca em nosso caminho e que marcam a nossa história mesmo sem querer e sem perceber. Se acreditava em Deus, era justamente como essa energia que se encontra em todos os seres e que, de repente, promove esses encontros sem a gente esperar.

Sua relação com a leitura, então, foi, a maior parte do tempo, solitária. Tinha poucas oportunidades de dialogar sobre o que lia à exceção dessa amiga e das aulas de literatura da escola que, vamos combinar, geralmente não são exatamente um espaço de fomento à leitura e, muitas vezes, exercem uma força até mesmo contrária. Essa relação mudou sensivelmente a partir do convite de um amigo para frequentar um clube de leitura da cidade em que residia. Desses convites, totalmente aleatórios, mas que, uma vez que abraçamos, se apresentam como uma janela de oportunidade tão bacana para a mudança. Quanta reflexão e quanto aprendizado adveio daqueles encontros no último sábado de cada mês: maternidade, carreira, amizade, relações amorosas e familiares, tudo posto em pauta a partir da literatura. Que riqueza! E o que era um processo individual se transformou em diálogos reflexivos, aprofundando a sua percepção sobre cada uma das obras lidas. Foi ali, naqueles encontros, que teve pela primeira vez a percepção de como os desafios para a emancipação da mulher na sociedade podem ser diferentes quando se pensa, de maneira contextualizada gênero, raça e

classe, e de como seus próprios desafios se mostravam pequenos se comparados com o de outras tantas mulheres.

Ali, percebeu o quanto as leituras que realizava por escolha, ou por indicação, ainda estavam sob o jugo da supremacia masculina.

Ali, viveu experiências literárias bastante atípicas para ela até então. A leitura de *A guerra não tem rosto de mulher*, livro da bielorrussa, laureada pelo Nobel de literatura, Svetlana Alexijevich, lhe permitiu ter uma visão feminina de um acontecimento historicamente narrado de forma quase exclusiva pela perspectiva masculina.

Ali, exercitou a empatia. Ao ler a História em Quadrinhos *A diferença invisível*, escrita por Julie Dachez e ilustrada por Mademoiselle Caroline, pôde ter a real dimensão sobre o transtorno do espectro autista denominado *Asperger*, e pôde compreender melhor e se sensibilizar com a situação de uma pessoa próxima com o diagnóstico.

Ali, percebeu que cada momento de sua vida foi marcado por uma obra, em detrimento de outras, mas nenhuma delas foi especial o bastante para receber o protagonismo de livro da sua vida. E constatou, também, que, embora admirasse e se identificasse com diversas personagens, não gostaria de estar na pele de nenhuma delas. Reconhecia seu privilégio em poder declarar que gostava da vida que levava.

Suas obras favoritas, porém, eram aquelas que faziam um aprofundamento psicológico das personagens, quando seus pensamentos e vivências são a fonte principal da obra, ou melhor, quando entender a trama passava justamente pela complexidade das personagens. Por conta disso, viveu com prazer a Febre Ferrante. Tetralogia que mantinha em sua prateleira de livros em posição de destaque. Série essa que a fez refletir demais sobre o ser mulher, o ser (ou não) mãe, o ser profissional e os perrengues que estão implicados em tentar tecer essa intrincada colcha de retalhos no mundo atual.

Pensando bem, a Vera Iaconelli deve ter lido Ferrante também.

5. RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA: O *LEIA MULHERES-SALVADOR* NA VISÃO DE SUAS MODERADORAS

Planejei como uma das etapas cruciais da pesquisa a elaboração de relatos, da autoria de cada uma das cinco moderadoras, sobre sua experiência junto ao *Leia Mulheres-Salvador*. Em diálogo com as sujeitas dessa pesquisa, todas concordaram que o mesmo fosse elaborado individualmente e entregue para mim por escrito e solicitaram que lhes fosse enviado algum tipo de roteiro orientando os temas que deveriam ser contemplados. A opção por um relato escrito, e não oral, se deu com o propósito de possibilitar a cada uma um tempo maior de reflexão e de organização das ideias. De todo modo, dúvidas que, porventura, aparecessem poderiam ser sanadas em diálogos posteriores. Além disso, a escrita seria um espaço de solitude, sem a pressão da presença física de uma entrevistadora, o que, a meu ver, tornaria a situação mais leve para ambas as partes. Não sou ingênua, porém, em acreditar que a minha presença foi desconsiderada na sua elaboração. Sei que quem escreve um relato, escreve para alguém e que esse(a) interlocutor(a) é uma espécie de ausência-presente durante o processo de escrita. Ou, nas palavras de Butler (2021):

[...] dou um relato de mim mesma para alguém, e o destinatário desse relato, real ou imaginário, também interrompe a sensação de que esse relato é de fato meu. Se dou um relato de mim mesma para alguém, sou obrigada a revelá-lo, cedê-lo, dispor-me dele no momento em que o estabeleço como meu. É impossível fazer um relato de si mesmo fora da estrutura de interpelação, mesmo que o interpelado continue implícito e sem nome, anônimo, indefinido. A interpelação é que define o relato que se faz de si mesmo, e este só se completa quando é efetivamente extraído e expropriado do domínio daquilo que é meu. É somente na desposseção que posso fazer e faço qualquer relato de mim mesma. (BUTLER, 2021, p. 51,52. Tradução Rogério Bettoni)

Esses relatos são, portanto, a resposta a uma solicitação feita por mim para que as moderadoras os fizessem. Logo, sei que eles passam por alguns filtros: o filtro do tempo e da memória, o filtro da interpretação que elas mesmas fazem sobre o que ocorreu e o filtro de saber para quem esses relatos estão sendo elaborados e com que propósito. Mas, nessa pesquisa, esses filtros são tão relevantes quanto o fato em si, de modo que não me interessa desvendar um segredo oculto, mas sim, dialogar com aquilo que elas estiveram dispostas a revelar sobre sua experiência.

Embora orientadas com algumas questões, foi dito a cada uma que elas poderiam, também, abordar aspectos relevantes que não estivessem contemplados nos tópicos sugeridos, e foi uma grata surpresa perceber que elas excederam qualquer expectativa que eu pudesse ter

com relação ao produto final desse exercício de escrita, e como, cada uma, atribuiu ao seu texto seu próprio estilo e as peculiaridades de sua experiência com o grupo.

É bom salientar que o material que apresento neste capítulo remete a um intervalo de tempo bastante específico referente ao período em que cada uma dessas sujeitas esteve atuando como moderadora do grupo. É, portanto, um registro datado, mas, ainda assim, de grande relevância, pois para refletir sobre algumas das questões levantadas por elas não é necessário cobrir a totalidade do tempo em que o *Leia Mulheres* atua em Salvador. Como a moderação é fluída, três das moderadoras que elaboraram estes relatos, já não desempenham mais essa função, embora ainda compareçam eventualmente aos encontros, são elas: Sophie, Sethe e Elena; além disso, uma nova moderadora foi integrada ao grupo, embora não conste um relato seu no escopo deste trabalho.

Considero importante pontuar, aqui, a premissa subjacente a esse capítulo: a de que as histórias que essas moderadoras resgatam em seus escritos precisam ser contadas. Primeiramente, porque, como afirma Lopes (2006), “[...] é inadequado construir teorias sem considerar as vozes daqueles que vivem as práticas sociais que queremos estudar.” (LOPES, 2006, p.31). Como integrante do *Leia Mulheres-Salvador* me sinto honrada em poder propagar essas vozes e deixá-las registradas para a posteridade, pois essa é uma forma de romper com o silêncio que acompanha a trajetória de tantas mulheres ao longo da história. Nossas vozes precisam ser ouvidas, pois são parte intrínseca de nossa humanidade. É por meio da palavra que nos conectamos umas com as outras. O silêncio nos separa. Resgato, então, uma analogia estabelecida por Solnit (2017b) que considero bastante pertinente nesse contexto:

Certas espécies de árvores espalham sistemas subterrâneos de raízes que interligam os troncos individuais e entrelaçam as árvores num conjunto mais estável, mais difícil de ser derrubado pelo vento. As conversas e os relatos pessoais são como essas raízes. (SOLNIT, 2017b, pos. 204)

Ouvi de uma das moderadoras um sincero agradecimento por ter tido a oportunidade de pensar a respeito do seu percurso no grupo e poder escrever sobre isso. O coração transbordou de felicidade.

Esse capítulo, é, portanto, sobre isso, sobre a conexão que se estabelece entre nós, mulheres, quando contamos nossas histórias, quando relatamos a nós mesmas, quando nos percebemos capazes de narrar nossas próprias trajetórias. Ao valorizar a experiência dessas mulheres como sistema de análise, fraturamos a lógica patriarcal que associa saber e poder,

alargando a noção daquilo que é historicamente importante a fim de incluir as experiências pessoais e subjetivas, bem como as atividades públicas e políticas. Corroboro, desse modo, a visão de Solnit (2017b) quando fala a respeito do poder que as histórias têm em nossas vidas:

Histórias salvam a sua vida. Histórias são a sua vida. Nós somos as nossas histórias, que podem ser a prisão e o pé de cabra que vai arrombar a porta; criamos histórias que nos salvam ou que nos prendem, a nós ou a outros, histórias que nos elevam ou nos esmagam contra o muro de pedra dos nossos medos e limitações. A libertação sempre é, em parte, um processo de contar uma história: romper histórias, romper silêncios, criar novas histórias. Uma pessoa livre conta a sua história própria. Uma pessoa valorizada vive numa sociedade em que sua história ocupa um lugar. A violência contra as mulheres muitas vezes se dá contra as nossas vozes e as nossas histórias pessoais. É uma recusa das nossas vozes e do que significa uma voz: o direito de autodeterminação, de participação, de concordância ou divergência, de viver e participar, de interpretar e narrar. (SOLNIT, 2017b, pos. 224, 225)

Parto, ainda, do pressuposto de que relatar a si é parte crucial no processo de constituição de identidades. Nesse sentido, compactuo com a visão da Linguística Aplicada Crítica (LAC), na percepção de que, por meio da linguagem, formas de organização social e suas consequências políticas são definidas e contestadas, mas também, que a própria linguagem é o lugar em que construímos sentidos sobre nós, onde, em última instância, nossa subjetividade é construída. Desse modo, a linguagem não é apenas reflexo de identidades prévias, mas uma força produtiva que constitui identidades. Esse processo ocorre, sobretudo, por meio do discurso, compreendido como uma prática social na qual sujeito(a) e discurso se realizam performativamente durante a prática discursiva (PENYCOOK, 2006)³⁷. Como vimos no capítulo anterior, as identidades resultantes desse processo são múltiplas, conflitantes, frequentemente negociadas e sempre em desenvolvimento, o que se confirma nos relatos que se seguem.

Os relatos constam, na íntegra, nos Anexos desse trabalho e, como pesquisadora, recomendo a leitura. Ao longo desse capítulo, no entanto, eles passaram por um processo de descrição e análise que consistiu, basicamente: na leitura e releitura de cada um dos relatos elaborados pelas moderadoras; na identificação de temas recorrentes nesses relatos; no agrupamento dos trechos dos relatos conforme os temas abordados e na elaboração de tópicos que os contemplassem; no diálogo entre os conteúdos abordados pelas moderadoras, a minha própria experiência junto ao grupo e o referencial teórico dessa pesquisa. Não tive, em nenhum momento a pretensão de encaminhar soluções ou resolver os problemas apontados

³⁷ Tradução Luiz Paulo da Moita Lopes.

pelas moderadoras, o propósito da análise é muito mais sobre, como nos sugere Lopes (2006), problematizá-los e criar inteligibilidade sobre eles.

A fim de alcançar tal objetivo, incorporei de forma visceral na análise o caráter transgressor da Linguística Aplicada Crítica (LAC) e da Análise de Discurso Crítica (ADC), de modo que, muito embora tenha essas duas áreas como referência, como uma espécie de farol teórico e metodológico, não me detenho a elas e não economizo esforços no sentido de buscar em outras áreas a compreensão dos fenômenos que analiso. O caráter transdisciplinar, antidisciplinar, ou até mesmo INdisciplinar (LOPES, 2006) da análise realizada se justifica, assim, pela compreensão de que “As disciplinas não são estáticas, domínios demarcados de conhecimento, aos quais pedimos emprestados construtos teóricos, mas são elas mesmas domínios dinâmicos de conhecimento.” (PENNYCOOK, 2006, p. 72). Busquei, desse modo, incorporar o propósito de atravessar e transgredir as fronteiras disciplinares, buscando em seus saberes e conceitos uma melhor compreensão das questões sociodiscursivas em análise, sem a necessidade de subjugar os dados a nenhuma delas. O fiz por compactuar com a concepção de que:

Pesquisas em análise de discurso são empreendimentos complexos, que não se limitam à análise textual. Ao contrário, exigem numerosas leituras em Ciências Sociais, reflexões sociais e/ou trabalho de campo. Isso possibilita uma compreensão mais ampla do problema sociodiscursivo pesquisado, tornando mais efetivas as análises discursivas propriamente ditas. Aqui, cabe lembrar que a proposta transdisciplinar da ADC faz dela uma disciplina ‘aberta’, possibilitando o diálogo e a operacionalização de diversas disciplinas. (VIEIRA; RESENDE, 2016, p.108)

O intuito, portanto, da perspectiva de ADC defendida por Vieira e Resende (2016) e que procuro reiterar com esta pesquisa, não é o de adotar um método pronto que será aplicado na análise, mas sim o de buscar compreender as relações entre o social e o discursivo, fazendo jus ao caráter *trans* da pesquisa, o que não é sinônimo de desordem ou caos, mas de reflexão e questionamentos constantes.

No que se refere a esse aspecto, ADC e LAC estão alinhadas, sobretudo se considerarmos que essa última:

[...] se constitui como prática problematizadora envolvida em contínuo questionamento das premissas que norteiam nosso modo de vida; que percebe questões de linguagem como questões políticas; que não tem pretensões a respostas definitivas e universais, por compreender que elas significam a imobilização do pensamento; que tem clara postura epistemológica, entendendo que a produção de conhecimento não é neutra, pois se encontra entretecida a um domínio de práticas sócio-historicamente situadas, podendo apenas ser aplicada ao contexto da situação sob investigação; que adota um modelo de teoria crítica entendida [...] como exame

de suas próprias pressuposições e condições de possibilidade e ciente de sua própria relatividade, alcance e limites [...]. Enfim, uma área de conhecimento que, suspeitando dos sentidos usuais, se coloca em movimento contínuo e autorreflexivo de deriva de si, sem destino fixo. Aposta, assim, nos descaminhos e na desaprendizagem [...]. (FABRÍCIO, 2006, p.60, 61)

Dessa interface entre os pressupostos da LAC e da ADC, mas sobretudo, de sua abertura para outras áreas, surgiu a análise a seguir. Uma análise que, é bom reiterar, não se pretende neutra, mas incorpora e assume a dimensão política inerente a este trabalho. Ao realizá-la não objetivei uma descrição objetiva, mas reconheço a influência que exerço na maneira como as coisas se apresentam, ou seja, deixo explícito o caráter ativo, e até mesmo, ativista dos posicionamentos que exponho, afinal, esta investigação:

começa com a investigadora que está, na verdade, localizada; [...] é ativa; está trabalhando; está conectada com outras pessoas de vários modos; pensa, come, dorme, ri, deseja, sofre, canta, pragueja, ama, exatamente aqui; lê aqui; vê televisão... (SMITH, 1999, p.41 apud PENYCOOK, 2006, p. 80)

Dito isso, deixo, aqui, registrado o meu desejo de que as histórias apresentadas nesses relatos ocupem um lugar, sejam lidas, nos elevem e nos ajudem a criar novas reflexões e histórias, individual e coletivamente, constituindo-se em um passo significativo rumo à nossa libertação.

5.1 Primeiro contato com o *Leial* primeiras impressões

Ao ler os relatos elaborados pelas moderadoras, o primeiro tema que se apresenta é o contato inicial de cada uma delas com o *Leia Mulheres–Salvador*. Elas comentam como tomaram conhecimento do projeto:

Lizzie: Conheci o *Leia* pela internet, mas fiquei sabendo que um grupo aqui em Salvador por uma amiga que tem um canal literário no *YouTube*. (RELATO LIZZIE, ANEXO G, p.297).

June: Eu conheci o *Leia Mulheres* em fevereiro de 2016, através das redes sociais. Eu não lembro exatamente, mas tenho impressão de que foi através da página do *Catraca Livre*, no *Facebook*. Então, procurei para ver se tinha em Salvador e encontrei o grupo no *Facebook*. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.300).

Sethe: Um belo dia eu decidi falar com a J.G.(SP)³⁸ pelo *Facebook* e perguntar a ela sobre o *Leia Mulheres*, saber se já existia em Salvador, visto que esse clube estava

³⁸ Os nomes próprios mencionados ao longo deste relato foram substituídos pelas respectivas iniciais a fim de evitar a identificação das pessoas mencionadas. Por haver duas pessoas cujos nomes possuem as mesmas

se expandindo em várias outras cidades, além de São Paulo. J.G.(SP) me disse que ainda não existia em Salvador, mas me deu a ideia, a princípio um tanto distante: “por que você não cria o Leia aí em sua cidade?” “Existem outras pessoas que tem interesse também em realizar o clube aí e eu posso conectar vocês.” Então conheci Sophie e J.G.(SSA) e posteriormente P.J. e J.M..

Sophie e J.G.(SSA) eu já conhecia porque acompanhava o trabalho delas como blogueiras literárias no *YouTube*. [...] Eu era fã das duas e conhecer pessoalmente foi muito bom. Nos encontramos na livraria Saraiva do Iguatemi e começamos a esboçar o que viria a ser o *Leia Mulheres-Salvador*. (RELATO SETHE, ANEXO I, p.305)

Sophie: Em 2015, algum tempo depois da criação do *Leia Mulheres* lá em São Paulo, três mulheres daqui de Salvador mandaram *e-mail* para o *Leia Nacional* mostrando interesse em criar um clube aqui em Salvador: J.G.(SSA), jornalista; Sethe, professora; e J.M., estudante. O *Leia Nacional* conectou elas três. J.G. (SSA), por sua vez, convidou a mim e a P.J. para integrar essa primeira formação. P.J. e J.G. (SSA) são jornalistas e tinham sido colegas na Facom. Já J.G. (SSA) e eu nos conhecíamos porque ambas tínhamos, na época, blogs literários e canais literários no *YouTube*. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.291)

Elena: Com o passar dos anos e o ingresso na faculdade, fui intensificando o hábito da leitura, conhecendo novos autores, mas, ainda assim, continuava sendo um processo bem individual, até que um dia recebi o convite de um amigo para ir a uma das reuniões do *Leia Mulheres-Salvador*. Eu nunca havia escutado sobre o grupo ou possuía qualquer experiência com um grupo de leitura, mas a ideia de frequentar um local onde as pessoas compartilhavam as suas experiências de leitura e que tinha como foco ler apenas obras escritas por mulheres, me interessou. (RELATO ELENA, ANEXO J, p.309)

É interessante perceber e destacar o papel crucial que as redes sociais exerceram na formação inicial do grupo e em sua posterior divulgação. Lizzie conheceu o projeto pela Internet e tomou conhecimento da sua existência em Salvador por meio do canal literário de uma amiga no *YouTube*. June toma conhecimento a respeito do grupo por meio de uma página de notícias no *Facebook* e ingressa primeiramente no grupo virtual para, somente depois, comparecer ao encontro presencial.

Sethe e Sophie, por sua vez, constituem o grupo desde os primórdios, mas o próprio contato entre as primeiras moderadoras de Salvador perpassou uma conexão virtual. Sethe, ao descobrir o projeto em São Paulo, decide contactar as fundadoras pelo *Facebook* para questioná-las a respeito da sua existência em Salvador. Diante da informação de que não havia, ainda, uma sede do projeto aqui, é instigada pelas mesmas a inaugurar o projeto na cidade.

A provocação feita pelas moderadoras de São Paulo é bastante reveladora sobre o modo como as mudanças de paradigmas se processam. Muitas vezes, criamos a expectativa e a ilusão de que encontraremos as respostas prontas, as situações já criadas para somente nos aliarmos à luta em curso, mas, na vida, geralmente, não é isso que acontece. Nos deparamos,

iniciais, elas foram diferenciadas pela sigla do local onde mora(va)m: J.G.(SP) mora(va) em São Paulo e J.G.(SSA) em Salvador.

sim, com lacunas que precisam de pessoas que tomem a iniciativa e coloquem em prática aquilo que idealizam. Sethe assume a corajosa atitude de encarar o desafio, mas não sozinha. Ela é posta em contato com outras pessoas com interesses semelhantes e que decidem juntas desbravar esse novo caminho. Não eram, porém, completas desconhecidas. Eram pessoas cujo trabalho com a literatura Sethe já acompanhava via *YouTube*. Mais uma vez, as redes sociais exercendo uma força centrípeta no processo. Sophie reforça essa informação quando afirma ter sido convidada por J.G.(SSA) a compor o grupo, pontuando que já a conhecia porque ambas possuíam, na época, canais literários no *YouTube*.

Elena é a única moderadora que destoa das demais nesse aspecto, ela afirma não ter conhecimento algum a respeito do grupo até ser convidada por um amigo para ir a uma das reuniões.

Essa preponderância das redes sociais virtuais na composição do grupo e em sua posterior divulgação nos indica que, hoje, dispomos de ferramentas inexistentes em outras épocas, que nos auxiliam na conexão com outras pessoas. Embora o método do convite feito de forma individualizada e personalizada siga resistindo, como nos mostra o exemplo de Elena, a divulgação via mídias digitais costuma alcançar um número mais expressivo de pessoas com interesses comuns. Haraway (2019) defende que a mediação tecnológica à qual estamos submetidos e que se revela, por exemplo, no processo de composição do *Leia Mulheres-Salvador*, envolve, necessariamente, uma dominação, mas aponta, igualmente, possibilidades inimagináveis de outro modo. Ela afirma:

[...] a necessidade de uma unidade entre as pessoas que estão tentando resistir à intensificação mundial da dominação nunca foi tão urgente. Mas uma mudança ligeiramente perversa de perspectiva pode nos capacitar, de uma forma melhor, para a luta por outros significados, bem como para outras formas de poder e prazer em sociedades tecnologicamente mediadas. (HARAWAY, 2019, p. 164)

Não podemos, portanto, romantizar o uso dessas redes sociais virtuais, pois sabemos que esses espaços atendem a interesses muito específicos, e as mentes por trás deles se beneficiam daquilo que tem sido denominado “economia da atenção” (PETERSEN, 2021, p.213)³⁹, expressão que se refere à compra e venda do nosso tempo, sobretudo aqueles instantes que costumávamos passar no ócio entre a conclusão de uma tarefa e o início de outra. Entretanto, apesar disso, de nada adianta demonizá-los, afinal podemos e devemos subverter o uso dessas novas tecnologias a nosso favor, olhando a questão por outra ótica:

³⁹ Tradução Giu Alonso.

De outra perspectiva um mundo de ciborgues pode significar realidades sociais e corporais vividas, nas quais as pessoas não temam identidades permanentemente parciais e posições contraditórias. A luta política consiste em ver de ambas as perspectivas ao mesmo tempo, porque cada uma delas revela tanto dominação quanto possibilidades que seriam inimagináveis sob outro ponto de vista. (HARAWAY, 2019, p. 164)

Embora nos esqueçamos frequentemente, essas redes seguem sendo compostas por pessoas de carne e osso, e é a atenção dessas pessoas, o engajamento dessas pessoas, o interesse dessas pessoas que sustenta o funcionamento desses espaços. Segundo Haraway (2019), o que conecta as pessoas, ainda que virtualmente, é a avidez por afinidade, ou seja, a substituição de um grupo nuclear químico por outro não aparentado por sangue, mas por escolha. Em alguns casos, essa afinidade e conexão acaba extrapolando as redes virtuais e se estende a espaços de interação presencial, é o que ocorre com o *Leia Mulheres* como um todo e, conforme podemos verificar nos relatos, o que ocorre com o *Leia Mulheres-Salvador*.

O primeiro encontro, em Salvador, ocorreu na Livraria Leitura do Shopping Bela Vista. A primeira obra escolhida para debate foi o livro *Americanah* da escritora nigeriana *Chimamanda Ngozi Aichie*. Das cinco moderadoras que compõem esta pesquisa, duas estavam presentes na ocasião: Sophie e Sethe:

Sophie: O primeiro encontro que organizamos foi no início de 2016. O livro escolhido foi *Americanah*, de *Chimamanda Ngozi Adichie*. Eu estava extremamente nervosa, mas confiante de que o debate seria bom pela qualidade do livro. **Naquela época nos encontrávamos na Livraria Leitura do Shopping Bela Vista.** Estava chovendo muito e achamos que quase ninguém compareceria, mas a quantidade de participantes foi boa. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.291. Grifos nossos.)

Sethe: O primeiro encontro aconteceu em janeiro de 2016, **na livraria Leitura do Shopping Bela Vista.** Eu já tinha um contato lá e conseguimos marcar o clube. O primeiro livro lido foi *Americanah*, de *Chimamanda Ngozi Aichie*. Foram em média umas 10 a 15 pessoas e foi emocionante. Os três primeiros encontros aconteceram lá, **mas como era no meio da livraria, o barulho e a passagem das pessoas por muitas vezes atrapalhava o andamento e então começamos a ver outros espaços para fazer o clube.** Conseguimos, através de P.J., um contato no Museu de Arte da Bahia, O.B., que hoje é uma grande amiga. **E desde então o Museu é a nossa casa para realizar os encontros do *Leia Mulheres-Salvador*.** (RELATO SETHE, ANEXO I, p.305. Grifos nossos)

Com a realização do primeiro encontro presencial, é possível observar como o espaço físico escolhido se torna um elemento relevante nas narrativas de ambas as moderadoras, pois a paisagem sonora interfere no desenvolvimento do debate. Talvez por falta de alternativas, mas também por não prever o número de participantes que viriam a estar presentes, o encontro foi marcado na livraria de um shopping. A escolha do local apresenta alguns aspectos favoráveis: a facilidade de acesso e estacionamento, a proteção em caso de chuva (o

que acabou ocorrendo), o caráter impessoal do lugar. Outras nuances, porém, só puderam ser avaliadas no momento do evento. Sethe destaca o barulho provocado pela circulação de pessoas que não estão envolvidas no clube de leitura, o que também não passa despercebido para Sophie, quando fala sobre o momento mais impactante para si nesse primeiro encontro:

Sophie: O que mais me marcou no encontro foi a fala de uma participante que confessou ter sofrido violência de seu parceiro. Eu nunca esperei que alguém escolhesse **um lugar tão público** para aquele tipo de catarse. **A livraria estava cheia, nos colocaram no espaço infantil, ao lado de um café muito barulhento, crianças corriam e gritavam, muitos clientes curiosos paravam para escutar o que dizíamos. E mesmo naquele caos** aquela mulher chorou e contou sua história. Naquele instante eu percebi o quanto somos carentes de espaços coletivos, especialmente de espaços de acolhimento, **e o quanto o *Leia Mulheres* precisava de um espaço menos público, só dele.** (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.291. Grifos nossos)

Há muitas nuances nessa fala de Sophie, muitos aspectos que podemos salientar e que rendem um necessário debate: a violência contra a mulher, o caráter confessional que algumas falas assumem nos debates, a carência de espaços coletivos de acolhimento. Abordaremos alguns deles em tópicos posteriores ainda nesse capítulo, pois essa dificuldade em delimitar o propósito do grupo, bem como em estabelecer os limites do que pode e deve ou não ser dito, entre o que é de esfera íntima ou coletiva, perpassa boa parte do relato de Sophie, merecendo uma atenção mais específica. Mas, por ora, gostaria de me ater à questão do espaço físico e como isso impactou na escolha por alterar o local dos encontros presenciais. Sophie descreve a livraria como um lugar bastante público que, naquela ocasião, se encontrava bastante cheio, barulhento, com crianças correndo e gritando (pois o grupo estava alocado no espaço *kids*), exposto à curiosidade alheia e caótico. Justifica-se, assim, a necessidade de encontrar um lugar mais silencioso e reservado para os debates, uma vez que a fala (sem a censura da escuta de ouvintes não cientes do teor do grupo) e a escuta atenta (sem ruídos significativos) se fazem imprescindíveis à realização dos debates, de modo que “[...] o *Leia Mulheres* precisava de um espaço [...] só dele.” (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.291).

É intrigante e emocionante perceber como o grupo vai se estabelecendo a partir de uma meticulosa rede de contatos entre mulheres que favorece e fortalece o crescimento do grupo. Uma das moderadoras da época, Sethe, consegue um contato no Museu de Arte da Bahia e, assim, inicia-se um vínculo do grupo com o local e, também, uma amizade de Sethe com essa pessoa. A amizade entre mulheres, ainda tão posta sob suspeita, mostra-se, mais uma vez, um elemento central na constituição da trama que fortalece o coletivo *Leia Mulheres-Salvador* e o leva adiante. Essa percepção é reforçada no relato de June quando

emprega a palavra *amigas* para se referir à relação que se constrói a longo prazo entre as integrantes mais assíduas do grupo:

June: As participantes mais assíduas e mais ativas nos debates acabam se aproximando mais, se tornam amigas/seguidoras nas redes sociais pessoais e isso favorece a construção de relações de amizade, que ultrapassam o espaço do *Leia* e o universo literário. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.302)

Federici (2017) denuncia a origem do mito da rivalidade entre mulheres e discute como a vida comunal foi crucial durante a Idade Média para a luta antifeudal. Sobre a construção dessa ficção em torno da amizade entre mulheres ela afirma:

[...] à medida que a caça às bruxas avançava, aprovavam-se leis que castigavam as adúlteras com a morte [...] e a prostituição era colocada na ilegalidade, assim como os nascimentos fora do casamento, ao passo que o infanticídio foi transformado em crime capital. Ao mesmo tempo, as amizades femininas tornaram-se objeto de suspeita, denunciadas no púlpito como uma subversão da aliança entre marido e mulher, da mesma maneira que as relações entre mulheres foram demonizadas pelos acusadores das bruxas, que as forçavam a delatar umas às outras como cúmplices do crime. (FEDERICI, 2017, p. 335. Tradução Coletivo Sycorax)

Muito se tem falado sobre a necessidade de desconstruir esse mito. A concepção de rivalidade entre as mulheres nos enfraquece e favorece o sistema que nos oprime. Ser capaz de se colocar ao lado de, de apoiar, de se solidarizar com a causa de outras mulheres é construir para nós toda uma rede de apoio que nos permite enxergar umas às outras como aliadas e não como rivais. Em seu livro *Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens*, Leslie Kern afirma que:

O poder da amizade feminina é tipicamente subestimado, minado ou ignorado em todas as narrativas culturais. Há poucos exemplos que falam da importância das amizades femininas em relação à vida na cidade. [...] Embora a amizade feminina seja frequentemente esquecida em favor de um foco em parcerias românticas, é uma força poderosa em que as mulheres confiam de várias maneiras. Amizades com outras mulheres também moldam a forma como as mulheres se relacionam com a própria cidade. (KERN, 2021, p. 82. Tradução Thereza Roque da Motta)

O acesso ao Museu de Arte da Bahia (MAB) para a realização dos encontros ocorre, portanto, através da construção de uma rede de vínculos de amizade entre mulheres. Sem esse vínculo, o Museu seria visitado por nós, na melhor das hipóteses, apenas esporadicamente, para contemplação ou para eventos pontuais, mas, em função da rede de contatos que se estabeleceu entre mulheres, ele assume um caráter diferenciado. É bastante sintomático que, diante desse apoio recebido, o MAB passe a se constituir esse local de encontro para as

integrantes do *Leia Mulheres-Salvador* e que seja reconhecido por Sethe como a nova “casa” do grupo, pois casa é esse abrigo, esse lugar de proteção, de acolhimento, no qual podemos permanecer, cultivar, crescer e ser com liberdade. Considero bastante relevante a escolha do substantivo “casa” por parte de Sethe para designar o novo local em que os encontros passariam a ocorrer. Vou me deter nele por um instante. A casa é o local onde moramos, onde nos demoramos. Em vídeo publicado em seu canal no *YouTube* em 2021, Marieli Mallmann, refletindo sobre o que o morar representa, afirma:

Morar, segundo o dicionário, é o mesmo que demorar-se, deter-se, retardar. E eu acho que morar é isso, é ficar demoradamente. Se tudo é rápido, na morada, pode-se prolongar o tempo, ficar à mesa, jogar-se no sofá, dormir, repousar, sentar-se pra ler, cozinhar, conversar. Enfeitar-se, trocar de roupa muitas vezes, olhar-se no espelho, espreguiçar, ficar sozinho, praticar o insólito e o transgressivo, gritar, brincar, carregar o tapete de ioga para todos os lados da casa pra se exercitar. A morada pode abrigar uma floresta, pode ter terra no chão e mãos sujas de terra. Na morada, dá pra manter uma coleção, uma biblioteca, uma discoteca, vários LP's. Postar-se à janela, arrumar e, principalmente, a ocupação mais nobre de todas; não fazer nada. Na morada dá para tomar café, plantar café, envazar de novo o café e vê-lo crescer. (MALLMANN, 2021. Transcrição nossa.)

No MAB, o *Leia Mulheres-Salvador* encontrou morada. Ali, a cada encontro, prolongamos o tempo, conversamos, praticamos o insólito e o transgressivo e cultivamos a semente da nossa própria liberdade de sermos mulheres, de sermos mulheres que leem, de sermos mulheres que leem mulheres, de sermos mulheres que leem mulheres em Salvador. Outras referências ao Museu, que corroboram essa percepção, aparecem no relato de Lizzie:

Lizzie: Os encontros do *Leia* já aconteciam no Museu de Arte da Bahia, no auditório. Lembro de ter adorado o local, parecia bem adequado a um clube do livro. Eu adorei a experiência, fiquei encantada com o grupo, o ambiente, tudo. Saí do encontro empolgadíssima, como se tivesse encontrado uma turma que fazia falta na minha vida. Finalmente um encontro com mais de cinco pessoas que ao invés de sugar minhas energias, me abastecia. (RELATO LIZZIE, Anexo G, p.297).

Podemos supor, ainda, que a escolha de um local no centro da cidade não foi totalmente aleatória. O centro dispõe de uma facilidade maior de acesso, tendo em vista a rede de transportes públicos que o contempla. Vale, porém, ressaltar que a maior parte das integrantes regulares do *Leia* em Salvador não necessita do transporte público para acessar o local, uma vez que a maioria possui veículo particular e algumas outras moram no próprio centro e conseguem acessar o Museu a pé. Uma rede de caronas também acaba se estabelecendo para aquelas que residem em locais mais distantes.

Lizzie, June e Elena, nesse primeiro momento, ainda não eram moderadoras do grupo, de modo que, em suas falas sobre o primeiro encontro em que compareceram, destacam mais aspectos da experiência vivida do que as implicações burocráticas da ocasião. Elena fala sobre os impactos desse primeiro encontro em seus interesses e preferências literárias:

Elena: Então, tive o meu primeiro encontro no *Leia Mulheres*, acredito que há dois anos, quando foi discutido o livro “*A filha perdida*” de Elena Ferrante. [...] Ferrante acabou se tornando uma das minhas escritoras favoritas dos últimos tempos. Depois de tomar conhecimento dessa obra, fui buscar outros livros da autora, inclusive passando pela famosa “febre Ferrante” com a tetralogia de “*A amiga genial*” (RELATO ELENA, ANEXO J, p.309).

Ser incentivadas a ler autoras e obras que não constituíam a nossa estante interfere bastante em nossos interesses e na maneira como selecionamos aquilo que iremos ler. Também acessei o universo Ferrante a partir de indicações feitas no *Leia Mulheres*. Antes mesmo da realização do encontro mencionado por Elena, algumas moderadoras já haviam recomendado a autora enquanto debatíamos outras obras. Chegou a haver, em Salvador, um clube destinado exclusivamente à leitura de obras da autora, do qual algumas delas participaram, o *Café Ferrante*, que ocorria no café do Palacete das Artes, mais um museu do centro da cidade ocupado por mulheres interessadas em literatura. Não cheguei a participar desse coletivo, mas a recomendação não passou despercebida por mim. Adquiri alguns livros da tetralogia, ganhei outros de presente de amigas que sabiam do meu mais novo interesse, presenteei uma amiga querida. Hoje, ostento na minha estante os quatro volumes, bem como *A filha perdida* e *Frantumaglia*, ambos da mesma autora; meu esposo já leu, por indicação minha, três dos quatro volumes; acompanho com ele a série televisiva *A amiga genial*, baseada nos livros, há três temporadas (com ansiedade pela próxima); e, sempre que posso, recomendo para que leiam porque é daquelas obras avassaladoras depois das quais nossa perspectiva sobre a vida, sobre o mundo, sobre ser mulher, sobre a maternidade, sobre a amizade entre mulheres e sobre a escrita literária não permanece mais a mesma. Guardo os quatro volumes para que minhas filhas possam, caso seja do interesse delas, ler futuramente. Inclusive, se você que lê esse texto agora ainda não conhece a tetralogia, corra já para providenciar a sua (olha que não tenho parceria paga com a editora para fazer essa publicidade aqui!). Sinto inveja de quem ainda pode viver essa experiência literária pela primeira vez.

Dito isso, entendo perfeitamente a fala de Elena: ir ao *Leia* pela primeira vez para debater Ferrante é ser marcada de uma maneira única. Falaremos mais detalhadamente sobre

os impactos das obras e autoras lidas no repertório de cada uma das moderadoras em tópico posterior ainda neste capítulo.

Quero, por fim, trazer para a reflexão a fala de June sobre seu primeiro contato presencial com o *Leia Mulheres-Salvador*:

June: Não comecei a frequentar no primeiro encontro mas foi logo no início, nos primeiros meses, no início do ano de 2016. Comprei o livro para o segundo encontro, mas acabei não indo porque não chegou a tempo para ler. Fui no terceiro mês, e eu gostei muito, gostei da dinâmica, da energia do grupo e **decidi** que não deixaria mais de ir. **Assumi esse compromisso comigo mesma** e ficava chateada quando não conseguia ir. Então, eu me esforçava pra adquirir e ler o livro a tempo, fazia anotações, gostava de participar, comentar, compartilhar as impressões e, **principalmente, ouvir as impressões das outras pessoas que traziam tanta riqueza à leitura e ao entendimento dos livros e das autoras.** (QUESTIONÁRIO JUNE, Anexo C, p.282)

June ressalta em sua fala a decisão de continuar frequentando os encontros e a descreve como um compromisso que assumiu consigo mesma. Ela decidiu. Não foi algo que aconteceu casualmente, sem que ela percebesse. Houve uma atitude, um esforço consciente de levar adiante as leituras, as reflexões, os encontros, os debates. O que mais a cativou, além do espaço para comentar e compartilhar as próprias impressões foi a possibilidade de ouvir, de escutar as impressões que as demais participantes tinham sobre a leitura, o que, a seu ver, enriquece a experiência. Esse encantamento de June por escutar a opinião de outras mulheres sobre a leitura feita pode ser justificado de várias maneiras, destaco aqui, para reflexão, uma das principais: como sociedade, carecemos de uma crítica literária realizada, também, por mulheres, afinal, esse permanece sendo, ainda hoje, um campo majoritariamente ocupado por homens. Ou seja, ainda que leiamos obras escritas por mulheres, se formos em busca de uma crítica sobre esses textos, nos depararemos, na maioria das vezes, com vozes masculinas. Com relação a isso, Britto (2017) defende que:

[...] é necessário cada vez mais valorizar e difundir as vozes femininas que reagem de forma crítica diante das artes. Ou seja, já que também no campo da crítica a voz predominante é masculina e às mulheres não são dadas fartas oportunidades nos poucos veículos de crítica ‘oficiais’, é preciso irmos em busca dessa crítica nos outros lugares, como mesas redondas, palestras, resenhas, rodas de conversas, *blogs*, cartas, além dos poucos lugares onde as mulheres já conseguiram burlar o machismo. (BRITTO, 2017, p.32)

É provável que a motivação de June para tomar a decisão de permanecer no grupo tenha partido justamente dessa necessidade por acessar o que outras mulheres têm a dizer

sobre as obras que temos lido. Em outras palavras, é possível que, intuitivamente, ela tenha feito justamente o que a autora recomenda e tenha buscado essa crítica em outros espaços.

Ao longo do tempo, a formação do grupo mudou bastante, a própria moderação passou por mudanças significativas, o que podemos observar na seguinte fala de Sophie:

Sophie: De lá para cá a formação mudou. J.G(SSA) foi a primeira a sair. Hoje ela mora em Alagoinhas, tem um clube de leitura (não é um *Leia Mulheres*) e está fazendo um mestrado cujo tema é o *Leia Mulheres*. O perfil dela no *Instagram*, o *blog* e o canal continuam bem ativos. P.J. saiu em seguida e, por fim, J.M. No lugar delas entraram June, Lizzie e Elena, que eram participantes muito regulares do clube e que convidamos para a mediação. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.291)

No entanto, o desejo de se compartilhar aquilo que se lê e a necessidade de escuta da experiência de leitura de outras mulheres com a mesma obra, segue como uma constante na proposta do grupo, e é sobre isso que falaremos no tópico a seguir.

5.2 Necessidade de se compartilhar o que se lê / Sobre a experiência de leitura compartilhada

A necessidade de compartilhar impressões sobre aquilo que lê, bem como a de ouvir o que outras pessoas têm a dizer sobre a mesma obra aparece nos relatos das moderadoras como principal motivação para buscar e participar de um clube de leitura.

A leitura é culturalmente vista como um espaço solitário, individual, que inibe, ou até mesmo exclui a presença de e a interação com outras pessoas. Não à toa, uma queixa recorrente de quem lê é encontrar pessoas com as quais dialogar sobre o que foi lido. Uma leitura que se encerra quando a capa do livro se fecha, pode se esvaír com mais facilidade da nossa memória, no entanto, quando ela é transmutada em alguma instância de interação, tende a ganhar outra proporção em nossas vidas, pois é nesse encontro que muitas das nossas experiências ganham força. A solidão como elemento da leitura individual em oposição ao prazer da leitura compartilhada é uma dicotomia que se observa nos seguintes trechos do relato de Elena:

Elena: A minha família não possui o costume de ler, e na escola também não posso dizer que foi um ambiente onde encontrei pessoas com esse hábito, salvo uma grande amiga. Deste modo, tive um processo de leitura muito solitário, e com poucas oportunidades de realizar diálogos profundos ou críticos a respeito de uma obra. As poucas experiências neste sentido se restringiram às conversas com a amiga a que me referi ou nas aulas de literatura do colégio. (RELATO ELENA, ANEXO J, p.309)

Na maior parte da vida fiz um processo de leitura apenas individual. Ainda sigo gostando muito da parte solitária e introspectiva da leitura, mas poder ter agregado a

isso as discussões, os debates, enfim, todas as críticas e reflexões que advêm de um diálogo coletivo, tornaram o processo muito mais enriquecedor. Sendo assim, posso afirmar que hoje tenho uma experiência diferente de leitura, que influenciou não só as minhas escolhas literárias, mas sobretudo, as ideias que levo para minha vida, decorrentes não apenas da minha relação com a obra, mas do contato que mantenho com as outras pessoas que também leram os livros e que estão dedicando o seu tempo a refletir em conjunto. (RELATO ELENA, ANEXO J, p.311)

Elena destaca o quanto a sua participação em um clube de leitura impactou a sua experiência como leitora, porque a interação com outras pessoas que também leram a mesma obra, por meio dos debates realizados, agrega novas ideias à leitura feita de forma solitária e introspectiva.

O interesse em poder compartilhar o que se lê é um tema tão recorrente que virou matéria-prima para a escrita de diversos livros de ficção e filmes que alimentam, em nós que lemos, essa fantasia. Filmes como *The book club* (2018), com roteiro e direção de Bill Holderman, *A sociedade literária e a torta de casca de batata* (2018), direção de Mike Newell, roteiro de Mary Ann Shaffer e Don Ross, *O clube de leitura de Jane Austen* (2007), com direção e roteiro de Robin Swicord e *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989), direção de Peter Weir e roteiro de Tom Schulman exploram o tema e nos levam a imaginar como seria poder viver experiências de leitura compartilhada, pertencendo a um clube no qual se possa ler e discutir as obras lidas com outras pessoas que também se interessam por ela. Vale ressaltar que as três últimas produções mencionadas são adaptações de livros homônimos que se popularizaram ainda mais na versão cinematográfica. *A sociedade literária e a torta de casca de batata* é um livro escrito a quatro mãos por Mary Ann Shaffer (que assina, também, o roteiro do filme) e Annie Barrows; *O clube de leitura de Jane Austen* é da autoria de Karen Joy Fowler e *Sociedade dos Poetas Mortos* foi escrito por Nancy H. Kleinbaum. Não passa despercebido, aqui, o fato de que, embora os livros tenham sido escritos por mulheres, os filmes correspondentes foram dirigidos por homens e somente em um deles, a autora foi convidada a escrever o roteiro em parceria com um homem, o que nos leva à conclusão de que o cinema, também, ainda tem um longo percurso pela frente quanto ao protagonismo de mulheres na direção e na escrita dos roteiros.

A moderadora Lizzie, em seu relato, menciona como ter assistido ao filme *Clube de Leitura de Jane Austen* pode ter contribuído para o seu interesse em participar de um clube de leitura:

Lizzie: Desde que soube da existência de clubes de leitura, talvez pelo filme *Clube de Leitura de Jane Austen* não sei bem, que eu quis participar de um. Gosto de ler e na maioria das vezes não tinha com quem comentar, fazia falta esse

compartilhamento da experiência da leitura, que sempre tive com filmes e séries que assistia. Então, assim que eu soube do *Leia* aqui em Salvador, eu fui. (RELATO LIZZIE, ANEXO G, p.297)

Sua motivação parte, então, do interesse aguçado pela ficção sobre o tema, mas também, da dificuldade em ter com quem comentar o que lia. Ela ressalta, ainda, o quanto é diferente trocar impressões com as amigas, pessoas conhecidas, cujas opiniões você já prevê, e com pessoas que não são do seu convívio cotidiano:

Lizzie: O debate presencial do tipo de clube do *Leia* é maravilhoso, pois é um clube aberto, é diferente de debater apenas com amigos, que já sabemos mais ou menos como pensam, que muitas vezes querem impressionar amigos, ou não tocar em alguns temas, pois sabem que não serão bem interpretados, ou seja, onde muitas vezes se faz uma autocensura. Para mim é muito bom trocar impressões de leitura com desconhecidos, acho que fica mais livre, autêntico, o debate fica mais rico. É muito bom ler uma obra já sabendo que no final do mês teremos um tempinho separado para realmente encontrar pessoas, não para falar de questões triviais, mas para debater inúmeros assuntos, num espaço à parte do nosso cotidiano, isso pode ser uma experiência mágica. (RELATO LIZZIE, ANEXO G, p.297)

Compartilhar impressões de leitura pode se configurar uma experiência realmente diferenciada. Ao debater o assunto, Cosson (2018) reconhece os círculos de leitura como uma prática privilegiada e aponta diversas razões para essa compreensão. A primeira delas é que a leitura conjunta torna evidente o caráter social da interpretação de textos, permitindo que quem lê se aproprie do repertório e o manipule “[...] quer seja para reforçar ou para desafiar conceitos, práticas e tradições [...]” (COSSON, 2018, p. 139), pois ler em grupo nos move a estabelecer novas associações, a entrar em contato, ou mesmo criar ideias por meio do diálogo com o livro e com outras pessoas. Em segundo lugar, a experiência conjunta possibilita o estreitamento de laços sociais, bem como reforça o senso de identidade e a solidariedade. Por fim, os círculos possuiriam, a seu ver, um caráter formativo que conduz a um aprendizado coletivo e colaborativo que, por meio do compartilhamento e do diálogo, amplia o horizonte interpretativo da leitura individual.

Em reportagem publicada na Folha de São Paulo, em 13.ago.2017, Úrsula Passos argumenta que os clubes de leitura remontam ao século XVIII, com seus ancestrais nos salões franceses e os grupos de estudos de mulheres nos EUA, ou seja, trata-se de uma prática bastante antiga que foi ressignificada contemporaneamente. Mas gosto de pensar, principalmente quando observamos sob a perspectiva de gênero, que suas raízes podem ser ainda mais antigas, apontando para as práticas comunais vividas pelas mulheres na baixa

Idade Média. A leitura de Federici (2017) e a sua descrição das redes de cooperação entre mulheres nesse período, me levaram a essa dedução. A autora afirma:

É na luta antifeudal que encontramos o primeiro indício na história europeia da existência das raízes de um movimento de mulheres que se opunha à ordem estabelecida e contribuía para a construção de modelos alternativos de vida comunal. A luta contra o poder feudal produziu também as primeiras tentativas organizadas de desafiar as normas sexuais dominantes e de estabelecer relações mais igualitárias entre mulheres e homens. (FEDERICI, 2017, p.45)

Movimento de mulheres, oposição à ordem estabelecida, construção de modos alternativos de vida coletiva, desafio às normas sexuais dominantes, estabelecimento de relações mais igualitárias entre mulheres e homens. Poderíamos estar falando das pautas feministas hoje, mas o contexto descrito é o medieval, e nele, também, a conexão entre mulheres se mostrou extremamente relevante.

A autora ressalta a importância dos espaços comunais para a economia política e para as lutas da população rural medieval, de modo que, ainda hoje, eles nos permitem imaginar um mundo em que os bens possam ser compartilhados e a solidariedade seja o fundamento das relações sociais, e não mais o autoengrandecimento. Segundo ela:

As terras comunais também foram o centro da vida social das mulheres, o lugar onde se reuniam, trocavam notícias, recebiam conselhos e podiam formar um ponto de vista próprio - autônomo da perspectiva masculina - sobre os acontecimentos da comunidade. (FEDERICI, 2017, p.138)

Podemos dizer que a rede de relações de cooperação que se estabelece naquele momento se atualiza no século XXI de diversas outras formas e que os clubes de leitura são herdeiros dessa vida comunal, pois são espaços de compartilhamento de ideias, em que mulheres se reúnem para, à sua maneira e, subvertendo os limites do contexto histórico em que vivemos, trocar notícias, partilhar conhecimentos e impressões de leitura, dar e receber conselhos e constituir um ponto de vista próprio – autônomo da perspectiva masculina – sobre os acontecimentos da comunidade.

O relato de Sethe corrobora essa percepção por ser bastante contundente quando se refere à busca por, digamos assim, uma comunidade de leitura, pois ela pontua que essa não era uma demanda sua apenas como leitora, mas como sujeita no mundo, que precisa de conexão para existir e pertencer:

Sethe: O *Leia Mulheres* nasceu de um anseio antigo, que eu não consigo delimitar quando surgiu ao certo, que foi a vontade de compartilhar as minhas leituras com outras pessoas. Mais ainda, a necessidade de encontrar pessoas e obter com elas alguma conexão mais profunda, alguma similaridade, algum pareamento... pois a sensação de estranhamento diante da vida e de mim mesma sempre foi algo presente que se atenuava com a presença da literatura. (RELATO SETHE, ANEXO I, p.305)

Essa sensação de estranhamento diante da vida e de si é uma característica inerente a todo ser humano. A sensação de Sethe de que ela pode ser atenuada com a leitura também é bastante comum. Cosson (2018) nos ajuda na compreensão dos mecanismos envolvidos nessa percepção ao afirmar que:

O que o domínio da escrita lhe permite é uma nova forma de interação com um mundo do qual faz parte, mas do qual não tinha meios para participar plenamente. Saber ler, apropriar-se da escrita, não torna uma pessoa mais inteligente ou mais humana, não lhe concede virtudes ou qualidades, mas lhe dá acesso a uma ferramenta poderosa para construir, negociar e interpretar a vida e o mundo em que vive. (COSSAN, 2018, p. 33)

Se numa relação solitária entre quem lê e a obra, a leitura já é capaz de promover tamanho impacto em nossa vida, na experiência compartilhada isso se expande, se amplia e é capaz de modificar a nossa relação conosco, com a obra, com a vida em uma escala ampliada:

Sethe: [...] o livro em si eu acho que é 50%, quando a gente vai para lá é que escuta o que as pessoas têm para dizer, eu acho que o livro ele dobra de tamanho, porque são coisas que você não iria perceber em uma leitura sozinha. E eu sempre digo isso, que são duas leituras, é a leitura do livro que você faz e a leitura do livro que você faz lá com as outras pessoas. (RELATO SETHE, ANEXO I, p.307)

Considero esses dois trechos do relato de Sethe bastante compatíveis e coerentes com a postura que ela assume dentro do grupo durante os encontros. Ela é essa pessoa acolhedora, sempre sorridente, que te faz sentir muito confortável e à vontade durante os debates. Ela se aproxima de quem está chegando, abraça, acolhe, e também se expõe, não demonstra medo em se conectar. Saber que sua motivação para ingressar no grupo passou não somente pela necessidade de compartilhar impressões de leitura, mas também por um desejo de encontrar pessoas e se aproximar delas não me surpreende, muito pelo contrário, reitera aquilo que percebi a seu respeito nos encontros presenciais.

Em um relato seu, fornecido em uma *live* promovida por uma Escola Municipal de Salvador durante o período de isolamento da pandemia, ela reitera a sua opinião de que entrar em contato com a experiência das outras pessoas que também leram o livro, o torna ainda maior. Ela afirma:

Sethe: Quando a gente participa de um clube de leitura, a gente amplia a leitura do livro, porque assim, eu fiz a leitura do livro, e eu tá, tive aqui meus sentimentos, minhas ideias, legal. Quando eu levo pra roda, eu vou ouvir os outros sentires, as outras experiências leitoras das outras pessoas. Isso faz com que o livro se torne maior, porque quando você lê o livro, você lê o livro e lê no livro as coisas que você traz da sua história, quando outra pessoa lê o livro, ela lê o livro mais a história dela que está no livro. Ou seja, quando você está numa roda de pessoas que leram o mesmo livro, você lê vários livros, porque você lê a história do livro e as histórias das pessoas que leram o livro que se viram no livro, então isso é uma coisa que aumenta exponencialmente. Então a leitura se torna mais prazerosa, e assim, você conversa sobre o que você lê, e você aprende muito, muito, muito, muito. (Sethe. *Live no Instagram*.⁴⁰ Transcrição nossa.)

Dá para perceber, na fala de Sethe, a sua empolgação em viver esse processo, e isso se expressa de maneira sutil na entonação que ela utiliza, mas também de maneira explícita na superfície do texto. O emprego do advérbio de modo *exponencialmente*, bem como a repetição do advérbio de intensidade *muito* ao final do texto expressam o prazer que ela experimenta nessa partilha, o que nos indica que, sim, ela conseguiu alcançar na vivência junto ao grupo a realização dos desejos que lhe motivaram a ingressar nele.

Muito embora nesse contato com outras pessoas que leram o mesmo livro, algumas vezes, nossas impressões sejam reforçadas, em tantas outras, elas podem ser alteradas. Quem nos alerta para essa possibilidade é a moderadora June quando, em seu relato, diz:

June: Uma obra que eu não gostei foi *Como se estivéssemos num palimpsesto de putas*, de Elvira Vigna. Não me identifiquei com o estilo de escrita, nem a temática. Mas, infelizmente, não participei do encontro por um contratempo no trânsito, se não me engano. **De repente, eu poderia ter mudado de ideia se tivesse participado do debate sobre ele.** Geralmente eu gosto das obras escolhidas, mesmo quando não me identifico totalmente com elas, pois considero todas as leituras válidas e algumas, inclusive, necessárias. **Às vezes acontece das impressões das outras pessoas trazerem aspectos que eu não havia considerado e que enriquecem a visão sobre o livro,** mas nada que tenha me revelado alguma decepção sobre qualquer obra. **Lembro somente que me surpreendeu a quantidade de críticas negativas sobre o livro de Rupi Kaur, que eu havia gostado bastante.** (RELATO JUNE, ANEXO H, p.302)

A experiência leitora é algo muito subjetivo. Ao ler, trazemos conosco a bagagem de outras obras lidas antes e das experiências que vivemos, de modo que, para cada pessoa, essa experiência ocorrerá de uma maneira única e diferente conforme as suas subjetividades se refletem no texto. Nos debates, nos deparamos com outras tantas subjetividades, com diferentes lugares de fala, com identificações absolutamente diversas com relação ao mesmo livro. Isso pode, de fato, mudar a nossa perspectiva e a nossa percepção sobre a obra,

⁴⁰ O endereço para acessar a *live* precisou ser ocultado, caso contrário, a sujeita, denominada Sethe, seria facilmente identificada.

ampliando os nossos horizontes para perceber nuances que não captamos em nossa experiência solitária de leitura.

Por fim, ao ser questionada se acreditava que a sua participação em um clube de leitura havia interferido ou modificado a sua relação com a leitura, June respondeu de maneira assertiva:

June: Com certeza. Além de buscar algo que me desse prazer para relaxar das tensões cotidianas, poder conversar com outras pessoas e compartilhar impressões sobre os livros motivam muito mais a prática da leitura. (QUESTIONÁRIO JUNE, ANEXO C, p.281)

O prazer é um aspecto que se repete no relato de Sethe e no relato de June. Mas essa última sinaliza nesse trecho outra questão: a possibilidade de conversar sobre o que foi lido e de compartilhar impressões sobre os livros serve, ainda, como motivação para a prática da leitura. Os impactos, portanto, vão além da experiência compartilhada, reverberando na frequência de leitura dessas moderadoras e na própria relação que estabelecem com a leitura, e ainda, com a escrita.

5.3 Impactos na relação pessoal com a leitura e com a escrita

No roteiro elaborado como base para os relatos, as sujeitas dessa pesquisa foram incentivadas a falar sobre a sua relação com a leitura e sobre como avaliam a influência da participação em um espaço coletivo de leitura nessa relação. Para tanto, algumas delas estabeleceram um contraponto entre a sua experiência prévia e as modificações decorrentes da participação no *Leia Mulheres-Salvador*. Elena, ao fazer essa retrospectiva, lembrou-se da série *Harry Potter*:

Elena: Considero que desde os nove anos de idade, passei, de fato, a me interessar pela leitura. Inicialmente, comecei a ler uma série de livros de fantasia muito conhecida que são os livros de *Harry Potter*. Apesar de ter demorado bastante para ler cada um dos livros, talvez pela falta de hábito com a leitura, foi um pontapé inicial para que eu me interessasse pelo universo literário. (RELATO ELENA, ANEXO J, p.309)

No questionário, quando questionada sobre uma possível modificação em suas práticas de leitura a partir da entrada no clube, ela responde:

Elena: Sem dúvida, pois transformou um processo individual em diálogo reflexivo, aprofundando a percepção das obras. (QUESTIONÁRIO ELENA, ANEXO E, p.290)

Lizzie, por sua vez, aponta para dois aspectos da sua relação com a leitura, em que percebeu alterações significativas: a frequência de leitura e a exposição a uma maior diversidade de autoras e gêneros textuais, muito embora pontue a sua dificuldade em concluir a leitura de livros de contos:

Lizzie: Participar do *Leia* me fez ler com mais regularidade e descobrir novas autoras, ler outros gêneros que não sejam romance, que é o meu gênero preferido. Acho que o gênero textual que menos aprecio é o conto. Na maior parte das vezes em que lemos livros de contos eu não termino a leitura de todos os contos do livro. (RELATO LIZZIE, Anexo G, p.297)

June, por sua vez, em sua resposta, pontua, também, a diversidade de obras e de temas, mas vai além do que estava previsto no roteiro e acrescenta como a participação no *Leia* reverberou, também em seu desejo de escrever:

June: Sou muito grata ao *Leia Mulheres-Salvador* porque eu pude conhecer obras excelentes, bem escritas, que trazem temas relevantes e que talvez não conheceria de outra maneira. Também me rendeu muitas amizades. Fazer parte do *Leia*, organizando os encontros, postando material nas redes sociais e participando da seleção dos livros, etc, me despertou o interesse por várias atividades relacionadas ao mundo literário. Então, resgatei o interesse por escrever em *blog* e, em um momento de repouso forçado por conta de uma cirurgia, criei [um *blog*]⁴¹, que é sobre livros e filmes. No mês de fevereiro, participei de uma Oficina de roteiro de História em Quadrinhos, e neste mês de março, estou participando de um curso sobre obras de Clarice Lispector, oportunidade que me foi dada por ser mediadora. Estar no *Leia* alimenta o meu desejo de escrever um dia também. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.303, 304)

Esse resgate vivenciado por June foi experimentado de forma similar por outras moderadoras do *Leia Mulheres Brasil* afora, tanto que a coordenação geral, com sede em São Paulo, decidiu reunir contos escritos por elas a fim de organizar uma coletânea, que foi intitulada *Leia MULHERES: Contos: Volume 1*, publicada pela editora Jandaíra em 2019.

Leitura e escrita caminham regularmente de mãos dadas, de modo que é bastante natural que, quando o processo de leitura é expandido, o desejo de também criar a nossa própria expressão no mundo da escrita se torne latente. As ideias ficam ali, como diria Elizabeth Gilbert em *Grande Magia: vida criativa sem medo*, circulando, aguardando que até que tenhamos a coragem de expressá-las, de trazê-las ao mundo. Se não o fizermos, elas encontrarão alguém que queira fazê-lo, porque elas precisam vir à tona (GILBERT, 2015)⁴². June agarrou o seu desejo criativo e o pôs em prática em um *blog* onde compartilha suas

⁴¹ O nome do *blog* foi ocultado do relato para evitar a identificação da sujeita.

⁴² Tradução Renata Telles.

impressões de leitura (inclusive de alguns livros cuja leitura foi proposta pelo *Leia Mulheres*, mas não apenas), publica resenhas de filmes, apresenta sugestões relacionadas ao universo da leitura, realiza alguns sorteios de livros em parceria com editoras e com outras blogueiras desse universo, divulga eventos literários e apresenta ao mundo alguns poemas de sua autoria.

Ler o relato de June sobre o despertar do seu desejo em escrever muito me emociona e me recorda de um conto, da autoria de Marina Colasanti, *Uma ideia toda azul*, que conta a história de um rei que, um dia, pela primeira vez na vida, teve uma ideia, mas que, por medo de ter a sua ideia roubada, a trancou a sete chaves em um quarto no palácio. Os anos se passaram, outras ideias como essa o rei não teve. Quando, já no fim da vida, lembrou-se da ideia e decidiu retornar a ela, percebeu que já não era o mesmo e que já não a percebia da mesma maneira. Ele havia perdido o momento propício para expressá-la (COLASANTI, 2014). Digamos que June, ao pôr em prática o seu desejo, demonstrou a coragem necessária para expor sua ideia toda azul para o mundo. Vida longa à sua escrita e ao seu *blog*.

Outra moderadora que mostrou um desdobramento inesperado nesse tema foi Sethe. Ela é professora da Rede Municipal de Salvador e afirma, em sua resposta ao questionário, que a leitura está intercalada nas atividades que desenvolve em sua prática profissional, pois, como professora do Ensino Fundamental I, ela é, também, mediadora de leitura, além de ser responsável por ensinar procedimentos e hábitos que contribuam na formação de estudantes em sua relação com a leitura. Ela pontua, em seu relato, como a participação no *Leia Mulheres-Salvador* modificou o seu olhar sobre a obra lida e sobre a escolha daquilo que lê e, conseqüentemente, daquilo que seleciona para que suas turmas leiam:

Sethe: As obras lidas e a possibilidade de discutir com outros leitores, reconhecendo assim as suas impressões fez com que a obra ampliasse o seu alcance sobre mim e as minhas experiências. Um clube de leitura nos conduz à elaboração de uma experiência leitora mais atenta, complexa e completa, nos capacita a sermos leitores mais experientes, com maior capacidade crítica e argumentativa. Exige que a história seja esmiuçada em nós, numa espiral de leitura diferente da leitura que é solitária. (QUESTIONÁRIO SETHE, ANEXO D, p.286)

Sethe: As mudanças trazidas pelo debate dessas obras estão ancoradas no sentido do fazer né, da sua experiência de vida. Primeiro que até no próprio campo da leitura em si, no fato do que você consome, a primeira coisa que você passa a pensar: O que eu estou comprando? Que livro é esse? Quem é essa mulher? E no caso do *Leia* também, uma das propostas do *Leia*, é dar visibilidade para as mulheres, apesar que a gente termina até lendo muito o que está na crista da onda ou não, mas é também assim reconhecer quem são essas mulheres que estão produzindo esses livros e onde é que elas estão? Por que elas estão invisibilizadas? Então a primeira coisa eu acho que mudou, pelo menos para mim principalmente, é essa questão do que eu estou consumindo. **E isso terminou implicando também na minha atuação como professora. Eu sou professora e até os livros que eu escolhi para os meus alunos ou escolho agora possuem esse olhar mais crítico e esta curadoria pensada e**

refletida, não apenas em relação ao conteúdo do livro, mas sobre quem o está produzindo. (RELATO SETHE, ANEXO I, p.306. Grifos nossos.)

Sethe: A gente tem um processo como professora de uma escola pública, então a gente está um processo ou melhor tinha né, que agora não vai ter mais, infelizmente, acabou, mas a gente tinha possibilidade de escolher os livros. E a gente solicitava para o MEC, e aí o MEC envia pelo Programa Nacional dos Livros Didáticos, o PNLD. **Já há alguns dois anos, quando eu vou fazer essa escolha, eu só escolho, eu faço uma escolha pensada, não só pensada no ponto de vista pedagógico, mas pensada também do ponto de vista crítico.** Hoje eu faço essa pergunta: “quem é esse autor? Ou quem é essa autora?” “Ele é homem ou mulher?” “Ele é reconhecido ou não é?” [...]. Então a primeira coisa é o consumo que você passa a pensar, na sua prática o que você está consumindo de literatura. Então isso aí é a primeira coisa que eu acho que vem como mudança de atitude mesmo né. (RELATO SETHE, ANEXO I, p.306. Grifos nossos.)

Repensar seus próprios critérios de consumo de obras literárias levou Sethe a reavaliar, conseqüentemente, as escolhas dos livros que viria a trabalhar em sala de aula, incluindo o gênero de quem escreve como um critério de decisão na seleção das obras. Tal postura pode ser compreendida como um passo importante no processo denominado por hooks (2017)⁴³ como “educação como prática da liberdade”, uma prática educacional de quem acredita que o trabalho docente não consiste simplesmente em partilhar informações, mas sim em cooperar com o crescimento de cada turma numa perspectiva mais ampla, respeitando-a de forma integral e criando as condições necessárias para um aprendizado mais profundo e íntimo. A autora argumenta que a educação progressiva, holística e engajada que propõe é mais exigente do que outras práticas pedagógicas mais tradicionais, uma vez que: “[...] ela dá ênfase ao bem-estar. Isso significa que os professores devem ter o compromisso ativo com um processo de autoatualização que promova seu próprio bem-estar. Só assim poderão ensinar de modo a fortalecer e capacitar os alunos.” (HOOKS, 2017, p.28)

Sethe poderia ter encerrado o seu processo de questionamento das leituras que realizava somente na esfera íntima, pessoal. No entanto, o seu compromisso com uma prática pedagógica crítica a impulsiona a estender os seus questionamentos e reflexões para o seu trabalho em sala de aula por acreditar que tal postura poderia contribuir com o crescimento de seus alunos e alunas.

Entretanto, enquanto Sethe conseguiu conciliar suas demandas como leitora com os seus afazeres profissionais, uma vez que sua profissão favorece e até incentiva esse tipo de integração, outras integrantes apontaram o trabalho como entrave para a leitura, ou ainda, reconheceram na leitura uma forma de escape para o estresse provocado pela rotina de trabalho:

⁴³ Tradução Marcelo Brandão Cipolla.

Lizzie: Acredito que minha ocupação atual em que sempre estou estudando coisas novas concorra com minhas leituras, pois muitas vezes no final do dia já estou cansada demais para ler, principalmente ler livros de não ficção. (QUESTIONÁRIO LIZZIE, ANEXO B, p.277)

June: Minha ocupação interfere na minha relação com a leitura à medida em que o estresse, provocado por um trabalho repetitivo, pressão de prazos e ambiente pesado da área criminal, além de, algumas vezes, situações desconfortáveis com chefes/colegas, me levar a buscar nos livros um refúgio, uma válvula de escape, para aliviar essa tensão cotidiana. (QUESTIONÁRIO JUNE, ANEXO C, p.280)

Apesar de a sua ocupação assumir esse contorno negativo, June encontra nos livros um alívio para as tensões profissionais. Ela afirma, ainda, que suas práticas religiosas cooperam com o seu interesse pela leitura:

June: Tenho frequentado o Espiritismo há alguns anos e são muitos os livros disponíveis, a começar pelas obras básicas, que convidam à leitura e ao estudo. Além do mais, são muitas doutrinárias/palestras baseadas em livros que também acabam despertando o interesse pela leitura. (QUESTIONÁRIO JUNE, ANEXO C, p.280)

O relato e o questionário de Sophie, por sua vez, embora reiterem o que as demais moderadoras já haviam afirmado sobre a ampliação da diversidade das obras, dos temas e das autoras lidas, apresenta um relevante contraponto no que se refere à obrigatoriedade da leitura, em consequência da posição ocupada como moderadora, e à resistência que isso tem provocado no que concerne à repetição de determinados temas:

Sophie: Durante boa parte da minha vida eu li muito mais por prazer. Eu lia o que eu queria ler, quando eu queria ler. Isso começou a mudar quando meu canal no *YouTube* começou a crescer. Eu participava de desafios coletivos de leitura, de clubes de leitura e passei a ser influenciada também pela comunidade literária e pelas editoras. **Minhas parcerias com as editoras fizeram com que eu ficasse mais atenta aos lançamentos e às demandas do mercado. Tudo isso foi fazendo com que eu passasse a ler muito mais por obrigação, e isso inclui o *Leia Mulheres*.** (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.292. Grifos nossos.)

Ela afirma que a participação no *Leia Mulheres*:

Sophie: Aumentou a diversidade das obras que leio, tanto em relação aos temas quanto em relação às autoras. Tive estímulo para ler obras que eu provavelmente não teria lido se tivesse que escolher por mim mesma. **Por outro lado, passei a ter mais resistência a algumas obras cujos temas vem se repetindo no *Leia Mulheres*. A leitura por obrigação, que antes não existia para mim, passou a ser uma constante pela atividade de mediação do *Leia Mulheres*.** (QUESTIONÁRIO SOPHIE, ANEXO A, p.275. Grifos nossos.)

Os temas que se repetem, Sophie viria a designar como “Formato *Leia Mulheres*”. Esse é um incômodo que perpassa boa parte do seu relato e voltaremos a ele em um tópico posterior em que discutiremos os paradoxos da relação entre o *Leia Mulheres* e o mercado editorial.

Por ora, gostaria de me ater à fala em destaque que ressalta a dicotomia que se estabelece entre ler por prazer e ler por obrigação. Sophie faz uma análise dessa transição em seu perfil de leitura. Seu canal no *YouTube*, que começa como *hobby*, passa por uma transição para um perfil mais profissional a partir da parceria com as editoras. Sua participação no clube de leitura segue um percurso parecido: o que era para ser prazer, com as atividades envolvidas na moderação, torna-se obrigação e ela se vê num lugar de, por vezes, não querer fazer a leitura das obras selecionadas, mas ter que ler mesmo assim, uma vez que, como moderadora, precisa assumir a função de auxiliar na condução dos debates.

Em seu texto *O prazer da leitura*, Rubem Alves (2004) nos fala sobre a total incompatibilidade entre a experiência prazerosa da leitura (que ele chama de experiência vagabunda) e a experiência de leitura por obrigação que, no contexto da escola a que ele se refere, atenderiam ao propósito de responder a questionários de interpretação e compreensão, ou ainda, à análise gramatical. No contexto a que Sophie se refere, isso também pode se mostrar verdadeiro. Quando o que era para ser *hobby* se torna *job*, o prazer pode sair de cena e abrir espaço para o tédio, o cansaço, a falta de motivação.

A situação descrita por Sophie me remete às reflexões extremamente lúcidas realizadas por Petersen (2004) quando se debruça sobre as razões sociais que têm levado a geração Millennial⁴⁴ à condição de *burnout*. Entre as diversas pautas propostas pela autora para análise, que envolvem a educação das crianças com excesso de atividades visando à sua formação para entrada no mercado profissional, a romantização da carreira, o excesso de trabalho e de estímulos proporcionados pelas novas tecnologias, a autora reserva um capítulo para discutir a noção de “fim de semana” e problematizar a nossa relação com as atividades que designamos como lazer ou *hobby*. Ela afirma que, *hobbies*, a princípio, seriam quaisquer atividades desenvolvidas sem uma ambição que lhes preceda, sem um propósito secundário e que são praticadas exclusivamente por nos proporcionarem prazer. No entanto, na sociedade

⁴⁴ A denominação das gerações adotada por Petersen é a seguinte: Baby Boomers nasceram entre 1946 e 1964 após a Segunda Guerra Mundial. A geração X nasceu entre 1965 e 1979 e, portanto, presenciou a Guerra Fria. Millennial é o termo empregado pela autora para designar a geração posterior à geração X. São consideradas Millennials as pessoas que nasceram entre 1981 e 1995.

descrita pela autora, que em muito se assemelha à sociedade do cansaço de Han (2017)⁴⁵, até mesmo essas tarefas nos parecem exaustivas, pois vai se tornando cada vez mais difícil separar aquilo que é lazer daquilo que é trabalho, de modo que raramente sentimos que estamos, de fato, descansando:

Nosso lazer raramente parece restaurador, autodirecionado ou até mesmo divertido. Sair com os amigos? Exaustivo de coordenar. Ir a encontros? Um árduo trabalho na internet. Um jantar para amigos em casa? Trabalhoso demais. Para mim, não fica claro se gasto minhas manhãs de sábado em corridas longas porque gosto ou porque é uma forma ‘produtiva’ de disciplinar meu corpo. Leio ficção porque adoro ler ficção ou para contar que li ficção? Esses não são fenômenos inteiramente novos, mas ajudam a explicar a prevalência do burnout entre Millennials: é difícil se recuperar de dias de trabalho quando seu ‘tempo livre’ parece trabalho. (PETERSEN, 2021, p. 242)

O relato de Sophie, portanto, me parece muito menos uma situação isolada do que um problema geracional. O canal dela no *YouTube* e, posteriormente, a sua participação em um clube de leitura, foram atividades nas quais ela ingressou em razão do prazer que sentia com a leitura. Eram, de início, atividades feitas para a diversão, o lazer. Mas, com o passar do tempo, elas foram adquirindo outro caráter, em função da parceria com as editoras e da função como mediadora, o que se mostra muito coerente com o que Petersen (2021) argumenta ao afirmar que quando, enfim, as pessoas conseguem encontrar tempo em suas agendas e espaço mental para cultivar um *hobby*, elas são pressionadas a monetizá-lo, sobretudo se forem boas nele.

Embora o *Leia Mulheres* seja um projeto sem fins lucrativos e as moderadoras não sejam remuneradas pelo trabalho que desempenham, existe um capital simbólico (BOURDIEU, 2013)⁴⁶ envolvido em participar e, ainda mais, em ser uma das moderadoras e isso acaba acarretando uma carga mental similar à do trabalho oficial, remunerado. As leituras realizadas agregam valor a essas mulheres, que passam a ser socialmente valorizadas como cultas, intelectuais e inteligentes por lerem e debaterem determinado tipo de livro. Esse capital simbólico funciona como uma espécie de currículo pessoal, que pode vir a despertar o interesse de determinadas editoras no sentido de divulgar seu trabalho, podendo vir a propor permutas, oferecendo livros em troca de publicidade nas redes sociais dessas moderadoras, sobretudo daquelas que já possuíam perfis voltados para a divulgação e resenhas de obras lidas, como é o caso de Sophie. Todo esse movimento pode resultar num desgaste mental a partir de uma atividade cujo propósito inicial era o lazer. Sobre situações dessa natureza,

⁴⁵ Tradução Enio Paulo Giachini.

⁴⁶ Tradução Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira.

Petersen (2021) afirma: “Tenho visto amigos tentando monetizar os hobbies e tenho visto amigos que tiveram *sucesso* ao monetizá-los, tenho visto amigos odiando ou se sentindo acorrentados pelo que antes lhes trazia alegria. Não, obrigada!” (PETERSEN, 2021, p. 258).

Essa tendência contemporânea em transformar o *hobby* em algo mais, frequentemente resulta em sobrecarga e na perda do prazer inicial. Ler um livro por prazer é absolutamente diferente de ler um livro para que os outros saibam disso. E Sophie demonstra claramente ter percebido isso em sua experiência:

Sophie: Como sou mediadora do *Leia Mulheres*, me comprometo a ler pelo menos doze obras anualmente. Nem sempre são livros que eu gostaria de ler, já que escolhemos as leituras de maneira coletiva. Por um lado, isso é bom porque me motiva a ler livros que eu, de outra forma, não leria. De fato, passei a ler de maneira muito mais variada nos últimos anos: gêneros, temas e autoras dos mais diversos. **Por outro lado, essa dinâmica acaba cansando após alguns anos, especialmente quando estamos passando por momentos de vida difíceis. Nem sempre queremos ser desafiadas. Às vezes queremos ser acolhidas e confortadas por nossas leituras.** Ultimamente estamos tentando alternar a mediação para permitir essa oxigenação. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.292, 293)

A alta frequência de leitura e a perda da total autonomia sobre a decisão do que será lido são apontados como Sophie como alguns fatores que interferem nessa sua relação com a leitura a partir do momento em que ela ingressa no grupo. Ela demonstra, ainda, um conflito entre ser constantemente desafiada na realização de leituras que propõem um certo deslocamento da sua zona de conforto e a necessidade que ela sente de ser acolhida e confortada pelas leituras que realiza, sobretudo em momentos difíceis. Trata-se de uma tensão absolutamente compreensível e que está relacionada com o propósito do grupo que parece ser visto de forma diferenciada por cada moderadora (conforme verificaremos em tópicos posteriores deste mesmo capítulo).

O tópico a seguir será destinado a debater a maneira como o grupo desafiou cada uma dessas moderadoras a sair um pouco da sua zona de conforto e conhecer novas autoras, novas obras, novos temas. O que para Sophie (que, vale ressaltar, está na moderação do grupo desde o seu surgimento em Salvador) tem gerado um desgaste, é visto pelas demais moderadoras, e por ela mesma em outros momentos do relato, como algo bastante positivo.

5.4 Indo além da zona de conforto: o desafio para a leitura de novas autoras, obras, temas e gêneros

Em seus relatos, as moderadoras foram incentivadas a comentar brevemente aquelas obras, autoras e debates que marcaram a sua trajetória junto ao *Leia Mulheres-Salvador*. É

preciso pontuar que nem todas as obras referenciadas por elas foram lidas por mim, afinal, algumas moderadoras estão no grupo desde os primórdios. Por outro lado, muitas das resenhas feitas, por mais breves que sejam, aguçaram a minha curiosidade e, mesmo não estando no grupo na época em que o debate foi realizado, busquei-as para leitura e, inclusive, algumas delas, compõem as referências deste trabalho. Outras tantas foram anotadas em minha lista de leituras futuras, à qual sempre recorro quando preciso de novas indicações de leituras. No entanto, o que realizo, aqui, neste tópico, é o exercício de escuta das impressões que essas sujeitas têm das leituras que realizaram. Quero compreender de que maneira as obras mencionadas e as autoras destacadas reverberaram em suas vidas e quais os novos temas a que tiveram acesso por meio dessas experiências. Não tenho, portanto, o propósito de resenhar cada uma das obras listadas, o que, a meu ver, seria exaustivo, tanto para mim, quanto para você que lê este texto. Mas ficam registradas, aqui, como sugestões, os destaques feitos por cada uma delas.

Lizzie apresentou, em diferentes momentos do seu relato e do questionário, uma pequena lista de obras cuja leitura lhe foi recomendada pelo grupo e que lhe marcaram de alguma maneira, ou promoveram uma forte identificação. Eis algumas das suas falas:

Lizzie: O livro do primeiro encontro que participei foi *Precisamos falar sobre Kevin* da Lionel Shriver, um livro que eu possivelmente nunca leria, mas que gostei bastante. (RELATO LIZZIE, ANEXO G, p.297)

Lizzie: Ao longo do *Leia* eu descobri uma autora incrível, a Arundhati Roy. Lemos *O ministério da felicidade absoluta* e eu amei!! Fiquei impressionada como a maior parte das pessoas não gostou muito, enquanto eu adorei! Daí já li direto *O Deus das pequenas coisas*, virei fã dela como autora e ativista. (RELATO LIZZIE, ANEXO G, p.298)

Considero essas duas falas de Lizzie bastante significativas, pois, na primeira, ela aponta um livro que, se dependesse dos seus critérios pessoais de escolha, não teria lido e, na segunda, ela traz um livro que a maioria do grupo, no debate, demonstrou não ter gostado muito, mas que ela, pessoalmente, adorou, tanto que buscou outra obra da mesma autora para leitura. Essas falas dizem muito sobre o diálogo contínuo entre o individual e o coletivo num grupo de leitura. Estar em um espaço coletivo de leitura interfere na seleção das obras que lemos, fomenta uma ampliação desse repertório e promove esse contínuo contraste entre as minhas impressões sobre o livro e as impressões das demais integrantes do grupo, por vezes, complementares, por vezes, conflitantes.

Na sequência, ela demonstra, ainda, ansiedade com relação a uma obra que estava por ser debatida quando escreveu o seu relato, mas que já havia sido lida por ela:

Lizzie: Tem um livro que está na lista do leia desse ano, *Sobre os ossos dos mortos*, me identifico com o pensamento da personagem principal, a centralidade das preocupações na questão dos animais e crise climática são minhas preocupações também. (RELATO LIZZIE, ANEXO G, p.298)

Essa identificação com o tema da obra não é aleatória. Lizzie, assim como a protagonista da obra em questão, é vegetariana e tem na questão animal um aspecto forte da sua identidade. Woodward (2012) argumenta que a cultura em nos inserimos, materializada na forma dos rituais, do simbólico e da rede de classificações possui uma centralidade na produção de significados. Os rituais aos quais a autora se refere contemplam diversos aspectos da vida cotidiana, entre os quais podemos destacar a preparação e o consumo de alimentos. Em suas palavras:

Aquilo que comemos pode nos dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos. A comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias. [...] O consumo de alimentos tem uma dimensão política. [...] Certas identidades podem se definir apenas com base no fato de que as pessoas em questão comem alimentos orgânicos ou de que são vegetarianas. As fronteiras que estabelecem o que é comestível podem estar mudando e as práticas alimentares são, cada vez mais, construídas de acordo com critérios políticos, morais ou ecológicos. [...] A análise das práticas de alimentação e dos rituais associados com o consumo de alimentos sugere que, ao menos em alguma medida, “nós somos o que comemos”. Na verdade, se considerarmos as coisas que, por uma razão ou outra, nós *não* comemos, talvez a afirmação mais exata seja a de que “nós somos o que não comemos”. (WOODWARD, 2012, p.43,44)

O não comer carne, nesse caso, foi um elemento crucial para gerar a identificação dessa sujeita com a obra em questão e com a protagonista. Tanto, que ela foi a única moderadora a mencionar essa obra e autora, o que não ocorre com livros cujas temáticas são outras e que acabam se repetindo nos diferentes relatos. Cabe ressaltar, também, que a protagonista do livro em questão, Janina Dusheiko não é exatamente uma personagem de fácil identificação. Como diz na orelha do livro: “Janina, uma professora de inglês aposentada, costuma se dedicar ao estudo da astrologia, à poesia de William Blake, à manutenção de casas para alugar e a sabotar armadilhas para impedir a caça de espécies silvestres.” (TOKARCZUK, 2019, na orelha)⁴⁷; e na quarta capa: “Excêntrica, ela sempre pareceu preferir a companhia de animais à das pessoas” (TOKARCZUK, 2019, na quarta capa). A reação das demais participantes do grupo no debate a essa personagem foi oposta à de Lizzie. Ela provocou, na maioria, certo estranhamento, uma desidentificação. É bom salientar, ainda, que, no *Leia Mulheres-Salvador*, livros relacionados ao vegetarianismo e ao veganismo não são

⁴⁷ Tradução Olga Baginska-Shinzato.

recorrentes, muito embora esse seja um tema bem pautado atualmente. Isso possivelmente tem a ver com o fato de que, embora possua um eixo comum, o *Leia*, como um movimento amplo, dá autonomia para cada cidade na decisão sobre as obras que serão lidas, o que perpassa os interesses de cada grupo de moderadoras e do grupo como um todo. De algum modo, aqui em Salvador tal temática não tem sido muito abarcada.

Seguindo com as indicações de Lizzie, ela afirma:

Lizzie: O livro que me trouxe maior aprendizado, ou que me fez pensar sobre algo que nunca tinha pensado foi *A louca da casa* da Rosa Montero. O tema do livro é a ficção, a literatura, uma leitura deliciosa! (RELATO LIZZIE, ANEXO G, p.298)

A Louca da Casa também foi mencionado em sua resposta ao questionário, juntamente com *Amada* de Toni Morrison. Diante da pergunta “Entre as obras lidas, qual a que mais te marcou?”, sua resposta foi:

Lizzie: *Amada e A Louca da Casa*.

Amada - Acho que foi uma surpresa um livro tão bem escrito e com uma história tão forte, do tipo que a gente começa bem perdida e vai entendendo o que aconteceu no meio. O tema da escravidão é muito doloroso, mas muito necessário.

A Louca da Casa – outra surpresa, livro leve e que fala sobre a importância da ficção, de um jeito que eu nunca tinha pensado antes e ao mesmo tempo tão verdadeiro. (QUESTIONÁRIO LIZZIE, ANEXO B, p.278)

As preferências apontadas por Lizzie, nesse caso, são bem semelhantes às de Sethe, que também aponta Rosa Montero e Toni Morrison como autoras que marcaram a sua trajetória junto ao clube, assim como Chimamanda Ngozi Adichie. Ela afirma:

Sethe: Descobri autoras fantásticas como Rosa Montero e Toni Morrison. Toni e Chimamanda se tornaram as minhas preferidas da vida. (RELATO SETHE, ANEXO I, p.308)

O referido livro de Rosa Montero compõe a lista de referências das obras do *Leia* que eu não havia lido ainda, nesse caso, em particular, porque o encontro para debate ocorreu em 18 de fevereiro de 2017, época em que eu ainda não frequentava os encontros. Mas, durante a escrita da tese, devido às referências constantes feitas pelas sujeitas da pesquisa, bem como devido ao tema ser, também, do meu interesse pessoal e como pesquisadora, peguei o livro emprestado com uma amiga que já havia feito a leitura e também não cansava de me recomendar. A obra pode ser caracterizada como enigmática, pois Rosa Montero brinca com o seu poder, como escritora de ficção, em manipular os fatos vividos de modo que não consigamos discernir o real daquilo que foi forjado na ficção. O impacto da leitura é

realmente significativo. Além disso, as reflexões propostas pela autora sobre a sua relação com a escrita nos fazem desejar adentrar nesse universo com a mesma potência que ela:

Como as opiniões dos outros são perpassadas e pervertidas, tanto quanto as nossas, pelos interesses, o narcisismo e os preconceitos, nós escritores deveríamos tentar ser mais fortes, superar nossa patética vaidade e não depender tanto do que os outros dizem. Teríamos que atingir um desapego oriental, a sabedoria taoísta, a imperturbabilidade estoica de quem nada deseja. Mas o problema é que, para ser um bom escritor, é preciso desejar sê-lo, e desejar, aliás de maneira febril. Sem a disparada e soberba ambição de criar uma grande obra não se consegue escrever sequer um romance médio. De maneira que, por um lado, deve-se buscar a impassibilidade, certa beatífica ausência de desejos e emoções; mas, por outro lado, é preciso arder até virar cinzas na paixão pela literatura e no afã de criar algo sublime. É a quadratura do círculo, uma contradição aparentemente insuperável. (MONTERO, 2003, p.109)

A paixão com que a autora se coloca, sem deixar de tecer suas críticas ferrenhas ao mercado editorial, nos faz desejar arder de febre pela escrita de um texto literário também. Inclusive, há quem especule que, internamente, secretamente, muitas pessoas nutrem esse desejo de, um dia, colocar seus fantasmas numa folha de papel e jogá-los no mundo.

Amada de Toni Morrison, também já consta aqui em casa e estou aguardando ansiosa por um respiro que me permita iniciar a leitura. As críticas na quarta capa só contribuem com essa ansiedade, apontando o livro como a obra-prima de Toni Morrison, destacando a versatilidade e abrangência técnica e emocional da autora (palavras de Margaret Atwood), bem como sua força, simplicidade e capacidade de provocar pesadelos e prazer simultaneamente (*The Guardian*).

Outra moderadora, Elena, salientou a descoberta de Elena Ferrante como uma das suas escritoras favoritas e apresentou uma justificativa que diz muito sobre a construção das personagens em suas obras:

Elena: Ferrante acabou se tornando uma das minhas escritoras favoritas dos últimos tempos. (RELATO ELENA, ANEXO J, p.309)

Elena: O estilo de Ferrante me encantou, pois prefiro os livros com aprofundamento psicológico das personagens, navegando em suas vivências e pensamentos como fonte principal da obra, em que, por vezes, entender as personagens ou alguma em específico, é muito mais intrigante do que entender a trama, aliás, quando entender a própria trama passa pela compreensão da complexidade das personagens. (RELATO ELENA, ANEXO J, p.309)

Compreendo as colocações de Elena, pois para quem lê a tetralogia *A amiga genial* e acompanha a história da amizade de Lila e Lenu da infância até a velhice é muito difícil enquadrar uma ou outra no papel de mocinha ou de vilã, ou rotular a sua amizade como algo

saudável ou nocivo. Elas se alternam nesses papéis o tempo inteiro, estabelecendo uma relação de simbiose em que uma é porque a outra é, uma existe e persiste por saber que a outra segue ali, existindo, amiga, mesmo que à distância. Concordo com Elena quando ela afirma que compreender a trama passa pela compreensão de quem são essas complexas personagens. Concordo, ainda com Kern (2021), quando, ao falar sobre a amizade das duas, defende que:

À primeira vista, os aclamados romances napolitanos da escritora italiana Elena Ferrante, que detalham décadas de complicada amizade entre a narradora Lenu e sua vizinha Lila, podem parecer perpetuar o mito do mundo misterioso e repleto da amizade feminina. No entanto, sua história é rica em momentos em que as meninas (e, eventualmente, as mulheres) usam sua amizade como uma força criadora do mundo. Essa força lhes permite desafiar os limites da vida que parecem delimitados por expectativas tradicionais de gênero, bem como a pobreza e um ambiente político complexo. (KERN, 2021, p. 85, 86)

Podemos afirmar que, nos quatro romances, a cidade de Nápoles, com suas mazelas, seu modo de vida bruto e brutalizado, é uma personagem fundamental para o desenvolvimento da narrativa. As histórias de Lenu e Lila se constroem a partir da relação de cada uma com esse lugar, relação ora de pertencimento, ora de afastamento, tanto que o terceiro volume da série é intitulado *História de quem foge e de quem fica*, sendo Lenu identificada como a que foge, quando passa a morar em Pisa para estudar e, depois, em Florença em função do seu casamento, e Lila como a que fica. Mas a maneira como ocupam esse espaço, desde a infância, nos remete, mais uma vez, ao debate sobre como a amizade entre mulheres interfere na ocupação do espaço na cidade. Vejamos o trecho a seguir extraído do primeiro volume da série:

O que estava acontecendo? Na rua, os homens com quem cruzávamos olhavam todas nós, as bonitas, as bonitinhas e as feias, e não tanto os rapazes, mas sobretudo os mais maduros. Era assim tanto no bairro quanto fora dele, e Ada, Carmela e eu – especialmente após o incidente com os Solara – tínhamos aprendido instintivamente a manter os olhos baixos, a fingir que não ouvíamos as porcarias que nos diziam e seguir em frente. Lila não. Passear com ela aos domingos se transformou num elemento permanente de tensão. Se alguém a olhava, ela retribuía o olhar. Se alguém lhe dizia alguma coisa, ela parava perplexa, como se não acreditasse que falavam com ela, e às vezes, respondia intrigada. Tanto mais que – e isso era algo fora do comum – quase nunca lhe dirigiam as obscenidades que quase sempre reservavam para nós. (FERRANTE, 2015, p. 140)

No recorte acima, Lenu fala da transição das meninas do bairro da infância para a adolescência e como esse processo ocorre com alterações significativas na maneira como os olhares masculinos interagem com seus corpos. Essa mudança provoca na narradora um

espanto que fica registrado na expressão que inicia o parágrafo “O que estava acontecendo?”. Diante do assédio sofrido, a maioria delas adota, instintivamente, uma postura defensiva: manter os olhos baixos e fingir que não ouviam as insinuações. Lila, no entanto, decide não naturalizar a situação, e expressar o seu desconforto e insatisfação diante das falas dos homens. Ela: retribuía o olhar, parava perplexa e com feição incrédula e, às vezes, respondia. Tal postura provocou uma diferença na maneira como esses rapazes passaram a tratar Lila e as demais meninas, eles já não mais dirigiram a ela as obscenidades que continuavam dirigindo às outras. Andar com Lila por Nápoles, portanto, passa a ser um aprendizado de insubmissão. Os olhares e insultos masculinos queriam dizer: a rua não é lugar para vocês e, caso vocês insistam em ocupá-las, estaremos aqui, continuamente, sinalizando que, se estão nas ruas, vocês estão debaixo do nosso poder, do nosso controle. A atitude de Lila, que não passava despercebida às amigas, sobretudo a Lenu, tanto que lhes provocava uma tensão, respondia: iremos onde quisermos, a rua também nos pertence. Tal episódio diz muito sobre Lila, sobre a maneira como se move pelo mundo, sobre como se posiciona diante das injustiças, o que é reforçado ao longo da trama em diversos outros momentos. E, também, diz muito sobre Lenu, afinal ela considera tenso o clima provocado pela reação da amiga, mas naturaliza a violência masculina, o que vai se refletir, posteriormente, em sua relação conjugal.

Kern (2021) destaca, em seu livro, outra ocasião em que a amizade das duas perpassa a sua relação com a cidade: o primeiro momento em que ambas saem de Nápoles com o objetivo de ir até o mar. Destaco, a seguir, na obra original, o trecho a que a autora se refere:

Quando penso no prazer de ser livre, penso no começo daquele dia, em sair do túnel e estarmos em uma estrada que ia direto até onde a vista alcançava... se você chegou ao fim, você chegou ao mar. Senti-me alegremente aberta ao desconhecido. Caminhamos por um longo tempo entre paredes em ruínas invadidas pela relva, estruturas baixas de onde saíam vozes em dialeto, às vezes, um clamor. Demo-nos as mãos, e andamos uma ao lado da outra. (FERRANTE, 2015, p.68)

Andar de mãos dadas, juntas, uma ao lado da outra, lhes permitiu ter uma primeira experiência de liberdade. Kern (2021) ressalta que elas não alcançam o mar, pois ao chegarem à fronteira do bairro se deparam com um cenário hostil, uma paisagem em ruínas, repleta de lixo e com pessoas estranhas e uma tempestade se anuncia. Elas retornam para casa, onde o pai e a mãe de Lenu a aguardavam preocupados e prontos para castigá-la. Embora ela se pergunte se o propósito de Lila era esse desde o início, lhe vem a sensação de que, com a amiga ao seu lado, seus horizontes se ampliavam. A autora, então, arremata:

Enfrentando o desconhecido em busca de novas experiências, ansiando por saborear a brisa do mar e vislumbrar um mundo além do que Ferrante sempre se refere como “o bairro”, duas garotas mentem a seus pais e partem despreparadas para o desconhecido. A ingenuidade de Lila e Lenu e a confiança entre elas me lembram de muitos momentos em que minhas amigas e eu desafiamos as decisões de nossos pais e nos precipitamos em nossas próprias aventuras urbanas. (KERN, 2021, p.86)

A ocupação do espaço urbano pelas protagonistas dessas obras exemplifica aquilo que foi dito por Elena em seu relato. Compreender a maneira como Lenu e Lila se relacionam com Nápoles individualmente, mas também, juntas, nos permite compreender desenlaces posteriores da trama. Essas experiências foram, para elas, experiências formativas e, até mesmo, transformadoras e dizem muito a respeito da maneira como cada uma enfrenta os desafios da vida. Compreender profundamente as personagens, portanto, torna-se crucial para compreender a trama.

É salutar perceber que a tetralogia é toda narrada em primeira pessoa, por Lenu, ou seja, temos uma visão parcial dos fatos. A própria construção da imagem que temos de Lila ocorre sob essa perspectiva, de modo que podemos, e devemos, desconfiar de algumas elocubrações da narradora. Por outro lado, temos, como consequência do foco narrativo escolhido pela autora, uma visão privilegiada das emoções de Lenu, dos seus pensamentos, do seu mundo interior, o que, por vezes, pode gerar uma identificação muito forte. Vejamos como essa identificação aparece no relato de Sophie:

Sophie: No *Leia Mulheres*, eu acabei conhecendo a quadrilogia Ferrante e me encantei pela personagem Elena, que é, ao mesmo tempo, **tão frágil e tão forte**, como tantas de nós. Me identifico com Elena porque também sou **a menina insegura do interior que tenta fazer tudo que lhe foi ensinado**. Também tive minha **rebeldia tardia e também admirei imensamente uma mulher que era meu oposto e que conseguia fazer tudo o que eu não conseguia**. Elena é **melancólica**, mas é também **muito doce e muito inteligente**. Já encontrei várias Elenas por aí. Também gostei da forma complexa com a qual o livro apresenta a amizade feminina, tão cheia de contradições. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.296. Grifos nossos)

Além da aclamada série de Ferrante, tantos outros livros foram mencionados nos relatos, alguns deles, por mais de uma moderadora. Podemos destacar, *A diferença invisível*, livro de Julie Dachez:

Elena: Posso citar também o livro *A diferença Invisível*, que me proporcionou outra visão acerca do transtorno do espectro autista denominado *Asperger*, e isto ajudou muito a compreender e ter mais sensibilidade com as questões e dificuldades que cercam essas pessoas, especialmente, porque tenho uma pessoa próxima que é diagnosticada. (RELATO ELENA, ANEXO J, p.310)

June: - *A diferença invisível*, de Julie Dachez, que é no formato de HQ, que além de ajudar a resgatar o hábito de ler quadrinhos, que tanto gostava na infância e na adolescência, trouxe muitas informações relevantes sobre o autismo, que eu não conhecia, como por exemplo, de que existem tantos espectros e a complexidade para se chegar a um diagnóstico definitivo. Uma obra como essa, escrita inclusive por uma pessoa que foi diagnosticada como autista e que foi motivada pessoalmente a esclarecer e divulgar informações sobre o assunto, nos faz exercitar mais ainda a empatia e a tolerância com o outro. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.301)

Nesse caso, a obra ficou marcada, sobretudo, por duas razões: primeiramente, por trazer à tona uma temática pouco debatida no clube: o transtorno do espectro autista *Asperger*; mas, também, por ser de um gênero textual menos recorrente nas seleções feitas: a História em Quadrinhos (HQ).

Outro gênero pouco lido, mas que foi lembrado pelas moderadoras foi o poema. Duas delas, mencionam em seus relatos a antologia *Poética* de Ana Cristina César, mas por razões diferentes:

Sophie: Já os livros de poesia que lemos me surpreenderam muito positivamente. Não sou fã do gênero, mas gostei muito de *Poética*, de Ana Cristina César, e dos dois livros de Rupi Kaur. A delicadeza das poesias, e a quantidade de temas que elas abrangem, tornou os debates bem leves, agradáveis e também muito pessoais, quase confidenciais. **Parece que a poesia convida o leitor a baixar a guarda e expor suas vulnerabilidades**, justamente o oposto do que ocorre em outros debates nossos, cheios de confrontações e questionamentos incisivos. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.295. Grifos nossos)

June: No mês seguinte, seria a antologia poética de Ana Cristina César, que era outra autora que eu não conhecia. Adquiri o livro, li os trechos selecionados, **mas confesso que não entendi muita coisa...** E entender o que dizia aquela poesia e aquela autora “marginal” me motivou ainda mais a participar do encontro, que na época acontecia em uma livraria que ficava em um shopping perto da minha casa. Então, fui e foi muito bom conhecer o projeto, adorei a dinâmica e a energia do grupo e decidi que não deixaria mais de participar. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.300. Grifos nossos)

June confessa não ter entendido, numa primeira leitura, muito do que aparece em *Poética*. Sophie, por seu turno, embora confesse não ser muito fã do gênero poema, admite que os encontros dedicados ao debate de obras desse estilo lhe surpreenderam positivamente. Além de *Poética*, ela menciona os livros de *Rupi Kaur*, que foram: *Outros jeitos de usar a boca* e *O que o sol faz com as flores*. As autoras mencionadas por Sophie são muito diferentes entre si, embora apresentem elementos comuns em suas produções.

Rupi Kaur é uma jovem escritora, nascida na Índia, que, atualmente, vive em Toronto, no Canadá. Sua expressão artística mescla poesia, ilustração, *design*, fotografia e vídeos e foi popularizada com o auxílio das redes sociais. São textos curtos, de fácil compreensão e amplo

alcance, acompanhados de ilustrações suas. Sua forma de expressão em muito se assemelha com a descrição de poesia contemporânea feita por Vieira (2017), quando afirma que esta:

[...] poderia ser caracterizada, por exemplo, por ser apresentada em novos meios, não apenas a palavra, mas também por meios cinéticos, visuais, multimeios, novas linguagens e experimentações utilizadas para expressão da subjetividade nesses tempos incertos. (VIEIRA, 2017, p.14)

Ana Cristina César, por sua vez, será apresentada, aqui, por meio da melhor síntese que li a seu respeito:

Ana é uma referência da poesia experimental da década de 1970, uma das principais autoras da poesia marginal. Ana foi uma das primeiras poetisas, no Brasil, a introduzir na poesia cortes, interrupções abruptas, fragmentação; uma das primeiras a diluir, descentralizar, o sujeito poético e revelar a vida ordinária, cotidiana, a partir de pequenos gestos representados em sua temática poética dessacralizadora. (BRITTO, 2017, p. 32)

Diferentemente de Rupi Kaur, Ana Cristina César não parece escrever para agradar a quem lê, mas para satisfazer a si mesma. Seus poemas são introspectivos, por vezes, herméticos, o que justifica a fala de June quando, ao se referir ao livro, diz não ter entendido muita coisa, o que, inclusive, a motivou a participar do debate, pois queria entender melhor aquilo que havia lido. Sophie, porém, atentou para um outro aspecto desses debates, ela acredita que quando o gênero em questão é o poema, a pessoa que realiza a leitura é convidada a expor suas vulnerabilidades, sem tantos confrontos com opiniões divergentes, pois a poesia ocuparia esse lugar do subjetivo, do sensível, do inefável, ou como diria a própria poeta: “do segredo, da revelação, da vontade de se abrir para alguém, de se colocar diante do outro.” (CÉSAR, 1986 apud BRITTO, 2017, p.32).

Apesar da distância física e geracional entre as poetisas, podemos destacar que ambas são mulheres que escrevem poemas e mesclam esses textos a desenhos autorais. Ambas falam de temas diversos, mas trazendo o tom da sua experiência interior densa, nem sempre de fácil compreensão ou digestão, mas certamente atentando para as sutilezas do ser mulher em um mundo que grita o tempo inteiro que somos inconvenientes apenas por existirmos e por expressarmos a nossa voz. São ambas, vozes corajosas que ecoam em nós, mesmo que nem sempre seja possível compreender exatamente o que dizem, mas talvez, nesse caso, sentir seja mais relevante do que compreender.

Ainda dentro do gênero poema, um último livro apontado foi o da poeta baiana Jovina Souza:

Lizzie: Acredito que a ficção tem que trazer também novas possibilidades, sonhos e esperanças, e foi ótimo que no momento em que estava me questionando sobre os livros que lemos em 2019, nosso último encontro tenha sido sobre o livro de poesias o *O amor não está*, com a presença da autora Jovina Souza, que apesar de ter escrito um livro muito triste, falou na ocasião que também estava com vontade de escrever algo mais esperançoso. (RELATO LIZZIE, ANEXO G, p.299)

Lizzie aponta para esse lugar de esperança que a literatura ocupa ao sugerir novas possibilidades, e é sintomático que essa sua fala tenha vindo a partir da leitura de um livro de poemas, o que corrobora o que dissemos antes, da poesia como esse espaço para a expressão do sentir, como esse espaço que comove.

A presença da autora não é pré-requisito para a realização dos debates. Na maior parte dos encontros, não contamos com essa possibilidade, afinal, são lidas autoras do mundo todo, de diferentes épocas, algumas, inclusive, que não estão mais entre nós. No entanto, sempre que possível, essa presença é incentivada e muito celebrada. São debates diferentes, considerando que a pessoa que escreveu a obra se encontra presente, ali, ao vivo, mas isso não chega a intimidar, muito pelo contrário. Na ocasião em que Jovina esteve presente, por exemplo, ela se colocou muito mais num lugar horizontal de escuta, de troca, do que num pedestal, como detentora dos sentidos sobre a obra, demonstrando que compreende muito bem o papel ativo de quem lê na construção desses sentidos. As participantes foram incentivadas a socializar com o grupo aqueles poemas que lhes tocaram de alguma forma e, também, foram feitas perguntas à autora, mas num tom de diálogo mesmo, e não de entrevista.

Saindo da esfera dos poemas, um livro lembrado por June e por Sophie foi *O conto da Aia*, de Margaret Atwood. June se refere a ele em dois momentos: quando fala sobre os livros preferidos, e quando fala acerca da sua identificação com personagens (conforme consta, também, no capítulo 4 desta tese):

June: - *O conto da aia*, de Margaret Atwood, foi um dos melhores livros que eu já li e, apesar de já ter décadas de escrito, foi possível fazer relações com os tempos sombrios que temos vivido na política e no contexto social, marcado ainda pelo patriarcado, machismo e tantos feminicídios. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.300, 301)

June: Uma personagem com a qual me identifiquei bastante foi a protagonista do livro *O conto da aia*, porque ela representa uma resistência em meio a uma realidade opressora e aparentemente imutável. Talvez ter assistido a série, que para mim foi uma excelente adaptação, possa ter contribuído para essa identificação. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.303)

June pontua o quanto a leitura da obra em questão se mostra atual e está relacionada com o contexto social que temos vivido, com reações ultraconservadoras diante de temas que considerávamos relativamente consolidados. Ela admira e deseja para si a resistência demonstrada pela protagonista diante das dificuldades enfrentadas.

A experiência de Sophie com essa mesma obra, no entanto, foi oposta:

Sophie: Um dos debates que mais me marcou foi *O Conto da Aia*. O livro em si não me agradou muito. Achei a leitura extremamente tediosa, seca, fria. Não consegui me identificar com os personagens e nem me envolver emocionalmente com a história. Mas, para a minha surpresa, foi um dos encontros mais cheios que tivemos. Na época a série tinha acabado de ser lançada e algumas pessoas que só a tinham visto compareceram. Fiquei surpresa com a diversidade do público. **Muitas mulheres jovens clamavam por transformações radicais na sociedade e diziam que algo tinha que ser feito.** Eu percebi naquele dia que a minha experiência pessoal de leitura era muito pouco relevante diante da mobilização que a obra tornou possível. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.296. Grifos nossos)

Sophie, diferentemente de June, não se identificou com a obra, cuja leitura ela caracteriza como tediosa, seca e fria, ela afirma não ter conseguido se identificar com as personagens, nem se envolver emocionalmente com a história. A identificação que ocorreu com June, não aconteceu da mesma maneira para ela, o que é muito natural. Cada pessoa estabelece com cada obra literária uma relação absolutamente subjetiva, pautada por sua experiência de vida e pelas leituras anteriores que realizou. Mas Sophie vai além. Ela afirma ter ficado surpresa com a quantidade de pessoas que compareceram e com a maneira como a obra parece ter impactado essas pessoas, o que ela atribui ao sucesso da série televisiva homônima. E o desfecho da sua fala não poderia ser mais interessante, pois ela afirma ter percebido que sua experiência pessoal de leitura era pouco relevante diante da mobilização que a obra tornou possível. Ou seja, foi no coletivo, no encontro com outras mulheres, com mulheres com lugares de fala, visões de mundo, experiências pessoais e de leitura diferentes e até divergentes da sua, que ela compreendeu o poder de representação que aquele livro, com o qual ela não havia se identificado, poderia ter.

Ela justifica a sua aversão ao livro, também, em outro momento do seu relato:

Sophie: Os personagens com os quais menos me identifiquei foram os de *O Conto da Aia*. A narrativa é extremamente fria, o que me afastou dos personagens. Tudo me pareceu artificial, como se aquelas pessoas fossem alegorias, e não seres humanos. Pode até ter sido a intenção de Margaret Atwood, mas isso tornou a leitura muito desagradável para mim. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.296)

A impressão de Sophie sobre a obra também se justifica considerando que o contexto em que a história se passa é distópico ao extremo. O que, para algumas pessoas, pode soar como alerta para que tenhamos cuidado para que nossos direitos não nos sejam tomados subitamente sem que percebamos, para ela, é uma realidade tão distante que fica difícil se colocar no lugar. A obra é aberta e permite ambas as possibilidades de recepção, não nos cabendo julgar, aqui, qual das duas seria a correta, pois o debate não deve ser pautado nesses termos. Saliento apenas o quanto, para Sophie, esse momento coletivo, após a leitura individual, foi marcante e o quanto foi crucial para a compreensão do alcance do livro. No questionário, ela afirma que foi essa a leitura mais lida marcou:

Sophie: Porque não gostei tanto do livro, mas com a discussão fui percebendo a importância dele e o quanto ele impacta pessoas das mais diversas idades e origens. (QUESTIONÁRIO SOPHIE, ANEXO A, p.275)

Chega a ser uma atitude de humildade reconhecer que a nossa experiência de leitura não é universal, que não é porque não gostei particularmente de uma obra que ela não é boa. A minha falta de identificação não necessariamente será vivida da mesma maneira pelas demais pessoas, sobretudo porque essas outras pessoas têm histórias de vida absolutamente diversas e diferentes da minha. *O conto da aia* foi uma obra que eu li na íntegra, inclusive, o citei na introdução desta tese. Eu estive presente no debate mencionado por Sophie e, muito provavelmente constituo o grupo de “mulheres jovens [que] clamavam por transformações radicais na sociedade e diziam que algo tinha que ser feito” ao qual ela se refere em seu relato. Mas seria muita prepotência da minha parte acreditar que porque eu gostei, todo mundo deveria gostar também, quando, na verdade, é na divergência, no conflito, na exposição de pontos de vista diferentes sobre o mesmo tema que o debate se torna grandioso.

A opinião de Sophie sobre *O conto da aia* aponta para uma reflexão que ela fez ao longo do relato (já mencionada anteriormente) sobre o papel da leitura, bem como da literatura em sua vida. Ela se questiona até que ponto a leitura precisa ser todo o tempo esse espaço de deslocamento, de provocação e de incômodo e ressalta a necessidade que sente em se sentir acolhida nas leituras que realiza. Isso é reforçado quando ela, em resposta ao questionário, afirma que o livro da sua vida é *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, apresentando a seguinte justificativa:

Sophie: É um livro para o qual eu sempre retorno quando preciso me sentir acolhida e em casa. É um livro que tem várias camadas, que vão desde o romance com final feliz até uma crítica social muito sagaz. Ao contrário de tantos romances

em que a paixão (frequentemente à primeira vista) guia os personagens, aqui eles são guiados por um desejo de se tornar pessoas melhores e mais dignas. Eles crescem durante o romance e por isso acreditamos no amor deles. É o oposto, para mim, desse amor romântico tão problemático dos dias de hoje. (QUESTIONÁRIO SOPHIE, Anexo A, p.275. Grifos nossos)

É possível que o livro de Atwood tenha surtido em Sophie o efeito oposto ao do acolhimento que ela descreve quando fala sobre *Orgulho e Preconceito*. Mas gostaria, também, de chamar atenção para a sua fala sobre, usando suas palavras, o “amor romântico tão problemático dos dias de hoje”. Quando ela utiliza essa expressão é possível que esteja querendo se referir a um modelo patriarcal de relacionamento pautado no sentimento de posse, na hierarquia, no poder e na violência, pois a descrição que ela faz da relação entre os personagens é justamente aquilo que pode ser denominado amor. Ela afirma que eles não são guiados por sua paixão, ou seja, suas ações não são impulsivas, mas são orientados pelo desejo em se tornarem, segundo ela, “pessoas melhores e mais dignas”.

A reflexão feita por Sophie sobre esse tema me remete, instantaneamente, ao livro *Tudo sobre o amor*, de bell hooks, debatido, na modalidade *on-line*, no dia 29 de janeiro de 2022. No referido livro, a autora argumenta que, quando falamos sobre o amor, frequentemente, estamos falando sobre coisas diversas e, por vezes, diametralmente opostas, de modo que, para pautar uma discussão aprofundada sobre o tema é crucial definir o que compreendemos por amor. Ela acredita que seria mais fácil aprender como amar se partíssemos de uma mesma definição, definição essa que considerasse que, embora a palavra *amor* seja um substantivo, ele deve ser compreendido como uma ação. Em sua busca pessoal por alguma definição significativa, ela se deparou com o livro *A trilha menos percorrida: uma nova visão da psicologia sobre o amor, os valores tradicionais e o crescimento espiritual*, da autoria de M. Scott Peck, publicado em 1978, no qual, segundo hooks (2020)⁴⁸, o autor define o amor como: “a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou de outra pessoa”. E acrescenta: “O amor é o que o amor faz. Amar é um ato de vontade – isto é, tanto uma intenção quanto uma ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar.” (HOOKS, 2020, p.47).

Se confrontamos a definição de Sophie com a de hooks (2020), percebemos imediatamente a semelhança. É possível que Jane Austen, em seu tempo, ao construir suas personagens, já estivesse atenta e buscasse uma representação do amor mais compatível com a busca das mulheres por crescimento pessoal e liberdade. Ainda hoje, podemos usar suas

⁴⁸ Tradução Stephanie Borges.

obras e o conceito adotado por hooks (2020) para reavaliar a maneira como denominamos posturas e ações que se distanciam das premissas que elas defendem.

Dando continuidade ao seu relato, Sophie menciona, ainda, dois outros livros: *O país das mulheres* e *Pessoas Normais*:

Sophie: Outro debate que também me marcou [...] foi *O País das Mulheres*, que é outro livro que convida ao debate de políticas públicas para as mulheres. Raramente encontramos espaços onde pessoas realmente interessadas no tema conseguem discutir seriamente, e naquele encontro o *Leia Mulheres* virou quase uma célula de partido político feminista. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.292)

Sophie: Esse ano também vamos ler *Pessoas Normais*. Sally Rooney cria personagens com os quais me identifico muito. São jovens que estão procurando seu lugar no mundo, cheios de inseguranças, repletos de uma sensação de não pertencimento, mas também sensíveis e amorosos. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.296)

Esses dois trechos apontam para dois fatos relevantes na experiência de leitura de Sophie junto ao *Leia Mulheres*: o primeiro é o quanto o momento do debate, do contexto coletivo de socialização das leituras é significativo para ela no sentido de ampliar as suas impressões de leitura e viabilizar o contato com pontos de vista diversificados sobre o tema; e o segundo, que a identificação com as personagens é um critério importante na maneira como ela avalia as obras lidas. Ela consegue adentrar mais o universo ficcional quando se enxerga nas personagens que lê.

No que se refere a este último aspecto, Elena e June também comentam o seu processo de (des)identificação com algumas personagens:

June: A única personagem e também obra que me recorde que realmente não me identifiquei foi a do livro *Como se estivéssemos num palimpsesto de putas*, de Elvira Vigna. Não consigo explicar por que, mas não tive afinidade com os personagens, os temas e o estilo de escrita. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.303)

Elena: Pode parecer estranho, mas não possuo uma personagem favorita ou que detestei de uma maneira fora do comum. É claro que com alguns personagens houve uma conexão mais estreita do que com outros, seja por circunstâncias que lembraram vivências pessoais ou pessoas, como, por exemplo, no livro *Amora*, quando uma das personagens vai explicando o seu processo de terapia. Com personagem em si, eu não me identifiquei, mas a forma como ela descreveu o seu processo de análise era bem similar a maneira como eu me sentia na época em que fiz terapia. (RELATO ELENA, ANEXO J, p.310)

É possível e até mesmo provável que o desgosto de June pelo livro mencionado tenha relação justamente com o fato de que ela não se identificou com a protagonista da história. Quando essa identificação não ocorre é comum que o apreço pela obra também fique

comprometido. Já a fala de Elena com relação à *Amora*, de Natália Borges Polesso, apresenta outra nuance: ela afirma não ter se identificado com a personagem em si, ou seja, ela reconhece suas diferenças com relação à protagonista. No entanto, consegue encontrar, a determinada altura da narrativa, elementos que lhe são comuns, apesar das diferenças. Embora elas sejam, a priori, indivíduos distintos, a experiência delas com o processo terapêutico é bastante similar. A literatura, quando exerce essa função, é libertadora. É natural que nós, ao lermos um livro, queiramos enxergar semelhanças entre a nossa realidade e a realidade das personagens que lemos na ficção. Contudo, às vezes, tal tarefa parece impossível, tamanhas as diferenças existentes. Conseguir realizar esse exercício de deslocamento de si e perceber semelhanças nas experiências de pessoas, a princípio, tão distintas de nós é alcançar um lugar de perceber que somos seres múltiplos, mas temos elementos comuns também, apesar das diferenças. Nesse ponto, o momento do debate volta a se mostrar relevante, pois, muitas vezes, não conseguimos capturar essas semelhanças em nossa leitura solitária, elas precisam ser instigadas em nós no encontro com outras pessoas e suas impressões.

Sethe acrescenta a essa reflexão a sua percepção de que, mesmo aquelas obras com as quais não nos identificamos tanto, podem nos alertar para algumas questões em nossa vida. Ela afirma:

Sethe: Difícil falar apenas uma obra que me marcou, sempre as obras deixam marcas ou trazem *insights*, mínimos que sejam para as nossas vidas, as discussões mais ainda. Mesmo aquelas em que não gostei, o não gostar foi um *start* para alguma coisa dentro de minha realidade. (RELATO SETHE, ANEXO I, p.306)

Além das já referidas obras, foram mencionadas, ainda, algumas outras que não posso deixar de resgatar aqui. Elena se lembrou do livro *A guerra não ter rosto de mulher*, de Svetlana Aleksievitch, argumentando que foi marcante ter acesso à visão de uma mulher sobre um acontecimento historicamente narrado da perspectiva dos homens:

Elena: Além de Ferrante, também tive contato com outras autoras desconhecidas por mim até então, devido ao grupo de leitura. Certamente, não poderia deixar de mencionar *A guerra não tem rosto de Mulher* de Svetlana Aleksievitch, que traz o relato de tantas mulheres a respeito de sua experiência na guerra. Sempre tive contato com esses relatos a partir de homens, mas nunca de mulheres, então enxergar essa nova perspectiva, e perceber como mulheres já idosas falavam como se ainda fossem aquelas meninas muito jovens que participaram, ou vivenciaram a guerra de alguma forma, tornaram o relato muito mais genuíno, trazendo uma perspectiva bem diferente do tema. (RELATO ELENA, ANEXO J, p.309, 310)

June, por sua vez, acrescentou à lista *Kindred* de Octavia Butler:

June: Por exemplo, não tinha hábito de ler ficção científica, ainda mais escrito por mulheres. Foi um desafio interessante e gratificante, por exemplo, ler um livro como *Kindred*, de Octavia Butler. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.303)

Kindred é, geralmente, classificado como um livro de ficção científica. E, embora tenha sido marcante para June a leitura de um livro dessa natureza, outras moderadoras ressaltam o fato de não ser um gênero muito recorrente nas escolhas do grupo:

Sophie: Meus gêneros favoritos, que são os livros clássicos e os livros de ficção científica, aparecem pouco no *Leia Mulheres* justamente por conta do tipo de livro que priorizamos [...]. Mas, ainda assim, lemos meu livro favorito da vida, que é *Orgulho e Preconceito*, e meu favorito de ficção científica, que é *A Mão Esquerda da Escuridão*. Já poesia, que não gosto de ler, acabo lendo mais por causa do *Leia Mulheres*. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.296)

Sethe: Em relação aos gêneros eu pude ler mais ficção científica (que era um gênero que não lia) e mais livros de não-ficção. Mas em geral ainda lemos muito mais romances (gênero, não romance romântico) do que tudo. Lemos pouca poesia e poucas biografias. (RELATO SETHE, ANEXO I, p.307, 308)

Duas moderadoras, quando questionadas a respeito de obras que marcaram suas vidas, trouxeram, também, livros que não foram lidos e debatidos no *Leia Mulheres-Salvador*, mas que evocam lembranças de outras épocas, ou que promoveram uma identificação muito grande.

No questionário, diante da pergunta: *Qual o livro da sua vida?* June e Sethe responderam respectivamente:

June: É uma pergunta difícil, até porque não li tantos livros quanto gostaria (muitos na minha estante ainda estão aguardando), mas ao mesmo tempo li vários que me marcaram, mas um livro que tenho sempre na memória é *Venha ver o pôr-do-sol e outros contos*, da Lygia Fagundes Teles. [...] É um livro que me traz muitas lembranças da época da escola e de como a minha relação com a leitura foi se fortalecendo. O conto que dá nome ao livro foi lido pelo professor de português em sala e daí despertou meu encanto por Lygia e ainda mais pela literatura em geral. (QUESTIONÁRIO JUNE, ANEXO C, p.281)

Sethe: *As Horas*, Michael Cunningham. (até agora). [...] O livro traz a vida de três mulheres (uma delas Virginia Woolf, outra uma de suas personagens e outra uma leitora de Virgínia). É uma história em que me vejo desenhada muitas vezes, sou eu aquelas mulheres em diversos momentos, me identifico com a forma como os amores são traçados, como há nos personagens tanta verdade e riqueza. Já vi inúmeras vezes, tenho o dvd e já escrevi um artigo sobre o livro/filme. (QUESTIONÁRIO SETHE, ANEXO D, p.286)

A fala de June é belíssima pela nostalgia que evoca. Nossas primeiras experiências de leitura, quando prazerosas, deixam marcas que carregamos por toda a vida. Quero um dia ser lembrada por estudantes que passaram por minha trajetória profissional da mesma maneira

que esse professor de português foi resgatado na memória de June: como alguém que deixou marcas significativas na relação dela com a leitura.

A fala de Sethe, por sua vez, reitera o debate que fizemos nesse tópico sobre o quanto a identificação com as personagens contribui para a identificação com a obra como um todo. Nesse aspecto, o fomento à leitura de obras escritas por mulheres é indispensável, pois, como já discutimos em capítulos anteriores, a representação da mulher nas obras escritas por autoras pode abarcar uma multiplicidade de realidades muito mais ampla, muito mais detalhada, muito mais intimista, cooperando para a identificação de um maior número de leitoras com essas personagens. Sobre isso, Spivak (2019) afirma:

A leitura é uma posição em que eu (ou um grupo de “nós” com quem partilho um rótulo identificatório) faço dessa anônima trama a minha própria, encontrando nela uma garantia de minha existência como eu mesma, uma de nós. Entre as duas posições, há deslocamentos e consolidações para conjugar um eu representativo. (SPIVAK, 2019, p.252. Tradução Patricia Silveira de Farias)

A meu ver, o *Leia Mulheres* se insere nesse contexto com um papel fundamental, nesse espaço de representação e identificação mencionado pela autora no trecho acima. Mas qual é mesmo esse papel? As opiniões das moderadoras não são uníssonas com relação a isso. Existe uma polifonia que discutiremos detalhadamente no tópico a seguir.

5.5 Propósito do clube de leitura e da literatura - reverberações sociais

Ao falarem sobre a sua experiência junto ao *Leia Mulheres-Salvador* e a maneira como enxergam reflexos dessa experiência em suas vidas, algumas moderadoras aludiram e outras discutiram de maneira mais enfática o que acreditam ser o propósito desse espaço de leitura e debate. Não foi feito nenhum questionamento formal nesse sentido, de modo que foi um movimento espontâneo da parte delas, o que indica haver certas rasuras nessa definição, considerando a gama diversificada de práticas que um clube de leitura pode representar. Embora seja um clube de leitura unificado com o propósito de fomentar a leitura de obras escritas por mulheres, o *Leia* adquire em cada núcleo algumas especificidades conforme a atuação da moderação e os interesses dos participantes. Alguns privilegiam obras literárias, outros leem bastante não-ficção. Alguns contemplam obras mais clássicas, outros são mais adeptos dos *best-sellers*. Em alguns núcleos, as autoras locais recebem bastante destaque e são frequentemente convidadas a participar dos encontros, em outros, essa questão não é tão

contemplada. Enfim, existe muita fluidez também nesse processo, no sentido de ir ajustando a rota enquanto se caminha.

Ao falarem sobre a maneira como as leituras e os debates reverberam em sua vida, a maioria das moderadoras afirmou ter visto reflexos na escolha dos gêneros de quem escreve as obras que estão sendo lidas e na maneira como enxergam a si mesmas e às demais pessoas no mundo:

Elena: Acredito que essa é uma das finalidades do *Leia Mulheres*, fazer com que nós mulheres repensemos o nosso papel e como nos tratamos. (RELATO ELENA, ANEXO J, p.311)

June: Para minha grata surpresa foi um clube além de minhas expectativas porque além de ser um espaço para encontrar e conversar com pessoas sobre livros, também me fez refletir o quanto minha estante estava masculina. Quer dizer, além de trazer o prazer da leitura, trouxe outras perspectivas. Imagino que essa é uma reflexão que a maioria das participantes deve fazer quando vai pro *Leia*. (QUESTIONÁRIO JUNE, ANEXO C, p.278)

June: [...] o *Leia* foi uma grata surpresa porque além de ser um espaço para conversar sobre livros com outros leitores, trazia a perspectiva mais feminista. E o universo literário, e não só ele, mas o mundo, a sociedade, de modo geral, precisava de uma mudança assim. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.300)

June: Todos os encontros são marcantes de alguma maneira, seja pelos temas abordados nos livros escolhidos ou pelo estilo de escrita, seja pela postura da autora ou pelos *links* possíveis com a realidade geral ou particular dos leitores. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.300)

Elena salienta a reflexão que fez, a partir das leituras e debates, sobre o seu papel no mundo, mas também sobre a maneira como tratava a si mesma, enquanto mulher no mundo. Esse deslocamento tem relação com o que June argumenta nos três trechos destacados acima: a mudança no perfil de autoria das obras e a perspectiva feminista presente na maioria delas, o que nos permite rapidamente estabelecer relações com a realidade ao nosso redor e com os lugares que ocupamos, como mulheres diversas que somos no mundo atual. Britto (2017) nos alerta para o poder que a leitura de obras escritas por mulheres exerce sobre as nossas vidas quando afirma:

[...] percebo que as mulheres escritoras, além de acrescentarem valor ao mundo da arte e provocarem experiências estéticas variadas e distintas – entre si e em relação à experiência dos homens – alocam um sentido de liberdade também na perspectiva do leitor e, mais especificamente, da leitora-mulher. (BRITTO, 2017, p.50)

Essa perspectiva é corroborada por Sethe em seu relato, como pode ser visto nos trechos a seguir:

Sethe: Então essas transformações, o seu lugar na sociedade, as outras narrativas, a maneira como você vai se comportar ou como você vai olhar ou vai reagir a outras pessoas, a outros grupos, a outras realidades, então eu acho que a literatura ela proporciona tudo isso. Então no campo do agir, a maneira como você vai ser no mundo e socialmente é muito transformada quando você tem acesso a determinados tipos de narrativas. (RELATO SETHE, ANEXO I, p.307)

Sethe: Essas narrativas chegam até você, você não fica incólume, não passa incólume, essas narrativas não passam, elas ficam ali depositadas e elas necessariamente influenciam na maneira como você vai se portar, naquilo que é interessante para você, na relação com seus pares, nas suas relações de alteridade, eu acho que influência diretamente no seu agir. Acho que a literatura, esse tipo de leitura, esse tipo de discussão, ele é transformador e conseqüentemente se ela é transformadora, ele gera outras ações. Você não fica a mesma, você não sai de um projeto desse a mesma pessoa, não sai mesmo. (RELATO SETHE, ANEXO I, p.307)

Essa fala de Sethe me remete ao livro de Chimamanda Ngozi Adichie intitulado *O perigo de uma história única*, resultante da transcrição de seu famoso TED *Talk*, que foi traduzido para o português e adaptado para publicação pela Companhia das Letras. Nele, a autora faz um relato bastante autobiográfico sobre sua experiência como autora nigeriana radicada nos Estados Unidos, resgatando a memória de diversos momentos em sua vida em que a força de uma narrativa única sobre determinados grupos sociais, inclusive aqueles de que ela faz parte, foi decisiva no modo como ela enxergava esses grupos, ou como era vista, e como é perigoso termos acesso a determinadas narrativas de maneira unilateral. Gostaria, aqui, de destacar dois momentos da sua fala que dialogam com as falas de Sethe, mas também com as de Elena e de June destacadas acima. O primeiro momento estabelece uma relação entre a história única e o poder. A autora afirma:

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder (ADICHIE, 2009, p. 12. Tradução Julia Romeu)

Diversificar a estante, ter acesso a mais livros escritos por mulheres de diversas origens geográficas promove um questionamento dessas estruturas de poder às quais a autora se refere. E isso reverbera em nossas vidas por diversas razões, mas saliento, aqui, a que acredito ser a principal delas: o *Leia Mulheres* promove o acesso uma gama diversa de narrativas e essas narrativas importam, afinal:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar.

Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (ADICHIE, 2009, p. 16)

A relevância do acesso a essa diversidade de narrativas fica latente, também, no relato de Sophie quando ela afirma:

Sophie: Eu diria que a principal transformação que o *Leia Mulheres* operou na minha vida foi a de passar a ver que existem outras formas de existir no mundo, todas válidas e todas muito diferentes da que me foi ensinada. Eu sou de uma família de pensamento muito tradicional. O objetivo da vida deve ser estudar, encontrar o melhor trabalho possível (e ele não precisa ser agradável), casar, ter filhos e acumular riquezas e propriedades. No *Leia Mulheres* eu conheci mulheres que não vivem assim e que são perfeitamente felizes e saudáveis. Mulheres casadas sem filhos, mães solteiras, mães que perderem seus filhos, donas de casa, artistas, lésbicas, pobres, ricas, idosas, jovens... Me deparar com essa diversidade me deu mais tranquilidade para viver a vida que eu queria viver, nos meus termos. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.293)

Nesse caso, Sophie não está se referindo somente às narrativas presentes nas obras lidas e debatidas, mas também, às narrativas feitas pelas integrantes do grupo durante os debates sobre sua própria experiência de vida. Em outras palavras, ela afirma que o contato com a diversidade de modos de existir como mulher no mundo lhe autorizou a viver a vida em seus próprios termos. O que Sophie descreve é uma espécie de revolução interna que lhe possibilitou sair de um lugar autocentrado para ter acesso a outras histórias e se permitir ser transformada por isso. O acesso a essas diferentes formas de ser e estar no mundo termina por exercer, em sua história, um caráter político, uma vez que algumas dessas experiências, conhecidas por meio das leituras ou dos depoimentos de outras integrantes do grupo, são trazidas para a sua própria vida, interferindo na sua maneira de enxergar o mundo, as outras pessoas e modificando a si mesma. Britto (2017) descreve esse processo de maneira bastante precisa quando argumenta que:

As mulheres, sejam elas escritoras e leitoras ou só leitoras, ao contrário dos homens, não se leem entre si apenas para reforçar os seus lugares isolados, mas há uma invisível ação política dos dois lados: a artista que escreve sensível sobre o cabelo da mulher negra; a que escreve a partir do corpo da mulher trans; a que escreve desde o sexo da mulher; a que revela o segredo de ser escritora; a que rasura o sentido da escrita; a que se liberta; a que... infinitos são os temas, se juntam a milhares de leitoras-mulheres que trazem para a sua própria vida o rasgo simbólico dessa experiência de leitura particular, posto que modifica o seu próprio lugar de sujeito e se transforma, assim, numa mudança política dentro da sua geografia de vida. (BRITTO, 2017, p.50 e 51)

Essa percepção dos encontros do *Leia Mulheres* como um espaço que não se restringe à leitura e ao livro, mas o extrapola, assumindo, também, um caráter político aparece como

um dos aspectos mais dissonantes do relato de Sophie em relação aos depoimentos das demais moderadoras e, até mesmo, de outras integrantes do grupo. Ela demonstra ter essa percepção, mas revela sentir um certo desconforto, uma inquietação com relação a isso, por acreditar que o propósito daquele espaço é outro. Vejamos os trechos a seguir:

Sophie: Eu também percebi naquele primeiro encontro que o *Leia Mulheres* é um espaço misto. Ele é um espaço literário, mas também é um espaço social, político e psicológico. Isso é algo que eu ainda não aprendi a administrar muito bem. Os debates facilmente saem da literatura e vão para o campo das experiências pessoais, dos depoimentos, dos desabafos e até do ativismo. Como não sou psicóloga e nem ativista, nem sempre sei como lidar com isso. Os debates, quando deixados livres, às vezes fogem completamente dos temas propostos no livro que está sendo discutido. Eu evito ao máximo acolher as participantes. Primeiro porque eu não acho que eu saiba como fazer isso, especialmente quando são traumas delicados e profundos, e **segundo porque o *Leia Mulheres* é, em primeiro lugar, um clube de leitura. Existem outros clubes de leitura hoje, liderados por psicólogos, que até cobram dos participantes e fazem esse trabalho mais específico, mas essa não é a nossa proposta.** De qualquer forma, é algo que ainda não tenho claro e bem resolvido dentro de mim. O *Leia Nacional* deixa as mediadoras bem à vontade para que elas façam o que entendam melhor. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.291, 292. Grifos nossos)

Nos trechos destacados, Sophie descreve o *Leia Mulheres* como um espaço literário, social, político e psicológico e reconhece o seu desconforto em lidar com esse espectro variado, uma vez que acredita que os debates devem se restringir ao conteúdo das obras. Nesse trecho, porém, ela afirma que eles, com frequência, enveredam para o campo das experiências pessoais, para os desabafos, para o ativismo. Ela defende que há outros espaços mais propícios para a exposição de relatos dessa natureza e que o *Leia* não teria essa proposta, embora admita não ter isso muito bem resolvido dentro dela.

Esse trecho do relato de Sophie provocou, em minha mente, uma explosão de questionamentos referentes ao propósito dos clubes de leitura e à maneira como eles ocorrem na prática. Primeiramente, fiquei intrigada com a seguinte questão: é possível dissociar a experiência leitora que temos da nossa experiência de vida? Não traríamos, ao acessar uma obra, uma bagagem oriunda justamente dessa experiência vivida, das nossas leituras de mundo, do lugar que ocupamos socialmente? Em seguida, fiquei pensando sobre a origem dos clubes de leitura. Historicamente, esses eram espaços constituídos por pessoas conhecidas entre si, muitas vezes na residência dessas pessoas. Eram espaços íntimos, com pessoas íntimas debatendo uma obra, portanto, seria natural a emergência de temas pessoais. Recentemente, sobretudo com o advento das redes sociais virtuais, se tornou possível reunir pessoas absolutamente desconhecidas entre si, mas com interesses comuns. Seria, então,

inevitável que o caráter de confiança perdesse o seu lugar, ou seria justamente o oposto e as pessoas buscariam nesses lugares exatamente experiências de confissão e autoajuda?

Não tenho respostas definitivas para esses questionamentos, deixo-os registrados, aqui, como uma maneira de fomentar a reflexão sobre o tema. A própria Sophie reconhece não ter isso muito bem resolvido dentro dela e acaba por se contradizer, pois ela já havia afirmado, imediatamente antes em seu relato, que a busca por um espaço mais reservado para os encontros ocorreu, entre outros fatores, por perceber que as pessoas são carentes de espaços coletivos que as acolham em seu sofrimento.

Outro questionamento que surgiu foi: ao falarmos sobre nós mesmas, estaríamos mesmo desvirtuando o propósito do *Leia Mulheres*? Será que estamos tão habituadas com esse modelo terapêutico do falar sobre si que estamos transformando os clubes de leitura em espaços de terapia coletiva? Quando as integrantes falam sobre si, sobre sua experiência, sobre suas emoções ao ler o livro, isso pode ser considerado uma fuga completa do tema? Seria, então, o papel da moderação, evitar que isso ocorresse?

Como o site do *Leia Mulheres* não amarra essa definição, fui buscar outras opiniões sobre o assunto e me deparei com o site *Escrevedeira* que, entre outras coisas, organiza clubes de leitura. Em um texto intitulado *8 razões para participar de um clube de leitura*, o site afirma: “Você pode expor tudo o que pensou e sentiu ao ler o livro sem se preocupar em estar certo ou errado. É liberdade. É respeito. O clube de leitura é, antes de tudo, um espaço de escuta.”.

Essas palavras ficaram ecoando em minha mente. Pensar um clube do livro, sobretudo, como um espaço de escuta, é ter abertura para o inesperado, para o imprevisto. É abrir mão, principalmente como moderadora, da necessidade de controle e previsibilidade sobre os temas que emergem; é, inclusive, recusar-se a delimitar nos próprios termos o que é um clube de leitura, pois essa definição seria delimitada no coletivo. Em seu texto *Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição*, Patricia Hill Collins reflete sobre a importância da voz e da escuta na vida das mulheres negras. Segundo a autora, é significativo que somente as mulheres negras sejam realmente capazes de ouvir umas às outras, principalmente se considerarmos a relevância da voz na vida dessas mulheres, e ela exemplifica com uma situação descrita por Karla Holloway ao falar sobre o apoio mútuo dessas mulheres em sua participação em um clube do livro:

Os eventos que compartilhávamos entre nós tinham sempre um estopim parecido – quando alguém, um professor ou diretor de uma escola infantil, um vendedor de loja, uma equipe médica, tinha nos tratado como se não tivéssemos noção de nós

mesmas, como se não tivéssemos habilidade de perceber qualquer uma das bobagens que eles estavam jogando por nossa goela, ou como se não tivéssemos adquirido o poder adulto de fazer escolhas na vida de nossos filhos. (COLLINS, 2019, p.280. Tradução Natália Luchini.)

Collins (2019) acrescenta que essas mulheres vivenciaram momentos de verdadeira catarse quando, de formas criativas, responderam a essas agressões transmutando-as em outra coisa. Elas sabiam que somente outra mulher negra seria capaz de compreender como é se sentir tratada daquele modo e, ainda que exercitar essa confiança mútua possa parecer perigoso, uma pergunta é salutar: “[...] se não ouvirmos umas às outras, quem irá ouvir?.” (COLLINS, 2019, p.281)

Tendo a acreditar que, considerando as diferentes especificidades de cada grupo (que não são poucas), a mesma frase pode reverberar no contexto do *Leia Mulheres*. Se algumas mulheres sentem a necessidade de expor sua vida mais íntima e pessoal diante das demais durante os encontros, é porque acreditam que ali é um espaço seguro para isso. Fiquei, então, me questionando: se não ouvirmos e acolhermos essas mulheres, quem irá fazê-lo?

Uma assertiva que, também, pode contribuir com essa nossa reflexão sobre o assunto é o lema feminista de que o pessoal é político. O pessoal, o íntimo, importa porque o que acontece comigo numa esfera íntima, privada, não acontece somente a mim, mas também, a diversas outras mulheres, e isso impacta diretamente no funcionamento de toda uma cadeia de (re)produção social. O trabalho não remunerado que realizamos cotidianamente, a decisão de se casar ou não, de ser mãe ou não, tudo isso reverbera no coletivo. E as inúmeras investidas do Estado contra nossos corpos reforça essa necessidade de discutirmos, sim, o pessoal, o íntimo.

Butler (2019) é cirúrgica ao falar sobre esse tema, quando afirma:

[...] a afirmação feminista de que o pessoal é político sugere, em parte, que a experiência subjetiva não é apenas organizada pelos arranjos políticos existentes, mas também os influenciam e reorganizam. A teoria feminista buscou entender como estruturas culturais e políticas, sistêmicas ou que atravessam certa organização social, são determinadas e reproduzidas por atos e práticas individuais; e como a análise de situações ostensivamente pessoais é esclarecida quando essas situações são colocadas em relação com um contexto cultural compartilhado e mais amplo. Os impulsos feministas – tenho certeza que existem mais de um – emergem do reconhecimento de que a minha dor, o meu silêncio, a minha raiva ou a minha percepção não são mais apenas meus, e que isso me coloca em uma situação cultural compartilhada que acaba por me capacitar e empoderar de maneiras que eu não tinha previsto. (BUTLER, 2019, p. 217, 218)

Vamos lá. Os arranjos políticos interferem na organização da nossa experiência subjetiva, mas (e é aí que mora o X da questão) essas mesmas experiências também

influenciam nesses arranjos, reorganizando-os. Analisar essas situações pessoais, relacionando-as ao contexto cultural mais amplo nos permite compreendê-las melhor. Butler (2019), então, arremata dizendo que aquilo que eu acreditava ser algo exclusivamente meu, frequentemente pode ser algo sistêmico e que ter essa percepção nos empodera na luta, e aí acrescento, que esse empoderamento resulta da percepção de que não estou só, que a dor não é exclusivamente minha e que, se tratando de uma questão compartilhada, podemos e devemos buscar saídas coletivas, e não apenas individuais.

A opinião de Sophie, no entanto, destoa do ponto de vista das demais moderadoras, que estão mais alinhadas ao que Butler (2019) defende. Em seus relatos, é possível perceber uma defesa das falas em 1ª pessoa, da partilha das emoções, das experiências pessoais, sugerindo que esses são momentos de intenso aprendizado:

June: Para mim, o debate presencial é imprescindível para captar as reações, escutar os relatos e compartilhar das emoções das leitoras quando tocadas pelas obras. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.302)

June: [...] quando eu participo me posicionando sobre o livro, também acabo me posicionando pessoalmente, trazendo algum relato de algo que vivi em relacionamentos, família ou no trabalho que tenha alguma ligação com os assuntos tratados nos livros. No geral, o meu discurso baseia-se na defesa da liberdade de escolha, da autoestima, da naturalidade e o respeito pelas mulheres, honrar as que vieram antes e fazer algo pelas que estão chegando também, pois a luta pelos direitos das mulheres nunca cessa. Eu apenas evito me posicionar sobre temas mais polêmicos quando eu ainda não tenho um posicionamento claro ou quando não tenho domínio sobre o assunto a ponto de emitir opiniões. Eu gosto muito de escutar, aprendo muito com as falas das participantes e com certeza contribuem para minhas reflexões sobre decisões que tomo na vida, seja sobre relacionamentos, família e trabalho. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.303)

Outra moderadora que corrobora essa percepção sobre o quanto são relevantes e muito valiosos os momentos em que as experiências pessoais das integrantes são compartilhadas nos encontros é Sethe:

Sethe: É um momento, também, que as pessoas falam sobre seus sentimentos, falam das suas experiências. [...] Muitas leituras são um pouco mais pesadas [...] e as pessoas colocam lá suas experiências pessoais. A gente teve experiências muito legais. Livros, por exemplo, que falavam sobre violência, e a pessoa tá ali na roda e, de repente, a pessoa: - Oh, quero falar... eu já vivi isso. Sabe aquele momento mesmo de catarse, né? É um momento, assim, muito rico, tanto como leitora, mas também como mulher, né? É um momento de compartilhar as coisas e de enxergar, não só como leitora, mas como pessoa, como ser humano. Então, é muito rico, muito rico. (Sethe. *Live no Instagram*.⁴⁹ Transcrição nossa.)

⁴⁹ O endereço para acessar a *live* precisou ser ocultado, caso contrário, a sujeita, denominada Sethe, seria facilmente identificada.

Na fala de Sethe, é possível perceber a coalizão entre a leitora e a mulher, entre a leitora e o ser humano. Ambos são indissociáveis e a experiência de uma interfere na experiência da outra.

Essa percepção de que as emoções das integrantes sobre a obra e as suas experiências pessoais são relevantes para o debate ficou latente no encontro virtual realizado no dia 29 de janeiro de 2022. Nessa ocasião, foi discutida a obra *Tudo sobre o amor: Novas perspectivas*, da autoria de bell hooks. A escolha do livro, é bom salientar, se deu em função da morte da autora, aos 69 anos, no dia 15 de dezembro de 2021, de modo que o cronograma foi refeito para contemplar essa homenagem póstuma.

Na referida ocasião, até determinada altura do encontro, o debate estava centrado em falas sobre as ideias apresentadas pela autora no livro. Foi então, que uma das participantes pediu a fala e fez a sugestão de que, a partir daquele momento, cada uma pudesse, também, falar sobre a sua própria experiência com relação ao amor, sobre sua própria história, como em uma espécie de “terapia” (termo que ela mesma usou), pensando o amor na sua própria infância, em seus relacionamentos amorosos, ou na sua experiência com a maternidade. Segundo ela, até então, estávamos discutindo o que a autora disse, mas seria interessante também ouvir como cada uma estaria implicada no tema, como cada uma se vê em relação ao tema em debate, ou seja, como cada uma experimenta ou não o amor em sua própria vida. Muitos relatos se seguiram à sua intervenção e vivenciamos mais um daqueles momentos transformadores em que conhecemos um pouco mais umas às outras e, conseqüentemente, a nós mesmas.

Destaco, aqui, a fala dessa integrante porque ela compartilha da mesma visão de Sethe e de June, de que os debates do clube de leitura são, sim, momentos em que é possível e desejável que as pessoas compartilhem, para além das suas impressões sobre o que foi lido, os seus sentimentos, as suas experiências.

Voltando aos relatos das moderadoras, Lizzie apresenta uma queixa ainda relacionada a esse conflito entre o individual e o coletivo:

Lizzie: Às vezes acho que quando um livro traz um debate menos individual e mais centrado em questões coletivas, históricas, políticas e éticas os participantes demonstram menos interesse, parecem não estar preparados para pensar sobre essas questões, que são mesmo muito complexas e em geral não temos posições muito definidas, são questões que trazem mais dúvidas do que certezas. (RELATO LIZZIE, ANEXO G, p.298)

Essa fala de Lizzie corrobora aquilo que já havíamos percebido sobre a ausência, por exemplo, de obras que suscitem debates relacionados ao veganismo, à indústria da carne, ao agronegócio, a questões ambientais. Mas Lizzie amplia o escopo, incluindo aí questões que ela adjetiva de coletivas, históricas, políticas e éticas. Tal reflexão me traz à memória falas espontâneas de outras integrantes sobre um encontro, anterior à minha chegada no grupo, em que foi debatido o livro *Como conversar com um fascista* da filósofa brasileira Marcia Tiburi. O debate ocorreu no dia 18 de junho de 2016 e os comentários acerca desse dia aludem ao desconforto que foi gerado diante de opiniões divergentes. A autora tem um posicionamento político de esquerda e emprega, desde o título, o adjetivo *fascista* para se referir àquelas pessoas com um posicionamento político e um discurso neoliberal, a que chamamos de extrema direita no Brasil. O ponto de vista da autora é majoritário entre as integrantes do grupo, mas não é uníssono, pois há pessoas que frequentam o grupo com outros posicionamentos políticos, daí a polêmica de algumas delas não se identificarem com a leitura, se sentirem ofendidas.

Um questionamento que pode emergir com relação a esse tema é se livros escritos por mulheres com posicionamento político mais alinhado aos ideais neoliberais têm sido lidos nos encontros. Digamos que esse tipo de obra é evitado porque destoa daquilo que, consciente ou inconscientemente acabou se delineando como o propósito do grupo em Salvador. Não queremos reforçar esse tipo de pensamento incentivando leituras dessa natureza. Há um exemplo bastante emblemático sobre esse assunto. No ano de 2020, durante um período ainda crítico da pandemia de Covid-19, tivemos diversos encontros virtuais para debater o livro *O mito da Beleza*, de Naomi Woolf. A primeira edição do livro, em inglês, foi publicada em 1991. Trata-se de uma obra de não-ficção riquíssima para debater a relação das mulheres com a própria imagem, o próprio corpo e os padrões de beleza. O subtítulo diz: “como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres”. É um livro capaz de mudar completamente a sua percepção de mundo. Acontece que em 2021 Naomi Woolf passou por um cancelamento massivo nas redes sociais por seus posicionamentos negacionistas e antivacina. Arrisco dizer que, se o escândalo tivesse vindo à tona antes, provavelmente o livro escolhido para debater o tema teria sido outro, o que no caso específico da obra em questão, teria sido uma grande perda, tendo em vista a escassez de obras traduzidas para o português que detalhem o assunto com tanta propriedade. Nesse caso, caberia a máxima de tentar fazer essa distinção entre a autora e a obra.

Pode-se argumentar que esse tipo de posicionamento acaba por incorporar um caráter ativista ao grupo. O relato de Sophie parece ir por esse caminho. Quando ela afirma que “Os

debates facilmente saem da literatura e vão para o campo das experiências pessoais, dos depoimentos, dos desabafos e até do ativismo.” (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.291, 292. Grifos nossos), a preposição *até* funciona, nesse contexto, como uma partícula argumentativa e o seu emprego nos permite a interpretação do ativismo como uma espécie de extremo a ser evitado naquele espaço, o que revela uma concepção de clube de leitura que exclui o ativismo da pauta. Mas os encontros revelam que a proposta do *Leia Mulheres* e o ativismo caminham de mãos dadas, a questão talvez seja: quais os ativismos que o grupo sustenta e quais ele tenta neutralizar?

As obras cujo foco são ideias feministas estão sempre em pauta, até pela natureza da proposta do grupo, por isso nos debruçaremos sobre esse tema no tópico a seguir para, no tópico seguinte, voltarmos a falar sobre o controle discursivo que se exerce nos encontros. Ou seja, primeiramente nos debruçaremos sobre o discurso majoritário e as impressões das moderadoras sobre ele para, em seguida, refletirmos sobre as ressalvas que elas mesmas apresentam com relação ao tema e os impactos disso no perfil das participantes mais assíduas.

5.6 Feminismo e suas nuances de gênero, raça e classe

A desvalorização das obras escritas por mulheres já foi debatida e exemplificada no capítulo 3 desta tese, de modo que não pretendo retomar essa discussão nos mesmos moldes, gostaria apenas de salientar que esse processo é consequência de uma sociedade patriarcal e machista, mas é, também, um projeto político de invisibilização dos textos escritos e publicados por mulheres. Federici (2017) afirma que “[...] o vilipêndio literário das mulheres expressava um projeto político preciso com o objetivo de deixá-las sem autonomia nem poder social” (FEDERICI, 2017, p 203) e que essa depreciação da literatura e da cultura produzida por mulheres sempre esteve a serviço de um projeto de expropriação.

Sendo assim, a proposta de incentivo à leitura dessas obras possui em si mesma, um caráter feminista. Mas não apenas isso, no *Leia Mulheres-Salvador*, obras de não-ficção de cunho declaradamente feminista são lidas com bastante regularidade, de modo que o tema é frequente nas reuniões. Isso pode ser considerado ativismo, sim, se recorremos ao sentido filosófico do termo: “[...] qualquer doutrina ou argumentação que privilegie a prática efetiva de transformação da realidade em detrimento da atividade exclusivamente especulativa.” (ATIVISMO, 2018, n.p.). Mas ativismo não possui, nessa concepção, uma conotação negativa, muito pelo contrário, é a iniciativa de levar para a ação aquilo que se acredita, confrontando, interrogando e rompendo com as normas sociais:

Não só elas (as mulheres) rompem com as regras sociais, mas também em sua literatura, elas ousam construir um contradiscurso. O que vem a ser um contradiscurso? É a ideia de não aceitação das normas sociais ou do discurso dominante, construindo outro que o substitui, ou pelo confronto ou pela interrogação desses limites. (ALVES, 2016, p.193 apud BRITTO, 2017, p.35)

Todas as moderadoras, em seus relatos falaram sobre o seu percurso junto às leituras feministas e sobre como avaliam o impacto da sua entrada no *Leia Mulheres* nesse processo:

Sethe: Soube do *Leia* e fiquei fascinada. Não apenas por ser um grupo de leitura, um clube, mas pela proposta feminista, pela coisa toda da visibilidade das mulheres, de fomentar literatura... fiquei encantada. [...]. (RELATO SETHE, ANEXO I, p.305)

Elena: Ademais, tive contato com autoras e livros de teoria feminista, que se não fossem as discussões suscitadas pelos livros teóricos e não teóricos lidos no grupo, eu não conheceria. Essa é uma parte muito interessante da experiência no grupo, pois trouxe uma tomada de consciência sobre a diversidade de correntes e percepções acerca do feminismo. (RELATO ELENA, ANEXO J, p.310)

Lizzie: Fui criada por mãe feminista, então as questões de gênero sempre foram problematizadas na minha vida. A diferença é que antes do *Leia* era difícil ter com quem realmente falar desses temas de forma aberta e sincera. Com as colegas de trabalho, que são as mulheres mais presentes no dia a dia, nem sempre pude falar de maneira tão direta, até para não assustar ou parecer professoral, tinha que ir pelas beiradas e me dava uma preguiça e frustração ... difícil! Mas até que nos últimos anos, por conta da popularização do feminismo nas redes sociais, as colegas até evoluíram bastante, mas nada como a experiência do *Leia*, de ter um espaço em que essas questões estão sempre em destaque. (RELATO LIZZIE, ANEXO G, p.297, 298)

Sethe ressalta que o seu interesse pessoal em participar do *Leia Mulheres* foi motivado não apenas pela proposta de debater as obras que lia com outras pessoas, mas, sobretudo, pela proposta feminista, pela iniciativa em visibilizar a escrita empreendida por mulheres. Sua concepção do propósito do grupo está estreitamente vinculada ao caráter feminista.

Elena, por sua vez, admite que tinha pouco contato com autoras e livros da teoria feminista e que as discussões feitas em torno de livros teóricos e ficcionais no grupo a fizeram se aproximar desse universo, o que ela considera uma experiência muito interessante do grupo.

Lizzie, por seu turno, afirma ter sido criada por mãe feminista, de modo que as questões de gênero sempre foram problematizadas em sua vida. Sua dificuldade era ter com quem conversar sobre esses assuntos de forma horizontal, experiência que ela afirma ter vivenciado no *Leia Mulheres*.

Outro aspecto pontuado por algumas moderadoras foi o impacto da proposta do *Leia Mulheres* no gênero de quem escreve as obras que passaram a ler. Elena e June, por exemplo,

argumentam ter se dado conta do quanto suas estantes estavam masculinas e como houve uma transição gradativa para a leitura de mais livros escritos por mulheres:

Elena: Nessa linha de reflexão sobre as leituras realizadas no grupo, eu não poderia deixar de registrar que foi impactante perceber como, antes de entrar no clube de leitura, a maioria dos livros que eu lia eram escritos por homens, o que mudou muito hoje. Continuo lendo obras de autoria masculina, mas sem a predominância que havia antes. Na verdade, acredito que hoje leio mais livros escritos por mulheres do que por homens. Ao tomar conhecimento de tantas autoras fascinantes, e levando em consideração a desproporção de gênero que havia nas minhas leituras, resolvi mudar isso. Em algum momento, devo fazer uma seleção de leituras mais igualitária, mas por enquanto, conhecer mais escritoras mulheres tem sido uma diretriz para mim. (RELATO ELENA, ANEXO J, p.310)

June: O *Leia Mulheres* certamente interferiu na minha trajetória como leitora porque me fez analisar o quanto a minha estante estava masculina, além de me fazer conhecer escritoras e obras que provavelmente eu não conheceria por outros meios. Acredito que isso acontece com a maioria das pessoas que participam e que inclusive justifique a iniciativa de se criar um clube de leitura para ler e discutir livros exclusivamente escritos por mulheres, inclusive muitas delas pouco conhecidas do grande público. Então, eu acredito que o *Leia* acaba contribuindo para ficarmos mais seletivas e críticas em relação ao que lemos e ao que nos oferecem. Por exemplo, se vejo uma lista de livros qualquer de lidos ou sugeridos por alguém ou algum site, certamente hoje, o gênero dos autores me chamará a atenção e vou atentar para a existência e a proporção de autoras mulheres na lista. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.301)

A leitura de obras escritas por mulheres age, na vida dessas moderadoras, como uma ruptura com o monólogo da autoria masculina, com a entrada de outras vozes em seu repertório de leitura. Monólogo esse que por tanto tempo reproduzimos sem questionamento, porque era o que nos estava posto. O clube de leitura funciona, assim, como um convite a repensar nossos critérios de escolha, considerando o gênero de quem escreve como um critério de seleção das obras que serão lidas. Elena, no entanto, ressalta que pretende, em algum momento da sua vida, estabelecer uma relação mais igualitária com relação à leitura de obras escritas por homens e obras escritas por mulheres, mas reconhece a necessidade de, antes, compensar essa balança que esteve, durante tanto tempo, desequilibrada.

Essa transformação não ocorre sem reverberar em outros aspectos da vida. Pois, como já discutimos anteriormente, quando nos vemos representadas naquilo que lemos, isso nos leva a refletir sobre aquelas questões abordadas nas obras em relação à nossa própria vida. June apresentou algumas considerações nesse sentido em seu relato:

June: Na minha vida pessoal e profissional, o conhecimento e a reflexão sobre os variados temas que perpassam a questão de gênero nos livros debatidos certamente me municiaram de coragem e motivação para ter uma postura mais crítica em diversas situações, seja no ambiente familiar e íntimo, seja no ambiente do trabalho

e outros contextos sociais, quando senti algum tratamento diferenciado ou desigual pelo fato de ser mulher. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.301)

June: Conhecer de forma mais detalhada e profunda sobre a vida de tantas mulheres diferentes, reais ou fictícias, nos livros estudados, certamente me fez desenvolver mais ainda a empatia pelo outro, mesmo quando o outro não é, mas sobretudo quando é uma mulher, o que traz outro conceito que eu aprendi muito ao longo desses anos participando dos encontros do *Leia*, que é o de sororidade. As reflexões a partir das leituras e dos debates me fazem exercitar o respeito e a tolerância em relação ao outro, a atitudes e pensamentos que sejam diferentes, e até divergentes, do meu. Não me recordo de uma obra em específico, mas ao adentrar no universo de mulheres tão distantes de mim, geográfica, física e culturalmente, eu aprendo sobre modos de vida que não teria outra maneira de ter acesso e acabo compreendendo buscando não fazer julgamentos. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.301, 302)

As falas de June demonstram que essa visão crítica que as leituras e debates propiciaram não fica restrita à seleção da autoria das obras, ou ao universo da leitura em si, mas se amplia, levando-a a se posicionar de maneira crítica, também, em outros contextos da vida: o familiar, o íntimo, o profissional; além de possibilitar a tomada de conhecimento acerca da realidade de outras mulheres que vivem e pensam de forma diferente da sua, algo que foi mencionado também por Sophie em seu relato.

June, por fim, salienta que, embora tenha percebido alterações em sua vida pessoal, hoje, percebe que mudanças estruturais significativas só ocorrerão com um engajamento coletivo na luta pela igualdade de gênero. Nesse aspecto, ela ressalta uma leitura em particular que lhe foi bastante significativa:

June: - *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks, é um livro pequeno mas tão rico, abordando as diferentes fases e definições de feminismo, bem como os desafios do movimento para obter resultados concretos e tem um foco na conscientização de que o feminismo, de fato, precisa do envolvimento de todos para realizar as mudanças necessárias. Por mais que tenhamos mulheres conscientes e empoderadas, só teremos mudanças reais quando todos, nos diversos setores, se engajarem nas questões trazidas pelo feminismo. É um livro muito inspirador e que traz esperança. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.301)

Mas nem todas as moderadoras partilham do mesmo ponto de vista com relação ao caráter feminista que o grupo vem assumindo. Sophie, em seu relato, afirma que os debates em torno do Feminismo são, do seu ponto de vista, muito introdutórios:

Sophie: Eu comecei a estudar feminismo logo que entrei na faculdade, aos 18 anos. Eu participava de um grupo de extensão chamado “GEGE Mahin”, em homenagem a Luiza Mahin. Nós líamos textos feministas teóricos e também organizávamos dinâmicas e eventos. O *Leia Mulheres* não acrescentou muito nesse aspecto. Aliás, eu diria que muitas de nossas discussões são bem introdutórias ao feminismo. Me lembro de um livro de Rebeca Solnit que lemos, *Os Homens Explicam Tudo para mim*, que é bem básico, bem para iniciantes. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.295, 296)

Sua experiência prévia com o tema durante o período em que cursava faculdade, lhe deu uma outra percepção acerca do assunto. O que, para algumas, foi o primeiro contato como leituras dessa natureza, para ela, não foi tão impactante assim. E ela acrescenta:

Sophie: O que o *Leia Mulheres* me fez ver claramente [...] é que nós, feministas, não estamos abertas ao diálogo de verdade, nem com outras mulheres e muito menos com os homens. Existe uma guerra entre o feminismo negro e o feminismo branco, entre o feminismo liberal e o feminismo radical, e isso também atinge o *Leia Mulheres*. Chimamanda é uma escritora feminista que vem alertando para isso, para a importância de um diálogo concreto, e não fictício. Não estou me isentando disso. Também tenho dificuldade para conversar com quem pensa de maneira muito diferente de mim. E também me pergunto se o feminismo tem que dialogar, se o caminho não é a confrontação mesmo, mas acho que tudo isso é muito pouco discutido, e comecei a ver isso claramente após o *Leia Mulheres*. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.296)

A visão defendida por Sophie no trecho acima possui diversas nuances, algumas das quais gostaria de debater aqui não necessariamente na ordem em que aparecem no texto.

Primeiramente, gostaria de salientar a necessidade que Sophie aponta de nos abirmos para o diálogo com os homens. Nesse aspecto da sua argumentação, Sophie aplica ao gênero o mesmo que Grada Kilomba defende ao falar sobre o racismo ao afirmar que “O racismo é uma problemática branca.” (O RACISMO, 2016). Nessa perspectiva, sendo o machismo uma problemática dos homens, eles precisam estar envolvidos nos debates e nas ações sobre o tema, pois estão implicados diretamente. Sophie não é a única que pontua a necessidade de ampliar esse diálogo. June, em seu relato também salienta a ausência masculina nos encontros. Ela diz:

June: Um assunto que às vezes me inquieta é ausência praticamente de homens nos encontros presenciais, e mesmo agora, na versão online. Porque eu acredito que seria importante que eles escutassem as mulheres, sejam as autoras através de suas obras, sejam as leitoras através das falas nos debates. Como diz Chimamanda em seu manifesto, “sejamos todOs feministas” e como defende bell hooks, “feminismo é para todo mundo”. Igualmente seria importante escutar o que eles pensam sobre também. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.303)

Tanto Sophie, quanto June, ao falarem sobre o tema, remetem às ideias de Chimamanda que, em seus livros e palestras, tem destacado a importância do envolvimento coletivo de mulheres e homens, como sociedade que somos, no sentido de transformar a cultura machista que se perpetua frequentemente de forma irrefletida. June acrescenta, ainda, a visão de hooks (2018) sobre o tema. Ambas as autoras são mulheres negras que acreditam

no poder e na força de inserir os homens na luta como aliados, em vez de enxergá-los como inimigos. No livro de hooks (2018) mencionado por June, a autora salienta as transformações pelas quais passou o Feminismo em seus primórdios ao perceber que o problema contra o qual se lutava não eram os homens:

À medida que o movimento progredia, à medida que o pensamento feminista avançava, ativistas feministas intelectuais enxergaram que os homens não eram o problema, que o problema era o patriarcado, o sexismo e a dominação masculina. Era difícil encarar a realidade de que o problema não estava apenas com os homens. Encarar essa realidade exigia uma teorização mais complexa; exigia reconhecer o papel que as mulheres tinham na manutenção e perpetuação do sexismo. (HOOKS, 2018, p.103. Tradução Ana Luiza Libânio)

Abrir um canal de diálogo com os homens, portanto, é imprescindível. Incentivar a sua presença nos encontros para que nos ouçam e para que possamos ouvi-los, também. A leitura masculina das obras escritas por mulheres também é crucial, caso contrário, permaneceremos falando apenas entre nós, sem expandir o debate para os demais grupos sociais implicados nele.

Lauretis (2019)⁵⁰ chama a atenção para as evidências de que os homens costumam ocupar um lugar de leitores antagonistas da ficção escrita por mulheres, em outras palavras, não é que eles não possam ler textos ficcionais escritos por nós, é que eles não querem. Esse panorama nos permite compreender algumas das razões para a ausência masculina nos encontros a que June se refere. Outro fator que precisa ser levado em consideração é a percepção do senso comum de que mulheres feministas são anti-homem, o que, embora não corresponda à realidade, é uma imagem bastante cristalizada no imaginário coletivo. Desse modo, ao perceberem um possível caráter feminista do *Leia Mulheres*, alguns homens podem vir a se sentir acuados. Diante disso, algumas pessoas podem se questionar por que, então, as mulheres que frequentam o grupo não levam consigo seus cônjuges e companheiros. Uma resposta possível é que, para muitas dessas mulheres (e digo isso com base em uma percepção minha também), o *Leia* se configurou como um espaço próprio, distante das obrigações familiares e dos cuidados com marido e prole, posição que precisa ser respeitada, embora seja válido, de tempos em tempos, nos questionarmos a respeito.

Essa ausência masculina também pode estar relacionada ao controle discursivo que se exerce durante os encontros, assunto que também foi pauta no relato de uma das moderadoras e sobre o qual nos deteremos mais atentamente em um próximo subtópico. Gostaria, no entanto, de retornar à fala de Sophie destacada anteriormente, pois há, ainda, um segundo

⁵⁰ Tradução Susana Bornéo.

aspecto que desejo ressaltar. Ao afirmar que, como feministas, não estamos abertas a dialogar de verdade com outras mulheres, argumentando que há uma “guerra” entre o feminismo negro e o feminismo branco, entre o feminismo liberal e o feminismo radical, Sophie assume uma posição de eleger o gênero como aspecto central da luta, sugerindo uma unificação das pautas dos movimentos.

Haraway (2019) discute essa fragmentação das identidades, apresentando um ponto de vista divergente do de Sophie, que gostaria de resgatar para reflexão. A autora ressalta a dificuldade atual em se nomear o Feminismo por um único adjetivo, ou mesmo, em insistir na utilização do termo em qualquer circunstância, considerando a consciência de que nomear de maneira única, é, também, produzir uma exclusão, afinal, as identidades em jogo parecem contraditórias, parciais e estratégicas. Após reconhecermos, de forma árdua, que gênero, raça e classe são constituídos social e historicamente, esses elementos não poderiam mais fundamentar a crença em uma unidade essencial. Em suas palavras:

Não existe nada no fato de ‘ser mulher’ que naturalmente una as mulheres. Não existe nem mesmo uma tal situação – ‘ser’ mulher. Trata-se, ela própria, de uma categoria altamente complexa, construída por meio de discursos científicos, sexuais e de outras práticas sociais questionáveis. A consciência de classe, de raça ou de gênero é uma conquista que nos foi imposta pela terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado. [...] A existência de uma dolorosa fragmentação entre as feministas (pra não dizer ‘entre as mulheres’), ao longo de cada fissura possível, tem tornado escorregadio o conceito de mulher: ele acaba funcionando como uma desculpa para a matriz das dominações que as mulheres exercem umas sobre as outras. (HARAWAY, 2019, p. 165, 166)

Segundo ela, esse cenário provoca nela mesma e em outras mulheres com uma localização histórica similar, ou seja, mulheres brancas, estadunidenses, de classe média profissional, de meia-idade e com posicionamento político de esquerda, inúmeras crises de identidade política. Mas a autora aponta uma saída: a busca por uma coalizão em lugar da busca por uma unidade centrada na identidade. Em outras palavras, em vez de insistirmos em uma unidade fictícia, aceitarmos a existência das diferenças e buscarmos alianças entre os diferentes posicionamentos e as pautas diversas, em vez de tentarmos delimitar *O Feminismo*, aceitar e compreender a existência de feminismos plurais e estabelecer um diálogo entre eles.

Penso, então, que a guerra a que Sophie se refere não é uma guerra, senão a diversidade de *lugares de fala* dentro de um paradigma feminista, certamente diferentes, mas não necessariamente divergentes. Exemplifico. Houve, no *Leia Mulheres-Salvador*, um episódio que ilustra bem essa reflexão. Em 25 de março de 2017, ocorreu um encontro, em parceria com o *Lendo Mulheres Negras*, para discutir o livro *Olhos d’Água* de Conceição

Evaristo. Já me referi a esse encontro anteriormente, pois foi a partir da divulgação, na rede social de uma amiga, de uma foto tirada nessa ocasião que tomei conhecimento do grupo e comecei a frequentá-lo. O que não havia dito ainda é que essa foi uma ocasião emblemática para o grupo pelo seguinte: ao longo do debate, houve um momento em que uma das mulheres presentes, com tom de pele claro, argumentou que havia por parte das pessoas negras uma *vitimização*. A reação das integrantes do *Lendo Mulheres Negras* foi bastante incisiva. Houve um mal-estar. O grupo se dividiu, houve quem achasse absurda a fala da menina, houve quem achasse exagerada a reação das pessoas do outro grupo. A história virou um dos *tabus* do *Leia* em Salvador. A maioria das integrantes já ouviu falar sobre ela em algum momento, mas quando questionadas sobre o assunto, as moderadoras se esquivam de falar sobre ele de maneira aprofundada. Existe um silêncio a respeito nos relatos, mas é um silêncio que diz muito sobre a nossa dificuldade em falar abertamente sobre esses atritos e, nisso, talvez Sophie tenha razão, talvez tenhamos mesmo muita dificuldade em dialogar com a diferença. Esses atritos, inclusive, nos dizem muito sobre os próprios atritos em torno dos feminismos, com suas diferentes abordagens, e das organizações de mulheres.

A questão racial aparece, também, nos relatos (e no questionário) de June e de Sethe. June a menciona quando questionada a respeito da obra lida que mais lhe marcou. Sua resposta foi:

June: Foram muitas as obras que me impactaram, trouxeram inquietações e reflexões, mas se eu tiver que citar apenas uma, fico com *Quarto de despejo*, de Carolina de Jesus.

A escolha se deve não só pelo conteúdo da obra em si, mas por tudo que representa, seja a visão da mulher negra, da favela e sua realidade, por ela mesma, seja o silenciamento, evidenciado pelo fato do livro e da autora terem ficado desconhecidos por tanto tempo no país, sendo divulgados anteriormente no exterior. Se não fosse pelo *Leia Mulheres*, talvez eu ainda ignorasse a existência dela até hoje. (QUESTIONÁRIO JUNE, Anexo C, p.281)

Com relação à *Quarto de despejo*, no relato, ela acrescenta ainda que:

June: - *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus [...] é uma obra essencial, que todos deveriam ler e que me despertou indignação por nunca ter ouvido falar dela antes. Foi uma obra e debate marcantes por representar a fala de uma mulher, negra e pobre sobre a sua realidade, através da escrita, que já era algo surpreendente para alguém na condição dela, naquele contexto histórico e geográfico. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.300)

É interessante ressaltar que, nos dois momentos em que menciona o livro de Carolina Maria de Jesus, os aspectos de raça e classe são pontuados de forma conjunta. A autora é

descrita não somente como uma mulher negra, mas como uma mulher negra da favela, como uma mulher negra e pobre. Essa vinculação dos aspectos de raça e classe tem relação com a obra em si e com a sua autora que era, de fato, uma mulher negra, catadora de papel, moradora de uma favela. Mas, se nos detivermos um pouco mais na análise, perceberemos que raça e classe no Brasil estão estreitamente vinculadas para além da obra da referida autora. Carneiro (2000), em texto veiculado pelo portal *Geledés* já afirmava que “[...] pobreza tem cor no Brasil.” (CARNEIRO, 2000). Essa é a conclusão a que a autora chega com base no estudo apresentado pelo economista Marcelo Paixão, no II Foro Global sobre Desenvolvimento Humano, intitulado “Desenvolvimento humano e desigualdades étnicas no Brasil: um retrato de final de século”. Com base nos dados apresentados, ela constata a distância, decorrente de uma apartação social existente no Brasil, entre uma elite branca minoritária, e uma maioria negra que vive na pobreza, sendo impossível ignorar o abismo existente entre esses dois extremos.

É comum lermos análises que, de maneira bastante simplista, atribuem as razões da marginalização do povo negro no Brasil exclusivamente às consequências da escravidão. Essa é uma explicação verdadeira, porém, incompleta, tendo em vista que seguimos, ainda hoje, como sociedade, reafirmando práticas racistas de acesso à educação de qualidade e, posteriormente, ao mercado de trabalho, de modo a perpetuar as desigualdades perpetradas pelo modo como transcorreu o pós-abolicionismo imediato nessas terras. Souza (2018) nos alerta para essa situação quando afirma que:

[...] a atribuição da marginalidade do negro a causas outras que não a cor e o racismo equivaleria a atribuir a culpa da mesma à sua vítima. Ora, é precisamente o abandono secular do negro e do dependente de qualquer cor à própria sorte a causa óbvia de sua inadaptação. Foi esse abandono que criou condições perversas de eternização de um *habitus* precário, que constrange esses grupos a uma vida marginal e humilhante. [...] Na realidade, portanto, não é a continuação do passado no presente inercialmente que está em jogo, realidade esta destinada a desaparecer com o desenvolvimento econômico, mas a redefinição moderna do negro (e do dependente ou agregado brasileiro rural ou urbano de qualquer cor) como imprestável para exercer qualquer atividade relevante e produtiva no novo contexto, que constitui o quadro da nova situação de marginalidade. (SOUZA, 2018, p. 230, 231, 232)

Carolina Maria de Jesus conseguiu, em sua época, transpor as barreiras de gênero, raça e classe e ser publicada e lida. Seu êxito como escritora, no entanto, não pode ser confundido com o discurso meritocrático de que se ela conseguiu, qualquer mulher negra e pobre em situações semelhantes consegue. Ela é uma exceção que, na verdade, confirma a regra. Além disso, sua repercussão na época não necessariamente se refletiu em ampla divulgação do seu

trabalho, tendo em vista que, ainda hoje, apesar da sua relevância para a literatura brasileira, sua obra é pouco divulgada e pouco lida pelo público geral, ficando restrita a poucos nichos. A própria June argumenta que nunca havia ouvido falar dela antes e que não fosse a sua participação no *Leia Mulheres*, provavelmente, seguiria ignorando a sua existência. Essa colocação de June nos alerta, também, para o caráter branco e de classe média do *Leia Mulheres-Salvador*. Sethe, a única das moderadoras a se autodeclarar negra nos relatos, observa como, para além da questão de gênero, as questões racial e social interferem na maneira como ela se posiciona frente ao grupo:

Sethe: Geralmente, nos debates, os pontos de vista têm necessariamente a ver com a posição social que o outro ocupa. Muitas vezes eu trago um contraponto (vejo mais como contraponto do que como divergência) a partir do local social em que estou inserida. A maioria das pessoas que frequenta o *Leia Mulheres* está em uma determinada classe social e são pessoas brancas em sua maioria. Eu sou uma pessoa negra e oriunda de classe popular, de periferia. Alguns pontos de vista que envolvem posicionamentos de classe e raça sempre me tomam, eu sou muito reativa a isso, melhor, eu sou negra em um país e em uma cidade racista então com certeza serei reativa e sempre que vejo esses discursos eu me posiciono e trago como contraponto o meu local de fala. (RELATO SETHE, Anexo I, p.307)

Já discutimos no Capítulo 3 desta tese, no subtópico 3.5 a relevância do *Lugar de Fala* na representação literária. Aqui, esse conceito é retomado no relato de Sethe no contexto dos debates do grupo. Ela ressalta a importância da posição social de cada participante do *Leia* nos pontos de vista que defende e destaca que, nesse contexto, majoritariamente branco e de classe média, a sua presença como mulher negra, oriunda da periferia é responsável por apresentar contrapontos condizentes com o seu local de fala. Seus posicionamentos mais assertivos, que ela mesma define como uma postura reativa, mostram-se necessários e indispensáveis, caso contrário, ela correria o risco de, como nos alerta Gonzalez (2020) ser descolorida e desracializada perante o grupo:

[...] buscamos o movimento de mulheres, a teoria e a prática feministas, acreditando poder encontrar ali uma solidariedade tão cara à questão racial: a irmandade. Contudo, o que realmente encontramos são as práticas de exclusão e dominação racistas [...]. Nós somos invisíveis nos três aspectos do movimento de mulheres; mesmo naquele em que nossa presença é maior, somos descoloridas ou desracializadas e colocadas na categoria popular. [...]. (GONZALEZ, 2020, p.148)

Sua fala também nos alerta para a necessidade de, como vem reivindicando Sueli Carneiro, “enegrecer o feminismo” (CARNEIRO, 2019, p.313), ou seja, de pautar as questões raciais dentro do debate de gênero. Em suas palavras:

Enegrecer o movimento feminista brasileiro significa, concretamente, demarcar e instituir na agenda do movimento de mulheres o peso que a questão racial tem na configuração, por exemplo, das políticas demográficas, na caracterização da violência contra a mulher pela introdução do conceito de violência racial como aspecto determinante das formas de violência sofridas por metade da população feminina do país, que não é branca; introduzir a discussão sobre as doenças étnicas/raciais ou as doenças com maior incidência sobre a população negra como questões fundamentais na formulação de políticas públicas na área de saúde; instituir a crítica aos mecanismos de seleção no mercado de trabalho como a ‘boa aparência’, que mantém as desigualdades e os privilégios entre as mulheres brancas e negras. (CARNEIRO, 2019, p.316)

A leitura de *Quarto de Despejo*, bem como de outras obras da autoria de mulheres negras são passos significativos que o *Leia Mulheres-Salvador* tem dado nessa direção, mas é preciso estarmos atentas a essas questões todo o tempo, para não correremos o risco de nos fecharmos em uma bolha de supremacia branca de classe média que ofusque as questões de raça e classe como algo distante, quando deveriam ser o cerne das nossas preocupações, uma vez que não há liberdade para as mulheres elegendo-se um grupo estrito de mulheres, ou, em outras palavras, não há liberdade para as mulheres enquanto essa liberdade não alcançar todas as mulheres.

5.7 Maternidade

Ainda dentro do espectro de temas relacionados ao Feminismo, um assunto mencionado pelas moderadoras em seus relatos foi a sua relação com a maternidade. Embora não fosse um tópico sugerido por mim para a elaboração dos relatos, foi contemplado nas perguntas feitas no questionário para a construção do perfil das sujeitas da pesquisa. Questionei se as participantes da pesquisa eram mães, em caso afirmativo, quantos(as) filhos(as) tinham e com que idade e, em caso negativo, se pretendiam ser mães no futuro e solicitei que justificassem sua resposta. Das 5 (cinco) moderadoras, somente Sethe já é mãe. Tendo uma filha, então, com 23 anos de idade. Em seu relato, o tema é retomado de forma espontânea quando ela discorria sobre os impactos da participação no *Leia Mulheres* em sua vida pessoal. Ela afirma:

Sethe: Outra coisa que mudou foi a questão da maternidade. Apesar de sermos feministas e de termos tantas leituras, literaturas sobre a questão da mulher, já ter votado, já ter ido para a política, já enfim, mas a questão da maternidade parece que é um campo intocável. É um campo que tem umas ideias que não tem feminista que desgrude da cabeça, a maneira como a gente educa, a maneira como a gente vê o filho, uma série de coisas... A gente fez algumas discussões de alguns livros que sempre trouxeram a maternidade para ser discutido. E aí eu comecei a rever muito

essa minha relação de maternidade, a partir dessa reflexão, a partir desse estudo deste livro, a partir da discussão. (RELATO SETHE, ANEXO I, p.306, 307)

Esse trecho é bastante emblemático, pois Sethe ressalta a dificuldade que temos, como mulheres, de reavaliar a nossa relação com a maternidade a partir de todo o nosso conhecimento acerca do Feminismo. Ela caracteriza esse assunto como um “campo intocável” e diz existirem ideias tão arraigadas acerca do assunto que não há “feminista que desgrude da cabeça” acerca da maneira como educamos nossos(as) filhos(as). Hooks (2018) nos alerta a respeito desse assunto ao afirmar que pensadoras feministas que nas demais áreas criticaram o determinismo biológico, frequentemente aderiram a ele no que se refere à maternagem, por não conseguirem digerir muito bem a ideia de que os pais são tão importantes quanto as mães na educação das crianças e que podem exercer a parentalidade tão bem quanto elas.

Esse bloqueio que criamos com relação ao tema resulta num maternar repleto de sobrecarga e, quando isso não ocorre, repleto de culpa, ou seja, da sensação de que estamos falhando terrivelmente como mães, não importa o que façamos em prol de nossos filhos e filhas. Culpa essa que é fruto de uma sociedade que sempre cobra de nós a perfeição no que quer que façamos. Internalizamos esses discursos de tal maneira que não é necessário que ninguém nos aponte ou questione nossas práticas (embora as pessoas se sintam autorizadas a fazê-lo o tempo inteiro), nós mesmas nos tornamos nossas próprias carrascas. E quando o assunto é cuidado, a cobrança recai sobretudo em cima da mãe, muito embora ela não tenha concebido sozinha e nem seja a única responsável pelos cuidados e pela educação. Essa culpa se potencializa quando os moldes dessa maternagem fogem ao que é considerado socialmente aceitável. No caso de Sethe, seu maternar destoa do padrão uma vez que a filha, atualmente, reside com o pai e não com ela, o que leva as pessoas a questionarem constantemente as razões para tal decisão e a colocarem em dúvida o seu papel como mãe. Essa situação nos leva a refletir sobre quais identidades maternais, ou mesmo paternais seriam socialmente aceitáveis, uma vez que os modelos de família atualmente são bastante diversos, afinal:

A família nuclear tradicional não é mais a regra. As cidades estão cheias de famílias mescladas, relações de parentesco complexas decorrentes de divórcio e novo casamento, pais solteiros, relações homossexuais, famílias poliamorosas, famílias adotivas, migração de membros da família, lares não familiares, lares de várias gerações, ninhos vazios e muito mais. (KERN, 2019, p. 68)

Ao que me parece, nunca haverá um modo correto o suficiente de maternar. Mesmo numa família nuclear heteronormativa, que seria o suposto modelo, nenhuma mãe será considerada boa o suficiente. Solnit (2017b) reflete a respeito do tema e constata que, mesmo

que houvesse um modo correto de ser mãe, as mães continuariam sistematicamente a ser consideradas relapsas:

Uma mãe pode ser tratada como criminosa se deixar o filho sozinho por cinco minutos, mesmo que o pai dessa criança a tenha deixado sozinho por vários anos. Algumas mulheres me disseram que, depois de terem tido filhos, passaram a ser tratadas como seres apáticos desprovidos de inteligência, que não devem ser levados em consideração. Muitas tiveram de ouvir que não podem ser levadas a sério como profissionais porque em algum momento vão engravidar. E muitas mães que de fato se saem bem no exercício da profissão são suspeitas de estar negligenciando os filhos. Não existe nenhuma boa maneira de responder como é ser mulher; o truque talvez esteja em saber rejeitar a pergunta. (SOLNIT, 2017b, pos. 86 a 90)

Desse modo, vamos reforçando ideais inalcançáveis no nosso atual cenário e culpando as mães por falhas sociais. Há, nesse ponto, um aspecto que eu gostaria de destacar. O movimento feminista, em seus primórdios, criticava de forma bastante severa o casamento e a maternidade por compreender que eles cerceavam a liberdade das mulheres em seguir outros caminhos pessoais, profissionais e intelectuais. Ser esposa, mãe e dona de casa restringia a circulação das mulheres, na maior parte do tempo, à esfera privada, doméstica e resultava naquilo que foi denominado por Friedan (2020 [1963]), em seu aclamado livro *A mística feminina*, como “o problema sem nome”. Ao empregar essa expressão, a autora se refere ao fato de que, ao longo da década de 1960, milhares de mulheres estadunidenses estavam insatisfeitas com suas vidas restritas aos cuidados da casa, das crianças e do marido e não conseguiam exatamente denominar o que lhes acontecia, achando que se tratava de um problema individual quando, na verdade, se tratava de uma questão estrutural que afligia inúmeras mulheres ao redor do país. Como reação a esse cenário, o Feminismo criticava a maternagem e defendia a ocupação de espaços públicos e carreiras profissionais pelas mulheres. Contudo, com o passar dos anos, percebeu-se que o problema não eram o casamento e a maternidade em si, mas a desvalorização desse trabalho não remunerado exercido diariamente pelas mulheres no contexto doméstico, a que Federici (2019)⁵¹ denomina “trabalho reprodutivo”. Ao fazer uma análise dessa transição, hooks (2018) afirma:

No início do feminismo, as feministas eram duras na crítica à maternagem, opondo essa tarefa a carreiras consideradas mais libertadoras, mais autoafirmadoras. No entanto, no meio da década de 1980, pensadoras feministas desafiavam a desvalorização feminista da maternidade e a supervalorização do trabalho fora de casa. (HOOKS, 2018, p.114)

⁵¹ Tradução Coletivo Sycorax.

O cenário mudou bastante do momento descrito pela autora para cá, mas é perceptível que esse não é um tema bem resolvido para a maioria das mulheres ainda. A maioria acredita que precisa decidir entre ser mãe e ter uma carreira promissora. A possibilidade de realizar ambos parece algo distante, mas há algumas nuances nessa percepção. É possível avaliar que essa percepção é verdadeira, uma vez que, para conciliar maternidade e carreira, precisaríamos de uma rede de apoio familiar, estatal ou privada, com a qual a maior parte das mulheres não pode contar. Por outro lado, acreditar que só é possível escolher um dos dois é reafirmar as cobranças que recaem sobre nós de que precisamos ser as melhores em tudo o que fizermos, e isso incluiu carreira profissional e maternidade, e isso não é necessariamente verdadeiro.

Muitas mulheres, diante desse dilema, optam por adiar o seu desejo de ser mães, por acreditarem que precisam estar com a vida pessoal e profissional muito bem estabelecida para, só então, engravidar. Foi o que ocorreu com June:

June: Pretendo ter filhos porque sempre foi minha vontade. Não realizei antes porque me dediquei aos estudos/trabalho em busca de estabilidade. Além disso, faltou um parceiro para realizar esse desejo. Apesar da idade, os avanços da medicina me dão esperança de ainda vivenciar a maternidade. (QUESTIONÁRIO JUNE, ANEXO C, p.279)

Nesse caso, o desejo da maternidade termina sendo postergado em detrimento da vida profissional que acaba sendo priorizada por conta da estabilidade e independência financeira que proporciona. A procrastinação de June se justifica sobretudo se considerarmos os dados de pesquisas recentes indicando que, atualmente, mulheres com empregos formais fora de casa dedicam a mesma quantidade de tempo aos cuidados com a casa e com a família que as mães donas de casa devotavam nos anos 1970. É um dado alarmante que demonstra o quanto conciliar a vida profissional com a maternagem pode ser algo exaustivo, o que nos leva a constatar que a expressão “dupla jornada” não é somente uma metáfora, mas uma realidade, a mulher acaba assumindo dois empregos e, para tanto, sacrifica o seu sono e seu tempo de diversão (PETERSEN, 2020).

Diante disso, muitas mulheres decidem, ainda, não engravidar, por acreditarem ser a maternidade uma tarefa que demanda demais, privando a mulher de sua liberdade para desempenhar outros papéis, ou ainda, por terem em vista as dificuldades em educar crianças em um contexto tão desafiador como o que temos vivido. A moderadora Elena, por exemplo, diante da pergunta “Pretende ter filhos(as) no futuro? Justifique sua resposta.”, respondeu:

Elena: Não. Inaptidão para a maternidade, associado ao compromisso a longo prazo e renúncias que criar um filho impõe. (QUESTIONÁRIO ELENA, ANEXO E, p. 288)

As renúncias a que Elena se refere não são poucas, ainda mais considerando que temos vivido em um contexto no qual as exigências sobre o modo de maternar tem sido exaustivas. Essa tendência tem sido denominada por algumas pesquisadoras como *maternidade intensiva* e se caracteriza por uma centralidade nas crianças, por uma alta demanda de especialistas na orientação sobre como proceder e por um trabalho intensivo por parte de mães e pais, financeiramente caro, quando não inviável, estabelecendo uma verdadeira mística em torno da maternidade. As exigências contemplam marcas de produtos, excesso de atividades orientadas no tempo ocioso das crianças, a necessidade de supervisão absoluta, demandando uma quantidade de tempo, dinheiro e trabalho emocional incompatíveis com a vida da maioria dos pais e mães que trabalham fora (KERN, 2019; PETERSEN, 2020).

Toda essa demanda tem levado responsáveis pelo cuidado a um quadro que tem sido popularizado como *burnout parental*, que não afeta somente as mães, mas, como continuamos, via de regra, a ser as principais responsáveis pela execução da maior parte do trabalho reprodutivo e doméstico, somos as mais afetadas. O *burnout parental* nada mais é do que a exaustão diante da quantidade excessiva de tarefas relacionadas ao cuidado das crianças, e tem relação com as expectativas irreais que são colocadas sobre o maternar atualmente. Ele ocorre quando “[...] a distância entre o ideal e a realidade possível e vivida se torna grande demais para suportar.” (PETERSEN, 2020, p. 282). No trecho a seguir, Petersen (2020) salienta, de forma muito lúcida, o quanto essas expectativas são, frequentemente, divergentes entre si:

Você tem que se envolver, mas não se envolver *demais*, deve indicar aos seus filhos que eles precisam fazer faculdade a qualquer custo, mesmo que se sinta ambivalente sobre sua própria experiência no ensino superior; deve cultivar a independência dos seus filhos, mas nunca deixá-los sem supervisão; precisa aplaudir o empoderamento feminino mesmo que o trabalho das mulheres seja desvalorizado no lar; deve elogiar o valor da diversidade e ao mesmo tempo ficar obcecado sobre colocar seus filhos na escola “certa”; tem que ensiná-los a ter uma relação saudável com a tecnologia enquanto você mesmo mantém relações nada saudáveis com ela. E isso considerando que tenha tempo, para começo de conversa, para se preocupar com essas coisas. (PETERSEN, 2020, p.279)

Tais divergências, ou mesmo incoerências, nos levam a uma busca incessante por algo que nem ao certo sabemos o que é. Andamos em círculos e adoecemos as crianças e a nós pelo excesso de informação, de atividades, de supervisão, de cuidado, de preocupação e de

ansiedade, quando a saída, às vezes, pode estar em fazer menos. Em uma sociedade que nos incentiva a produzir o tempo inteiro, a correr e a competir umas com as outras, o descanso, para uma mãe, pode ser algo absurdamente revolucionário.

Outra moderadora, Lizzie, por sua vez, também respondeu negativamente à pergunta feita, expondo as razões pelas quais não deseja ser mãe:

Lizzie: Não pretendo ter filhos. Acredito que o mundo vive uma crise climática que só vai se agravar e gerar muitas crises políticas, não quero colocar ninguém nesse mundo. (QUESTIONÁRIO LIZZIE, ANEXO B, p.276)

As respostas de Elena e Lizzie me recordaram da resposta dada por Solnit (2017b) a essa mesma pergunta, pois ela condensa a fala das duas:

Quanto a mim, não tenho filhos por diversas razões: sou muito boa no uso de anticoncepcionais; embora eu goste de crianças e adore ser tia, também aprecio a solidão; fui criada por gente bruta e infeliz e não quis reproduzir essa forma de criação nem criar seres humanos que pudessem sentir por mim aquilo que eu às vezes sentia pelos meus progenitores; o planeta não tem condições de sustentar mais gente de primeiro mundo, e o futuro é muito incerto; e eu realmente queria escrever livros, vocação que, tal como a exerceo, exige muito. Não sou dogmática contra ter filhos. Poderia ter tido em outras circunstâncias e estaria bem – como estou agora. Há pessoas que querem ter filhos, mas não os têm por várias razões pessoais, médicas, emocionais, financeiras, profissionais; outras não querem, e ninguém tem nada a ver com isso. (SOLNIT, 2017b, pos.74 a 78)

Depois de ler a resposta de Solnit (2017b) fiquei me perguntando até que ponto o pedido da minha parte para justificar a decisão de ter ou não filhos(as) não teria sido invasivo, ainda mais considerando a maneira sucinta como Elena e Lizzie, cuja resposta foi negativa, atenderam a esse pedido, o que pode indicar um certo incômodo em falar sobre o assunto.

Algumas mulheres, no entanto, decidem ser mães e trabalhar fora de casa e passam a realizar malabarismos para conciliar ambas as demandas, que passam por arranjos surreais de cuidado com as crianças, pela terceirização desse cuidado em escolas de tempo integral, ou com babás, e resulta naquela tão familiar sensação de estar gerenciando pratinhos demais e não estar dando conta de nenhuma das funções de maneira adequada. Sem dúvidas, um conflito para o qual os Feminismos ainda não possuem uma resposta definitiva, muito embora saibamos que ela passa por assistência pública para os cuidados com as crianças, remuneração do trabalho reprodutivo, divisão justa das tarefas da casa e do cuidado com as crianças.

Kern (2019) pontua que as famílias em situação privilegiada economicamente costumam resolver essas contradições com o auxílio do trabalho mal remunerado de outras pessoas, geralmente, imigrantes e mulheres e homens de cor que realizam o trabalho de

cuidado da casa e das crianças quando as famílias não conseguem dar conta das demandas sozinhas e o Estado se omite. É uma saída que coloca no núcleo familiar a responsabilidade por algo que deveria ser solucionado coletivamente e que, não apenas exclui as famílias mais pobres, como explora a sua mão de obra enquanto as crianças dessas famílias são submetidas a arranjos precários de cuidado. Essa mesma desigualdade é pontuada por Vergès (2020) ao afirmar que:

A vida confortável das mulheres da burguesia só é possível em um mundo onde milhões de mulheres racializadas e exploradas proporcionam esse conforto, fabricando suas roupas, limpando suas casas e os escritórios onde trabalham, tomando conta de seus filhos, cuidando das necessidades sexuais de seus maridos, irmãos e companheiros. (VERGÈS, 2020, p.26. Tradução Jamile Pinheiro Dias e Raquel Camargo)

O fato de que a maternidade coloca a nós, mulheres, diante de uma quantidade enorme de aspectos a serem considerados e analisados também pode resultar numa paralisia diante desse que é um aspecto tão decisivo em nossas vidas. É o que podemos observar no relato de Sophie:

Sophie: De todos os temas discutidos o que mais me impacta é a maternidade. Por mais que eu leia e ouça o que tantas mulheres dizem, não consigo decidir se quero ou não ter filhos. Agora, aos quase 34 anos (e sem dinheiro para congelar óvulos), me vejo forçada a escolher. E não consigo. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.293)

Vejo, na fala de Sophie, a representação de um número expressivo de mulheres da nossa geração. Diante da dúvida, justificada pela inúmera quantidade de aspectos que já discutimos, ela simplesmente não consegue decidir. E não decidir, nesse caso, já é uma decisão, ainda que temporária.

A fala de Sophie sobre esse assunto é o oposto da experiência que eu vivi. Sempre quis ser mãe, sempre planejei realizar esse intento em algum momento da vida. Mas admito que meu desejo, de início, foi respaldado pelo desconhecimento das implicações reais dessa decisão. Eu convivia pouco com mães, tinha pouca informação a respeito das implicações reais da maternidade e lia pouco sobre o tema. Minha visão era respaldada apenas pela experiência que tive como filha e, muito provavelmente, pela visão romantizada que via do tema nas ficções televisivas. Tive minha primeira filha aos 24 anos, já tendo concluído a universidade e aprovada em um concurso público, mas ainda muito jovem. Minha experiência real e intensa com a minha primogênita, no entanto, não me impediu de desejar viver isso mais uma vez. Aos 29, dei à luz minha caçula e é inegável o quanto esse novo cenário tornou

as coisas ainda mais desafiadoras, principalmente em razão da escassa rede de apoio de que eu e meu esposo dispomos. Tenho absoluta noção dos meus privilégios como mulher, branca, de classe média, casada com um parceiro e pai incrível. Não romantizo a maternidade que vivo, com noites insones, dias exaustivos, a árdua tarefa de conciliar o maternar de duas com todos os outros papéis que desempenho, inclusive o de doutoranda, mas não consigo sequer imaginar minha vida sem elas. Amo ser mãe. Mas sei que não posso generalizar a minha experiência. Sei que nem todas as mulheres contam com os mesmos privilégios que eu. Sei que nem todas precisam desejar a mesma realidade. Respeito essa diversidade e a considero essencial. Não há uma única forma de ser mulher no mundo. Essa diversidade precisa ser compreendida e aceita. É possível ser feminista E mãe; ser mulher E não querer ser mãe; ser mãe E trabalhar fora; ser feminista E dona de casa.

Voltando à fala de Sophie, me recordei das palavras de Solnit (2017b) quando afirma:

Talvez o problema seja literário: recebemos um roteiro único sobre o que é ter uma boa vida, mesmo que muitos que seguem fiéis ao roteiro tenham uma vida ruim. Falamos como se existisse um único enredo bom e um único final feliz, embora as inúmeras formas que uma vida pode assumir floresçam — e murchem — ao nosso redor. (SOLNIT, 2017b, pos. 108)

Cada uma das sujeitas dessa pesquisa decidiu escrever seu roteiro a seu modo. E suas histórias são lindas e nos ensinam muito justamente por isso. A maternidade compulsória precisa ser desmascarada pelo que realmente é: uma iniciativa patriarcal e capitalista de controle dos corpos femininos. Nossa luta precisa ser no sentido de que cada mulher seja livre para decidir sobre ter ou não filhos(as). Mais uma vez, Solnit (2017b) é cirúrgica ao afirmar que:

Uma das razões pelas quais as pessoas se prendem à maternidade como elemento essencial da identidade feminina é a crença de que são os filhos que permitem consumir a capacidade de amar. Mas há tantas coisas a amar além da prole, tantas coisas que precisam de amor, tantas outras tarefas no mundo que cabem ao amor... (SOLNIT, 2017b, pos. 150)

Que sejamos livres, então para amar o que quer que tenhamos escolhido amar. Sem a imposição de atender às expectativas sociais sobre os nossos corpos e a nossa (não) natalidade. E que saibamos respeitar e acolher as decisões umas das outras, afinal sabemos que o tema, embora seja uma decisão individual, suscita reflexões pertinentes a qualquer mulher, de modo que adquire, também, um caráter político, ainda mais em tempos em que o

controle dos corpos femininos e as discussões em torno da interrupção ou não da gravidez estão tão acaloradas no Brasil.

5.8 A mediação do grupo e os desafios de uma curadoria diversa das obras

Duas das sujeitas dessa pesquisa, Sethe e Sophie, estavam presentes no momento da concepção do grupo em Salvador conforme já foi dito no primeiro subtópico deste capítulo. As demais, no entanto, foram convidadas a assumir a moderação do grupo diante da saída de outras moderadoras. Elena, June e Lizzie tiveram a experiência de ingressar como participantes para, somente depois, cada uma a seu tempo, virem a exercer a função de moderadoras. Em seus relatos, elas falam sobre os impactos dessa transição, bem como sobre a sua percepção da sua função enquanto mediadoras, como podemos observar nos trechos a seguir:

Elena: Quanto à experiência de ser mediadora do clube de leitura, devo dizer que traz um compromisso de pensar e ler novas obras que sejam escritas por mulheres, contudo, a tendência e a necessidade de ler mais livros de autoras já vinha muito forte desde quando eu apenas frequentava o grupo de forma assídua. Foi um processo de mudança nas leituras que teve muito mais a ver com a tomada de consciência que mencionei do que com o fato de haver me tornado uma das mediadoras. Inclusive, costumo dizer que a mediação chegou, para mim, de maneira acidental. Diferentemente, de outras mediadoras que estão no grupo desde o começo, e que pensaram na concepção do grupo em Salvador, eu já encontrei o grupo formado há algum tempo. De modo que, o convite para ser mediadora veio só depois de já frequentar muitas reuniões, quando já era parte da minha rotina ler os livros escolhidos e deixar todo último sábado do mês livre para aquele encontro. Foi a passagem de um hobby despretensioso para um compromisso de manter esse grupo em Salvador e de fomentar em outras pessoas a leitura, especialmente de escritoras, e mais do que isso, um espaço para que as pessoas possam compartilhar as suas reflexões. (RELATO ELENA, ANEXO J, p.310, 311)

Conforme Elena afirma, a sua transição entre integrar o grupo e coordená-lo não alterou de forma significativa a sua participação, uma vez que ler todas as obras, refletir sobre elas, frequentar os encontros e contribuir com os debates já eram ações que haviam sido incorporadas à sua rotina. A diferença, a seu ver, consiste na alteração no caráter da tarefa que deixa de ser um *hobby* despretensioso e passa a acarretar como responsabilidade o compromisso de sustentar o grupo em Salvador fomentando o interesse de outras pessoas pela leitura das obras. Essa responsabilidade e esse compromisso são mencionados, também, por June e Lizzie em seus questionários, conforme podemos observar nos trechos a seguir:

Lizzie: Acho que como moderadora eu sinto mais responsabilidade, vejo o trabalho que é escolher os livros, sinto mais obrigação de terminar a leitura e estar mais atenta para a discussão. (QUESTIONÁRIO LIZZIE, ANEXO B, p.278)

June: Então, em janeiro de 2018, quase dois anos depois, as meninas me convidaram para ser mediadora. A partir daí, a divulgação que eu já fazia como leitora, passou a ser mais sistematizada e comprometida. (QUESTIONÁRIO JUNE, ANEXO H, p.282, 283)

Retornando, à fala de Elena, podemos afirmar que ela nos leva a constatar o caráter horizontal do *Leia*: a priori qualquer integrante assídua e comprometida com o propósito do grupo poderia assumir a mediação. Muitas pessoas, quando buscam o *Leia Mulheres* e ainda não estão familiarizadas com esse modelo de funcionamento, alimentam a expectativa equivocada de que estão ali para ouvir uma palestra sobre o livro, como se fosse função exclusiva da moderação falar acerca do que leu, assumindo o posto de especialistas no assunto. A experiência do *Leia Mulheres-Salvador* tem sido o oposto disso. O debate é conduzido de forma, ora intuitiva, ora planejada por todas as integrantes presentes. O que não exclui a relevância das moderadoras com suas contribuições valiosas e observações minuciosas acerca dos livros. O ritual se assemelha ao que é descrito por Cosson (2018) sobre os encontros de um círculo de leitura literário organizado e constituído por profissionais da saúde de um determinado hospital:

O tema da reunião é um romance que foi lido previamente e está sendo discutido por eles com a ajuda de um professor de literatura e o objetivo imediato é que eles compartilhem suas leituras e aprofundem as interpretações daquele livro. Por isso, durante a discussão, toda contribuição é bem-vinda e não há interesse em formar especialistas, antes reunir em um debate as diversas maneiras como aquele texto pode ser lido, sem que uma interpretação seja considerada melhor do que a outra ou se deva chegar a algum consenso sobre, o que não impede que sejam examinadas, revistas e ampliadas à luz da contribuição de todos. (COSSON, 2018, p. 135)

A diferença com relação ao *Leia* é que, no nosso caso, não há necessariamente um(a) profissional da área de literatura presente.

As funções das mediadoras, no entanto, não se restringem ao momento do debate, o que Elena destaca logo em seguida, no seu relato, ao listar as funções que se espera que ela desempenhe como moderadora no grupo e salientar a diferença entre o seu papel e o de outras moderadoras:

Elena: De forma mais prática, a participação que desempenho enquanto mediadora diz respeito à curadoria dos livros, auxílio na mediação dos debates, bem como, revezamento com outras mediadoras nas reuniões, a fim de garantir que pelo menos uma das mediadoras esteja presente na reunião como responsável pela condução. Outras mediadoras exercem um papel mais demarcado, se responsabilizando pelo

gerenciamento de caixa de *e-mail*, redes sociais como *Instagram*, *Facebook*, e conceder entrevistas, mas por afinidade e também pelo tempo que disponho, optei pelo compromisso de lidar com o público no momento das reuniões. (RELATO ELENA, ANEXO J, p.311)

June é uma das moderadoras mencionadas por Elena, que, para além, das contribuições no momento do encontro, realiza esse trabalho dos bastidores de supervisão das caixas de entrada do *e-mail* e de gerenciamento redes sociais. O seu relato aponta alguns desafios, mas também, a realização que experimenta ao receber o retorno de algumas integrantes do grupo, com relação ao trabalho que desempenha:

June: [...] ser mediadora é um trabalho voluntário que consome recursos materiais (compra de livro, transporte, etc), tempo (para ler os livros, para divulgar e alimentar as redes sociais, responder as mensagens, fazer contatos pra viabilizar os encontros, etc) e energia; mas que, para mim, é muito gratificante quando leio ou ouço relatos de agradecimento por termos, através desse trabalho, impactado positivamente na vida das participantes, cuja presença é que dá sentido à existência do grupo e tudo que fazemos para mantê-lo vivo. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.304)

Às moderadoras cabe, também, pensar em alternativas que dinamizem os encontros do grupo, propondo leituras, formatos de encontro e provocações que instiguem ao debate. Esse foi um trabalho ainda mais desafiador no já referido contexto da Pandemia do Coronavírus, em que, de início, fomos privadas do contato presencial. Propor saídas para o impasse, de forma a despertar o interesse das pessoas em participar de ações *on-line*, também ficou a encargo das moderadoras:

Lizzie: Durante a pandemia uma das mediadoras teve a ideia de começar uma leitura *on-line* dividida em capítulos do livro *O Mito da Beleza*. O resultado foi muito bom e trouxe um novo ânimo para o grupo, que estava parado desde março de 2020. Como resultado dessa experiência, retomamos os encontros mensais em dezembro de 2020 no formato *on-line*, e resolvemos deixar os livros teóricos, de não ficção, para fazermos leituras em capítulos em encontros que acontecem paralelamente ao *Leia* de ficção. Acho que foi uma excelente ideia essa de ler livros teóricos por partes, pois geralmente têm muitos temas e em um único encontro era difícil abordarmos tudo. (RELATO LIZZIE, ANEXO G, p.299)

Contudo, dentre os diversos papéis realizados pelas moderadoras, um dos mais relevantes consiste na curadoria das obras a serem lidas. O que pode ser visto nas falas de Elena e de June em seus questionários:

Elena: Antes era apenas um “hobby”, e atualmente, como moderadora, existe o compromisso de perceber melhor as pessoas que frequentam o grupo, a fim de estabelecer um diálogo mais respeitoso e democrático, assim como, o comprometimento com o conteúdo da obra é maior, para fomentar as discussões,

trazendo, por vezes, um novo olhar ou fazendo ponderações. Existe, ainda, a responsabilidade na escolha dos livros, na viabilidade de leitura pelos frequentadores do grupo, seja pela questão do tempo, financeira, ou temática. (QUESTIONÁRIO ELENA, ANEXO E, p.290)

June: Ser mediadora também traz uma responsabilidade grande sobre as escolhas das autoras e dos livros. Daí buscamos trazer, na medida do possível, a diversidade de autoras, gêneros literários, nacionalidades e temas, e atentar para questões de representatividade e de acessibilidade, tais como preço, tamanho, etc. (QUESTIONÁRIO JUNE, ANEXO C, p.283)

Muito embora todas as frequentadoras do *Leia Mulheres* possam sugerir obras para serem lidas e debatidas, a curadoria final é encargo das moderadoras. Trata-se de uma decisão com implicações no coletivo, uma vez que repercute de maneira significativa na dinâmica do grupo e no teor dos debates. Os critérios são muitos e, algumas moderadoras chamam a atenção em seus relatos para a tentativa constante de contemplar uma diversidade de autoras, obras, temas, o que nem sempre é percebido pelas integrantes que não acessam os bastidores do grupo:

June: No início, talvez até por participar apenas como leitora, eu não tinha muita clareza do quanto a problematização das obras em relação às questões de gênero definia a seleção dos livros. Minha visão era de um clube de leitura voltado a ler livros escritos por mulheres sobre temas ligados ao feminino, ao feminismo. Depois que eu fui convidada a integrar o grupo de mediadoras e participar da seleção dos livros, percebi que se tratava de uma detalhada curadoria, na qual muitos aspectos eram observados, como por exemplo, a nacionalidade da autora, temas abordados, gênero literário e a acessibilidade (tamanho, preço, disponibilidade, etc) (RELATO JUNE, ANEXO H, p.302).

Trata-se de uma preocupação bastante pertinente, tendo em vista a necessidade de estarmos atentas à variedade de perfis que o termo “mulher” pode abarcar. Já discutimos nesse trabalho o quanto o debate sobre gênero precisa vir atrelado a outros aspectos, caso contrário, caímos na armadilha de acreditar que a única realidade que as mulheres vivenciam é a nossa própria. Carneiro (2003) nos alerta para esse risco quando afirma:

[...] em conformidade com outros movimentos sociais progressistas da sociedade brasileira, o feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade. (CARNEIRO, 2003, p.118)

Sendo assim, diversificar a nacionalidade das autoras lidas, sua etnia, torna-se crucial para não corrermos o risco de reproduzirmos a visão eurocêntrica e universalizante das mulheres à qual a autora se refere.

Na percepção de Elena, a preocupação do grupo em contemplar a tríade gênero, raça e classe reverberou de forma positiva em sua experiência junto ao grupo, pois a levou a refletir sobre a variedade de realidades existentes no mundo para além da sua. Ela diz:

Elena: As obras e discussões trouxeram reflexões importantes sobre questões que circundam o feminino, como maternidade, carreira, amizade, relações amorosas e familiares, e de como a situação se torna ainda mais delicada, quando se leva em consideração gênero, raça e classe, e de como os desafios para a emancipação feminina são diferentes quando se pensa, de maneira contextualizada, raça e classe. Isso trouxe, inclusive, autocríticas em relação a pequenez dos meus desafios, se comparada com a de outras mulheres. A própria ideia de sororidade desencadeia um processo de repensar e questionar o seu papel e condutas na sociedade, especialmente, perante outras mulheres. (RELATO ELENA, ANEXO J, p.311).

Contemplar a diversidade na seleção das obras e autoras, no entanto, não é tarefa fácil. Na visão de Lizzie, por exemplo, ao tentar abarcar a diversidade no perfil das autoras, às vezes, torna-se difícil contemplar uma boa variedade de temas:

Lizzie: A escolha dos livros: não é simples escolher os 12 livros do ano. A tentativa de fazer uma escolha diversa de acordo com a origem e etnia das autoras algumas vezes nos levaram a pouca diversidade dos temas, por exemplo. (RELATO LIZZIE, ANEXO G, p.298).

Na sequência do relato, Lizzie prossegue enfatizando essa dificuldade em contemplar uma variedade de temas e enumera alguns daqueles que considera serem os mais recorrentes e que ela compreende como sendo mais íntimos:

Lizzie: Temas mais íntimos, como maternidade, família, estupro e violência doméstica aparecem demais, o que é de se esperar, já que sabemos as condições que vivem as mulheres no mundo todo. Porém, aprendi que temos que ter cuidado para não fazer uma lista muito depressiva, com histórias muito tristes e sem esperança alguma. As pessoas que frequentam o *Leia*, geralmente já estão atentas a essas questões o que torna o debate algumas vezes repetitivo, meio pobre e provoca até desânimo aos participantes. (RELATO LIZZIE, ANEXO G, p.298, 299)

O alerta feito por Lizzie no trecho acima, em uma primeira leitura, pode parecer chocante, afinal os temas listados por ela são cruciais quando pensamos a realidade de muitas mulheres ao redor do mundo ainda hoje. A cultura do estupro e a violência doméstica ainda não foram superadas, enquanto maternidade e família seguem sendo aspectos essenciais no

debate da condição da mulher na sociedade contemporânea. Mas a percepção de Lizzie é de que a repetição de alguns desses temas pode tornar a lista de livros, às vezes, um pouco depressiva, provocando o desânimo das participantes. Se nos detivermos na reflexão sobre esse assunto por mais um tempo, perceberemos o que está sendo dito com mais profundidade. A moderadora em questão não afirma que esses temas não devam ser debatidos, apenas ressalta que a maior parte das integrantes do grupo já possui algumas leituras a respeito e que, a depender da maneira como sejam abordados nas obras lidas, eles podem minar a nossa esperança de que as coisas possam mudar. É uma linha realmente muito tênue a que existe entre ter uma visão crítica a respeito da sociedade em que vivemos e o niilismo decorrente da sensação de que nada faz sentido na maneira como as coisas vêm acontecendo. Kern (2019), em um capítulo intitulado *Cidade do Medo* suscita uma reflexão sobre como a representação da violência contra a mulher na ficção televisiva, sobretudo em casos de estupro, algo que a priori consideramos positivo por problematizar e ampliar o debate sobre o tema, pode surtir o efeito colateral de corroborar o medo entre as mulheres, que acaba funcionando como ferramenta de controle da circulação dos nossos corpos pela cidade:

Todo gênero de programas policiais gira em torno de retratos de atos hediondos de violência contra as mulheres, a cada temporada aumentando os crimes imaginários e cenas descritivas (estou me referindo a vocês, *Criminal Minds* e *Law & Order: SVU*). A agressão sexual é um tropo comum em filmes, livros e televisão, muitas vezes usado por autores para ilustrar um momento crucial no desenvolvimento do caráter de uma mulher. Juntos, esses retratos implicam que a violência de estranhos e a agressão sexual estão sempre ao virar a esquina. O comediante Tig Notaro tem uma piada que capta os efeitos disso perfeitamente. Toda vez que um homem a deixa desconfortável em público, ela se pergunta: “Este será o meu estupro” Rimos de modo desconfortável, porque soa verdadeiro. Nós quase acreditamos que o “nosso estupro” já está nos esperando lá fora, uma inevitabilidade oculta nas sombras. (KERN, 2019, p. 197)

Não é por serem apenas mulheres as autoras lidas no *Leia* que não corremos esse mesmo risco se, por acaso, nos detivermos somente às obras que trazem uma visão crítica sobre esses assuntos, mas não ampliarmos as leituras para abarcar também aquelas que apontam caminhos de esperança. Ainda segundo o relato de Lizzie, quando as moderadoras começaram a perceber isso, o aspecto da diversidade, não somente de autoras, mas também de temas, passou a ser um critério decisivo nas escolhas subsequentes:

Lizzie: A escolha dos livros de 2020 já teve a preocupação de trazer novos temas, pena que a pandemia atrapalhou tudo e não conseguimos fazer os encontros e testar nossa lista, porém os livros serão lidos em 2021 no formato de encontro *on-line*. (RELATO LIZZIE, ANEXO G, p.299)

A moderadora June reforça o argumento de que há uma preocupação da moderação em contemplar uma diversidade em suas escolhas, incluindo a diversidade de gêneros textuais, algo que já notava quando apenas frequentava o grupo e que ficou ainda mais latente quando passou a compor a moderação:

June: Eu gosto muito de livros de memórias e biografias, conhecer mulheres diferentes, de realidades distantes e culturas distintas. Mesmo enquanto apenas leitora, percebia a variedade de gêneros que o *Leia* busca contemplar. E isso ficou mais evidente quando me tornei também mediadora. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.303)

Ela acrescenta, também, o quanto a frequência das pessoas nos encontros vai sendo utilizada como termômetro pelas moderadoras para avaliar o interesse do público por determinadas obras:

June: A variável da quantidade de pessoas em cada encontro também nos diz algo sobre o interesse naquela obra, seja pela autora, pelo tema ou mesmo a acessibilidade, seja em relação à linguagem ou à aquisição do livro em si. (RELATO JUNE, ANEXO H, p.302)

Talvez esse simples trecho da fala de June seja um pequeno vislumbre daquele que podemos definir como um dos maiores paradoxos do *Leia Mulheres* enquanto clube de leitura. O propósito inicial do grupo é fomentar a leitura de obras escritas por mulheres, inclusive daquelas que não são autoras conhecidas pelo grande público, pois foram ao longo de sua vida, e ainda são, ofuscadas pela desigualdade de acesso ao mercado editorial. Mas é comum que a presença das pessoas nos encontros seja maior quando são discutidas obras de maior alcance, seja porque já são clássicos, porque foram adaptadas para o formato televisivo, ou porque as autoras são pessoas com grande influência nas redes sociais. A percepção desse paradoxo é corroborada no relato da moderadora Sethe quando diz que:

Sethe: Por mais que isso possa parecer contraditório nós ainda reproduzimos muito o que é mais lido no mercado editorial. Porque o *Leia* somos nós e nós estamos em processo de aprendizagem nas nossas escolhas e nas nossas leituras e em processo enquanto pessoas. Além disso nós sempre levamos em conta os que as pessoas pedem para ler, embora hoje o processo da curadoria seja outro. (RELATO SETHE, ANEXO I, p.308)

Diante dessas falas, me questiono e deixo aqui registrado o meu questionamento: teria o *Leia Mulheres*, então, caído nas armadilhas do mercado editorial que, reproduzindo a máxima capitalista, tudo coopta e transforma em mercadoria?

Um contraponto interessante e polêmico a esse respeito é apresentado pela moderadora Sophie quando põe em xeque a premissa da diversidade das obras lidas, defendida pelas demais moderadoras:

Sophie: A diversidade do *Leia Mulheres* é, portanto, só aparente, já que priorizamos sempre as mesmas identidades, as mesmas orientações políticas, os mesmos temas e o mesmo público. Não lemos mulheres em geral (e quanto mais mulheres diferentes, melhor). Lemos mulheres que se enquadram nesses critérios preexistentes. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.294)

Essa fala de Sophie é um prenúncio de uma longa reflexão que essa moderadora irá tecer em seu relato sobre o controle do discurso durante os encontros e sobre o que ela mesma denomina como “formato *Leia Mulheres*”, uma espécie de modelo pré-determinado de obras cuja popularidade tem crescido no mercado editorial e que se apropria do interesse crescente das pessoas sobre temas como feminismo e questões relacionadas ao debate sobre gênero. Se o grupo fomenta esse tipo de leitura e tem como objetivo pressionar o mercado no sentido de publicar obras dessa natureza, quais seriam, então, as consequências não previstas desse movimento? Por ser esse um assunto bastante desafiador, para o qual temos mais perguntas do que respostas, reservaremos o próximo tópico para discuti-lo mais detalhadamente, tomando por base principalmente as provocações apresentadas por Sophie, em diálogo com algumas leituras que considere relevantes para a compreensão do tema, bem como, com algumas percepções minhas diante do que foi vivenciado junto ao grupo ao longo dos últimos anos.

5.9 “Formato *Leia Mulheres*”: o controle do discurso durante os debates e a questão do mercado editorial

Em seu relato, Sophie dedica um espaço bastante significativo para tentar desmistificar e dessacralizar o *Leia Mulheres*. Talvez por ter estado no grupo desde a sua formação, seu olhar assume um tom mais crítico e, digamos, mais cansado. Aspectos que são enaltecidos por outras moderadoras, por ela são encarados como repetição. Os pontos de vista apresentados destoam dos defendidos pelas demais, de modo que um primeiro contato com essas opiniões, confesso, me surpreendeu, pois foram inesperados os dados que Sophie me apresentou. Há quem diga que, como pesquisadora, eu não deveria criar expectativas com relação ao que iria encontrar ao longo da pesquisa, mas quem nunca o fez, que atire a primeira pedra. Vamos ao relato:

Sophie: Paradoxalmente, contudo, o *Leia Mulheres* me tornou mais conservadora politicamente. Se antes eu me considerava esquerda radical, hoje estou mais próxima de um centro-esquerda. Todos esses anos lidando, no *Leia Mulheres*, com participantes do movimento feminista e do movimento negro me fizeram enxergar alguns problemas graves que antes eu não via.

No início eu era muito mais jovem e ingênua e acreditava que o *Leia Mulheres* era um espaço plural e diverso que convidava toda(o)s ao debate e ao diálogo. Agora vejo que não é bem assim. O *Leia Mulheres* é um clube de leitura que atrai um público majoritariamente de esquerda. Nas raras ocasiões em que pessoas alinhadas à direita participam do clube, a recepção é hostil. Algumas pessoas mais conservadoras já me disseram que têm medo de participar do clube e de expor suas opiniões. Isso me fez perceber que nossos debates não levam em conta o que uma grande parte das mulheres pensa, e acho que isso nos afasta umas das outras.

Aos poucos eu fui percebendo que nossos debates se limitam a um público que já tem ideias muito parecidas, ainda que possam discordar em alguns detalhes. Acabamos “pregando para convertidos” e afastando pessoas que têm pontos de vista diferentes. Nesse aspecto, o *Leia Mulheres* é menos um clube de leitura para todos os públicos e mais um clube de leitura para um público feminista de esquerda. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.293, 294)

O trecho destacado acima se inicia com a colocação de Sophie de que a participação no *Leia Mulheres-Salvador* a tornou mais conservadora politicamente. Ela, que antes se percebia como esquerda-radical, hoje compreende que seu posicionamento político está mais para a centro-esquerda. A declaração, à primeira vista, é surpreendente porque o efeito que Sophie diz ter sido provocado pelo grupo em sua vida parece ser o oposto daquilo que se pode esperar da participação em um coletivo dessa natureza. Diante disso, gostaria de salientar, aqui, o verbo utilizado pela moderadora: ela diz que o *Leia Mulheres a tornou* mais conservadora politicamente. A primeira provocação que gostaria de fazer com relação a essa fala de Sophie é: será que o *Leia a tornou* conservadora politicamente, ou será que a sua participação no grupo a fez *perceber-se* politicamente conservadora? O verbo *tornar* traz uma conotação de alteração da condição da sujeita, uma alteração até certo ponto passiva, inclusive. O verbo *perceber-se*, por sua vez, de caráter reflexivo, não conota uma alteração da sua condição, mas sim da maneira como ela mesma se vê e se compreende. Teria a sua participação nos encontros alterado, então, a sua condição, ou a sua percepção acerca de si mesma?

A própria Sophie sugere uma nomenclatura para designar o seu posicionamento político, ela afirma que se considerava alinhada a uma esquerda radical e que, hoje, compreende estar mais próxima de uma centro-esquerda. Eis, aqui, a minha segunda provocação: podemos designar a proposta do grupo *Leia Mulheres-Salvador*, efetivamente, como algo que se assemelhe a uma esquerda radical? A polarização entre a direita e a esquerda, no Brasil, tem tido consequências inéditas e um tanto inesperadas com a ascensão do que temos denominado de extrema direita, que conseguiu eleger um representante que

permaneceu na presidência no período compreendido entre os anos 2019 e 2022. A consolidação desse viés político, ao que tudo indica, é uma reação às pautas da esquerda que esteve à frente do país de 2003 a 2016. No entanto, já nos demos conta há algum tempo, de que a esquerda brasileira não é uniforme e não está tão alinhada quanto imaginávamos, haja vista, a dificuldade que tivemos para eleger um presidente nas últimas eleições, mesmo com a latente ameaça da extrema direita permanecer no poder. Porém, devemos nos questionar o que seria aqui denominado por Sophie como *esquerda radical*. A própria continuidade do seu relato nos apresenta algumas pistas: o engajamento na pauta feminista e no movimento negro são alguns elementos que ela aponta. O que Sophie chama de esquerda radical, na verdade, só pode ser chamada aqui de radical por ter sido adjetivada por ela dessa maneira. Na verdade, trata-se de uma esquerda que ampliou o debate para incluir, além da variável classe, as pautas identitárias: de gênero, raça, *queer*. Vale salientar que esse é um perfil que tem se delineado no cenário político brasileiro, possivelmente sob influência dos modelos norte-americanos.

Essa fala de Sophie retoma algumas reflexões feitas anteriormente neste capítulo sobre a divergência das moderadoras no que se refere ao propósito do grupo. Na visão de Sophie, como já vimos no tópico 5.5 intitulado *Propósito do clube de leitura e da literatura - reverberações sociais*, as questões identitárias, a pauta feminista e a militância não deveriam ser o foco do grupo. Desse modo, me parece que a perspectiva dessa moderadora está mais alinhada ao que é denominado por alguns como feminismo liberal, “[...] cujas pautas se encerram em demandas relativas à liberação sexual e à igualdade no mercado de trabalho, desconsiderando as clivagens e as desigualdades entre as mulheres.” (RIOS, 2020 *in* VERGÈS, 2020, p.8), que diverge substancialmente, por exemplo, da perspectiva debatida pela própria Vergès (2020), a que ela mesma se refere como “feminismo da totalidade”, aí sim, uma proposta radical caracterizada como:

[...] uma análise que se propõe a levar em conta a *totalidade* das relações sociais. Eu partilho da importância atribuída ao Estado e sou adepta de um feminismo que pensa *conjuntamente* patriarcado, Estado e capital, justiça reprodutiva, justiça ambiental e crítica da indústria farmacêutica, direito dos/as imigrantes, dos/as refugiados/as e fim do feminicídio, luta contra o antropoceno-Capitaloceno racial e luta contra a criminalização da solidariedade. Não se trata de reconectar elementos de modo sistemático e, no fim das contas, abstrato, mas de fazer o esforço de observar se existem conexões e quais são elas. Uma abordagem multidimensional permite evitar uma hierarquização das lutas fundada em uma escala de urgência cuja estrutura, via de regra, permanece ditada por preconceitos. Sustentar múltiplos fios ao mesmo tempo para superar a segmentação induzida pela ideologia e “apreender o modo pelo qual a produção e a reprodução social se articulam historicamente”, eis o desafio. (VERGÈS, 2020, p.47,48)

Sophie, no entanto, não pauta a discussão nesses termos, ela acredita que a alteração em sua percepção se deve ao fato de que, no início do grupo, ela era, utilizando suas palavras, jovem e ingênua por acreditar na diversidade e pluralidade do *Leia* e que a proposta convidava ao debate e ao diálogo, o que, atualmente, ela não enxerga do mesmo modo. A moderadora argumenta que o público atraído pelo *Leia Mulheres* é majoritariamente de esquerda e afirma, de forma bastante contundente que, nas raras ocasiões em que pessoas com o pensamento alinhado à direita participaram do debate, a recepção foi hostil e que conhece pessoas mais conservadoras que afirmam ter medo de participar dos encontros e expor suas opiniões.

Esse aspecto da fala de Sophie nos levou a questionar se haveria, na proposta e nos encontros do *Leia Mulheres-Salvador* uma espécie de controle do discurso que delimita o que pode e o que não pode ser dito naquele espaço, aproximando aquelas pessoas com ideias semelhantes e afastando a diferença, tendo em vista a sua afirmação de que pessoas que pensam de forma diferente não encontrariam ali espaço para expressar seus pontos de vista. Seria a diferença algo a ser intencionalmente evitado, ainda que de forma velada, ou a homogeneidade do grupo é somente um efeito colateral não previsto da sua proposta?

De todo modo, trata-se de uma alegação que merece atenção. Ao ler o seu depoimento me recordei da leitura de Silva (2012) que, ao discutir a constituição de identidades, apresenta um ponto de vista que pode nos ajudar a compreender o movimento descrito por Sophie. O autor, que define identidade a partir da sua relação com a diferença, afirma que ambas são relações sociais e que sua definição, tanto discursiva, quanto linguística, está submetida a vetores de força e a relações de poder que não convivem lado a lado de forma harmônica, mas são impostas e disputadas. Nessa disputa, são disputados, também, numa perspectiva mais ampla, os recursos simbólicos e materiais da sociedade. Ao afirmar a identidade e enunciar a diferença, diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, estariam garantindo o acesso privilegiado a determinados bens sociais. Ainda segundo o autor, algumas marcas da presença do poder seriam: a) incluir e excluir, ou seja, delimitar quem pertence e quem não pertence a determinado grupo; b) demarcar as fronteiras entre quem somos nós e quem são eles(as); c) classificar, rotulando com juízo de valor os indivíduos bons e os maus, os puros e os impuros, os desenvolvidos e os primitivos, os racionais e os irracionais; d) estabelecer os parâmetros da normalidade e da anormalidade. Diante disso, ele conclui que:

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. [...] dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações

sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. [...] Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. (SILVA, 2012, p.82)

Acredito ser esse o movimento descrito por Sophie em seu relato. Em algum momento do percurso, na constituição da identidade do *Leia Mulheres-Salvador* enquanto grupo, foram definidos, não de maneira imposta, mas de maneira fluída e orgânica, aqueles discursos e falas que teriam espaço nos debates e os que não teriam. Esse tipo de controle, geralmente se estrutura em torno de oposições binárias polarizadas, em que um dos polos é privilegiado, recebendo um valor positivo e o outro recebe uma conotação negativa. Nesse caso, seria rotulado como positivo o pensamento alinhado ao posicionamento político majoritário no grupo e negativo o que diverge.

A argumentação de Sophie é corroborada por um exemplo apresentado por Lizzie (e já discutido no capítulo 3 desta tese):

Lizzie: Não lembro exatamente de nenhum exemplo em que eu tenha defendido algum ponto de vista muito diferente do grupo ... nem que eu tenha discordado tanto assim ... uma vez veio um casal meio estranho, foi no encontro sobre o livro *A guerra não tem rosto de mulher*, a mulher falou umas coisas bem nada a ver, que tínhamos que lembrar dos homens que também iam às guerras ... totalmente perdida, nem acho que tenha lido o livro. O que registrei da fala dela foi o jogo de cintura das mediadoras para não serem grosseiras, mas também não deixar passar batido, fiquei admirada. (RELATO LIZZIE, ANEXO G, p.298)

Nesse trecho, há algumas nuances que eu gostaria de salientar: primeiramente, Lizzie afirma não lembrar de nenhum exemplo em que ela mesma tenha defendido um ponto de vista diferente do grupo, ou discordado de forma significativa da maioria. Isso demonstra que ela está ciente dos acordos implícitos com relação ao que pode ser dito nos encontros e compactua com eles. Em seguida, ela apresenta a situação em que houve uma discordância. Quero chamar a atenção para a maneira como Lizzie adjectiva o casal e descreve a situação. Ela diz que o casal era “meio estranho”, que a mulher falou “umas coisas bem nada a ver” e que estava “totalmente perdida” e que possivelmente nem sequer teria lido o livro. Essa caracterização reforça o argumento de Sophie, pois demonstra um certo desdém pela opinião expressa, sem atentar para as possíveis razões que motivaram a referida mulher adotar esse discurso. Por fim, Lizzie dá ênfase ao “jogo de cintura das mediadoras” que, demonstraram sua insatisfação, a seu ver, sem serem grosseiras. Essa fala destaca o papel que as mediadoras

exercem nesse controle discursivo, como uma espécie de guardiãs da identidade e aparente homogeneidade do grupo.

Voltando ao relato de Sophie, ela segue salientando a sua preocupação pelo fato de que essa postura de rejeição à diferença afastaria as mulheres umas das outras e a sua percepção de que os debates acabavam, por consequência, se limitando a um público com ideias muito parecidas. Ela, então, arremata a sua fala com a conclusão de que o *Leia Mulheres* não seria um clube de leitura aberto a todos os públicos, mas restrito a um “público feminista de esquerda”. Algumas pensadoras nos têm alertado para o risco de impor, no movimento feminista, um pensamento único. Arruda (2019), faz o seguinte alerta: “[...] é preciso estar atenta para não construir novos dogmas com base em uma perspectiva etnocêntrica e criar novas camisas de força para o pensamento.” (ARRUDA, 2019, p.344). A fala de Sophie sugere que o *Leia Mulheres-Salvador* estaria criando essas camisas de força a que a autora se refere. O seu depoimento continua apontando o seu ponto de vista como moderadora com relação às divergências que já presenciou no grupo:

Sophie: Foi essa pressão para que nos enquadremos nessa “performance” enquanto mediadoras que me fez rever muito do que eu pensava sobre os movimentos sociais. Se antes eu enxergava no *Leia Mulheres* um espaço de livre diálogo, um espaço de acolhimento das diferenças, hoje vejo que só um determinado discurso é aceito. Muitas participantes, ao longo desses anos, foram criticadas por terem dito “a coisa errada”. Muitas vezes o problema era só linguístico. Elas não usavam as palavras recomendadas ou usavam palavras condenadas, mas outras vezes o problema era realmente de perspectiva. Eram mulheres que tinham concepções diferentes do mundo e de como encará-lo e interpretá-lo. E se elas eram acolhidas bem quando estavam dispostas a aprender e mudar de ideia, o mesmo não acontecia se elas realmente defendessem suas ideias. Não estou falando de neonazistas ou fascistas, mas sim de mulheres que são contra o aborto ou que acreditam, por exemplo, que as mulheres perderam muito ao entrar no mercado de trabalho e que talvez não seja uma má ideia voltar às atividades domésticas. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.294, 295)

A fala de Sophie, nesse ponto, apresenta uma incongruência. Ela afirma que somente um discurso é aceito, aquilo que ela define como o discurso feminista de esquerda, no entanto, ela mesma parece não estar completamente alinhada a esse discurso em diversas ocasiões, mas seus pontos de vista, como moderadora, sempre tiveram bastante espaço dentro do grupo.

Sophie estabelece uma distinção entre dois tipos de situação em que, sob a sua ótica, a divergência não foi bem aceita no grupo: aquelas em que o problema era o emprego de palavras consideradas inadequadas para debater determinados temas e aquelas em que a opinião da integrante, de fato, era diferente da que havia sido expressa pela maior parte do grupo. No primeiro caso, ela ameniza a situação ao afirmar que “muitas vezes o problema era

só linguístico”, ponto de vista que podemos problematizar, uma vez que o caráter social da língua nos leva a refletir, no modo como a empregamos, aspectos da realidade social que nos rodeia, bem como crenças e valores que carregamos conosco:

[...] a linguagem se mostra um recurso capaz de ser usado tanto para estabelecer e sustentar relações de dominação quanto, ao contrário, para contestar e superar tais problemas. Na perspectiva sociodiscursiva da ADC, a linguagem é parte irredutível da vida social, o que pressupõe relação interna e dialética de linguagem-sociedade, em que ‘questões sociais são, em parte, questões de discurso’, e vice-versa.” (VIEIRA; RESENDE, 2016, p.15)

Em outras palavras, não existe, na perspectiva da ADC, uso linguístico ou discursivo que possa ser resumido a um problema exclusivamente linguístico, afinal, toda escolha lexical, por mais inocente que pareça, materializa “[...] um modo particular de representar nossa experiência no mundo.” (VIEIRA; RESENDE, 2016, p.19).

No segundo caso, quando a opinião da integrante se mostrava divergente das demais, Sophie faz questão de fazer uma ressalva importante: “Não estou falando de neonazistas ou fascistas [...]”, deixando claro que o posicionamento político dessas mulheres não era o mesmo da extrema direita brasileira, mas sim posicionamentos que destoam do que é defendido pela maioria do grupo, tais como a legalização do aborto e a presença da mulher no mercado de trabalho em oposição à esfera doméstica.

Esse controle do discurso a que Sophie se refere é muito bem discutido por Foucault (2009), no tão aclamado *A ordem do discurso*. Logo no início da obra, o autor afirma:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. (FOUCAULT, 2009, p.10. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio)

Relacionando o trecho acima com a fala de Sophie, percebemos que os mecanismos de exclusão e interdição são inerentes ao discurso em qualquer circunstância, e o *Leia Mulheres* não escapa a essa lógica. Isso não quer dizer necessariamente que não haja diálogo ou

acolhimento às diferenças nos encontros, apenas que existem relações de poder em pauta e, como o próprio Foucault afirma, as searas da sexualidade e da política costumam acirrar esses jogos. Isso, embora tenha desagradado a Sophie, não desconfigura o caráter, digamos, democrático do grupo, apenas atesta e confirma o seu caráter discursivo e, como tal, a possibilidade que se adquire nesse espaço de se privilegiar determinados posicionamentos em detrimento de outros, e o poder de definir quais discursos serão legitimados e quais serão preteridos, afinal, é da ordem do discurso a existência desse tipo de jogo.

Se compreendemos o *Leia Mulheres-Salvador* como uma prática social, ou seja, como uma maneira recorrente, situada temporal e espacialmente, por meio da qual pessoas interagem no mundo, uma consequência imediata dessa compreensão no nível linguístico é que nos depararemos com uma ordem do discurso que estabelecerá os gêneros, os discursos e os estilos constitutivos do aspecto discursivo dessa prática (VIEIRA; RESENDE, 2016). Considerando que o objeto de estudo da ADC são sobretudo as práticas sociais e as ordens do discurso que as constituem, observar a maneira como as interdições ocorrem ao longo dos debates e como contribuem para delinear os discursos que são e os que não são admitidos dentro do grupo nos permite assumir uma postura crítica e reflexiva diante de situações como a que a moderadora descreve. A fala de Sophie reforça que está vigente no grupo um modo particular de representar o mundo, que admite algumas possibilidades linguísticas e discursivas enquanto refuta outras. Nas palavras de Vieira e Resende (2016):

Considerar a importância do social, e não só do semiótico, na manutenção do potencial mais ou menos (in)definido da linguagem para criar significados implica reconhecer as (redes de) **ordens do discurso** como um *sistema*, isto é, um potencial semiótico estruturado que possibilita e regula nossas ações discursivas, tal como as práticas sociais possibilitam e regulam nossas ações sociais. (VIEIRA; RESENDE, 2016, p. 47)

Na continuidade do seu relato, Sophie acrescenta um novo aspecto a esse debate, quando alerta para o modo como esse controle discursivo se expande, também, para os critérios de seleção das obras, apresentando, mais uma vez, um contraponto ao que foi dito pelas demais moderadoras, e debatido no tópico anterior, com relação à diversidade das obras escolhidas:

Sophie: Eu chamo de “formato *Leia Mulheres*”, aqui, livros que são lançados com muito mais foco na identidade da autora do que na obra em si. Os *Leias Mulheres* de todo o Brasil têm escolhido os livros com base em critérios como nacionalidade da autora, raça da autora, origem étnica da autora, etc., sempre priorizando as consideradas menos privilegiadas socialmente. Já os temas são, preferencialmente, feministas e que envolvem um alto grau de engajamento político. Como o *Leia*

Mulheres de um estado acaba muitas vezes sendo influenciado pelas escolhas de livros de outros *Leia Mulheres*, acabamos nos limitando a um número restrito de obras que preenchem esses critérios (ou esse formato) e que já passaram por um filtro prévio de editoras que têm nosso público em mente. Tudo isso cristaliza nosso público como feminista de esquerda e acaba limitando nossas escolhas de obras. Ainda que eventualmente os *Leias Mulheres* optem por livros clássicos, já consagrados ou até mesmo *best-sellers*, o esperado é que se faça um esforço para colocar no mapa uma autora menos conhecida e menos privilegiada. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p. 294)

Nesse trecho, Sophie cunha uma expressão inédita para se referir aos livros que ela acredita estarem sendo lançados com mais foco na identidade das autoras do que na obra em si: formato *Leia Mulheres*. Os exemplos que ela apresenta em seu relato nos permitem compreender um pouco melhor a que tipo de obras especificamente ela se refere ao empregar essa expressão, mas, no excerto acima é possível identificar algumas das suas características: a) foco na identidade da autora, com base em critérios como nacionalidade, raça e origem étnica e social; b) temáticas feministas com alto grau de engajamento político; c) obras voltadas para ou que atraem majoritariamente um público feminista de esquerda. Ora, os elementos apontados por Sophie como responsáveis pela cristalização desse formato são justamente aqueles considerados cruciais por outras moderadoras para a diversidade das obras escolhidas. Na visão de Sophie, portanto, a busca pela diversidade tem levado à armadilha de selecionar obras sempre muito semelhantes entre si. Ela salienta, ainda, como as editoras, de forma perspicaz percebem esse movimento e se apropriam desse discurso, a fim de lucrar em cima de um público leitor e consumidor em ascensão no mercado editorial brasileiro:

Sophie: É claro que as obras que escolhemos contribuem para isso, mas também descobri, nesses anos como mediadora, que existe uma pressão muito grande para que um determinado tipo de obra seja escolhida. O mercado literário, quando visualizou uma oportunidade de lucro, abraçou o *Leia Mulheres*. O *Leia Nacional*, tendo isso em vista, se recusa a transformar o projeto em algo lucrativo, justamente por medo dessa apropriação, mas as editoras estão atentas às demandas do mercado e, a cada dia que passa, lançam mais e mais livros que preenchem o “formato *Leia Mulheres*”. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p. 294)

O movimento de relacionar determinados objetos a certas identidades é algo comum em um sistema capitalista. As pessoas precisam se vincular e perceber valor, não apenas material, mas sobretudo simbólico, nos objetos para desejar comprá-los. Woodward (2012) descreve a maneira como essas representações vão sendo construídas a partir do seguinte exemplo:

A representação refere-se a sistemas simbólicos (textos ou imagens visuais, por exemplo) tais como os envolvidos na publicidade de um produto como o *Walkman*. Esses sistemas produzem significados sobre o tipo de pessoa que utiliza um tal

artefato, isto é, produzem identidades que lhes são associadas. Essas identidades e o artefato com o qual elas são associadas são produzidas, tanto técnica quanto culturalmente, para atingir os consumidores que comprarão o produto com o qual eles – é isso, ao menos, o que os produtos esperam – se identificarão. Um artefato cultural, tal como o *Walkman*, tem um efeito sobre a regulação da vida social, por meio das formas pelas quais ele é representado, sobre as identidades com ele associadas e sobre a articulação da sua produção e de seu consumo. (WOODWARD, 2012, p.16)

Assim como os antigos *Walkmans* a que se refere a autora, os livros, como produtos que precisam ser vendidos, também fazem parte desse processo. É preciso seduzir o público leitor de alguma maneira, fazê-lo acreditar que agregará valor à sua vida ao adquirir um certo exemplar. Não compramos livros somente por razões utilitárias, os compramos porque tê-los lido e expô-los na nossa estante diz algo a nosso respeito. Frequentemente, associamos nossas identidades às obras que lemos, ou que nem sequer chegamos a ler, mas possuímos. As editoras estão cientes disso e, com perspicácia, usam esse movimento a seu favor. O mercado editorial, como o próprio nome já diz, é, também, parte do mercado e dança conforme o seu ritmo, estabelecendo suas estratégias de venda para alcançar um público em potencial, um movimento que, como já discutimos, nem sempre ocorre com isonomia.

Em *A louca da casa*, Montero (2003) analisa esse processo da seguinte maneira:

Todos sabem que atualmente os livros fazem parte do mercado e são vendidos com técnicas comerciais tão agressivas quanto as dos fabricantes de refrigerantes ou de carros. Coisa que tem lá seus lados ruins, mas também alguns bons: o fato, por exemplo, de os livros chegarem a mais gente; ou de que, por estarem dentro do mercado, eles estejam dentro da vida, porque hoje tudo é mercado, e se a literatura ficasse completamente à margem talvez se tornasse uma atividade elitista, artificiosa e pedante. Mas os lados negativos dessa situação são visivelmente muito negativos; como, por exemplo, o fato de os livros de pequena tiragem quase não poderem subsistir, porque para vender três mil exemplares de um título a obra teria que permanecer um ano nas lojas, algumas cópias aqui, outras acolá; mas acontece que hoje esses livros são devolvidos e picotados quinze dias depois, porque as livrarias não têm lugar para expor, entulhadas como estão com as transbordantes pilhas de *best-sellers*. É uma tragédia, porque a literatura e a cultura de um país *precisam* dessas obras de três mil exemplares que hoje estamos perdendo.

Isto é consequência da obrigatoriedade do uso comercial, que se transformou numa exigência quase frenética. (MONTERO, 2003, p. 100)

Diante desse cenário, a reflexão feita por Sophie instaura uma espécie de paradoxo, pois o *Leia Mulheres* surgiu, como projeto, com o propósito de incentivar as pessoas a lerem obras escritas por mulheres, mas também, de pressionar o mercado editorial, majoritariamente masculino, a publicar as obras escritas por mulheres. Na própria fala de Sophie, é possível perceber que esse objetivo tem sido alcançado. Uma simples ida à livraria nos permite observar uma mudança no perfil das obras ali expostas. Se essa transformação, de fato, tem

ocorrido, não teria o *Leia*, então, alcançado a sua meta? Sophie, no entanto, se queixa da falta de diversidade nos temas e da apropriação feita pelo mercado editorial daquilo que ela denomina “formato *Leia Mulheres*”.

O mercado editorial, é, sem dúvida, um espaço bastante controverso. Seria inocência nossa acreditar que essa apropriação a que Sophie se refere é feita exclusivamente com objetivos altruístas. Obviamente, há um interesse em ampliar o público leitor que tem ido em busca das obras com o perfil descrito pela moderadora e, conseqüentemente, os lucros. Por outro lado, como afirmou Montero (2003), ver esse tipo de livro sendo exposto nas livrarias e vendido, significa dizer que o seu alcance foi ampliado, que mais pessoas têm se interessado pelos assuntos nele abordados. Precisamos, porém, estar atentas para que o número de exemplares vendidos não seja o principal critério para a seleção das obras. O que, a meu ver, tem sido uma preocupação frequente no *Leia*, tendo em vista que obras de pequena tiragem, escritas por autoras com menor visibilidade também tem sido lidas no grupo. Sobre esse aspecto, Montero (2003) complementa:

Dir-se-ia que hoje a única medida do valor de um livro é a quantidade de exemplares que vende, uma apreciação sem dúvida absurda, porque há obras horrorosas que se vendem até dizer chega e livros ótimos que quase não circulam (o que não quer dizer, naturalmente, que livros bons sejam por definição aqueles que não vendem e livros ruins os que vendem: esta é outra estupidez do mesmo calibre, que esteve na moda anos atrás). Hoje tudo empurra, seduz, espicaça e pressiona para vender e vender, caso contrário você não existe. E assim, autores e editores mentem no número de exemplares vendidos, e os seus amigos, seus parentes e seus inimigos leem as listas de *best-sellers* com a avidez de quem lê um romance policial. E até a sua mãe liga para dizer, muito aflita: “Filha, você desceu três posições na lista!” Estas coisas lhe provocam, quando seu nome finalmente desaparece da maldita lista, um alívio melancólico parecido com o que você sente quando arranham pela primeira vez a lataria de um carro novo. (MONTERO, 2003, p.100)

O paradoxo ao qual me refiro seria, então, uma via de mão dupla, pois existiria uma pressão mútua: enquanto o *Leia Mulheres* pressiona o mercado editorial a fim de que o número de autoras publicadas seja mais expressivo e essas vozes alcancem um número maior de pessoas, esse mesmo mercado, visando ao lucro, coopta o público-alvo do *Leia Mulheres*, a fim de vender mais livros com o mesmo perfil. A meu ver, esse impasse, no entanto, traz aspectos muito mais positivos do que o inverso. O que me leva ao questionamento sobre qual aspecto dessa trama tem incomodado tanto a moderadora Sophie. Em seu próprio relato, ela apresenta algumas respostas de maneira espontânea. Vejamos os trechos a seguir:

Sophie: Nós, mediadoras, brincamos dizendo que não aguentamos mais ler livros tristes em que mulheres sofrem por terem sido estupradas ou por questionarem seu

papel de mãe. É algo que talvez não seja visível para alguém que conhece pouco o projeto, mas que vai se tornando claro com os anos de mediação. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.294)

Sophie: Eu tenho muita dificuldade para digerir um tipo de livro que vem sendo vendido como “formato *Leia Mulheres*”. Um exemplo desse tipo de livro é *Fome*, de Roxane Gay. É um livro escrito por uma mulher negra e obesa – identidades minoritárias que priorizamos – e autobiográfico. É um livro do qual não gostei pelo tom pessimista e derrotista. Por ter sido vítima de um estupro coletivo durante a infância, Roxane desenvolveu uma obesidade mórbida que é também uma estratégia de defesa contra os homens. O livro gira ao redor dessa experiência, que ela nunca superou, e dos preconceitos sociais que ela enfrenta em virtude do peso. **O que me incomoda nesse tipo de narrativa é o quanto ela abraça sua condição de vítima. Ela não menciona, no livro, tentativas de superação do trauma ou terapias, deixando em quem lê a sensação de que um homem pode destruir a vida de uma mulher para sempre caso a estupe e que só restará a ela sofrer até a morte.** Tive uma sensação parecida lendo *O Peso do Pássaro Morto*, em que a frase *A cura não é possível* se repete. É uma perspectiva extremamente sombria que nos deixa sem esperança, sem protagonismo e descrentes de nosso potencial de renascimento. (RELATO SOPHIE, ANEXO F, p.295. Grifos nossos)

Entendo o que Sophie diz e admiro a maneira como expõe um ponto de vista tão polêmico tão abertamente. Uma perspectiva semelhante também foi apresentada por Lizzie, anteriormente, quando falou sobre a necessidade de não se fazer uma lista de livros muito depressiva para não deixar as participantes muito desanimadas. Contudo, considero a sequência da fala de Sophie muito polêmica, o que nos apresenta alguns pontos importantes para reflexão: a) é possível que a falta de interesse de Sophie em ler livros sobre estupro e sobre mulheres que questionam seu papel como mães decorra do fato de que ela nunca viveu nenhuma das duas experiências, o que pode gerar uma falta de familiaridade com os temas, ou provocar reflexões pelas quais ela não necessariamente se interessa nesse momento da vida; em outras palavras, possivelmente, falta identificação pessoal com esses temas; b) um dos livros apresentados por Sophie como exemplo, *Fome*, de Roxane Gay, tem sido descrito por muitas integrantes como um livro realmente pesado, Sophie, no entanto, destaca o tom, a seu ver, pessimista e derrotista adotado pela autora ao falar a respeito do estupro coletivo que sofreu durante a infância e os desdobramentos desse evento em sua vida pessoal, autoestima e relacionamentos; não li a obra em questão, mas me pergunto se haveria uma maneira otimista e triunfalista de falar sobre um trauma dessa magnitude; c) Sophie argumenta que Roxane abraça a sua condição de vítima (o que seria o mesmo que dizer que seu relato é uma espécie de vitimismo) e lamenta a ausência, no livro, das tentativas de superação do trauma, esquece, porém, de que a escrita do próprio livro pode ter sido uma tentativa da autora de revisitar esse episódio traumático e de tentar expurgar os seus próprios fantasmas; d) a moderadora afirma que o livro deixa a pessoa que o lê com a sensação de que a vida de uma mulher pode ser destruída para sempre caso ela sofra um estupro e que a ela só restará sofrer até a morte; ao

usar esse tom, Sophie parece ignorar o fato de que um estupro pode, sim, arruinar a vida de uma mulher, que pode ser, sim, uma ferida incurável; a superação de Roxane, talvez, seja mais sutil do que Sophie poderia esperar, afinal a sua decisão em continuar vivendo, em não tirar a própria vida após o ocorrido pode ser considerada, por si só, um ato de resistência. A opinião da moderadora, a meu ver, só demonstra o quanto esses temas ainda precisam sair do patamar de *tabus* para serem abertamente debatidos entre nós.

Minha divergência com relação à opinião de Sophie na maior parte do trecho em destaque, entretanto, não ignora a necessidade ressaltada por ela de seguirmos buscando, também, representações que alimentem a nossa esperança, o nosso protagonismo e o nosso potencial de renascimento. Equalizar esses temas de modo que nos permita conhecer de maneira crua a história de pessoas com experiências absurdamente diferentes da nossa, mas, simultaneamente, buscar obras que nutram as nossas esperanças, talvez, seja a única forma de não cairmos no extremo de *Poliana*, personagem da obra homônima de Eleanor H. Porter, que só enxerga o lado bom das coisas, nos alienando, muitas vezes, do nosso entorno, e utilizando a literatura apenas como escape para não encarar a realidade.

5.10 Arrematando a análise

Ao findar deste capítulo, considero relevante retomar alguns aspectos que se destacaram nos relatos e nas categorias de análise dele extraídas.

A primeira categoria que identificamos nos relatos (5.1 *Primeiro contato com o Leia/ primeiras impressões*, p.150) diz respeito ao primeiro contato de cada moderadora com o *Leia Mulheres-Salvador* e suas primeiras impressões sobre o grupo. Percebemos o papel das redes sociais nesse processo, o quanto contribuíram para a divulgação e ampliação do grupo, e até mesmo, para a sua formação em Salvador, tendo em vista que duas das moderadoras sujeitas desta pesquisa foram responsáveis por instaurar as reuniões do grupo na cidade. Destaco, ainda, a percepção das moderadoras, em um primeiro momento, sobre a necessidade de um espaço mais reservado para a realização dos encontros e a importância da rede de contato entre mulheres para o estabelecimento das reuniões no Museu de Arte da Bahia.

Na segunda categoria identificada (5.2 *Necessidade de se compartilhar o que se lê / Sobre a experiência de leitura compartilhada*, p.159), as sujeitas apontam suas motivações para ingressar no *Leia*, e foi apontada de maneira uníssona a necessidade de compartilhamento de impressões sobre a leitura. O grupo, nesse aspecto, colabora para que um processo, a priori individual, adquira um caráter coletivo e as moderadoras ressaltam o

quanto essa transição enriquece as leituras realizadas, podendo, inclusive, transformar as impressões das integrantes sobre as obras lidas.

Em seguida, na terceira categoria analisada (5.3 *Impactos na relação pessoal com a leitura e com a escrita*, p. 165), as moderadoras salientam os impactos de sua participação no grupo em sua relação com a leitura e também com a escrita. A diversidade no perfil das autoras e das obras foi apontada como a maior contribuição do *Leia* nas decisões pessoais de leitura. Uma das sujeitas, no entanto, apresenta um contraponto ao argumentar que a obrigatoriedade da leitura em razão de sua participação como moderadora, e a repetição de alguns temas resultou, em sua experiência, na resistência a um perfil específico de obras lidas.

Na quarta categoria identificada (5.4 *Indo além da zona de conforto: o desafio para a leitura de novas autoras, obras, temas e gêneros*, p. 172), nos detivemos um pouco mais na análise da referida diversidade de autoras, obras, temas e gêneros. As moderadoras listaram obras e autoras com as quais se identificaram, muitas das quais conhecidas a partir do momento em que ingressam no grupo, mas também pontuaram algumas desidentificações, dificuldades e lacunas que persistem na seleção das obras. Em geral, essa resistência ocorre quando as sujeitas não conseguem enxergar semelhanças entre a sua realidade e o perfil das personagens que compõem a obra. Ficou latente, ainda, o quanto as impressões pessoais podem divergir das impressões da maioria durante o debate.

Nos relatos das moderadoras, percebemos uma divergência com relação ao propósito do grupo, o que deu origem à quinta categoria (5.5 *Propósito do clube de leitura e da literatura – reverberações sociais*, p.189). Embora a maioria delas concorde que o *Leia Mulheres-Salvador* tem um caráter feminista e que as experiências pessoais das integrantes são relevantes para o debate e ampliação das reflexões sobre as obras, nos deparamos com ressalvas com relação ao perfil politizado e psicologizante de alguns debates que, na opinião sobretudo de uma das moderadoras, não seria adequado ao contexto do grupo.

Na sexta categoria (5.6 *Feminismo e suas nuances de gênero, raça e classe*, p.199), aprofundamos o debate sobre o caráter feminista que o grupo assume e problematizamos, também, os aspectos de raça e classe. Algumas moderadoras consideram a sua participação no grupo determinante para as suas leituras sobre esses temas que, anteriormente, eram incipientes. Outras, por já terem leituras prévias sobre esses assuntos, chegam a considerar superficial e introdutória a maneira como esses temas são trabalhados nos encontros. Foram pontuadas, ainda, a divergência atual entre os Feminismos e a ausência masculina nos encontros.

A sétima categoria destacada foi a maternidade (5.7 *Maternidade*, p.209), um tema que apareceu nos relatos de forma espontânea, visto que não foi explicitamente solicitado que as moderadoras falassem sobre ele. Chamou a atenção o fato de que, das cinco moderadoras, somente uma é mãe; duas afirmaram não desejar sê-lo e duas se mostram indecisas com relação ao assunto. Maternidade revelou-se, nos relatos, um tema ainda cercado por muitos tabus, sobretudo para a geração atual, diante do conflito que se estabelece entre vida profissional e independência *versus* criação de filhos(as).

Uma oitava categoria (5.8 *A mediação do grupo e os desafios de uma curadoria diversa das obras*, p.217) foi reservada a debater os desafios impostos pela moderação do grupo, sobretudo no que se refere ao processo de curadoria das obras. Foram listadas e discutidas as funções desempenhadas pelas moderadoras. Algumas sujeitas salientaram a necessidade de elaborar uma lista de livros que não seja muito depressiva, mas que aponte possibilidades de esperança.

Na nona e última categoria (5.9 *“Formato Leia Mulheres”*: o controle do discurso durante os debates e a questão do mercado editorial, p.224), me debrucei principalmente sobre o relato de Sophie, uma moderadora que chamou a atenção para a recorrência de temas nas obras, constituindo aquilo que ela denominou de “Formato *Leia Mulheres*”, um perfil de obras que se destaca pela identidade social das autoras. Ela salienta a cooptação desses livros pelo mercado editorial e os impactos da leitura desse tipo de obra nos debates que, a seu ver, não admitem posicionamentos políticos muito divergentes, resultando num controle discursivo inclinado a posicionamentos políticos feministas de esquerda.

A partir das categorias elencadas e problematizadas espero ter contribuído para registrar a experiência do *Leia Mulheres* em *Salvador*, esboçando um perfil do grupo em sua diversidade, divergências e contradições, instigando o interesse no aprofundamento de leituras sobre os temas acima debatidos. Reitero que não me propus a encontrar respostas para tudo, mas sim a problematizar algumas questões, levantando inquietações das moderadoras, e minhas também, sobre esses assuntos, a fim de que possíveis leitores e leitoras possam, também, se inserir nesse debate e tirar suas próprias conclusões.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir o longo processo que constitui a escrita de uma tese não é tarefa fácil, muito embora necessária. Concluir o trabalho significa o fechamento de um ciclo, no caso do doutorado, de mais de 4 (quatro) anos, em que eu e a problematização de pesquisa estivemos imbrincadas uma na outra de forma orgânica e indissociável. Não há uma dissociação, uma ruptura, entre *eu pesquisadora* e *eu ser-no-mundo*. Tudo o que li, vivi, assisti, experienciei ao longo desse tempo, em contexto de pesquisa ou não, compõe o resultado que aqui apresento. Esta tese, afinal, talvez seja justamente isto: uma composição.

Sinto o encerramento dessa etapa como uma entrega: o trabalho deixa de ser meu, e passa a ser do mundo. “Um alívio”, dirão. Certamente o é, mas é também um momento que envolve dor e medo, porque a vida é, a todo momento, feita por essas dualidades estranhas. O medo de não ser aprovada, o medo de ser julgada pela banca e pelo público leitor por minhas escolhas, o medo do que será de mim mesma daqui para a frente. A sensação é muito similar ao período expulsivo de um trabalho de parto por várias razões: passamos um longo tempo gestando algo dentro de nós, algo que nos toma, que cresce em nosso interior, mas que sabemos não nos pertencer, nem corresponder a quem somos, muito embora seja, naquele momento, parte de nós mesmas e carregue muito de quem somos; tem ansiedade envolvida no processo, tem o medo de não dar certo e de não darmos conta, tem a expectativa com relação a quem está por nascer, tem um vínculo e um afeto enorme sendo gestado; até que, enfim, chega a hora, as contrações começam e o desfecho está próximo, só que aí, justamente nesse instante final, a dor fica dilacerante, quase insuportável e, nesse momento, você jura nunca mais fazer isso novamente, afinal dói demais; mas é então que você escuta aquele choro estridente, que você vê aquele olhar que te atravessa, que você sente o cheiro de ocitocina no ar, que você toca a pele mais macia do mundo aninhada em seu colo e, por um instante, tudo parece fazer sentido. Na, digamos, fase expulsiva, da escrita, passei por emoções parecidas: jurei diversas vezes não fazer isso novamente, senti a exaustão tomando conta do meu corpo, implorei por algum anestésico, mas tentei pôr em prática as lições que aprendi no parto de minhas duas filhas – respeitar o meu próprio ritmo e o ritmo da evolução da escrita, sem tentar acelerar as coisas, respirar fundo e tentar focar no presente, porque olhar para a frente só gera mais angústia, mais aflição, mais ansiedade, encarar o que precisa ser encarado, inclusive a dor, pois essa dor não é aleatória e me levará aonde preciso estar e anestesiá-la não resolve, há que se buscar coragem e força dentro de si com a certeza de que, findo o processo, não sairemos dele as mesmas, mas outras, muito mais cientes da potência que existe em nosso

interior. É assim que me sinto ao findar esse processo: dói, mas por outro lado experimento uma satisfação que dificilmente experimentaria de qualquer outra maneira. Essa satisfação, no entanto, não apaga o quanto foi desafiador todo o processo, e gostaria de abrir um espaço para falar um tanto desses desafios, tendo em vista que, como feminista que sou, vejo necessidade de tratar biograficamente minha pesquisa, como um ato político, afinal, falar abertamente sobre essas questões é dizer a outras mulheres em situações parecidas: você não está só, estamos juntas e somos muitas. A perspectiva autobiográfica é, também, uma oportunidade que temos de restituição da voz que nos foi negada, de pensar as nossas experiências a partir do nosso ponto de vista e de sermos capazes de nos autodeterminar. Feminismo, na prática, é sobre isso, sobre pensar de que maneira estou implicada na pesquisa que realizo, nas reflexões que faço, nos temas que estudo. Isso incomoda o patriarcado.

Ser doutoranda, professora 40h, esposa, dona de casa e mãe de duas crianças, uma delas nascida durante o doutorado é, por vezes, enlouquecedor. Não foram poucos os momentos em que quis desistir, em que achei que não daria conta, em que me julguei incapaz do desafio que eu mesma me dispus a encarar. Os horários para as leituras e para a escrita tiveram que ser cavados em uma rotina que incluía orientar a mais velha nas aulas virtuais durante o período crítico da pandemia de Covid-19, amamentar a caçula milhares de vezes ao longo do dia e da madrugada, trocar fraldas, ajeitar a casa, me manter emocionalmente equilibrada enquanto o mundo lá fora desandava. Entre choros, cochilos, fraldas sujas, reivindicações de atenção, blocos espalhados no chão, risos banguelos, blusa cheirando a leite, essa tese foi escrita. Ouvi diversas vezes, de homens e mulheres, que sou uma guerreira. Não sou guerreira. Estou, como outras tantas, cansada. Exausta para ser bem franca. Li livros enormes enquanto amamentava. Sentei para escrever nas primeiras horas da noite, logo que ambas dormiam. Matriculei a caçula na escola antes do que gostaria para ter algumas manhãs livres para a escrita e para fazer algo por mim. Sustentei as inúmeras viroses que se sucederam às aulas presenciais, entre elas, a própria Covid. E, numa casa com quatro pessoas, quando um é contaminado, é quase inevitável que os demais também tenham algo. Perdemos nosso gato e companheiro há quase 9 (nove) anos com insuficiência renal no caminho. Por que estou dizendo tudo isso? Porque a vida não para enquanto a gente se propõe a pesquisar e escrever algo. A vida segue, com seus altos e baixos. E um momento de grande alento e inspiração para mim nesse processo que deixo aqui registrado foi ler em Kern (2019) que ela havia passado por situações semelhantes durante seu percurso acadêmico, com o agravante de ter passado por um divórcio e ter vivido uma maternidade muito solitária desde então. Ela afirma:

Relembrar aqueles primeiros anos como mãe na minha vizinhança de gentrificação não evoca uma sensação de facilidade. Na verdade, evoca uma profunda sensação de exaustão física. Claro, a falta de sono é típica dos novos pais. O que estou me referindo é o esforço físico de uma paternidade intensiva na cidade. (KERN, 2019, p. 63)

Parece besteira, mas ler que ela também havia passado por essa experiência de conciliar maternidade e vida acadêmica e, de alguma forma, deu conta do recado, serviu de inspiração para que eu seguisse com meus objetivos. É o poder de se ver representada na vida de outras mulheres, daí a minha intenção de deixar isso registrado, também aqui, para, quem sabe, inspirar outras tantas, sem romantizar o processo.

Ao longo desses mais de quatro anos me questionei diversas vezes por que estava fazendo isso, afinal, há que se ter alguma motivação muito forte para suportar tamanha pressão. E, nessas ocasiões, sempre me vinham à mente as palavras de Adichie (2017), lidas há bastante tempo, mas que, possivelmente, ecoarão ao longo de toda a minha vida:

Seja uma pessoa completa. A maternidade é uma dádiva maravilhosa, mas não seja definida apenas pela maternidade. Seja uma pessoa completa. Vai ser bom para sua filha. Marlene Sanders, a pioneira jornalista americana, a primeira mulher a ser correspondente na Guerra do Vietnã (e ela mesma mãe de um menino), uma vez deu este conselho a uma jornalista mais jovem: “Nunca se desculpe por trabalhar. Você gosta do que faz, e gostar do que faz é um grande presente que você dá à sua filha”. Acho isso sábio e comovente. Nem precisa gostar do seu trabalho. Você pode apenas gostar do que seu emprego faz por você – a confiança e o sentimento de realização que acompanham o ato de fazer e de receber por isso. [...] Por favor, não acredite na ideia de que maternidade e trabalho são mutuamente excludentes. (ADICHIE, 2017, p.14 a 16. Tradução Denise Bottman)

Faço por mim mesma, faço por elas, faço honrando todas as mulheres que vieram antes de mim e me abriram caminho e todas as que virão depois. Faço porque o estudo, a pesquisa e, sobretudo a escrita, são parte de quem sou e não quero, não vou renunciar a isso. Faço por amor. Dizer isso não elimina o fato de que o medo permanece sendo nosso companheiro. Nas inúmeras vezes em que duvidei que a realização e conclusão desse trabalho seriam possíveis, cantarolei para mim mesma as sábias palavras de Arnaldo Antunes: “Saiba: todo mundo teve medo \ Mesmo que seja segredo \ Nietzsche e Simone de Beauvoir \ Fernandinho Beira-Mar” (ANTUNES, 2004).

Imaginar que a própria Simone de Beauvoir em algum momento sentiu medo também me encorajou a seguir em frente. Não com aquela coragem da ausência de medo, mas com a que advém do fato de não permitir que ele me imobilizasse. Diante da presença do medo, fiz com medo mesmo. E, aos poucos, fui percebendo que o que me parecia tão ameaçador, não

era tão terrível assim. Para tanto, não é exagero dizer que o amor, ao qual me referi ainda há pouco, foi essencial. Falar em amor, não é romantizar o processo. É reconhecer que todas as motivações que apresentei seriam insuficientes para me levar adiante na pesquisa, não fosse o meu interesse genuíno pelo meu contexto de pesquisa e pelos temas sobre os quais me debrucei. Retomo, aqui, mais uma vez, a definição de amor apresentada por hooks (2020):

a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa [...] O amor é o que o amor faz. Amar é um ato de vontade – isto é, tanto uma intenção quanto uma ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar. (HOOKS, 2020, p. 47)

Ao longo da realização dessa pesquisa, me empenhei o máximo que pude, tentando estabelecer uma relação de respeito com o contexto pesquisado, com a escrita em si e comigo mesma, pois não são poucos os casos que vemos de pessoas que adoecem no ambiente acadêmico pelo excesso de demandas, de cobrança alheia e própria. Em algum momento ao longo desse tempo de pesquisa e escrita, eu tomei a decisão, como um ato de vontade mesmo, de viver esse processo com amorosidade, tentando incorporar nele os elementos indispensáveis a uma prática amorosa: “[...] carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta.” (HOOKS, 2020, p.47). Ao longo das leituras, dos debates, das reflexões, da escrita, eu cresci e, ao compartilhar esse material com outras pessoas, espero contribuir também para o crescimento delas.

Foi esse amor que lançou fora o medo e me permitiu ir em busca das respostas para as questões a que me propus com esta pesquisa, sabendo que não encontraria certezas, mas sim possibilidades. Retorno, agora, a essas inquietações que me motivaram a iniciar esse processo, também conhecidas como questões de pesquisa, para refletir sobre os contornos que adquiriram na medida em que a pesquisa foi se consolidando. Vale dizer, que as questões retomadas aqui me orientaram, me perpassaram, mas não me engessaram, de modo que algumas foram ficando pelo caminho, outras ganharam força e outras tantas, inesperadas, foram se mostrando relevantes, pois é do caráter de uma pesquisa científica essa permeabilidade.

A questão central que orientou a realização da pesquisa foi: Como as moderadoras do *Leia Mulheres-Salvador* avaliam os impactos da sua experiência de leitura junto ao grupo nos seus processos de representação e identificação? Ao realizar a leitura e análise dos questionários e relatos foi possível perceber que a participação no *Leia* tem interferência

significativa na seleção das obras lidas pelas sujeitas desta pesquisa. Algumas delas salientaram uma modificação no perfil de gênero das leituras que realizam e o quanto este passou a ser um critério na seleção dos livros que leem, não somente junto ao grupo, mas também por interesse próprio. A descoberta de novas autoras também foi apontada como um fator relevante que contribui para a ampliação do repertório pessoal de leitura. Ao listarem as obras e autoras mais marcantes e com as quais mais se identificaram, bem como aquelas com as quais não houve identificação, foram observados alguns critérios motivadores: primeiramente, a semelhança entre a vida dessas personagens e a própria vida da leitora, e ainda, entre os temas trabalhados nas obras e os assuntos que lhe parecem relevantes, ambos apontados como fatores determinante para a construção de um vínculo relevante com a obra, a autora e as personagens. Por outro lado, a distância entre essas duas realidades, a ficcional e a vida pessoal da leitora, demonstrou ser um critério ambivalente, uma vez que algumas sujeitas avaliam de forma bastante positiva o contato com a diferença, com a alteridade, enquanto em outros relatos, esse aparece como um fator que gera um distanciamento que impossibilita a identificação. Em outras palavras, ver-se representada nas obras que lê facilita a identificação das sujeitas dessa pesquisa com os livros em questão, enquanto ver representadas realidades outras distantes da própria pode se constituir um elemento favorável ou não ao vínculo leitora-obra. Algumas moderadoras (principalmente Lizzie e Sophie) manifestaram, ainda, certa insatisfação com relação à repetição de determinadas temáticas, tais como maternidade e violência contra a mulher, alegando que, por se repetirem demasiadamente, acabariam diminuindo o interesse das integrantes do grupo nos debates e poderiam, também, acabar assumindo um caráter um pouco depressivo e desesperançoso quando a mulher é retratada na situação de vítima e não de protagonista da sua história.

Outro questionamento que me fiz ao longo dessa pesquisa foi: de que modo as representações do ser mulher apresentadas nas obras escolhidas são corroboradas e contestadas nos debates do grupo? Com relação a essa questão, em particular, revelou-se pertinente a constatação de que a existência do grupo *Leia Mulheres* acabou consolidando um nicho, no mercado editorial e nas livrarias, voltado para obras escritas por mulheres, o que, por sua vez, teria originado uma espécie de paradoxo sobre até que ponto o grupo influenciou de fato o mercado e, a partir de onde, teria sido cooptado por ele em sua fúria por atrair um determinado público leitor que se interessa por esse perfil de obra. Esses conflitos reverberam, também, conforme nos mostraram os relatos das moderadoras, durante os debates, tendo em vista que se percebe uma tendência a aceitar melhor as falas que estão alinhadas a pensamentos que são majoritários entre as integrantes, afastando ou tentando neutralizar os

discursos divergentes. As divergências, porém, se manifestam em um nível ainda mais contundente, quando percebemos que não há, entre as próprias moderadoras, um consenso sobre qual seria o propósito do grupo, de modo que a maioria acredita que o viés feminista é o cerne da proposta, mas há, por parte de uma das moderadoras, a percepção de que o foco deveria ser mais literário e menos político.

Essas divergências entre as opiniões das moderadoras possuem estreita relação com o próximo questionamento formulado, a saber: de que maneira as identidades sociais das moderadoras se refletem em seus posicionamentos nos debates? Ficou nítida a maneira como determinados atravessamentos, tais como classe, raça, posicionamento político, contato prévio com o Feminismo, profissão e condição em relação à maternidade, interferem na maneira como cada uma das moderadoras se posiciona com relação aos temas levantados. Podemos citar como exemplo o fato de que a temática racial foi pontuada de forma mais contundente por Sethe, a única moderadora que se autodeclara negra, e que aspectos relacionados a privilégios de classe se refletiram na defesa de posicionamentos mais conservadores da parte de Sophie.

A última questão que me propus a investigar foi referente ao impacto dos debates realizados na compreensão do lugar das mulheres na sociedade contemporânea. Acredito que a principal contribuição deste trabalho consiste na percepção da diversidade inerente ao termo *mulheres*. Mesmo em um grupo relativamente homogêneo, aparentemente coeso, pudemos perceber diferenças significativas entre as integrantes que o constituem, o que só reforça o fato de que somos múltiplas e que essas diferenças precisam ser levadas em consideração se quisermos operar mudanças significativas no contexto social em que estamos inseridas. Nas palavras de Wittig (2019), parcialmente reproduzidas na epígrafe desta tese:

Nossa primeira tarefa, ao que parece, é desassociar completamente “mulheres” (a classe dentro da qual lutamos) de “mulher”, o mito. Pois “mulher” não existe para nós, é apenas uma formação imaginária, enquanto “mulheres” são o produto de uma relação social. [...] Além disso, temos que destruir o mito dentro e fora de nós mesmas. “Mulher” não é cada uma de nós, mas sim a formação política e ideológica que nega “mulheres” (o produto de uma relação de exploração). “Mulher” existe para nos confundir, para ocultar a realidade de “mulheres”. Para nos conscientizarmos que somos uma classe e para nos tornarmos uma classe, primeiro temos que matar o mito “mulher”, inclusive seus aspectos mais sedutores. (WITTIG, 2019, p. 88. Tradução Léa Sússekind Viveiros de Castro)

Em síntese, somos múltiplas. Não há uma categoria *mulher* que seja universal e que abarque toda a nossa pluralidade. Desse modo, precisamos pensar nossas demandas numa

perspectiva dialógica, considerando os atravessamentos que nos constituem, individualmente, como sujeitas, e modos de entrelaçar as nossas lutas respeitando essas diferenças.

Para além das questões acima especificadas, espero que a presente pesquisa contribua, também, para as reflexões em torno da interface entre a *Análise de Discurso Crítica* (ADC) e a *Linguística Aplicada Crítica* (LAC), salientando e reforçando o seu caráter INdisciplinar, como nos ensina Lopes (2006). Embora tenham como ponto de partida o aspecto linguístico, ambas as áreas de estudo compreendem a linguagem como prática social. Como tal, precisamos, como nos alerta Fabrício (2006), atentar para os aspectos sociais e culturais pelos quais ela é constituinte e constitutiva, bem como, para o fato de que as práticas discursivas não são neutras, mas implicam decisões (intencionais ou não) de caráter ideológico e político, sendo perpassadas por relações de poder e provocando efeitos no mundo social. Busquei, no decorrer da constituição deste trabalho, atentar para essas relações e para esses efeitos e, para tanto, busquei o suporte e as contribuições de outras áreas do conhecimento que se mostraram pertinentes e indispensáveis, tais como, os *Estudos Culturais*, diversas vertentes dos *Feminismos*, a *Antropologia*, a *Geografia* e a *Literatura*. O fiz porque a pesquisa demandou esse movimento, mas também, por acreditar genuinamente no caráter transgressivo das áreas em que atuo e que, a meu ver, poderia e deveria ser estendido também a outras áreas de pesquisa. Não precisamos e não deveríamos nos ater às caixinhas disciplinares em que tantas vezes tentam nos aprisionar. Isso não significa, de maneira alguma, negar as áreas a que nos filiamos, mas compreender que, frequentemente, elas não são suficientes para dar conta de todos os aspectos da pesquisa que empreendemos e que se faz necessário dialogar com outras esferas do conhecimento a fim de empreender a pesquisa.

Espero, ainda, ter deixado evidente o compromisso social que assumo, por meio deste trabalho, para a construção da sociedade que almejo. O *Leia Mulheres*, como coletivo, assume esse compromisso, e eu, como integrante e pesquisadora o reforço. A tese aqui apresentada é um pequeno gesto, discursivo, simbólico, pessoal, mas também compartilhado, rumo à mudança social que desejo ver. Ela representa um esforço no sentido de compreender algumas dinâmicas sociais relacionadas ao ser mulher no mundo contemporâneo, e um pequeno passo na intenção de assumirmos a responsabilidade e lutarmos, coletivamente, pelas mudanças sociais que desejamos ver no mundo. Corroboro, assim, o ideal da ADC, apontado por Vieira e Resende (2016), no que se refere ao papel do discurso na mudança social e aos modos de organização social em torno de objetivos emancipatórios e espero ter avançado, por meio do meu olhar e das minhas contribuições, no sentido de analisar o papel das práticas discursivas

para a instauração, manutenção, mas sobretudo, a superação de problemas sociais relacionados, neste caso, aos debates de gênero, raça e classe.

Tenho, porém, ciência de que esta análise não é completa, definitiva, muito menos objetiva e imparcial e, na verdade, não tem mesmo a intenção de ser. Estou diretamente implicada na pesquisa que realizei. Eu e ela, embora distintas, fomos uma só ao longo desses mais de quatro anos. Me detive nos aspectos que foram mais relevantes do meu ponto de vista, da minha perspectiva e estabeleci as análises, explanações e interpretações a partir de um repertório que pude construir ao longo desse tempo. Há nesse processo, um caráter seletivo, de modo que escolhi responder a determinadas questões e não a outras. Existem, portanto, aspectos dos relatos das moderadoras e das experiências vividas por mim junto ao grupo que não foram esgotados, mas isso não compromete a cientificidade do trabalho realizado, muito pelo contrário, reforça o potencial das problematizações feitas e do contexto de pesquisa escolhido, deixando abertas possibilidades de pesquisas posteriores relacionadas a este tema.

Embora esta etapa esteja sendo concluída, os estudos em torno dos temas aqui debatidos não se encerram. Eu mesma sei que ainda tenho muito a aprender e continuo sedenta por mais leituras, mais aprendizados, mais conhecimentos e mais experiências em torno dos assuntos aqui abordados e espero ter instigado outras pessoas a fazerem o mesmo. Já na reta final da escrita da tese, me inscrevi no Curso *Feminismo em Comum*, promovido pela filósofa e professora Márcia Tiburi e, por meio das aulas e do encontro com outras mulheres, percebo quão longo é o caminho que tenho ainda pela frente. Mas essas experiências têm reforçado em mim o sentimento de que nosso trabalho individual é relevante, mas que a trilha deve ser percorrida coletivamente, pois juntas, aprendemos umas com as outras e, sem dúvida, somos mais fortes.

Com essas considerações finais, portanto, coloco essa minha terceira filha no mundo, pois chega uma hora em que é preciso cortar o cordão. Uma vez no mundo, ela deixa de ser somente minha e vai percorrer seus próprios caminhos. Encarar esse fruto do meu ventre olho no olho faz todo o caminho e o esforço até aqui ter valido muito à pena.

Ao *Leia Mulheres-Salvador* a minha eterna gratidão por tudo.

A você que chegou até aqui comigo, fica então feito o convite: *Leia Mulheres!*

REFERÊNCIAS

A DESCONHECIDA que superou Veríssimo e Rubem Fonseca. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 de novembro de 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/a-desconhecida-que-superou-verissimo-rubem-fonseca-20492493>. Acesso em: 09 de outubro de 2022.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Julia Romeu (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Denise Bottmann (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. Cecília Rosas (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ARRUDA, Angela. Feminismo, gênero e representações sociais. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.335-355.

ATIVISMO. In: **Dicio**: Dicionário On Line de Português. 2018. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ativismo/#:~:text=Significado%20de%20Ativismo&text=Doutrina%20ou%20argumenta%C3%A7%C3%A3o%20que%20prioriza,e%20n%C3%A3o%20da%20especula%C3%A7%C3%A3o%3B%20milit%C3%A2ncia>. Acesso em: 04 out. 2022.

ATWOOD, Margaret Eleanor. **O conto da aia**. Ana Deiró (Trad.). Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ALVES, Rubem. **O prazer da leitura**. Disponível em: <http://pagina-de-vida.blogspot.com/2007/05/o-prazer-da-leitura-rubem-alves.html>. Acesso em: 01 out. 2022.

ANTUNES, Arnaldo. **Saiba**. São Paulo: BMG Brasil: 2004. CD (2:40).

BAIROS, L. **Nossos Feminismos Revisitados**. Estudos Feministas, Vol. 3, No.2, 1995, pp.:544-552.

BATALHA, Martha. **A vida invisível de Eurídice Gusmão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Carlos Alberto Medeiros (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BELLI, Gioconda. **O país das mulheres**. Ana Resende (Trad.). Campinas: Verus Editora, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo: a experiência vivida. v.2. Sérgio Milliet (Trad.). 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BONDELÊ. **Resenha de Amora mais entrevista com a autora**. YouTube, 04 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZOOSo1MCRXA&t=603s>. Acesso em: 09 de outubro de 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Sergio Miceli et al. (Org./ Trad.). São Paulo: Perspectiva, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Maria Helena Kühner (Trad.). 16.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BRITTO, Milena. Mulheres e escrita no século XXI: apropriações, subversões, experimentos e narrativas de si. In: VIEIRA, Nancy; BRITTO, Milena (Org.). **Mulheres em cena**: literatura e imagem. Salvador: EDUFBA, 2017, p. 29-52.

BROCHMANN, Nina Dølvik; DAHL, Ellen Støkken. **The virginity fraud**. Disponível em: https://www.ted.com/talks/nina_dolvik_brochmann_and_ellen_stokken_dahl_the_virginity_fraud?language=pt-br#t-62740. Acesso em :11 de fevereiro de 2020. Rowena Esteves (Trad.).

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Renato Aguiar (Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Pê Moreira (Trad.). In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 213-230.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da ética. Rogério Bettoni (Trad.). Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: SETOR DE FILOLOGIA DA FCRB (Org.). **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CARNEIRO, Sueli. **Pobreza tem cor no Brasil**. out. 2000. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/pobreza-tem-cor-no-brasil/>. Acesso em 04 out. 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, v.17, n. 49, 2003, p. 117-132.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 313-321.

CAYMMI, Dorival. **Modinha para Gabriela**. Rio de Janeiro: Som Livre: 1975. LP (2:57).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Ephraim Ferreira Alves (Trad.). 20.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

COLASANTI, Marina. **Uma ideia toda azul**. São Paulo: Global, 2014.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. Natália Luchini (Trad.). In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 271-310.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2018.

COUTO, Mia. **Murar o medo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jACccaTogxE>. Acesso em 14 fev. 2019.

CUCHE, Denys. Cultura e identidade. In: CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. 2.ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte (Kindle Edition), 2012.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Heci Regina Candiani (Trad.). 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.357-369.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 45-65.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London; New York; Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. André R. N. Martins et al. (Trad.). Brasília: Editora UNB, 2016.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Coletivo Sycorax (Trad.). São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Coletivo Sycorax (Trad.). São Paulo: Elefante, 2019.

FERRANTE, Elena. **A amiga genial: infância, adolescência**. Maurício Santana Dias (Trad.). São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

FERRANTE, Elena. **Frantumaglia: os caminhos de uma escritora**. Marcello Lino (Trad.). Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Laura Fraga de Almeida Sampaio (Trad.) 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Carla Bitelli, Flávia Yacubian (Trad.). 1.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

GAY, Roxane. **Má feminista**. Raquel de Souza (Trad.). Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021.

GILBERT, Elizabeth. **Grande Magia**: vida criativa sem medo. Renata Telles (Trad.). Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 5.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Flávia Rios; Márcia Lima (Orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tomaz Tadeu da Silva (Trad.); Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Enio Paulo Giachini (Trad.). 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Tomaz Tadeu (Trad.). In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 157-210.

HENRIQUES, Michelle. **Ao pó**. jun. 2020. Disponível em: <https://leiamulheres.com.br/2020/06/ao-po/>. Acesso em: 09 de outubro de 2020.

HOOKS, bell. **Intelectuais negras**. Marcos Santarrita (Trad.). *Estudos Feministas*, Vol. 3, No.2, 1995, p. 465-477.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: educação como prática da liberdade. Marcelo Brandão Cipolla (Trad.). 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Ana Luiza Libânio (Trad.). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Stephanie Borges (Trad.). São Paulo: Elefante, 2020.

INGOLD, Tim. **Antropologia**: para que serve. Beatriz Silveira (Trad.). Petrópolis: Vozes, 2019.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Fábio Creder (Trad.). Petrópolis: Vozes, 2015.

JACOME, Mirele Carolina Werneque; PAGOTO, Cristian. Cultura Patriarcal e representação da mulher na literatura. **Ideação: Revista do Centro de Educação e Letras**, v.11, Número 1, 2009.

JULIÁN Fuks e Arnaldo Antunes vencem o Prêmio Jabuti 2016. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 de novembro de 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/11/1831705-julian-fuks-e-arnaldo-antunes-vencem-o-premio-jabuti-2016.shtml>. Acesso em: 09 de outubro de 2022.

KERN, Leslie. **Cidade feminista**: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens. Thereza Roque da Motta (Trad.). Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

KLEIMAN, Angela B. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Linguística Aplicada na modernidade recente**: Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. Susana Bornéo. (Trad.). In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 121-155.

LEONE, Priscilla Novaes. **Memórias**. Rio de Janeiro: DeckDisc: 2005. CD (3:34).

LISBOA, Adriana. **Azul Corvo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 13-44.

MALLMANN, Marieli. **Morar, segundo o dicionário**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4pjkEw5EZqI>. Acesso em 30 set. 2022.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Fenomenologia do ser-situado**: crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

MONTERO, Rosa. **A louca da casa**. Paulina Wacht, Ari Roitman (Trad.). Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

MORTES e casos conhecidos de coronavírus no Brasil e nos estados. **G1**. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/>. Acesso em: 08 out. 2022.

OLIVEIRA, Alessandra. Letras Feministas. **Muito**. Salvador, set. 2017.

OTTONI, Maria Aparecida Resende; LIMA, Maria Cecília de (Org.). Discursos sobre gênero e identidade. *In: Discursos, identidades e letramentos*: abordagens da análise de discurso crítica. São Paulo, Cortez, 2014.

“O RACISMO é uma problemática branca”: diz Grada Kilomba. **Carta Capital**, 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/201co-racismo-e-uma-problematica-branca201d-uma-conversa-com-grada-kilomba/>. Acesso em: 04 out. 2022.

PASSOS, Úrsula. Com raízes no século 18, clubes de leitura atraem cada vez mais adeptos. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/08/1908987-clubes-de-leitura-atraem-cada-vez-mais-os-que-querem-manter-o-habito-de-ler.shtml>. Acesso em 30 set. 2022:

PENYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. Luiz Paulo da Moita Lopes (Trad.). *In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). Por uma linguística aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-84.

PETERSEN, Anne Helen. **Não aguento mais não aguentar mais**: como os millennials se tornaram a geração do burnout. Giu Alonso (Trad.). Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2021.

PLATH, Sylvia. **Os diários de Sylvia Plath**. Karen V. Kukil (Org.); Celso Nogueira (Trad.). 2.ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

8 razões para participar de um clube de leitura. **Escrevedeira**. s.d. Disponível em: <https://escrevedeira.com.br/pagina/clubes-de-leitura>. Acesso em: 04 out. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SABINO, Fernando. O estranho ofício de escrever. *In: SABINO, Fernando. A falta que ela me faz*. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 20-22.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila (Trad.). In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 49-80.

SEIXAS, Raul. **Metamorfose ambulante**. São Paulo: Philips Records: 1973. LP (3:51).

SILVA, Joseli Maria. **Contribuição das geografias feministas nas abordagens das relações entre espaço e diferenças**. In: SPOSITO, Eliseu Savério. Rio de Janeiro: Consequência, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012. P.73-102.

SOBOLH, Telma. **Violência contra a mulher: pandemia que nunca cessa**. jul. 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/com-a-palavra/violencia-contra-a-mulher-a-pandemia-que-nao-cessa/>. Acesso em: 16 de outubro de 2020.

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim**. Isa Mara Lando (Trad.). São Paulo: Cultrix, 2017a.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos**. Denise Bottmann (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras (Kindle Edition), 2017b.

SOUZA, Jessé. **Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro**. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica alteridade? Patricia Silveira de Farias (Trad.). In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 251-268.

STRASSACAPA, Juliana. **Triste, louca ou má**. São Paulo: Independente: 2016. CD (4:25).

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: **História das mulheres no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2001, p. 401-442.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018.

TOKARCZUK, Olga. **Sobre os ossos dos mortos**. Olga Baginska-Shinzato (Trad.). São Paulo: Todavia, 2019.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Jamile Pinheiro Dias; Raquel Camargo (Trad.). São Paulo: Ubu, 2020.

VIEIRA, Nancy Rita Ferreira. **Sobre a escrita de mulheres**: dicções contemporâneas. In: VIEIRA, Nancy; BRITTO, Milena (Org.). **Mulheres em cena**: literatura e imagem. Salvador: EDUFBA, 2017, p. 9-28.

VIEIRA, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica**: O texto como material de pesquisa. 2.ed. Coleção: Linguagem e Sociedade. Vol.1. Campinas: Pontes, 2016.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. Léa Sússekind Viveiros de Castro (Trad.). In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 83-92.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Tomaz Tadeu da Silva (Trad.). In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p.7-72.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Bia Nunes de Sousa (Trad.). São Paulo: Tordesilhas, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO – PERFIL DAS SUJEITAS

1. Nome Completo: _____

2. Sexo: () M () F 3. Idade: _____ anos 4. Ocupação: _____

5. Cidade onde mora: _____

6. Cidade/Estado onde nasceu: _____

7. Com quem mora:

() pais () cônjuge () filhos () avós () irmãos () sozinha

() outros: _____

8. Estado civil:

() casada () solteira () divorciada () viúva

9. Tem filhos?

() Sim () Não

10. Em caso afirmativo, quantos, e com que idade?

11. Em caso negativo, pretende ter filhos no futuro? Justifique sua resposta.

() Sim () Não

12. Qual a sua frequência de leitura?

() cotidiana () semanal () mensal () eventual () rara

13. Como você justifica essa frequência?

14. Como você definiria a sua relação com a leitura?

() Leitora voraz

() Leitora por necessidade

() Leitora por prazer

() Leitora por obrigação

15. Você acredita que a sua religião interfere na sua relação com a leitura? De que maneira?

() Sim () Não

16. Você acredita que a sua ocupação interfere na sua relação com a leitura? De que maneira?

() Sim () Não

17. Assinale o que você costuma ler. (Pode assinalar mais de uma opção)

() Notícias / atualidades

() Textos relacionados ao seu trabalho

() Textos acadêmicos

() Ficção

() Textos publicados em redes sociais

() Autoajuda

() Outros: _____

18. Em relação aos textos literários, qual o gênero mais lido por você?

() Crônica

() Conto

() Biografia/ Autobiografia

() Poema

() Quadrinhos

() Romance

19. Há quanto tempo você frequenta o Leia-Mulheres- Salvador?

() Primeira vez () entre 2 e 6 meses () entre 6 meses e 1 ano

() entre 1 e 2 anos () entre 2 e 3 anos () desde o início

20. Como você definiria a sua frequência de participação nos encontros mensais do Leia Mulheres-Salvador?

() Mensal () Intermitente () Ocasional () Pontual

21. Quantas das obras indicadas, em média, você leu?

() 1 ou 2

() 3 a 6

() 6 a 12

() 12 a 24

() 24 a 36

() superior a 36

22. Você acredita que a sua participação em um clube de leitura interferiu ou modificou a sua relação com a leitura? Explique.

() Sim () Não

23. Entre as obras lidas, qual a que mais te marcou?

24. Por quê?

25. Qual o livro da sua vida?

26. Justifique sua resposta.

27. Se você fosse um personagem de uma obra literária, a vida de quem você escolheria viver?

28. Justifique sua resposta

APÊNDICE B - SUGESTÕES DE TÓPICOS PARA ELABORAÇÃO DE RELATO

1. Como você tomou conhecimento do Leia Mulheres? O que a motivou a vir ao primeiro encontro? Quais eram as suas expectativas?
2. Você lembra do primeiro encontro? Qual foi a obra lida? Quais os momentos que mais te marcaram no debate? Suas expectativas foram atendidas?
3. Ao longo do tempo que você participa, imagino que algumas das obras e dos debates devem ter te marcado de um modo especial. Gostaria que você falasse um pouco a respeito disso. Quais as obras e os debates inesquecíveis?
4. Você acredita que a sua participação no Leia Mulheres tem alguma interferência na sua trajetória como leitora? Que contribuições você enxerga?
5. E na sua vida pessoal, ou profissional, você percebeu algum impacto? Houve alguma temática debatida que modificou seu modo de ver algum aspecto da sua vida?
6. E no seu modo de ver os outros, ou o mundo ao seu redor? Houve alguma mudança que você atribui à leitura de alguma obra, ou às opiniões expostas em algum debate?
7. Houve alguma obra que você leu e não gostou? Qual? Por qual motivo?
8. Já aconteceu de você não gostar de alguma obra e, ao debatê-la, em grupo, ter a sua percepção modificada?
9. E o oposto? Já ocorreu? De você gostar muito de um livro e, após o debate, perceber que ele não era exatamente aquilo que você estava pensando? Que havia aspectos da obra que você não havia considerado?
10. Como você avalia a importância do debate presencial para a compreensão e o valor que a obra adquire?
11. Um dos focos do grupo Leia Mulheres é discutir as relações de gênero, tanto que a seleção das obras trabalhadas se pauta no teor de problematização das obras em relação a esse tema. Nesse aspecto, em particular, qual era a sua visão ao ingressar no grupo? E hoje? Como você avalia esse percurso?
12. Você poderia dar exemplos de pontos de vista que você defendeu durante os debates nos quais você realmente acredita?
13. Você poderia dar exemplos de pontos de vista que você ouviu durante algum dos debates dos quais você discorda? Por que você discorda?
14. Um aspecto de grande relevância nas obras são as personagens que a constituem. Na sua trajetória no Leia-Mulheres teve alguma personagem que te marcou? Ou com a qual você se

identificou mais? Qual? Fale-me um pouco sobre ela e sobre os motivos que levaram a essa identificação.

15. O oposto já ocorreu também? De ter alguma personagem com a qual não houve identificação? Fale um pouco sobre essa experiência.

16. Em relação aos gêneros textuais escolhidos, tem algum que seja da sua preferência? O grupo em alguma medida contribui para te desafiar a ler gêneros com os quais você possui pouca familiaridade? Exemplifique.

17. E no que se refere às temáticas abordadas? Teve alguma leitura ou encontro que você considera que trouxeram algum aprendizado em relação a algum tema com o qual você não estava familiarizada?

18. Houve, ao longo desse tempo, alguma grande descoberta em relação a autoras? Alguma autora que você não conhecia antes do Leia-Mulheres e que se tornou um tesouro particular seu após o primeiro contato no grupo?

19. O que mais achar interessante mencionar que não tenha sido contemplado nas questões anteriores.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Estudo – MULHERES LENDO MULHERES: construção e contestação de identidades de gênero no contexto do clube de leitura *Leia Mulheres – Salvador*

Pesquisadora Responsável: Milena Farias de Sousa

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa. Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo. Caso haja alguma palavra ou frase que não consiga entender, converse com o pesquisador responsável para esclarecê-las.

A proposta deste termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre o estudo e obter a sua permissão para participar do mesmo de forma voluntária.

Meu nome é Milena Farias de Sousa, sou aluna de doutorado do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e gostaria de convidá-lo(a) para participar de uma pesquisa sobre a construção e a contestação de identidades de gênero por meio dos discursos no contexto do clube de leitura *Leia Mulheres-Salvador*. Esse trabalho é parte integrante do Projeto “**MULHERES LENDO MULHERES: construção e contestação de identidades de gênero no contexto do clube de leitura *Leia Mulheres – Salvador***”, orientado pela Prof.^a Dr.^a Denise Maria Oliveira Zoghbi (PPGLinC / ILUFBA). Destacamos que esse estudo fundamentará, em parte, minha pesquisa de doutorado e utilizará como instrumentos para coleta de dados a aplicação de um questionário, a elaboração de um relato por escrito e a observação dos encontros presenciais e virtuais com registros da pesquisadora.

Objetivos do Estudo

Nosso objetivo com a presente pesquisa é Investigar as possíveis contribuições das reflexões e debates do clube de leitura *Leia Mulheres – Salvador* para a construção e contestação de identidades de gênero. Para tanto, foram delineados como objetivos específicos: a) identificar as representações do ser mulher apresentadas nas obras escolhidas; b) problematizar a retomada, contestação e/ou omissão dessas representações nos discursos proferidos nos debates presenciais; c) investigar a maneira como as moderadoras do grupo caracterizam e concebem suas próprias identidades sociais; d) avaliar possíveis influências das identidades sociais das sujeitas da pesquisa nos posicionamentos que assumem no debate; e) mapear e compreender como as sujeitas da pesquisa avaliam as contribuições das leituras e debates nas

próprias representações de si; f) avaliar e discutir os impactos dos debates realizados na compreensão do lugar da mulher na sociedade contemporânea.

Participantes do estudo

Participarão do estudo as 05 (cinco) moderadoras do grupo, todas do sexo feminino e com frequência regular no grupo *Leia Mulheres* em Salvador. Você foi escolhido(a) a participar porque é uma das moderadoras com participação efetiva nos encontros, assídua nos encontros há algum tempo e por ser do sexo feminino.

Após entender e concordar em participar, serão utilizados os seguintes instrumentos para a geração dos dados:

- 1) **Questionário** para conhecimento das participantes da pesquisa e da dimensão dos impactos da participação no clube de leitura *Leia-Mulheres* em sua vida como leitora e como mulher.
- 2) **Relato por escrito** elaborado por cada moderadora a partir de algumas pautas sugeridas pela pesquisadora propondo reflexões acerca da experiência junto ao clube de leitura *Leia Mulheres-Salvador*.
- 3) **Observação participante dos encontros presenciais e virtuais** com o intuito de registrar informações relevantes no que se refere às obras lidas e aos debates sobre elas.
- 4) **Registros escritos da pesquisadora**, a partir da observação participante, para registrar anotações referentes aos debates das obras lidas, com vistas a ser usado como fonte posterior de reflexão sobre as obras em si, os discursos proferidos e o debate como um todo.

Riscos potenciais e desconforto

É possível que, durante o processo da pesquisa, você ache que sua privacidade esteja sendo invadida; que seja preciso responder a questões sensíveis, tais como aspectos da sua vida que ficaram latentes no debate e podem ter alguma relação com a sua opinião sobre a obra e os discursos que proferiu ao longo do debate; que a pesquisadora tome seu tempo para responder ao questionário e elaborar o relato; que a pesquisadora interfira na sua rotina; que você sinta embaraço de interagir com estranhos, ou medo de repercussões eventuais; e que haja possíveis danos à dimensão psíquica, moral, intelectual, social, cultural do ser humano, em qualquer etapa da pesquisa e dela decorrente.

No entanto, como propostas de intervenção para os riscos apontados, o pesquisador assegura:

- Certificar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico – financeiro.

- Estar atento aos sinais verbais e não verbais de desconforto.
- Minimizar desconfortos, garantindo local reservado e liberdade para não responder questões que lhes pareçam constrangedoras.
- Garantir o acesso aos resultados individuais e coletivos.
- Discutir com os participantes as providências cabíveis quando perceber qualquer possibilidade de dano, decorrente da participação na pesquisa, que podem incluir o encerramento da pesquisa e informar o sistema CEP/CONEP.

Benefícios para o participante

Não há benefício direto para o participante desse estudo. Somente no final da pesquisa poderemos concluir a presença de algum benefício. Porém, para as pessoas que vierem a contribuir como sujeitos da pesquisa, a participação na mesma, bem como a observação dos resultados obtidos com este estudo poderão funcionar como uma oportunidade de fazer uma retrospectiva da sua participação no grupo, avaliando os impactos que teve na sua vida, nos seus processos de identificação e subjetivação, em sua forma de enxergar a si mesmas e o contexto social em que estão inseridas.

Compensação

Você não receberá nenhuma compensação para participar desta pesquisa e, também, não terá nenhuma despesa adicional.

Participação Voluntária/Desistência do Estudo

Sua participação neste estudo é totalmente voluntária, ou seja, você somente participa se quiser.

A não participação no estudo não implicará em nenhuma complicação. Após assinar o consentimento, você terá total liberdade de retirá-lo a qualquer momento e deixar de participar do estudo se assim o desejar, sem quaisquer prejuízos.

Novas Informações

Quaisquer novas informações que possam afetar a sua segurança ou influenciar na sua decisão de continuar a participação no estudo serão fornecidas a você por escrito. Se você decidir continuar neste estudo, terá que assinar um novo (revisado) Termo de Consentimento informado para documentar seu conhecimento sobre novas informações.

Com Quem Devo Entrar em Contato em Caso de Dúvida

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. A responsável por este estudo é Milena Farias de Sousa, que poderá ser contatada através do e-mail mifasou@gmail.com e/ou pelo telefone (71) 98880-3284.

Também em caso de dúvida, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal da Bahia (CEP/FAR/UFBA). O CEP busca defender os interesses dos participantes de pesquisa e é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal da Bahia (CEP/FAR/UFBA) está localizado na Rua Barão de Jeremoabo, 147, - Faculdade de Farmácia, Ondina. Telefone: (71) 3283-6902. E-mail: cepfar@ufba.br.

Resultados e materiais da pesquisa

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizados. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação.

Esse termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida ao participante. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco (5) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo os princípios éticos das pesquisas em ciências humanas e sociais, que estão pautados na legislação brasileira (Resolução nº 466/12 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaração de Consentimento

Eu,

_____,
portador(a) do documento de Identidade _____, concordo em participar do estudo intitulado " **MULHERES LENDO MULHERES: construção e contestação de identidades de gênero no contexto do clube de leitura *Leia Mulheres – Salvador***". Li e entendi o documento de consentimento e o objetivo do estudo, bem como seus possíveis benefícios e riscos. Tive oportunidade de perguntar sobre o estudo e todas as minhas dúvidas foram esclarecidas. Entendo que estou livre para decidir não participar desta

pesquisa e que, ao assinar este documento, não estou abdicando de nenhum de meus direitos legais. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim desejar. Declaro que concordo em participar e recebi uma cópia desse termo de consentimento livre e esclarecido.

Salvador, _____ de _____ de _____.

Nome completo (participante)

Data

Nome completo (pesquisador responsável)

Data

Nome completo (testemunha)

Data

Em caso de minha desistência em permanecer na pesquisa, autorizo que os meus dados já coletados referentes a questionários respondidos e similares ainda sejam utilizados na pesquisa, com os mesmos propósitos já apresentados nesse TCLE.

Nome completo (participante)

Data

APÊNDICE D – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Mulheres lendo Mulheres: a construção e a contestação de identidades de gênero no contexto do clube de leitura Leia Mulheres ; Salvador **Pesquisador:** Milena Farias de Sousa **Área Temática:**

Versão: 1

CAAE: 22876719.0.0000.8035

Instituição Proponente:Instituto de Letras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Universidade Federal da Bahia - UFBA

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.676.780

Apresentação do Projeto:

Projeto doutoral MULHERES LENDO MULHERES: a construção e contestação de identidades de gênero no contexto do clube de leitura Leia Mulheres – Salvador" é orientado pela Dr.^a Denise Maria Oliveira Zoghbi (Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA).

As questões que mobilizam a pesquisa são: de que maneira os discursos que permeiam os debates do grupo Leia Mulheres- Salvador materializam a construção e contestação de identidades de gênero entre suas integrantes? Me questiono, ainda: de que modo as representações do feminino apresentadas nas obras escolhidas são corroboradas e contestadas nos debates do grupo Leia Mulheres-Salvador?; de que maneira as identidades sociais das integrantes do grupo se refletem em seus posicionamentos nos debates?; como as integrantes do grupo avaliam os impactos das leituras e debates realizados nos encontros em suas próprias representações de si?; qual o impacto dos debates realizados na compreensão do lugar da mulher na sociedade contemporânea?

A pesquisa se insere no paradigma qualitativo ou interpretativista. É um estudo de base etnográfica, pois irá incorporar alguns instrumentos etnográficos durante a realização da pesquisa, tais como: questionário, observação e participação ativa, diário de campo, entrevistas semi-estruturadas, conforme pode ser observado nos procedimentos metodológicos propostos para a geração de dados. A saber: 1. Caracterização do clube de leitura Leia Mulheres-Salvador a partir das entrevistas semi-estruturadas com as mediadoras do grupo e da observação da descrição feita no Facebook e dos encontros presenciais; 2. Aplicação de questionários, a fim de avaliar o perfil das mulheres que participam do clube e suas motivações; 3. Leitura das obras indicadas, buscando verificar: a proposição de temáticas e aspectos relacionados à identidade, e às representações do feminino apresentadas por meio

das personagens das obras; 4. Observação-participante dos encontros presenciais para o debate dos livros, seguida de anotações que constituirão um diário de campo; 5. Realização de entrevistas semi-estruturadas com os demais sujeitos escolhidos para a pesquisa.

Tamanho da Amostra no Brasil: 20

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

A fim de responder aos questionamentos propostos, delineei para este projeto, o seguinte objetivo geral: Investigar as possíveis contribuições das reflexões e debates do clube de leitura Leia Mulheres – Salvador para a construção e contestação de identidades de gênero entre suas integrantes.

Objetivo Secundário:

Objetivo também: identificar as representações do ser mulher apresentadas nas obras escolhidas; problematizar a retomada, contestação e/ou omissão dessas representações nos discursos proferidos nos debates presenciais; investigar a maneira como essas mulheres caracterizam e concebem suas próprias identidades sociais; avaliar possíveis influências das identidades sociais das integrantes do grupo nos posicionamentos que assumem no debate; mapear e compreender como as participantes avaliam as contribuições das leituras e debates nas próprias representações de si; avaliar e discutir os impactos dos debates realizados na compreensão do lugar da mulher na sociedade contemporânea.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Critério de Inclusão:

Os únicos critérios estabelecidos para que se tornem sujeitos na pesquisa serão: que sejam mulheres (muito embora, a participação de homens seja admitida, embora ocorra em pequena quantidade) e que estejam integradas ou estejam se integrando ao referido clube de leitura. Como o público que frequenta os debates não é fixo, mas varia bastante conforme o interesse das pessoas na obra escolhida para aquele mês, embora todos os discursos proferidos no debate possam contribuir com a realização da pesquisa, serão selecionadas para a realização dos instrumentos questionário e entrevista aquelas que forem mais assíduas aos encontros.

Riscos:

O risco que se coloca para os sujeitos participantes da pesquisa é o de vergonha, constrangimento ou inseguranças, afinal, compreende-se que a própria presença de uma pesquisadora no local, já pode afetar o comportamento das pessoas. Acredita-se que tal aspecto será minimizado devido ao fato de ser a pesquisadora membro e frequentadora assídua do grupo, sendo conhecida pela maioria das integrantes, se colocando à disposição para esclarecer a natureza da pesquisa e dirimindo as dúvidas que porventura surjam, por parte dos sujeitos envolvidos, no que tange à sua realização. Além disso, contaremos com o apoio e a presença das moderadoras do grupo Leia-Mulheres em Salvador, cientes de maneira antecipada dos propósitos da pesquisa realizada, o que ameniza a probabilidade de reações mais hostis por parte do grupo que, em sua maioria, conhece e mantém uma relação de confiança com elas. De qualquer modo, se, porventura, algum integrante do grupo se sentir constrangido em razão da realização da pesquisa, seja ao responder um questionário ou

perguntas de uma entrevista, ou até mesmo por realizar uma atividade proposta, contarei com o apoio e orientação das moderadoras presentes.

Benefícios

Compreende que, tão importante quanto a análise das obras publicadas, são os debates que brotam em torno delas, ou seja, os discursos produzidos não apenas pelas obras em si, mas a partir delas. Entende, ainda, que esse debate também não deve ficar restrito aos espaços de discussão sobre gênero. A proposta de abrir diálogos entre a academia e a sociedade não negligenciará as demandas sociais e de movimentos que têm se alastrado pelo país afora. É preciso compreender que movimento é esse, quais as suas contribuições e o seu legado. É preciso visibilizá-lo, discuti-lo. Para as pessoas que vierem a contribuir como sujeitos da pesquisa, não há benefício direto e imediato. Somente no final da pesquisa poderemos concluir a presença de algum benefício. Porém esta será uma oportunidade de fazer uma retrospectiva da sua participação no grupo, avaliando os impactos que teve na sua vida, nos seus processos de identificação e subjetivação, em sua forma de enxergar a si mesmas e ao contexto social em que estão inseridas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto claro, bem argumentado e com relevância social e impacto no campo de práticas e estudos literários. Metodologia detalhada e consistente. Os cuidados esperados para condução da pesquisa foram apresentados. Cronograma adequado as condições de execução e prazos da pesquisa doutoral. A pesquisa não conta com apoio financeiro, depende de financiamento próprio. Os dados indicados no orçamento são justificáveis e condizem com as demandas da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A leitura cuidadosa dos documentos atesta que eles contemplam as exigências previstas. O termo de consentimento livre e esclarecido é claro e detalhado, contendo os procedimentos que deverão ser tomados caso o participante porventura experimente desconfortos, tenha o desejo de desvincular-se do processo etc. O questionário e o roteiro da entrevista semi-estruturada forma apresentados e estão formulados corretamente.

Recomendações:

Salvo melhor juízo, não indico recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a leitura do Projeto e dos documentos anexados a esse pleito não localizei pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1419846.pdf	01/10/2019 14:12:26	Milena Farias de Sousa	Aceito

Projeto				
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	01/10/2019 14:08:18	Milena Farias de Sousa	Aceito
Declaração de Pesquisadores	carta_de_encaminhamento.pdf	12/09/2019 11:14:04	Milena Farias de Sousa	Aceito
Outros	equipe_detalhada.pdf	12/09/2019 10:31:02	Milena Farias de Sousa	Aceito
Outros	apendice_questionario_entrevista.pdf	12/09/2019 10:29:29	Milena Farias de Sousa	Aceito

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_consentimento.pdf	12/09/2019 09:49:15	Milena Farias de Sousa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_de_pesquisa_.pdf	12/09/2019 09:47:57	Milena Farias de Sousa	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_de_concordancia.pdf	12/09/2019 09:36:30	Milena Farias de Sousa	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	12/09/2019 09:31:40	Milena Farias de Sousa	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	12/09/2019 09:29:53	Milena Farias de Sousa	Aceito
Declaração de Pesquisadores	solicitacao_e_anuencia_de_campo.pdf	12/09/2019 09:28:19	Milena Farias de Sousa	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_de_nao_inicio.pdf	12/09/2019 09:26:45	Milena Farias de Sousa	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_de_confidencialidade.pdf	12/09/2019 09:23:26	Milena Farias de Sousa	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_de_autorizacao.pdf	12/09/2019 09:21:04	Milena Farias de Sousa	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_de_responsabilidade.pdf	12/09/2019 09:18:03	Milena Farias de Sousa	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 01 de Novembro de 2019

Assinado por:
Ana Leonor Pardo Campos Godoy
(Coordenador(a))

ANEXOS

ANEXO A – QUESTIONÁRIO SOPHIE

1. Pseudônimo: Sophie

2. Sexo: () M (X) F **3. Idade:** 33 anos **4. Ocupação:** Servidora Pública

5. Cidade onde mora: Salvador – BA

6. Cidade/Estado onde nasceu: Itaberaba – BA

7. Com quem mora:

() pais (X) cônjuge () filhos () avós () irmãos () sozinha

() outros: _____

8. Estado civil:

() casada (X) solteira () divorciada () viúva

9. Tem filhos?

() Sim (X) Não

10. Em caso afirmativo, quantos, e com que idade?

11. Em caso negativo, pretende ter filhos no futuro? Justifique sua resposta.

() Sim () Não

Não me decidi ainda

12. Qual a sua frequência de leitura?

(X) cotidiana () semanal () mensal () eventual () rara

13. Como você justifica essa frequência?

Estou sempre lendo algum livro

14. Como você definiria a sua relação com a leitura?

() Leitora voraz

() Leitora por necessidade

(X) Leitora por prazer

() Leitora por obrigação

15. Você acredita que a sua religião interfere na sua relação com a leitura? De que maneira?

() Sim (X) Não

Não tenho religião

16. Você acredita que a sua ocupação interfere na sua relação com a leitura? De que maneira?

Sim () Não

Uso parte do meu horário de trabalho para ler e ouço audiobooks no trânsito

17. Assinale o que você costuma ler. (Pode assinalar mais de uma opção)

Notícias / atualidades

() Textos relacionados ao seu trabalho

() Textos acadêmicos

Ficção

Textos publicados em redes sociais

Autoajuda

() Outros: _____

18. Em relação aos textos literários, qual o gênero mais lido por você?

() Crônica

Conto

Biografia/ Autobiografia

() Poema

() Quadrinhos

Romance

19. Há quanto tempo você frequenta o Leia-Mulheres- Salvador?

() Primeira vez () entre 2 e 6 meses () entre 6 meses e 1 ano

() entre 1 e 2 anos () entre 2 e 3 anos desde o início

20. Como você definiria a sua frequência de participação nos encontros mensais do Leia Mulheres-Salvador?

Mensal () Intermitente () Ocasional () Pontual

21. Quantas das obras indicadas, em média, você leu?

() 1 ou 2

() 3 a 6

() 6 a 12

() 12 a 24

() 24 a 36

superior a 36

22. Você acredita que a sua participação em um clube de leitura interferiu ou modificou a sua relação com a leitura? Explique.

(X) Sim () Não

Aumentou a diversidade das obras que leio, tanto em relação aos temas quanto em relação às autoras. Tive estímulo para ler obras que eu provavelmente não teria lido se tivesse que escolher por mim mesma. Por outro lado, passei a ter mais resistência a algumas obras cujos temas vem se repetindo no Leia Mulheres. A leitura por obrigação, que antes não existia para mim, passou a ser uma constante pela atividade de mediação do Leia Mulheres

23. Entre as obras lidas, qual a que mais te marcou?

O Conto da Aia

24. Por quê?

Porque não gostei tanto do livro, mas com a discussão fui percebendo a importância dele e o quanto ele impacta pessoas das mais diversas idades e origens.

25. Qual o livro da sua vida?

Orgulho e Preconceito, de Jane Austen

26. Justifique sua resposta.

É um livro para o qual eu sempre retorno quando preciso me sentir acolhida e em casa. É um livro que tem várias camadas, que vão desde o romance com final feliz até uma crítica social muito sagaz. Ao contrário de tantos romances em que a paixão (frequentemente à primeira vista) guia os personagens, aqui eles são guiados por um desejo de se tornar pessoas melhores e mais dignas. Eles crescem durante o romance e por isso acreditamos no amor deles. É o oposto, para mim, desse amor romântico tão problemático dos dias de hoje.

27. Se você fosse um personagem de uma obra literária, a vida de quem você escolheria viver?

Sophie, de O Castelo Animado

28. Justifique sua resposta

Adoraria viver em um mundo encantado à la Mizayaki, mas sem ameaças tão sinistras quanto as de *Harry Potter* ou *O Senhor dos Aneis*.

29. Há quanto tempo você atua como moderadora do *Leia Mulheres-Salvador*?

Desde janeiro de 2016 (5 anos)

30. Quais as semelhanças e diferenças que você observa na sua experiência apenas como integrante do Leia e, em seguida, como moderadora (pergunta exclusiva para as moderadoras que já viveram as duas experiências)? – SEM RESPOSTA

ANEXO B – QUESTIONÁRIO LIZZIE

1. Pseudônimo: Lizzie

2. Sexo: () M (X) F **3. Idade:** 43 anos **4. Ocupação:** Servidora Pública

5. Cidade onde mora: Salvador/BA

6. Cidade/Estado onde nasceu: Salvador/BA

7. Com quem mora:

() pais (X) cônjuge () filhos () avós () irmãos () sozinha

() outros: _____

8. Estado civil:

(X) casada () solteira () divorciada () viúva

9. Tem filhos?

() Sim (X) Não

10. Em caso afirmativo, quantos, e com que idade?

11. Em caso negativo, pretende ter filhos no futuro? Justifique sua resposta.

() Sim (X) Não

Não pretendo ter filhos. Acredito que o mundo vive uma crise climática que só vai se agravar e gerar muitas crises políticas, não quero colocar ninguém nesse mundo.

12. Qual a sua frequência de leitura?

() cotidiana () semanal (X) mensal () eventual () rara

13. Como você justifica essa frequência?

Atualmente leio mais ou menos um livro por mês, geralmente o livro do Leia.

14. Como você definiria a sua relação com a leitura?

() Leitora voraz

() Leitora por necessidade

(X) Leitora por prazer

() Leitora por obrigação

15. Você acredita que a sua religião interfere na sua relação com a leitura? De que maneira?

() Sim (X) Não

Não tenho religião.

16. Você acredita que a sua ocupação interfere na sua relação com a leitura? De que maneira?

Sim Não

Acredito que minha ocupação atual em que sempre estou estudando coisas novas concorra com minhas leituras, pois muitas vezes no final do dia já estou cansada demais para ler, principalmente ler livros de não ficção.

17. Assinale o que você costuma ler. (Pode assinalar mais de uma opção)

Notícias / atualidades

Textos relacionados ao seu trabalho

Textos acadêmicos

Ficção

Textos publicados em redes sociais

Autoajuda

Outros: _____

18. Em relação aos textos literários, qual o gênero mais lido por você?

Crônica

Conto

Biografia/ Autobiografia

Poema

Quadrinhos

Romance

19. Há quanto tempo você frequenta o Leia-Mulheres- Salvador?

Primeira vez entre 2 e 6 meses entre 6 meses e 1 ano

entre 1 e 2 anos entre 2 e 3 anos desde o início

20. Como você definiria a sua frequência de participação nos encontros mensais do Leia Mulheres-Salvador?

Mensal Intermitente Ocasional Pontual

21. Quantas das obras indicadas, em média, você leu?

1 ou 2

3 a 6

6 a 12

12 a 24

24 a 36

superior a 36

22. Você acredita que a sua participação em um clube de leitura interferiu ou modificou a sua relação com a leitura? Explique.

(X) Sim () Não

Me fez ler com mais regularidade, para acompanhar as discussões.

23. Entre as obras lidas, qual a que mais te marcou?

Amada e A Louca da Casa

24. Por quê?

Amada - Acho que foi uma surpresa um livro tão bem escrito e com uma história tão forte, do tipo que a gente começa bem perdida e vai entendendo o que aconteceu no meio. O tema da escravidão é muito doloroso, mas muito necessário.

A Louca da Casa – outra surpresa, livro leve e que fala sobre a importância da ficção, de um jeito que eu nunca tinha pensado antes e ao mesmo tempo tão verdadeiro.

25. Qual o livro da sua vida?

Não sei... seguem alguns: Amada, Dentes Brancos, O Deus das Pequenas Coisas, Orgulho e Preconceito...

26. Justifique sua resposta.

Acho que não tenho o livro da minha vida, pelo menos não ainda, então coloquei alguns que lembrei que foram ótimas leituras.

27. Se você fosse um personagem de uma obra literária, a vida de quem você escolheria viver?

Elizabeth Bennet

28. Justifique sua resposta

Acho que eu li muitas histórias sofridas, difíceis, vidas que eu não queria viver. Elizabeth Bennet de *Orgulho e Preconceito* me parece uma personagem interessante e que vai levar uma vida mais alegre e tranquila.

29. Há quanto tempo você atua como moderadora do *Leia Mulheres-Salvador*?

Há um ano e meio mais ou menos.

30. Quais as semelhanças e diferenças que você observa na sua experiência apenas como integrante do Leia e, em seguida, como moderadora (pergunta exclusiva para as moderadoras que já viveram as duas experiências)?

Acho que como moderadora eu sinto mais responsabilidade, vejo o trabalho que é escolher os livros, sinto mais obrigação de terminar a leitura e estar mais atenta para a discussão.

ANEXO C – QUESTIONÁRIO JUNE

1. Pseudônimo: June

2. Sexo: () M (X) F

3. Idade: 42 anos

4. Ocupação: Técnica Judiciária

5. Cidade onde mora: Salvador

6. Cidade/Estado onde nasceu: Salvador/BA

7. Com quem mora:

() pais () cônjuge () filhos () avós () irmãos (X) sozinha

() outros: _____

8. Estado civil:

() casada (X) solteira () divorciada () viúva

9. Tem filhos?

() Sim (X) Não

10. Em caso afirmativo, quantos, e com que idade?

11. Em caso negativo, pretende ter filhos no futuro? Justifique sua resposta.

(X) Sim () Não

Pretendo ter filhos porque sempre foi minha vontade. Não realizei antes porque me dediquei aos estudos/trabalho em busca de estabilidade. Além disso, faltou um parceiro para realizar esse desejo. Apesar da idade, os avanços da medicina me dão esperança de ainda vivenciar a maternidade.

12. Qual a sua frequência de leitura?

() cotidiana () semanal (X) mensal () eventual () rara

13. Como você justifica essa frequência?

As atividades cotidianas e o estresse por conta do trabalho, mesmo em home office (ou até mesmo principalmente por isso) atrapalham uma leitura diária proveitosa, mas estou tentando mudar isso para ler mais e ler gêneros variados.

14. Como você definiria a sua relação com a leitura?

() Leitora voraz

() Leitora por necessidade

(X) Leitora por prazer

() Leitora por obrigação

15. Você acredita que a sua religião interfere na sua relação com a leitura? De que maneira?

Sim () Não

Acredito que sim. Tenho frequentado o Espiritismo há alguns anos e são muitos os livros disponíveis, a começar pelas obras básicas, que convidam à leitura e ao estudo. Além do mais, são muitas doutrinárias/palestras baseadas em livros que também acabam despertando o interesse pela leitura.

16. Você acredita que a sua ocupação interfere na sua relação com a leitura? De que maneira?

Sim () Não

Minha ocupação interfere na minha relação com a leitura à medida em que o estresse, provocado por um trabalho repetitivo, pressão de prazos e ambiente pesado da área criminal, além de, algumas vezes, situações desconfortáveis com chefes/colegas, me leva a buscar nos livros um refúgio, uma válvula de escape, para aliviar essa tensão cotidiana.

17. Assinale o que você costuma ler. (Pode assinalar mais de uma opção)

Notícias / atualidades

Textos relacionados ao seu trabalho

Textos acadêmicos

Ficção

Textos publicados em redes sociais

Autoajuda

Outros: Biografias, distopias.

18. Em relação aos textos literários, qual o gênero mais lido por você?

Crônica

Conto

Biografia/ Autobiografia

Poema

Quadrinhos

Romance

19. Há quanto tempo você frequenta o Leia-Mulheres- Salvador?

Primeira vez () entre 2 e 6 meses () entre 6 meses e 1 ano

entre 1 e 2 anos () entre 2 e 3 anos desde o início

20. Como você definiria a sua frequência de participação nos encontros mensais do Leia Mulheres-Salvador?

Mensal () Intermitente () Ocasional () Pontual

21. Quantas das obras indicadas, em média, você leu?

() 1 ou 2

() 3 a 6

() 6 a 12

() 12 a 24

() 24 a 36

superior a 36

22. Você acredita que a sua participação em um clube de leitura interferiu ou modificou a sua relação com a leitura? Explique.

Sim () Não

Com certeza. Além de buscar algo que me desse prazer para relaxar das tensões cotidianas, poder conversar com outras pessoas e compartilhar impressões sobre os livros motivam muito mais a prática da leitura.

23. Entre as obras lidas, qual a que mais te marcou?

Foram muitas as obras que me impactaram, trouxeram inquietações e reflexões, mas se eu tiver que citar apenas uma, fico com Quarto de despejo, de Carolina de Jesus.

24. Por quê?

A escolha se deve não só pelo conteúdo da obra em si, mas por tudo que representa, seja a visão da mulher negra, da favela e sua realidade, por ela mesma, seja o silenciamento, evidenciado pelo fato do livro e da autora terem ficado desconhecidos por tanto tempo no país, sendo divulgados anteriormente no exterior. Se não fosse pelo Leia Mulheres, talvez eu ainda ignorasse a existência dela até hoje.

25. Qual o livro da sua vida?

É uma pergunta difícil, até porque não li tantos livros quanto gostaria (muitos na minha estante ainda estão aguardando), mas ao mesmo tempo li vários que me marcaram, mas um livro que tenho sempre na memória é “Venha ver o pôr-do-sol e outros contos”, da Lygia Fagundes Teles.

26. Justifique sua resposta

É um livro que me traz muitas lembranças da época da escola e de como a minha relação com a leitura foi se fortalecendo. O conto que dá nome ao livro foi lido pelo professor de português em sala e daí despertou meu encanto por Lygia e ainda mais pela literatura em geral.

27. Se você fosse um personagem de uma obra literária, a vida de quem você escolheria viver?

Também é uma pergunta difícil porque a gente vai se identificando com um ponto aqui de uma personagem, outro acolá de outra. Mas das leituras dos últimos anos, que li no Leia inclusive, uma personagem que me conquistou e me inspirou muito foi a Offred, do livro “O conto da aia”, de Margaret Atwood, que inclusive gerou uma discussão riquíssima no encontro do Leia, em que houve também paralelo com a realidade atual brasileira.

28. Justifique sua resposta

Embora ela (sobre)viva em uma situação de dominação e privação de liberdade, ela se mostra muito forte e corajosa, ora entrando no jogo para sobreviver, ora tentando transgredir para se salvar e também salvar outras. Acho que é uma mensagem inspiradora para resistir e superar tempos difíceis, em que as mulheres ainda sofrem situações de opressão e violência.

29. Há quanto tempo você atua como moderadora do *Leia Mulheres-Salvador*?

Há 3 anos.

30. Quais as semelhanças e diferenças que você observa na sua experiência apenas como integrante do Leia e, em seguida, como moderadora (pergunta exclusiva para as moderadoras que já viveram as duas experiências)?

Na verdade, eu sempre tive vontade de participar de um clube de leitura (era uma meta que escrevia todos os anos em um papel pra você ter uma idéia...), até que finalmente eu fiquei sabendo do Leia Mulheres (nacional) através de alguma postagem no Facebook (eu acho que foi da página do Catraca Livre) e fui logo buscar o daqui de Salvador. Para minha grata surpresa foi um clube além de minhas expectativas porque além de ser um espaço para encontrar e conversar com pessoas sobre livros, também me fez refletir do quanto minha estante estava masculina. Quer dizer, além de trazer o prazer da leitura, trouxe outras perspectivas. Imagino que essa é uma reflexão que a maioria das participantes deve fazer quando vai pro Leia. Não comecei a frequentar no primeiro encontro mas foi logo no início, nos primeiros meses, no início do ano de 2016. Comprei o livro para o segundo encontro, mas acabei não indo porque não chegou a tempo para ler. Fui no terceiro mês, e eu gostei muito, gostei da dinâmica, da energia do grupo e decidi que não deixaria mais de ir. Assumi esse compromisso comigo mesma e ficava chateada quando não conseguia ir. Então, eu me esforçava pra adquirir e ler o livro a tempo, fazia anotações, gostava de participar, comentar, compartilhar as impressões e, principalmente, ouvir as impressões das outras pessoas que traziam tanta riqueza à leitura e ao entendimento dos livros e das autoras. Então, em janeiro de 2018, quase dois anos depois, as meninas me convidaram para ser mediadora. A partir daí,

a divulgação que eu já fazia como leitora, passou a ser mais sistematizada e comprometida. Ser mediadora também traz uma responsabilidade grande sobre as escolhas das autoras e dos livros. Daí buscamos trazer, na medida do possível, a diversidade de autoras, gêneros literários, nacionalidades e temas, e atentar para questões de representatividade e de acessibilidade, tais como preço, tamanho, etc.

ANEXO D – QUESTIONÁRIO SETHE

1. Pseudônimo: Sethe

2. Sexo: () M (X) F **3. Idade:**43 anos **4. Ocupação:** Professora

5. Cidade onde mora: Salvador

6. Cidade/Estado onde nasceu: Salvador, BA

7. Com quem mora:

() pais () cônjuge () filhos () avós () irmãos (X) sozinha

() outros: _____

8. Estado civil:

() casada (X) solteira () divorciada () viúva

9. Tem filhos?

(X) Sim () Não

10. Em caso afirmativo, quantos, e com que idade?

Uma filha com 23 anos

11. Em caso negativo, pretende ter filhos no futuro? Justifique sua resposta.

() Sim () Não

12. Qual a sua frequência de leitura?

(X) cotidiana () semanal () mensal () eventual () rara

13. Como você justifica essa frequência?

A leitura é um atividade cotidiana que faz parte de meu trabalho e também é uma forma de relaxar e um hobby.

14. Como você definiria a sua relação com a leitura?

(X) Leitora voraz

() Leitora por necessidade

() Leitora por prazer

() Leitora por obrigação

15. Você acredita que a sua religião interfere na sua relação com a leitura? De que maneira?

() Sim (X) Não

16. Você acredita que a sua ocupação interfere na sua relação com a leitura? De que maneira?

Sim Não

Sim, sou professora e a leitura está intercalada nas atividades por mim desenvolvidas. Como professora eu sou uma mediadora de leitura além de ensinar procedimentos e hábitos de formação de leitores.

17. Assinale o que você costuma ler. (Pode assinalar mais de uma opção)

Notícias / atualidades

Textos relacionados ao seu trabalho

Textos acadêmicos

Ficção

Textos publicados em redes sociais

Autoajuda

Outros: _____

18. Em relação aos textos literários, qual o gênero mais lido por você?

Crônica

Conto

Biografia/ Autobiografia

Poema

Quadrinhos

Romance

19. Há quanto tempo você frequenta o Leia-Mulheres- Salvador?

Primeira vez entre 2 e 6 meses entre 6 meses e 1 ano

entre 1 e 2 anos entre 2 e 3 anos desde o início

20. Como você definiria a sua frequência de participação nos encontros mensais do Leia Mulheres-Salvador?

Mensal Intermitente Ocasional Pontual

21. Quantas das obras indicadas, em média, você leu?

1 ou 2

3 a 6

6 a 12

() 12 a 24

() 24 a 36

(X) superior a 36

22. Você acredita que a sua participação em um clube de leitura interferiu ou modificou a sua relação com a leitura? Explique.

(X) Sim () Não

As obras lidas e a possibilidade de discutir com outros leitores, reconhecendo assim as suas impressões fez com que a obra ampliasse o seu alcance sobre mim e as minhas experiências. Um clube de leitura nos conduz à elaboração de uma experiência leitora mais atenta, complexa e completa, nos capacita a sermos leitores mais experientes, com maior capacidade crítica e argumentativa. Exige que a história seja esmiuçada em nós, numa espiral de leitura diferente da leitura que é solitária.

23. Entre as obras lidas, qual a que mais te marcou?

Muitas, mas a que mais marcou foi Amada, de Toni Morrison.

24. Por quê?

Primeiro, pelas temáticas abordadas pelo livro, como a escravidão, a maternidade, a liberdade. Pela escrita poética de Toni Morrison, pela forma como ela usa a linguagem para nos levar a um lugar abstrato e como invade nossas emoções e pensamentos. É um livro que nos atravessa e nos coloca em uma posição de reflexão sobre a vida, a liberdade e a maternidade.

25. Qual o livro da sua vida?

As Horas, Michael Cunningham. (até agora)

26. Justifique sua resposta.

O livro traz a vida de três mulheres (uma delas Virginia Woolf, outra uma de suas personagens e outra uma leitora de Virgínia). É uma história em que me vejo desenhada muitas vezes, sou eu aquelas mulheres em diversos momentos, me identifico com a forma como os amores são traçados, como há nos personagens tanta verdade e riqueza. Já vi inúmeras vezes, tenho o dvd e já escrevi um artigo sobre o livro/filme.

27. Se você fosse um personagem de uma obra literária, a vida de quem você escolheria viver?

Não sei.

28. Justifique sua resposta

As mulheres que admiro e que tenho como figuras adoradas tiveram vidas difíceis. Virginia se matou e sofria de doença mental e Frida teve dores insuportáveis por doenças e acidentes...Gostaria de ser uma delas, mas ter a vida que tiveram, já são outros quinhentos...

29. Há quanto tempo você atua como moderadora do *Leia Mulheres-Salvador*?

Desde o início em 2016.

30. Quais as semelhanças e diferenças que você observa na sua experiência apenas como integrante do Leia e, em seguida, como moderadora (pergunta exclusiva para as moderadoras que já viveram as duas experiências)?

ANEXO E – QUESTIONÁRIO ELENA

1. Pseudônimo: Elena

2. Sexo: () M (X) F **3. Idade:** 29 anos **4. Ocupação:** Advogada

5. Cidade onde mora: Salvador

6. Cidade/Estado onde nasceu: Candeias – BA

7. Com quem mora:

(X) pais () cônjuge () filhos () avós () irmãos () sozinha

() outros: _____

8. Estado civil:

() casada (X) solteira () divorciada () viúva

9. Tem filhos?

() Sim (X) Não

10. Em caso afirmativo, quantos, e com que idade?

11. Em caso negativo, pretende ter filhos no futuro? Justifique sua resposta.

() Sim (X) Não

Inaptidão para a maternidade, associado ao compromisso a longo prazo e renúncias que criar um filho impõe.

12. Qual a sua frequência de leitura?

() cotidiana (X) semanal () mensal () eventual () rara

13. Como você justifica essa frequência?

Devido ao trabalho e estudos para concurso.

14. Como você definiria a sua relação com a leitura?

() Leitora voraz

() Leitora por necessidade

(X) Leitora por prazer

() Leitora por obrigação

15. Você acredita que a sua religião interfere na sua relação com a leitura? De que maneira?

() Sim (X) Não

Eu não possuo uma religião, embora acredite em Deus, enquanto energia que se encontra em todos os seres.

16. Você acredita que a sua ocupação interfere na sua relação com a leitura? De que maneira?

Sim () Não

Influencia na frequência, bem como, na percepção dos personagens.

17. Assinale o que você costuma ler. (Pode assinalar mais de uma opção)

() Notícias / atualidades

Textos relacionados ao seu trabalho

() Textos acadêmicos

Ficção

() Textos publicados em redes sociais

() Autoajuda

() Outros: _____

18. Em relação aos textos literários, qual o gênero mais lido por você?

() Crônica

() Conto

() Biografia/ Autobiografia

() Poema

() Quadrinhos

Romance

19. Há quanto tempo você frequenta o Leia-Mulheres- Salvador?

() Primeira vez () entre 2 e 6 meses () entre 6 meses e 1 ano

() entre 1 e 2 anos (X) entre 2 e 3 anos () desde o início

20. Como você definiria a sua frequência de participação nos encontros mensais do Leia Mulheres-Salvador?

Mensal () Intermitente () Ocasional () Pontual

21. Quantas das obras indicadas, em média, você leu?

() 1 ou 2

() 3 a 6

() 6 a 12

() 12 a 24

24 a 36

() superior a 36

22. Você acredita que a sua participação em um clube de leitura interferiu ou modificou a sua relação com a leitura? Explique.

(X) Sim () Não

Sem dúvida, pois transformou um processo individual em diálogo reflexivo, aprofundando a percepção das obras.

23. Entre as obras lidas, qual a que mais te marcou?

A guerra não tem rosto de mulher

24. Por quê?

A visão feminina de um acontecimento que sempre é narrado, ao longo da história, pela perspectiva masculina.

25. Qual o livro da sua vida?

Não tenho

26. Justifique sua resposta.

Cada momento de vida foi marcado por uma obra em detrimento de outras, sem que haja alguma em especial que marque toda a vida.

27. Se você fosse um personagem de uma obra literária, a vida de quem você escolheria viver?

Nenhuma

28. Justifique sua resposta

Gosto da minha vida

29. Há quanto tempo você atua como moderadora do *Leia Mulheres-Salvador*?

Por volta de 1 ano e meio.

30. Quais as semelhanças e diferenças que você observa na sua experiência apenas como integrante do *Leia* e, em seguida, como moderadora (pergunta exclusiva para as moderadoras que já viveram as duas experiências)?

Antes era apenas um “hobby”, e atualmente, como moderadora, existe o compromisso de perceber melhor as pessoas que frequentam o grupo, a fim de estabelecer um diálogo mais respeitoso e democrático, assim como, o comprometimento com o conteúdo da obra é maior, para fomentar as discussões, trazendo, por vezes, um novo olhar ou fazendo ponderações. Existe, ainda, a responsabilidade na escolha dos livros, na viabilidade de leitura pelos frequentadores do grupo, seja pela questão do tempo, financeira, ou temática.

ANEXO F – RELATO SOPHIE

Em 2015, algum tempo depois da criação do *Leia Mulheres* lá em São Paulo, três mulheres daqui de Salvador mandaram e-mail para o *Leia Nacional* mostrando interesse em criar um clube aqui em Salvador: J.G.(SSA)⁵², jornalista; Sethe, professora; e J.M., estudante. O *Leia Nacional* conectou elas três. J.G.(SSA), por sua vez, convidou a mim e a P.J. para integrar essa primeira formação. P.J. e J.G.(SSA) são jornalistas e tinham sido colegas na Facom. Já J.G. (SSA) e eu nos conhecíamos porque ambas tínhamos, na época, blogs literários e canais literários no *YouTube*.

De lá para cá a formação mudou. J.G. (SSA) foi a primeira a sair. Hoje ela mora em Alagoinhas, tem um clube de leitura (não é um *Leia Mulheres*) e está fazendo um mestrado cujo tema é o *Leia Mulheres*. O perfil dela no *Instagram*, o *blog* e o canal continuam bem ativos. P.J. saiu em seguida e, por fim, J.M.. No lugar delas entraram June, Lizzie e Elena, que eram participantes muito regulares do clube e que convidamos para a mediação.

O primeiro encontro que organizamos foi no início de 2016. O livro escolhido foi *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie. Eu estava extremamente nervosa, mas confiante de que o debate seria bom pela qualidade do livro. Naquela época nos encontrávamos na Livraria Leitura do Shopping Bela Vista. Estava chovendo muito e achamos que quase ninguém compareceria, mas a quantidade de participantes foi boa.

O que mais me marcou no encontro foi a fala de uma participante que confessou ter sofrido violência de seu parceiro. Eu nunca esperei que alguém escolhesse um lugar tão público para aquele tipo de catarse. A livraria estava cheia, nos colocaram no espaço infantil, ao lado de um café muito barulhento, crianças corriam e gritavam, muitos clientes curiosos paravam para escutar o que dizíamos. E mesmo naquele caos aquela mulher chorou e contou sua história. Naquele instante eu percebi o quanto somos carentes de espaços coletivos, especialmente de espaços de acolhimento, e o quanto o *Leia Mulheres* precisava de um espaço menos público, só dele.

Eu também percebi naquele primeiro encontro que o *Leia Mulheres* é um espaço misto. Ele é um espaço literário, mas também é um espaço social, político e psicológico. Isso é algo que eu ainda não aprendi a administrar muito bem. Os debates facilmente saem da

⁵² Os nomes próprios mencionados ao longo deste relato foram substituídos pelas respectivas iniciais a fim de evitar a identificação das pessoas mencionadas. Por haver duas pessoas cujos nomes possuem as mesmas iniciais, elas foram diferenciadas pela sigla do local onde mora(va)m: J.G.(SP) mora(va) em São Paulo e J.G.(SSA) em Salvador.

literatura e vão para o campo das experiências pessoais, dos depoimentos, dos desabafos e até do ativismo. Como não sou psicóloga e nem ativista, nem sempre sei como lidar com isso.

Os debates, quando deixados livres, às vezes fogem completamente dos temas propostos no livro que está sendo discutido. Eu evito ao máximo acolher as participantes. Primeiro porque eu não acho que eu saiba como fazer isso, especialmente quando são traumas delicados e profundos, e segundo porque o *Leia Mulheres* é, em primeiro lugar, um clube de leitura. Existem outros clubes de leitura hoje, liderados por psicólogos, que até cobram dos participantes e fazem esse trabalho mais específico, mas essa não é a nossa proposta. De qualquer forma, é algo que ainda não tenho claro e bem resolvido dentro de mim. O *Leia Nacional* deixa as mediadoras bem à vontade para que elas façam o que entendam melhor.

Um dos debates que mais me marcou foi *O Conto da Aia*. O livro em si não me agradou muito. Achei a leitura extremamente tediosa, seca, fria. Não consegui me identificar com os personagens e nem me envolver emocionalmente com a história. Mas, para a minha surpresa, foi um dos encontros mais cheios que tivemos. Na época a série tinha acabado de ser lançada e algumas pessoas que só a tinham visto compareceram. Fiquei surpresa com a diversidade do público. Muitas mulheres jovens clamavam por transformações radicais na sociedade e diziam que algo tinha que ser feito. Eu percebi naquele dia que a minha experiência pessoal de leitura era muito pouco relevante diante da mobilização que a obra tornou possível.

Outro debate que também me marcou, por motivos semelhantes, foi *O País das Mulheres*, que é outro livro que convida ao debate de políticas públicas para as mulheres. Raramente encontramos espaços onde pessoas realmente interessadas no tema conseguem discutir seriamente, e naquele encontro o *Leia Mulheres* virou quase uma célula de partido político feminista.

Durante boa parte da minha vida eu li muito mais por prazer. Eu lia o que eu queria ler, quando eu queria ler. Isso começou a mudar quando meu canal no *YouTube* começou a crescer. Eu participava de desafios coletivos de leitura, de clubes de leitura e passei a ser influenciada também pela comunidade literária e pelas editoras. Minhas parcerias com as editoras fizeram com que eu ficasse mais atenta aos lançamentos e às demandas do mercado. Tudo isso foi fazendo com que eu passasse a ler muito mais por obrigação, e isso inclui o *Leia Mulheres*.

Como sou mediadora do *Leia Mulheres*, me comprometo a ler pelo menos doze obras anualmente. Nem sempre são livros que eu gostaria de ler, já que escolhemos as leituras de maneira coletiva. Por um lado, isso é bom porque me motiva a ler livros que eu, de outra

forma, não leria. De fato, passei a ler de maneira muito mais variada nos últimos anos: gêneros, temas e autoras dos mais diversos. Por outro lado, essa dinâmica acaba cansando após alguns anos, especialmente quando estamos passando por momentos de vida difíceis. Nem sempre queremos ser desafiadas. Às vezes queremos ser acolhidas e confortadas por nossas leituras. Ultimamente estamos tentando alternar a mediação para permitir essa oxigenação.

Eu diria que a principal transformação que o *Leia Mulheres* operou na minha vida foi a de passar a ver que existem outras formas de existir no mundo, todas válidas e todas muito diferentes da que me foi ensinada. Eu sou de uma família de pensamento muito tradicional. O objetivo da vida deve ser estudar, encontrar o melhor trabalho possível (e ele não precisa ser agradável), casar, ter filhos e acumular riquezas e propriedades. No *Leia Mulheres* eu conheci mulheres que não vivem assim e que são perfeitamente felizes e saudáveis. Mulheres casadas sem filhos, mães solteiras, mães que perderem seus filhos, donas de casa, artistas, lésbicas, pobres, ricas, idosas, jovens... Me deparar com essa diversidade me deu mais tranquilidade para viver a vida que eu queria viver, nos meus termos.

De todos os temas discutidos o que mais me impacta é a maternidade. Por mais que eu leia e ouça o que tantas mulheres dizem, não consigo decidir se quero ou não ter filhos. Agora, aos quase 34 anos (e sem dinheiro para congelar óvulos), me vejo forçada a escolher. E não consigo.

Paradoxalmente, contudo, o *Leia Mulheres* me tornou mais conservadora politicamente. Se antes eu me considerava esquerda radical, hoje estou mais próxima de um centro-esquerda. Todos esses anos lidando, no *Leia Mulheres*, com participantes do movimento feminista e do movimento negro me fizeram enxergar alguns problemas graves que antes eu não via.

No início eu era muito mais jovem e ingênua e acreditava que o *Leia Mulheres* era um espaço plural e diverso que convidava toda(o)s ao debate e ao diálogo. Agora vejo que não é bem assim. O *Leia Mulheres* é um clube de leitura que atrai um público majoritariamente de esquerda. Nas raras ocasiões em que pessoas alinhadas à direita participam do clube, a recepção é hostil. Algumas pessoas mais conservadoras já me disseram que tem medo de participar do clube e de expor suas opiniões. Isso me fez perceber que nossos debates não levam em conta o que uma grande parte das mulheres pensa, e acho que isso nos afasta umas das outras.

Aos poucos eu fui percebendo que nossos debates se limitam a um público que já tem ideias muito parecidas, ainda que possam discordar em alguns detalhes. Acabamos “pregando

para convertidos” e afastando pessoas que tem pontos de vista diferentes. Nesse aspecto, o *Leia Mulheres* é menos um clube de leitura para todos os públicos e mais um clube de leitura para um público feminista de esquerda.

É claro que as obras que escolhemos contribuem para isso, mas também descobri, nesses anos como mediadora, que existe uma pressão muito grande para que um determinado tipo de obra seja escolhida. O mercado literário, quando visualizou uma oportunidade de lucro, abraçou o *Leia Mulheres*. O *Leia Nacional*, tendo isso em vista, se recusa a transformar o projeto em algo lucrativo, justamente por medo dessa apropriação, mas as editoras estão atentas às demandas do mercado e, a cada dia que passa, lançam mais e mais livros que preenchem o “formato *Leia Mulheres*”.

Eu chamo de “formato *Leia Mulheres*”, aqui, livros que são lançados com muito mais foco na identidade da autora do que na obra em si. Os *Leias Mulheres* de todo o Brasil têm escolhido os livros com base em critérios como nacionalidade da autora, raça da autora, origem étnica da autora, etc., sempre priorizando as consideradas menos privilegiadas socialmente. Já os temas são, preferencialmente, feministas e que envolvem um alto grau de engajamento político. Como o *Leia Mulheres* de um estado acaba muitas vezes sendo influenciado pelas escolhas de livros de outros *Leia Mulheres*, acabamos nos limitando a um número restrito de obras que preenchem esses critérios (ou esse formato) e que já passaram por um filtro prévio de editoras que têm nosso público em mente.

Tudo isso cristaliza nosso público como feminista de esquerda e acaba limitando nossas escolhas de obras. Ainda que eventualmente os *Leias Mulheres* optem por livros clássicos, já consagrados ou até mesmo *best-sellers*, o esperado é se faça um esforço para colocar no mapa uma autora menos conhecida e menos privilegiada.

A diversidade do *Leia Mulheres* é, portanto, só aparente, já que priorizamos sempre as mesmas identidades, as mesmas orientações políticas, os mesmos temas e o mesmo público. Não lemos mulheres em geral (e quanto mais mulheres diferentes, melhor). Lemos mulheres que se enquadram nesses critérios preexistentes. Nós, mediadoras, brincamos dizendo que não aguentamos mais ler livros tristes em que mulheres sofrem por terem sido estupradas ou por questionarem seu papel de mãe. É algo que talvez não seja visível para alguém que conhece pouco o projeto, mas que vai se tornando claro com os anos de mediação.

Foi essa pressão para que nos enquadremos nessa “performance” enquanto mediadoras que me fez rever muito do que eu pensava sobre os movimentos sociais. Se antes eu enxergava no *Leia Mulheres* um espaço de livre diálogo, um espaço de acolhimento das diferenças, hoje vejo que só um determinado discurso é aceito. Muitas participantes, ao longo

desses anos, foram criticadas por terem dito “a coisa errada”. Muitas vezes o problema era só linguístico. Elas não usavam as palavras recomendadas ou usavam palavras condenadas, mas outras vezes o problema era realmente de perspectiva. Eram mulheres que tinham concepções diferentes do mundo e de como encará-lo e interpretá-lo. E se elas eram acolhidas bem quando estavam dispostas a aprender e mudar de ideia, o mesmo não acontecia se elas realmente defendessem suas ideias. Não estou falando de neonazistas ou fascistas, mas sim de mulheres que são contra o aborto ou que acreditam, por exemplo, que as mulheres perderam muito ao entrar no mercado de trabalho e que talvez não seja uma má ideia voltar às atividades domésticas.

Eu tenho muita dificuldade para digerir um tipo de livro que vem sendo vendido como “formato *Leia Mulheres*”. Um exemplo desse tipo de livro é *Fome*, de Roxane Gay. É um livro escrito por uma mulher negra e obesa – identidades minoritárias que priorizamos – e autobiográfico. É um livro do qual não gostei pelo tom pessimista e derrotista. Por ter sido vítima de um estupro coletivo durante a infância, Roxane desenvolveu uma obesidade mórbida que é também uma estratégia de defesa contra os homens. O livro gira ao redor dessa experiência, que ela nunca superou, e dos preconceitos sociais que ela enfrenta em virtude do peso. O que me incomoda nesse tipo de narrativa é o quanto ela abraça sua condição de vítima. Ela não menciona, no livro, tentativas de superação do trauma ou terapias, deixando em quem lê a sensação de que um homem pode destruir a vida de uma mulher para sempre caso a estupe e que só restará a ela sofrer até a morte. Tive uma sensação parecida lendo *O Peso do Pássaro Morto*, em que a frase “A cura não é possível” se repete. É uma perspectiva extremamente sombria que nos deixa sem esperança, sem protagonismo e descrentes de nosso potencial de renascimento.

Já os livros de poesia que lemos me surpreenderam muito positivamente. Não sou fã do gênero, mas gostei muito de *Poética*, de Ana Cristina César, e dos dois livros de Rupi Kaur. A delicadeza das poesias, e a quantidade de temas que elas abrangem, tornou os debates bem leves, agradáveis e também muito pessoais, quase confidenciais. Parece que a poesia convida o leitor a baixar a guarda e expor suas vulnerabilidades, justamente o oposto do que ocorre em outros debates nossos, cheios de confrontações e questionamentos incisivos.

Eu comecei a estudar Feminismo logo que entrei na faculdade, aos 18 anos. Eu participava de um grupo de extensão chamado *GEGE Mahin*, em homenagem a Luiza Mahin. Nós líamos textos feministas teóricos e também organizávamos dinâmicas e eventos. O *Leia Mulheres* não acrescentou muito nesse aspecto. Aliás, eu diria que muitas de nossas

discussões são bem introdutórias ao Feminismo. Me lembro de um livro de Rebeca Solnit que lemos, *Os Homens Explicam Tudo para mim*, que é bem básico, bem para iniciantes.

O que o *Leia Mulheres* me fez ver claramente, por tudo o que já falei, é que nós, feministas, não estamos abertas ao diálogo de verdade, nem com outras mulheres e muito menos com os homens. Existe uma guerra entre o Feminismo Negro e o Feminismo Branco, entre o Feminismo Liberal e o Feminismo Radical, e isso também atinge o *Leia Mulheres*. Chimamanda é uma escritora feminista que vem alertando para isso, para a importância de um diálogo concreto, e não fictício. Não estou me isentando disso. Também tenho dificuldade para conversar com quem pensa de maneira muito diferente de mim. E também me pergunto se o Feminismo tem que dialogar, se o caminho não é a confrontação mesmo, mas acho que tudo isso é muito pouco discutido, e comecei a ver isso claramente após o *Leia Mulheres*.

No *Leia Mulheres* eu acabei conhecendo a quadrilogia Ferrante e me encantei pela personagem Elena, que é, ao mesmo tempo, tão frágil e tão forte, como tantas de nós. Me identifico com Elena porque também sou a menina insegura do interior que tenta fazer tudo que lhe foi ensinado. Também tive minha rebeldia tardia e também admirei imensamente uma mulher que era meu oposto e que conseguia fazer tudo o que eu não conseguia. Elena é melancólica, mas é também muito doce e muito inteligente. Já encontrei várias Elenas por aí. Também gostei da forma complexa com a qual o livro apresenta a amizade feminina, tão cheia de contradições.

Esse ano também vamos ler *Pessoais Normais*. Sally Rooney cria personagens com os quais me identifico muito. São jovens que estão procurando seu lugar no mundo, cheios de inseguranças, repletos de uma sensação de não pertencimento, mas também sensíveis e amorosos.

Os personagens com os quais menos me identifiquei foram os de *O Conto da Aia*. A narrativa é extremamente fria, o que me afastou dos personagens. Tudo me pareceu artificial, como se aquelas pessoas fossem alegorias, e não seres humanos. Pode até ter sido a intenção de Margareth Atwood, mas isso tornou a leitura muito desagradável para mim.

Meus gêneros favoritos, que são os livros clássicos e os livros de ficção científica, aparecem pouco no *Leia Mulheres* justamente por conta do tipo de livro que priorizamos, como já expliquei lá em cima. Mas, ainda assim, lemos meu livro favorito da vida, que é *Orgulho e Preconceito*, e meu favorito de ficção científica, que é *A Mão Esquerda da Escuridão*. Já poesia, que não gosto de ler, acabo lendo mais por causa do *Leia Mulheres*.

ANEXO G – RELATO LIZZIE

Conheci o *Leia* pela internet, mas fiquei sabendo que existia um grupo aqui em Salvador por uma amiga que tem um canal literário no *YouTube*. Desde que soube da existência de clubes de leitura, talvez pelo filme *Clube de Leitura de Jane Austen* não sei bem, que eu quis participar de um. Gosto de ler e na maioria das vezes não tinha com quem comentar, fazia falta esse compartilhamento da experiência da leitura, que sempre tive com filmes e séries que assistia. Então, assim que eu soube do *Leia* aqui em Salvador, eu fui.

O livro do primeiro encontro que participei foi *Precisamos falar sobre Kevin* da Lionel Shriver, um livro que eu possivelmente nunca leria, mas que gostei bastante. Os encontros do *Leia* já aconteciam no Museu de Arte da Bahia, no auditório. Lembro de ter adorado o local, parecia bem adequado a um clube do livro. Eu adorei a experiência, fiquei encantada com o grupo, o ambiente, tudo. Saí do encontro empolgadíssima, como se tivesse encontrado uma turma que fazia falta na minha vida. Finalmente um encontro com mais de cinco pessoas que ao invés de sugar minhas energias, me abastecia.

Participar do *Leia* me fez ler com mais regularidade e descobrir novas autoras, ler outros gêneros que não sejam romance, que é o meu gênero preferido. Acho que o gênero textual que menos aprecio é o conto. Na maior parte das vezes em que lemos livros de contos eu não termino a leitura de todos os contos do livro.

O debate presencial do tipo de clube do *Leia* é maravilhoso, pois é um clube aberto, é diferente de debater apenas com amigos, que já sabemos mais ou menos como pensam, que muitas vezes querem impressionar amigos, ou não tocar em alguns temas, pois sabem que não serão bem interpretados, ou seja, onde muitas vezes se faz uma autocensura. Para mim é muito bom trocar impressões de leitura com desconhecidos, acho que fica mais livre, autêntico, o debate fica mais rico. É muito bom ler uma obra já sabendo que no final do mês teremos um tempinho separado para realmente encontrar pessoas, não para falar de questões triviais, mas para debater inúmeros assuntos, num espaço à parte do nosso cotidiano, isso pode ser uma experiência mágica.

Fui criada por mãe feminista, então as questões de gênero sempre foram problematizadas na minha vida. A diferença é que antes do *Leia* era difícil ter com quem realmente falar desses temas de forma aberta e sincera. Com as colegas de trabalho, que são as mulheres mais presentes no dia a dia, nem sempre pude falar de maneira tão direta, até para não assustar ou parecer professoral, tinha que ir pelas beiradas e me dava uma preguiça e frustração ... difícil! Mas até que nos últimos anos, por conta da popularização do Feminismo

nas redes sociais, as colegas até evoluíram bastante, mas nada como a experiência do *Leia*, de ter um espaço em que essas questões estão sempre em destaque.

Não lembro exatamente de nenhum exemplo em que eu tenha defendido algum ponto de vista muito diferente do grupo ... nem que eu tenha discordado tanto assim ... uma vez veio um casal meio estranho, foi no encontro sobre o livro *A guerra não tem rosto de mulher*, a mulher falou umas coisas bem nada a ver, que tínhamos que lembrar dos homens que também iam às guerras ... totalmente perdida, nem acho que tenha lido o livro. O que registrei da fala dela foi o jogo de cintura das mediadoras para não serem grosseiras, mas também não deixar passar batido, fiquei admirada.

É difícil eu me identificar com alguma personagem. Acho que talvez a *Lizzie Bennet* de *Orgulho e Preconceito*. Acho que é fácil para mulheres da nossa época pensarem que seriam tão atrevidas como a *Lizzie* se vivessem no final do século XVIII, início do XIX. Tem um livro que está na lista do *leia* desse ano, *Sobre os ossos dos mortos*, me identifico com o pensamento da personagem principal, a centralidade das preocupações na questão dos animais e crise climática são minhas preocupações também.

Ao longo do *Leia* eu descobri uma autora incrível, a Arundhati Roy. Lemos *O ministério da felicidade absoluta* e eu amei!! Fiquei impressionada como a maior parte das pessoas não gostou muito, enquanto eu adorei! Daí já li direto *O Deus das pequenas coisas*, virei fã dela como autora e ativista. Às vezes acho que quando um livro traz um debate menos individual e mais centrado em questões coletivas, históricas, políticas e éticas os participantes demonstram menos interesse, parecem não estar preparados para pensar sobre essas questões, que são mesmo muito complexas e em geral não temos posições muito definidas, são questões que trazem mais dúvidas do que certezas.

O livro que me trouxe maior aprendizado, ou que me fez pensar sobre algo que nunca tinha pensado foi *A louca da casa* da Rosa Montero. O tema do livro é a ficção, a literatura, uma leitura deliciosa!

Não posso deixar de mencionar algumas questões, muitas delas que parei para refletir depois de me tornar mediadora e a partir de uma discussão sobre a escolha dos livros:

A escolha dos livros: não é simples escolher os 12 livros do ano. A tentativa de fazer uma escolha diversa de acordo com a origem e etnia das autoras algumas vezes nos levaram a pouca diversidade dos temas, por exemplo. Temas mais íntimos, como maternidade, família, estupro e violência doméstica aparecem demais, o que é de se esperar, já que sabemos as condições que vivem as mulheres no mundo todo. Porém, aprendi que temos que ter cuidado para não fazer uma lista muito depressiva, com histórias muito tristes e sem esperança

alguma. As pessoas que frequentam o *Leia*, geralmente já estão atentas a essas questões o que torna o debate algumas vezes repetitivo, meio pobre e provoca até desânimo aos participantes.

Acredito que a ficção tem que trazer também novas possibilidades, sonhos e esperanças, e foi ótimo que no momento em que estava me questionando sobre os livros que lemos em 2019, nosso último encontro tenha sido sobre o livro de poesias *O amor não está*, com a presença da autora Jovina Souza, que, apesar de ter escrito um livro muito triste, falou na ocasião que também estava com vontade de escrever algo mais esperançoso.

A escolha dos livros de 2020 já teve a preocupação de trazer novos temas, pena que a pandemia atrapalhou tudo e não conseguimos fazer os encontros e testar nossa lista, porém os livros serão lidos em 2021 no formato de encontro *on-line*.

Durante a pandemia uma das mediadoras teve a ideia de começar uma leitura *on-line* dividida em capítulos do livro *O Mito da Beleza*. O resultado foi muito bom e trouxe um novo ânimo para o grupo, que estava parado desde março de 2020.

Como resultado dessa experiência, retomamos os encontros mensais em dezembro de 2020 no formato *on-line*, e resolvemos deixar os livros teóricos, de não ficção, para fazermos leituras em capítulos em encontros que acontecem paralelamente ao *Leia* de ficção. Acho que foi uma excelente ideia essa de ler livros teóricos por partes, pois geralmente têm muitos temas e em um único encontro era difícil abordarmos tudo.

Para finalizar, gostaria de dizer que estou animada para os encontros de 2021, pena que acredito que boa parte deles ainda serão *on-line*.

ANEXO H – RELATO JUNE

Eu conheci o *Leia Mulheres* em fevereiro de 2016, através das redes sociais. Eu não lembro exatamente, mas tenho impressão de que foi através da página do *Catraca Livre*, no *Facebook*. Então, procurei para ver se tinha em Salvador e encontrei o grupo no *Facebook*. Em seguida, pedi logo pra participar. Estava no segundo mês já, mas acabei não indo naquele mês porque o livro - *A amiga genial*, de Elena Ferrante – só chegou às minhas mãos no dia do evento. Eu poderia ter ido mesmo sem ter lido, mas eu não sabia disso, não sabia ainda como funcionava o projeto e acabei não indo.

No mês seguinte, seria a antologia poética de Ana Cristina César, que era outra autora que eu não conhecia. Adquiri o livro, li os trechos selecionados, mas confesso que não entendi muita coisa... E entender o que dizia aquela poesia e aquela autora “marginal” me motivou ainda mais a participar do encontro, que na época acontecia em uma livraria que ficava em um shopping perto da minha casa. Então, fui e foi muito bom conhecer o projeto, adorei a dinâmica e a energia do grupo e decidi que não deixaria mais de participar. Na verdade, eu sempre quis participar de um clube de leitura e o *Leia* foi uma grata surpresa porque além de ser um espaço para conversar sobre livros com outros leitores, trazia a perspectiva mais feminista. E o universo literário, e não só ele, mas o mundo, a sociedade, de modo geral, precisava de uma mudança assim.

Todos os encontros são marcantes de alguma maneira, seja pelos temas abordados nos livros escolhidos ou pelo estilo de escrita, seja pela postura da autora ou pelos links possíveis com a realidade geral ou particular dos leitores. Desse modo, eu destacaria os seguintes títulos:

- *Como conversar com um fascista*, de Márcia Tiburi, teve um debate muito interessante e que me fez refletir não só sobre identificar comportamentos autoritários nos outros e como se defender deles, mas também fazer uma autoanálise crítica e reconhecer que também podemos em alguns momentos ter posturas autoritárias com os outros;

- *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, que é uma obra essencial, que todos deveriam ler e que me despertou indignação por nunca ter ouvido falar dela antes. Foi uma obra e debate marcantes por representar a fala de uma mulher, negra e pobre sobre a sua realidade, através da escrita, que já era algo surpreendente para alguém na condição dela, naquele contexto histórico e geográfico;

- *O conto da aia*, de Margareth Atwood, foi um dos melhores livros que eu já li e, apesar de já ter décadas de escrito, foi possível fazer relações com os tempos sombrios que

temos vivido na política e no contexto social, marcado ainda pelo patriarcado, machismo e tantos feminicídios;

- *A diferença invisível*, de Julie Dachez, que é no formato de HQ, que além de ajudar a resgatar o hábito de ler quadrinhos, que tanto gostava na infância e na adolescência, trouxe muitas informações relevantes sobre o autismo, que eu não conhecia, como por exemplo, de que existem tantos espectros e a complexidade para se chegar a um diagnóstico definitivo. Uma obra como essa, escrita inclusive por uma pessoa que foi diagnosticada como autista e que foi motivada pessoalmente a esclarecer e divulgar informações sobre o assunto, nos faz exercitar mais ainda a empatia e a tolerância com o outro;

- *O Feminismo é para todo mundo*, de bell hooks, é um livro pequeno mas tão rico, abordando as diferentes fases e definições de Feminismo, bem como os desafios do movimento para obter resultados concretos e tem um foco na conscientização de que o Feminismo, de fato, precisa do envolvimento de todos para realizar as mudanças necessárias. Por mais que tenhamos mulheres conscientes e empoderadas, só teremos mudanças reais quando todos, nos diversos setores, se engajarem nas questões trazidas pelo Feminismo. É um livro muito inspirador e que traz esperança.

O Leia Mulheres certamente interferiu na minha trajetória como leitora porque me fez analisar o quanto a minha estante estava masculina, além de me fazer conhecer escritoras e obras que provavelmente eu não conheceria por outros meios. Acredito que isso acontece com a maioria das pessoas que participam e que inclusive justifique a iniciativa de se criar um clube de leitura para ler e discutir livros exclusivamente escritos por mulheres, inclusive muitas delas pouco conhecidas do grande público. Então, eu acredito que o *Leia* acaba contribuindo para ficarmos mais seletivas e críticas em relação ao que lemos e ao que nos oferecem. Por exemplo, se vejo uma lista de livros qualquer de lidos ou sugeridos por alguém ou algum site, certamente hoje, o gênero dos autores me chamará a atenção e vou atentar para a existência e a proporção de autoras mulheres na lista.

Na minha vida pessoal e profissional, o conhecimento e a reflexão sobre os variados temas que perpassam a questão de gênero nos livros debatidos certamente me municiaram de coragem e motivação para ter uma postura mais crítica em diversas situações, seja no ambiente familiar e íntimo, seja no ambiente do trabalho e outros contextos sociais, quando senti algum tratamento diferenciado ou desigual pelo fato de ser mulher.

Conhecer de forma mais detalhada e profunda sobre a vida de tantas mulheres diferentes, reais ou fictícias, nos livros estudados, certamente me fez desenvolver mais ainda a empatia pelo outro, mesmo quando o outro não é, mas sobretudo quando é uma mulher, o que

traz outro conceito que eu aprendi muito ao longo desses anos participando dos encontros do *Leia*, que é o de sororidade. As reflexões a partir das leituras e dos debates me fazem exercitar o respeito e a tolerância em relação ao outro, a atitudes e pensamentos que sejam diferentes, e até divergentes, do meu. Não me recordo de uma obra em específico, mas ao adentrar no universo de mulheres tão distantes de mim, geográfica, física e culturalmente, eu aprendo sobre modos de vida que não teria outra maneira de ter acesso e acabo compreendendo buscando não fazer julgamentos.

Uma obra que eu não gostei foi *Como se estivéssemos num palimpsesto de putas*, de Elvira Vigna. Não me identifiquei com o estilo de escrita, nem a temática. Mas infelizmente não participei do encontro por um contratempo no trânsito, se não me engano. De repente, eu poderia ter mudado de ideia se tivesse participado do debate sobre ele. Geralmente eu gosto das obras escolhidas, mesmo quando não me identifico totalmente com elas, pois considero todas as leituras válidas e algumas, inclusive, necessárias. Às vezes acontece das impressões das outras pessoas trazerem aspectos que eu não havia considerado e que enriquecem a visão sobre o livro, mas nada que tenha me revelado alguma decepção sobre qualquer obra. Lembro somente que me surpreendeu a quantidade de críticas negativas sobre o livro de Rupi Kaur, que eu havia gostado bastante.

Para mim, o debate presencial é imprescindível para captar as reações, escutar os relatos e compartilhar das emoções das leitoras quando tocadas pelas obras. A variável da quantidade de pessoas em cada encontro também nos diz algo sobre o interesse naquela obra, seja pela autora, pelo tema ou mesmo a acessibilidade, seja em relação à linguagem ou à aquisição do livro em si. Também temos o contato físico, do qual estamos privados agora, por conta da pandemia. As participantes mais assíduas e mais ativas nos debates acabam se aproximando mais, se tornam amigas/seguidoras nas redes sociais pessoais e isso favorece a construção de relações de amizade, que ultrapassam o espaço do *Leia* e o universo literário.

No início, talvez até por participar apenas como leitora, eu não tinha muita clareza do quanto a problematização das obras em relação às questões de gênero definia a seleção dos livros. Minha visão era de um clube de leitura voltado a ler livros escritos por mulheres sobre temas ligados ao feminino, ao Feminismo. Depois que eu fui convidada a integrar o grupo de mediadoras e participar da seleção dos livros, percebi que se tratava de uma detalhada curadoria, na qual muitos aspectos eram observados, como por exemplo, a nacionalidade da autora, temas abordados, gênero literário e a acessibilidade (tamanho, preço, disponibilidade, etc).

Não sei se vou me recordar de um debate específico, mas quando eu participo me posicionando sobre o livro, também acabo me posicionando pessoalmente, trazendo algum relato de algo que vivi em relacionamentos, família ou no trabalho que tenha alguma ligação com os assuntos tratados nos livros. No geral, o meu discurso baseia-se na defesa da liberdade de escolha, da autoestima, da naturalidade e o respeito pelas mulheres, honrar as que vieram antes e fazer algo pelas que estão chegando também, pois a luta pelos direitos das mulheres nunca cessa. Eu apenas evito me posicionar sobre temas mais polêmicos quando eu ainda não tenho um posicionamento claro ou quando não tenho domínio sobre o assunto a ponto de emitir opiniões. Eu gosto muito de escutar, aprendo muito com as falas das participantes e com certeza contribuem para minhas reflexões sobre decisões que tomo na vida, seja sobre relacionamentos, família e trabalho.

Um assunto que as vezes me inquieta é ausência praticamente de homens nos encontros presenciais, e mesmo agora, na versão online. Porque eu acredito que seria importante que eles escutassem as mulheres, sejam as autoras através de suas obras, sejam as leitoras através das falas nos debates. Como diz Chimamanda em seu manifesto, “sejam todos feministas” e como defende bell hooks, “Feminismo é para todo mundo”. Igualmente seria importante escutar o que eles pensam sobre também.

Uma personagem com a qual me identifiquei bastante foi a protagonista do livro *O conto da aia*, porque ela representa uma resistência em meio a uma realidade opressora e aparentemente imutável. Talvez ter assistido a série, que para mim foi uma excelente adaptação, possa ter contribuído para essa identificação.

A única personagem e também obra que me recordo que realmente não me identifiquei foi a do livro *Como se estivéssemos num palimpsesto de putas*, de Elvira Vigna. Não consigo explicar por que, mas não tive afinidade com os personagens, os temas e o estilo de escrita.

Eu gosto muito de livros de memórias e biografias, conhecer mulheres diferentes, de realidades distantes e culturas distintas. Mesmo enquanto apenas leitora, percebia a variedade de gêneros que o *Leia* busca contemplar. E isso ficou mais evidente quando me tornei também mediadora. Por exemplo, não tinha hábito de ler ficção científica, ainda mais escrito por mulheres. Foi um desafio interessante e gratificante, por exemplo, ler um livro como *Kindred*, de Octavia Butler.

Sou muito grata ao *Leia Mulheres-Salvador* porque eu pude conhecer obras excelentes, bem escritas, que trazem temas relevantes e que talvez não conheceria de outra maneira. Também me rendeu muitas amizades. Fazer parte do *Leia*, organizando os encontros, postando material nas redes sociais e participando da seleção dos livros, etc, me

despertou o interesse por várias atividades relacionadas ao mundo literário. Então, resgatei o interesse por escrever em blog e, em um momento de repouso forçado por conta de uma cirurgia, criei [um blog]⁵³, que é sobre livros e filmes. No mês de fevereiro, participei de uma Oficina de roteiro de História em Quadrinhos, e neste mês de março, estou participando de um curso sobre obras de Clarice Lispector, oportunidade que me foi dada por ser mediadora. Estar no *Leia* alimenta o meu desejo de escrever um dia também. E, por fim, ser mediadora é um trabalho voluntário que consome recursos materiais (compra de livro, transporte, etc), tempo (para ler os livros, para divulgar e alimentar as redes sociais, responder as mensagens, fazer contatos pra viabilizar os encontros, etc) e energia; mas que, para mim, é muito gratificante quando leio ou ouço relatos de agradecimento por termos, através desse trabalho, impactado positivamente na vida das participantes, cuja presença é que dá sentido à existência do grupo e tudo que fazemos para mantê-lo vivo.

⁵³ O nome do *blog* foi ocultado do relato para evitar a identificação da sujeita.

ANEXO I – RELATO SETHE

O *Leia Mulheres* nasceu de um anseio antigo, que eu não consigo delimitar quando surgiu ao certo, que foi a vontade de compartilhar as minhas leituras com outras pessoas. Mas ainda, a necessidade de encontrar pessoas e obter com elas alguma conexão mais profunda, alguma similaridade, algum pareamento... pois a sensação de estranhamento diante da vida e de mim mesma sempre foi algo presente que se atenuava com a presença da literatura.

Soube do *Leia* e fiquei fascinada. Não apenas por ser um grupo de leitura, um clube, mas pela proposta feminista, pela coisa toda da visibilidade das mulheres, de fomentar literatura... fiquei encantada. E acompanhei a trajetória das meninas (criadoras do *Leia*: J.G.(SP)⁵⁴, J.L. e M.H.).

Um belo dia eu decidi falar com a J.G.(SP) pelo *Facebook* e perguntar a ela sobre o *Leia Mulheres*, saber se já existia em Salvador, visto que esse clube estava se expandindo em várias outras cidades, além de São Paulo. J.G.(SP) me disse que ainda não existia em Salvador, mas me deu a ideia, a princípio um tanto distante: “por que você não cria o *Leia* aí em sua cidade?” “Existem outras pessoas que têm interesse também em realizar o clube aí e eu posso conectar vocês.” Então conheci Sophie⁵⁵ e J.G.(SSA) e posteriormente P.J. e J.M.. Sophie e J.G.(SSA) eu já conhecia porque acompanhava o trabalho delas como blogueiras literárias no *YouTube* [...] ⁵⁶. Eu era fã das duas e conhecer pessoalmente foi muito bom. Nos encontramos na livraria Saraiva do Iguatemi e começamos a esboçar o que viria a ser o *Leia Mulheres-Salvador*. Posteriormente Conheci J.M. e P.J..

O primeiro encontro aconteceu em janeiro de 2016, na livraria Leitura do Shopping Bela Vista. Eu já tinha um contato lá e conseguimos marcar o clube. O primeiro livro lido foi *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie. Foram em média umas 10 a 15 pessoas e foi emocionante. Os três primeiros encontros aconteceram lá, mas como era no meio da livraria, o barulho e a passagem das pessoas por muitas vezes atrapalhavam o andamento e então começamos a ver outros espaços para fazer o clube. Conseguimos, através de P.J., um contato no Museu de Arte da Bahia, O.B., que hoje é uma grande amiga. E desde então o Museu é a nossa casa para realizar os encontros do *Leia Mulheres-Salvador*.

⁵⁴ Os nomes próprios mencionados ao longo deste relato foram substituídos pelas respectivas iniciais a fim de evitar a identificação das pessoas mencionadas. Por haver duas pessoas cujos nomes possuem as mesmas iniciais, elas foram diferenciadas pela sigla do local onde mora(va)m: J.G.(SP) mora(va) em São Paulo e J.G.(SSA) em Salvador.

⁵⁵ As moderadoras mencionadas ao longo do relato que se constituem sujeitas desta pesquisa, tiveram seus nomes substituídos no relato pelos mesmos pseudônimos empregados por mim ao longo do texto.

⁵⁶ Trecho suprimido por identificar os nomes dos canais de Sophie e J.G.(SSA).

Difícil falar apenas uma obra que me marcou, sempre as obras deixam marcas ou trazem insights, mínimos que sejam para as nossas vidas, as discussões mais ainda. Mesmo aquelas em que não gostei, o não gostar foi um *start* para alguma coisa dentro de minha realidade.

As mudanças trazidas pelo debate dessas obras estão ancoradas no sentido do fazer né, da sua experiência de vida. Primeiro que até no próprio campo da leitura em si, no fato do que você consome, a primeira coisa que você passa a pensar: O que eu estou comprando? Que livro é esse? Quem é essa mulher? E no caso do *Leia* também, uma das propostas do *Leia*, é dar visibilidade para as mulheres, apesar que a gente termina até lendo muito o que está na crista da onda ou não, mas é também assim reconhecer quem são essas mulheres que estão produzindo esses livros e onde é que elas estão? Por que elas estão invisibilizadas? Então a primeira coisa eu acho que mudou, pelo menos para mim principalmente, é essa questão do que eu estou consumindo. E isso terminou implicando também na minha atuação como professora. Eu sou professora e até os livros que eu escolhi para os meus alunos ou escolho agora possuem esse olhar mais crítico e esta curadoria pensada e refletida, não apenas em relação ao conteúdo do livro, mas sobre quem o está produzindo.

A gente tem um processo como professora de uma escola pública, então a gente está num processo, ou melhor tinha né, que agora não vai ter mais, infelizmente, acabou, mas a gente tinha possibilidade de escolher os livros. E a gente solicitava para o MEC, e aí o MEC envia pelo Programa Nacional dos Livros Didáticos, o PNLD. Já há alguns dois anos, quando eu vou fazer essa escolha, eu só escolho, eu faço uma escolha pensada, não só pensada no ponto de vista pedagógico, mas pensada também do ponto de vista crítico. Hoje eu faço essa pergunta: “quem é esse autor? Ou “quem é essa autora?” “Ele é homem ou mulher?” “Ele é reconhecido ou não é?” Então esse exercício eu não fazia com o didático, eu só escolhia autoras mulheres. Prática. [sic] Então a primeira coisa é o consumo que você passa a pensar, na sua prática o que você está consumindo de literatura. Então isso aí é a primeira coisa que eu acho que vem como mudança de atitude mesmo né.

Outra coisa que mudou foi a questão da maternidade. Apesar de sermos feministas e de termos tantas leituras, literaturas sobre a questão da mulher, já ter votado, já ter ido para a política, já enfim, mas a questão da maternidade parece que é um campo intocável. É um campo que tem umas ideias que não tem feminista que desgrude da cabeça, a maneira como a gente educa, a maneira como a gente vê o filho, uma série de coisas... A gente fez algumas discussões de alguns livros que sempre trouxeram a maternidade para ser discutido. E aí eu comecei a rever muito essa minha relação de maternidade, a partir dessa reflexão, a partir

desse estudo deste livro, a partir da discussão - principalmente da discussão, porque o livro em si eu acho que é 50%, quando a gente vai para lá e que escuta o que as pessoas têm para dizer, eu acho que o livro ele dobra de tamanho, porque são coisas que você não iria perceber uma leitura sozinha. É eu sempre digo isso, que são duas leituras, é a leitura do livro que você faz e a leitura do livro que você faz lá com as outras pessoas.

Então essas transformações, o seu lugar na sociedade, as outras narrativas, a maneira como você vai se comportar ou como você vai olhar ou vai reagir a outras pessoas, a outros grupos, a outras realidades, então eu acho que a literatura ela proporciona tudo isso. Então no campo do agir, a maneira como você vai ser no mundo e socialmente é muito transformada quando você tem acesso a determinados tipos de narrativas.

Essas narrativas chegam até você, você não fica incólume, não passa incólume, essas narrativas não passam, elas ficam ali depositadas e elas necessariamente influenciam na maneira como você vai se portar, naquilo que é interessante para você, na relação com seus pares, nas suas relações de alteridade, eu acho que influência diretamente no seu agir. Acho que a literatura, esse tipo de leitura, esse tipo de discussão, ele é transformador e consequentemente se ela é transformadora, ele gera outras ações. Você não fica a mesma, você não sai de um projeto desse a mesma pessoa, não sai mesmo.

Geralmente, nos debates, os pontos de vista têm necessariamente a ver com a posição social que o outro ocupa. Muitas vezes eu trago um contraponto (vejo mais como contraponto do que como divergência) a partir do local social em que estou inserida. A maioria das pessoas que frequenta o *Leia Mulheres* está em uma determinada classe social e são pessoas brancas em sua maioria. Eu sou uma pessoa negra e oriunda de classe popular, de periferia. Alguns pontos de vista que envolvem posicionamentos de classe e raça sempre me tomam, eu sou muito reativa a isso, melhor, eu sou negra em um país e em uma cidade racista então com certeza serei reativa e sempre que vejo esses discursos eu me posiciono e trago como contraponto o meu local de fala.

Os personagens sempre ficam grudados em nós ou pela semelhança ou pela notada diferença. Duas personagens me marcaram demais e foram elas: Carolina Maria de Jesus, de *Quarto de Despejo* e Sethe, de *Amada* de Toni Morrison. Ambas existiram e se tornaram personagens a partir do momento em que as suas vidas foram transformadas em Literatura. Uma, porque queria mudar a sua vida através da narrativa de sua vida e a outra, pela brutalidade com que a sua coragem se transformou em ação como símbolo de liberdade.

Em relação aos gêneros eu pude ler mais ficção científica (que era um gênero que não lia) e mais livros de não-ficção. Mas em geral ainda lemos muito mais romances (gênero, não

romance romântico) do que tudo. Lemos pouca poesia e poucas biografias. Por mais que isso possa parecer contraditório nós ainda reproduzimos muito o que é mais lido no mercado editorial. Porque o *Leia* somos nós e nós estamos em processo de aprendizagem nas nossas escolhas e nas nossas leituras e em processo enquanto pessoas. Além disso nós sempre levamos em conta os que as pessoas pedem para ler, embora hoje o processo da curadoria seja outro.

Descobri autoras fantásticas como Rosa Montero e Toni Morrison. Toni e Chimamanda se tornaram as minhas preferidas da vida.

ANEXO J – RELATO ELENA

Considero que desde os nove anos de idade, passei, de fato, a me interessar pela leitura. Inicialmente, comecei a ler uma série de livros de fantasia muito conhecida que são os livros de *Harry Potter*. Apesar de ter demorado bastante para ler cada um dos livros, talvez pela falta de hábito com a leitura, foi um pontapé inicial para que eu me interessasse pelo universo literário.

A minha família não possui o costume de ler, e na escola também não posso dizer que foi um ambiente onde encontrei pessoas com esse hábito, salvo uma grande amiga. Deste modo, tive um processo de leitura muito solitário, e com poucas oportunidades de realizar diálogos profundos ou críticos a respeito de uma obra. As poucas experiências neste sentido se restringiram às conversas com a amiga a que me referi ou nas aulas de literatura do colégio.

Com o passar dos anos e o ingresso na faculdade, fui intensificando o hábito da leitura, conhecendo novos autores, mas, ainda assim, continuava sendo um processo bem individual, até que um dia recebi o convite de um amigo para ir a uma das reuniões do *Leia Mulheres-Salvador*. Eu nunca havia escutado sobre o grupo ou possuía qualquer experiência com um grupo de leitura, mas a ideia de frequentar um local onde as pessoas compartilhavam as suas experiências de leitura e que tinha como foco ler apenas obras escritas por mulheres, me interessou. Então, tive o meu primeiro encontro no *Leia Mulheres*, acredito que há dois anos, quando foi discutido o livro *A filha perdida* de Elena Ferrante. Ferrante acabou se tornando uma das minhas escritoras favoritas dos últimos tempos. Depois de tomar conhecimento dessa obra, fui buscar outros livros da autora, inclusive passando pela famosa “febre Ferrante” com a tetralogia de *A amiga genial*.

O estilo de Ferrante me encantou, pois prefiro os livros com aprofundamento psicológico das personagens, navegando em suas vivências e pensamentos como fonte principal da obra, em que, por vezes, entender as personagens ou alguma em específico, é muito mais intrigante do que entender a trama, aliás, quando entender a própria trama passa pela compreensão da complexidade das personagens.

Além de Ferrante, também tive contato com outras autoras desconhecidas por mim até então, devido ao grupo de leitura. Certamente, não poderia deixar de mencionar *A guerra não tem rosto de Mulher* de Svetlana Aleksiévitch, que traz o relato de tantas mulheres a respeito de sua experiência na guerra. Sempre tive contato com esses relatos a partir de homens, mas nunca de mulheres, então enxergar essa nova perspectiva, e perceber como mulheres já idosas falavam como se ainda fossem aquelas meninas muito jovens que participaram, ou

vivenciaram a guerra de alguma forma, tornaram o relato muito mais genuíno, trazendo uma perspectiva bem diferente do tema.

Pode parecer estranho, mas não possuo uma personagem favorita ou que detestei de uma maneira fora do comum. É claro que com alguns personagens houve uma conexão mais estreita do que com outros, seja por circunstâncias que lembraram vivências pessoais ou pessoas, como, por exemplo, no livro *Amora*, quando uma das personagens vai explicando o seu processo de terapia. Com a personagem em si, eu não me identifiquei, mas a forma como ela descreveu o seu processo de análise era bem similar à maneira como eu me sentia na época em que fiz terapia. Posso citar também o livro *A diferença Invisível*, que me proporcionou outra visão acerca do transtorno do espectro autista denominado *Asperger*, e isto ajudou muito a compreender e ter mais sensibilidade com as questões e dificuldades que cercam essas pessoas, especialmente, porque tenho uma pessoa próxima que é diagnosticada.

Ademais, tive contato com autoras e livros de teoria feminista, que se não fossem as discussões suscitadas pelos livros teóricos e não teóricos lidos no grupo, eu não conheceria. Essa é uma parte muito interessante da experiência no grupo, pois trouxe uma tomada de consciência sobre a diversidade de correntes e percepções acerca do feminismo.

Nessa linha de reflexão sobre as leituras realizadas no grupo, eu não poderia deixar de registrar que foi impactante perceber como, antes de entrar no clube de leitura, a maioria dos livros que eu lia eram escritos por homens, o que mudou muito hoje. Continuo lendo obras de autoria masculina, mas sem a predominância que havia antes. Na verdade, acredito que hoje leio mais livros escritos por mulheres do que por homens. Ao tomar conhecimento de tantas autoras fascinantes, e levando em consideração a desproporção de gênero que havia nas minhas leituras, resolvi mudar isso. Em algum momento, devo fazer uma seleção de leituras mais igualitária, mas por enquanto, conhecer mais escritoras mulheres tem sido uma diretriz para mim.

Quanto à experiência de ser mediadora do clube de leitura, devo dizer que traz um compromisso de pensar e ler novas obras que sejam escritas por mulheres, contudo, a tendência e a necessidade de ler mais livros de autoras já vinha muito forte desde quando eu apenas frequentava o grupo de forma assídua. Foi um processo de mudança nas leituras que teve muito mais a ver com a tomada de consciência que mencionei do que com o fato de haver me tornado uma das mediadoras. Inclusive, costumo dizer que a mediação chegou, para mim, de maneira acidental. Diferentemente, de outras mediadoras que estão no grupo desde o começo, e que pensaram na concepção do grupo em Salvador, eu já encontrei o grupo formado há algum tempo. De modo que, o convite para ser mediadora veio só depois de já

frequentar muitas reuniões, quando já era parte da minha rotina ler os livros escolhidos e deixar todo último sábado do mês livre para aquele encontro. Foi a passagem de um hobby desprezioso para um compromisso de manter esse grupo em Salvador e de fomentar em outras pessoas a leitura, especialmente de escritoras, e mais do que isso, um espaço para que as pessoas possam compartilhar as suas reflexões.

De forma mais prática, a participação que desempenho enquanto mediadora diz respeito a curadoria dos livros, auxílio na mediação dos debates, bem como, revezamento com outras mediadoras nas reuniões, a fim de garantir que pelo menos uma das mediadoras esteja presente na reunião como responsável pela condução. Outras mediadoras exercem um papel mais demarcado, se responsabilizando pelo gerenciamento de caixa de *e-mail*, redes sociais como *Instagram*, *Facebook*, e conceder entrevistas, mas por afinidade e também pelo tempo que disponho, optei pelo compromisso de lidar com o público no momento das reuniões.

As obras e discussões trouxeram reflexões importantes sobre questões que circundam o feminino, como maternidade, carreira, amizade, relações amorosas e familiares, e de como a situação se torna ainda mais delicada, quando se leva em consideração gênero, raça e classe, e de como os desafios para a emancipação feminina são diferentes quando se pensa, de maneira contextualizada, raça e classe. Isso trouxe, inclusive, autocríticas em relação a pequenez dos meus desafios, se comparada com a de outras mulheres. A própria ideia de sororidade desencadeia um processo de repensar e questionar o seu papel e condutas na sociedade, especialmente, perante outras mulheres. Acredito que essa é uma das finalidades do *Leia Mulheres*, fazer com que nós mulheres repensem o nosso papel e como nos tratamos.

Na maior parte da vida fiz um processo de leitura apenas individual. Ainda sigo gostando muito da parte solitária e introspectiva da leitura, mas poder ter agregado a isso as discussões, os debates, enfim, todas as críticas e reflexões que advém de um diálogo coletivo, tornaram o processo muito mais enriquecedor. Sendo assim, posso afirmar que hoje tenho uma experiência diferente de leitura, que influenciou não só as minhas escolhas literárias, mas sobretudo, as ideias que levo para minha vida, decorrentes não apenas da minha relação com a obra, mas do contato que mantenho com as outras pessoas que também leram os livros e que estão dedicando o seu tempo a refletir em conjunto.